



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE ESTUDOS SOCIOAMBIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Ana Maria Martins Queiroz

***GEO-GRÁFIAS INSURGENTES: CORPO E ESPAÇO NOS ROMANCES PONCIÁ
VICÊNCIO E BECOS DA MEMÓRIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO***

Goiânia
2017

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **Dissertação** **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação

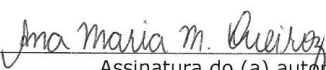
Nome completo do autor: Ana Maria Martins Queiroz

Título do trabalho: *Geo-grafias* insurgentes: corpo e espaço nos romances Ponciá Vicêncio e Becos da memória de Conceição Evaristo

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.


Assinatura do (a) autor (a)

Data: 22, 04, 2017

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Ana Maria Martins Queiroz

GEO-GRAFIAS INSURGENTES: CORPO E ESPAÇO NOS ROMANCES PONCIÁ
VICÊNCIO E BECOS DA MEMÓRIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, do Instituto de Estudos Socioambientais, da Universidade Federal de Goiás, área de concentração Natureza e Produção do Espaço, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Alecsandro (Alex) J. P. Ratts

Goiânia
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Queiroz, Ana Maria Martins

Geo-grafias insurgentes: corpo e espaço nos romances Ponciá Vicêncio e Becos da
memória de Conceição Evaristo [manuscrito] / Ana Maria Martins Queiroz. - 2017.
203 f.

Orientador: Prof. Dr. Alecsandro José Prudêncio Ratts.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos
Socioambientais (Iesa), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Goiânia, 2017.
Bibliografia. Anexos. Apêndice. Inclui
síglas, fotografias, tabelas.

1. Geografia e literatura negra. 2. Corpo e espaço. 3. Gênero. 4.
Interseccionalidade. 5. Trajetória socioespacial. I. Ratts, Alecsandro José
Prudêncio, orient. II. Título.

CDU 911



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE ESTUDOS SOCIOAMBIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: NATUREZA E PRODUÇÃO DO ESPAÇO

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE JULGAMENTO DA DEFESA DE TESE DE DOUTORADO DE

Ana Maria Martins Queiroz

Aos vinte e nove dias do mês de março do ano de dois mil e dezessete (2017), a partir das 14h, no Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás, teve lugar a sessão de julgamento da Tese de Doutorado de Ana Maria Martins Queiroz, intitulada "GEO – GRAFIAS INSURGENTES: CORPO E ESPAÇO NOS ROMANCES PONCIÁ VICÊNCIO E BECOS DA MEMÓRIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO". A Banca Examinadora foi composta, conforme Portaria n.º 016/2017 da Diretoria do IESA, pelos seguintes Professores Doutores: **Prof. Dr. Alecsandro José Prudêncio Ratts** (Presidente), **Prof.ª Dr.ª Valéria Cristina Pereira Silva** (membro titular interno), **Prof.ª Dr.ª Angelita Pereira Lima** (membro titular externo), **Prof.ª Dr.ª Tânia Ferreira Rezende** (membro titular externo) e **Prof.ª Dr.ª Kênia Gonçalves Costa** (membro titular externo). Os examinadores arguíram na ordem citada, tendo o candidato respondido satisfatoriamente. Às 17:30 horas a Banca Examinadora passou a julgamento, em sessão secreta, tendo o candidato obtido os seguintes resultados:

Prof. Dr. Alecsandro José Prudêncio Ratts (Presidente) – Ass. *Alecsandro Ratts*

Aprovada (x) Reprovada ()

Prof.ª Dr.ª Valéria Cristina Pereira Silva – Ass. *Valéria Pereira Silva*

Aprovada (x) Reprovada ()

Prof.ª Dr.ª Angelita Pereira Lima – Ass. *Angelita Lima*

Aprovada (x) Reprovada ()

Prof.ª Dr.ª Tânia Ferreira Rezende – Ass. *Tânia Ferreira Rezende*

Aprovada (x) Reprovada ()

Prof.ª Dr.ª Kênia Gonçalves Costa – Ass. *Kênia Gonçalves Costa*

Aprovada (x) Reprovada ()

Resultado final: Aprovada (x) Reprovada ()

Houve alteração no Título? Sim () Não (x)

Em caso afirmativo, especifique o novo título: _____

Outras observações: _____

Reaberta a Sessão Pública, a Presidente da Banca Examinadora proclamou o resultado e encerrou a sessão, da qual foi lavrada a presente ata, que segue assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela Secretária do Programa de Pós-Graduação em Geografia.

Secretaria *Luana de Castro*

Luana de Castro Amorim
Assistente em Administração
Instituto de Estudos Sócio Ambientais
Matrícula: 2357313

Ana Maria Martins Queiroz

GEO-GRAFIAS INSURGENTES: CORPO E ESPAÇO NOS ROMANCES PONCIÁ
VICÊNCIO E BECOS DA MEMÓRIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, do Instituto de Estudos Socioambientais, da Universidade Federal de Goiás, área de concentração Natureza e Produção do Espaço, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Geografia.

Banca examinadora

Alecsandro (Alex) J. P. Ratts (IESA/UFG)
Orientador

Valéria Cristina Pereira Silva (IESA/UFG)

Angelita Pereira de Lima (FIC/UFG)

Tânia Ferreira Rezende (FL/UFG)

Kênia Gonçalves Costa (PPGCult/UFT)

Lorena Francisco de Souza (UEG)
Suplente

Juliana Ramalho Barros (IESA/UFG)
Suplente

AGRADECIMENTOS

À minha família: meus pais, Maria e Geraldo; meus irmãos Emerson, Elvécio, Guilherme e Rafael e minha cunhada Fernanda por sempre serem minha base e pelo apoio.

Ao Carlinhos pelo companheirismo e pelo carinho em todos os momentos.

Ao Alex por ter aceito esse desafio, pela orientação e pelo apoio de sempre.

A todas/os as/os integrantes do LaGENTE por sempre apoiarem e pela amizade.

Ao Gabriel Elias e sua família que sempre me acolheram.

À Camila e Letícia pela amizade de anos.

Ao Patrício pela amizade, pelo incentivo e pelo apoio todas as vezes que precisei.

Ao Ações Afirmativas/UFMG, principalmente a equipe do Kizomba, pelo aprendizado e pelas discussões sobre educação quilombola que, de alguma maneira, contribuíram com o desenvolvimento dessa tese.

À Joseli Silva pelas contribuições e sugestões dadas no exame de qualificação.

Às professoras Valéria C. P. Silva, Angelita P. Lima, Tânia Ferreira Rezende, Kênia G. Costa, Lorena F. de Souza e Juliana Ramalho Basto pela leitura atenta e cuidadosa e pelas sugestões.

À Conceição Evaristo pela bela e instigante escrita que nos motiva e inspira a buscar outros lugares sociais.

À Capes pela bolsa concedida.

Como é difícil para nós pensar que podemos escolher tornar-nos escritoras, muito mais sentir e acreditar que podemos! O que temos para contribuir, para dar? Nossas próprias expectativas nos condicionam. Não nos dizem a nossa classe, a nossa cultura e também o homem branco, que escrever não é para mulheres como nós?
(Glória Anzaldúa, 2000)

RESUMO

O atual contexto da ciência geográfica pode ser entendido como um período marcado por transformações na maneira de compreender as dinâmicas socioespaciais, o que tem direcionado essa ciência a se enveredar por temáticas diversas, como a diferença, gênero, raça e sexualidade. Nesse sentido, geógrafas/os procuram abarcar a multiplicidade de significados que podem ser atribuídos ao espaço. Diante dessa reconfiguração, o conhecimento geográfico tem sido permeado, portanto, por questões que são atreladas à intersecção entre corpo e espaço. Para tanto, procurei, no diálogo entre a geografia e a literatura negra, elementos que possibilitassem compreender as múltiplas espacialidades. Dessa maneira, esta tese se fundamentou na hipótese de que as narrativas literárias de Conceição Evaristo, uma escritora negra, são marcadas pela relação entre corpo e espaço. Construí as análises com base nos romances *Ponciá Vicêncio* (2003) e *Becos da memória* (2006) da referida autora que define suas narrativas como *escrivência*. Para ela, a sua escrita está marcada, em grande parte, por sua trajetória socioespacial e por suas memórias, o que lhe permite criar e escrever a partir de suas vivências e experiências enquanto mulher negra. Os romances analisados possuem expressivas inscrições de interseccionalidade, uma vez que as histórias das personagens são constituídas, em parte significativa, pela relação entre gênero, raça e espaço. Eles me possibilitaram, desse modo, estabelecer uma análise interseccional, por meio da qual compreendi que as espacialidades das mulheres negras são constituídas, também, por seus corpos. Estes têm as possibilidades e os limites que esses sujeitos encontram em seu cotidiano, demarcando quais espaços são interditos e quais são possíveis de se ocupar. Para desenvolver esta pesquisa, utilizei a análise do discurso (AD) como metodologia, de maneira a identificar as memórias, formações e rupturas discursivas presentes nas narrativas. Além desse procedimento metodológico, busquei localizar as inscrições espaciais que se relacionam com o corpo através do levantamento de termos e expressões que indicassem a intersecção entre esses aspectos. Dessa maneira, identifiquei como é constituída a interseccionalidade nesses romances entre as categorias referidas.

Palavras-chave: Geografia e literatura negra, corpo, espaço, gênero, interseccionalidade e trajetória socioespacial.

ABSTRACT

The current context of geographic science can be understood as a period marked by transformations in the way of understanding the socio-spatial dynamics, which has headed this science to go to a variety of themes as difference, gender, race and sexuality. In this sense, geographers try to cover the multiplicity of sense that can be attributed to space. Before this reconfiguration, the geographic knowledge has been permeated, therefore, by issues that are linked to intersection between body and space. Therefore, I searched in the dialogue between Geography and black literature, elements that could make possible to comprehend the multiple spatialities. This way, this thesis is based on the hypothesis that the literary narratives by Conceição Evaristo, a black writer woman, are marked by the relationship between body and space. I constructed the analysis based on the novels *Ponciá Vicêncio* (2003) and *Becos da Memória* (2006) by the referred author, which defines her narratives as *escrevivência* (“write-living”). For her, her writing is marked, greatly, by her socio-spatial trajectory and by her memories, which permits her to create and write from her experiences as a black woman. The novels analyzed have significant inscriptions of intersectionality, once the characters’ stories are constituted, in a significant part, by the relationship between gender, race and space. This way, they made possible to me to stablish an intersectional analysis whereby I understood that the spatialities of black women are constituted, also, by their bodies. These bodies have the possibilities and the limits these people find in their everyday lives, demarcating which spaces are forbidden and the ones that are possible to be occupied. To develop this research, I made use of Discourse Analysis (DA) as methodology, in a way to identify the discursive memories, formations and ruptures found in the narratives. Beyond that methodological procedure, I searched to find the spatial inscriptions that make relation with the body through the survey of terms and expressions that could indicate the intersection between these aspects. This way, I identified how the intersectionality is constituted in these novels among the mentioned categories.

Keywords: Geography and Black Literature, body, space, gender, intersectionality and socio-spatial trajectory.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Características gerais do romance <i>Ponciá Vicêncio</i> (2003).....	15
Quadro 2 - Características gerais do romance <i>Becos da memória</i> (2006)	16
Quadro 3 - Intersecção corpo e espaço em <i>Ponciá Vicêncio</i>	156
Quadro 4 - Intersecção corpo e espaço em <i>Becos da memória</i>	170

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD - Análise do Discurso

BDTD - Biblioteca Digital de Teses e Dissertações

BH – Belo Horizonte

CEFET/MG – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

FD - Formação Discursiva

FIRJAN – Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro

IEMG - Instituto de Educação de Minas Gerais

MG – Minas Gerais

ONG – Organização Não Governamental

PUC/RJ - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

SC – Santa Catarina

UEMG - Universidade Estadual de Minas Gerais

UFF - Universidade Federal Fluminense

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1 — ENCONTROS E DIÁLOGOS ENTRE GEOGRAFIA E LITERATURA: NOTAS PARA SE PENSAR GÊNERO, RAÇA E ESPAÇO	30
1.1 Geografia e literatura: aproximações possíveis	30
1.2 Notas sobre literatura negra.....	42
1.3 A escrita de mulheres negras como possibilidade para a análise espacial	47
CAPÍTULO 2 — APORTES METODOLÓGICOS PARA A ANÁLISE DAS GEOGRAFIAS IMAGINATIVAS EM <i>PONCIÁ VICÊNCIO</i> E <i>BECOS DA MEMÓRIA</i>	55
2.1 A metodologia.....	55
2.2 Análise do discurso (AD).....	58
2.2.1 Procedimentos analíticos para a construção da análise do discurso dos romances <i>Ponciá Vicêncio</i> e <i>Becos da memória</i>	66
CAPÍTULO 3 — CORPO E ESPAÇO: INTERSECÇÕES PARA UMA GEOGRAFIA DA DIFERENÇA	69
3.1 <i>Geo-grafias</i> do corpo	69
3.1.1 Espaço	84
3.2 A noção de interseccionalidade e suas contribuições para a análise espacial	86
3.2.1 Nossas espacialidades revisitadas: uma análise interseccional de gênero, raça e espaço	99
CAPÍTULO 4 — ESPAÇO E MEMÓRIA: A TRAJETÓRIA SOCIOESPACIAL E ESCREVIVÊNCIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO	107
4.1 Espaços de memória e memória de espaços.....	107
4.2 Trajetória socioespacial.....	116
4.2.1 <i>Escrevivência</i> : a escrita da trajetória socioespacial de Conceição Evaristo	119
4.3 A insubmissa trajetória socioespacial de Conceição Evaristo.....	122
CAPÍTULO 5 — GEOGRAFIAS IMAGINATIVAS: GÊNERO, RAÇA E ESPAÇO NOS ROMANCES <i>PONCIÁ VICÊNCIO</i> E <i>BECOS DA MEMÓRIA</i>	135
5.1 A história de <i>Ponciá Vicêncio</i>	138
5.2.1 As formações, memórias e rupturas discursivas em <i>Ponciá Vicêncio</i>	142
5.2.2 O espaço no romance <i>Ponciá Vicêncio</i>	148
5.2.3 Memória e espaço em <i>Ponciá Vicêncio</i>	152

5.2.4 Leituras de gênero, raça e espaço em <i>Ponciá Vicêncio</i>	155
5.3 Entre becos e memórias: a história do romance <i>Becos da memória</i>	159
5.3.1 Espaço e memória em <i>Becos da memória</i> : a perspectiva da <i>escrevivência</i> de Conceição Evaristo	161
5.3.2 As formações, memórias e rupturas discursivas em <i>Becos da memória</i>	166
5.3.3 A interseccionalidade de gênero, raça e espaço no romance <i>Becos da memória</i>	170
CONSIDERAÇÕES FINAIS	175
REFERÊNCIAS	181
APÊNDICES	195
ANEXOS	200

INTRODUÇÃO

A reconfiguração de algumas temáticas como é o caso das questões raciais¹ e a emergência dos estudos de gênero no contexto do conhecimento geográfico têm possibilitado, em alguma medida, reestruturações para um exercício de ciência geográfica, que tem se voltado para alguns temas, mas, para outros, não. As dificuldades de se apreender as inscrições de gênero e de raça no espaço em um contexto no qual tais temáticas são abordadas sob uma perspectiva, essencialmente, eurocêntrica, têm direcionado geógrafas e geógrafos a uma busca pela ressignificação dos modos de se pensar os processos envolvidos na produção do espaço. Dessa maneira, tem se considerado a multiplicidade de sentidos e narrativas que podem ser atribuídas à dimensão espacial, com maior relevância à relação desta com o corpo.

É em consonância com a geografia que se procura atentar para a multiplicidade de trajetórias e narrativas socioespaciais, que estabeleço as bases para o desenvolvimento da presente pesquisa. Trata-se de um estudo sobre as possíveis intersecções entre corpo e espaço, especificamente as questões relacionadas às inscrições de gênero e de raça presentes na constituição de espacialidades. A busca por essas inscrições se deu a partir do encontro entre a literatura e a geografia, de maneira a pensar sobre as dinâmicas socioespaciais contidas nos romances *Ponciá Vicêncio* (2003) e *Becos da Memória* (2006) da escritora Conceição Evaristo (VER ANEXO II), que tem como tema central de sua obra as questões de gênero e de raça conjugadas com uma perspectiva espacial muito marcante nas narrativas em estudo nesta tese. Os quadros 1 e 2 a seguir trazem a caracterização geral, a sinopse, as principais personagens e alguns elementos que demonstram a intersecção entre gênero, raça e espaço nos romances citados.

Quadro 1 - Características gerais do romance *Ponciá Vicêncio* (2003)

CARACTERÍSTICAS GERAIS DO ROMANCE <i>PONCIÁ VICÊNCIO</i> (2003)	
Sinopse	A história se baseia na personagem Ponciá Vicêncio, que vivia com sua família na roça, na Vila Vicêncio, de propriedade do Coronel Vicêncio. A personagem migra para a cidade em busca de uma nova vida, no entanto se vê imersa nas mesmas relações de dominação presentes no campo. Ponciá se distancia e se isola do mundo numa tentativa de resgatar a vida que tinha junto à sua família que deseja reencontrar. A história é

¹ Considero que, em relação às questões raciais, trata-se de uma reestruturação, uma vez que esse tema encontra-se presente na ciência geográfica desde seus primeiros estudos, no entanto, sob um viés que reproduzia os discursos de dominação de grupos raciais considerados subalternos.

	marcada, ainda, pela forte relação de Ponciá com seu avô Vicêncio, que possui uma trajetória também definida por relações de dominação.
--	---

Continuação...

Personagens principais	Ponciá Vicêncio, Vô Vicêncio, Luandi, Soldado Nestor, Maria Vicêncio, Nêngua Kainda, Homem de Ponciá, Bilisa.
Alguns pontos de intersecção entre gênero, raça e espaço	<ul style="list-style-type: none"> - O deslocamento de Ponciá para a cidade; - A aquisição por Ponciá de uma moradia na periferia da cidade; - A inserção de Ponciá no trabalho doméstico no espaço urbano; - A relação de Ponciá com o marido, que chega a ser de violência em determinado momento; - O sobrenome Vicêncio que demarca a relação de dominação do Coronel com aqueles que se encontravam em seu território, inclusive Ponciá.

Fonte: Da autora.

Quadro 2 - Características gerais do romance *Becos da memória* (2006)

CARACTERÍSTICAS GERAIS DO ROMANCE <i>BECOS DA MEMÓRIA</i> (2006)	
Sinopse	A narrativa traz a história de moradores de uma favela não nomeada ao longo do enredo, que se desenvolve em torno do processo de desfavelamento prestes a ocorrer e que provocará muitas mudanças e angústias na vida das personagens. No romance, as personagens têm suas vidas marcadas pela segregação social, racial e espacial e também por relações étnico-raciais hierárquicas. A obra tem a construção de sua narrativa ancorada na trajetória socioespacial da escritora.
Personagens principais	Vó Rita, Tio Totó, Maria-Nova, Cidinha-Cidoca, Bondade, Maria-Velha, Negro Alírio, Mãe Joana, Cabo Armindo, Nega Tuína, Dora, Ditinha, Filó Gazôgênia, "Outra".
Alguns pontos de intersecção entre gênero, raça e espaço	<ul style="list-style-type: none"> - Mulheres negras exercendo trabalho doméstico para famílias ricas do entorno; - A relação das mulheres da favela com as mulheres ricas do entorno; - A presença da mulher no espaço doméstico; - Os usos do espaço público feito pelas mulheres.

Fonte: Da autora.

Este estudo se fundamenta na tese de que os romances de Conceição Evaristo são marcados pela relação entre corpo e espaço, e também por gênero e raça, retomadas como

memória ou *escrevivência*, termo da autora, e recriadas a partir de sua trajetória socioespacial, da experiência e rememoração dos deslocamentos socioespaciais individuais e das coletividades a que pertence. Não se trata de afirmar uma coincidência entre vida e obra e sim que a escrita de uma determinada autora negra oriunda das classes populares traz inscrições corporais e espaciais das personagens diferenciadas do cânone e do mercado literário de domínio masculino e branco. Essa tese é balizada, deste modo, pela proposição de que a escrita de mulheres negras pode ser constituída a partir de aspectos específicos, como a interseccionalidade de gênero e raça. Nesse sentido, compreendo que a literatura negra é demarcada por diferenças que ecoam na produção literária de escritores/as. Assim, considero que a escrita de mulheres negras, como a de Conceição Evaristo, se distingue daquela produzida por homens negros, como também pode se distinguir das perspectivas literárias de outras escritoras negras.

Diante desse entendimento alguns questionamentos emergiram como centrais para se pensar a relação corpo/espço através do diálogo entre geografia e literatura na obra de Conceição Evaristo: Quais as inscrições espaciais presentes nas narrativas literárias da escritora? Como estas inscrições são marcadas pelas corporeidades contidas nas suas obras? Qual a relação entre a trajetória socioespacial da escritora com sua obra? Quais os elementos presentes na obra de Conceição Evaristo que nos permitiriam considerá-la como uma narrativa literária de questionamento de uma realidade marcada por relações de poder geradoras de hierarquizações? Há na obra de Conceição Evaristo aspectos de ressignificação das identidades raciais, de gênero e das espacialidades a elas relacionadas? Em que medida as narrativas literárias de Conceição Evaristo podem ser interpretadas como dispositivos de ressignificação dessas identidades e das experiências socioespaciais de negros e negras?

Conforme esses questionamentos, o objetivo geral desta pesquisa foi analisar as relações entre as inscrições espaciais e suas intersecções com o corpo (gênero e raça) nos romances *Ponciá Vicêncio* e *Becos da memória* de Conceição Evaristo. Pretendi, ainda, analisar a trajetória socioespacial da autora, que compõe sua obra sob a perspectiva da autoapresentação e da *escrevivência* e compreender as transformações das intersecções entre gênero, raça e espaço, tensionadas por relações de poder, constituintes das obras da referida escritora.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, a partir dos objetivos citados, foram selecionados os seguintes procedimentos metodológicos: levantamento e análise bibliográfica, análise do discurso dos romances a serem analisados e entrevista com a escritora Conceição Evaristo. Tais procedimentos são melhor pontuados no segundo capítulo desta tese, uma vez que considero ser importante uma discussão mais aprofundada sobre a metodologia para um

estudo que parte do encontro entre a geografia e a literatura. Apesar desse diálogo ser antigo para o conhecimento geográfico, entendo que as questões metodológicas referentes aos estudos que têm como foco essa aproximação ainda são pouco debatidas, entretanto se faz necessário um melhor investimento neste aspecto da pesquisa. Tal investimento nos aspectos metodológicos é fundamental para a apreensão das *geo-grafias* insurgentes que são apresentadas nesta tese².

A ideia de *geo-grafias* insurgentes aqui proposta se estabelece a partir da compreensão de que outras escritas espaciais estão sendo forjadas por sujeitos considerados subalternos. Essas novas cartografias que estão sendo traçadas colocam em evidência espacialidades, muitas vezes, tidas como inferiores e estereotipadas face ao discurso do sujeito branco e masculino que predomina na literatura (DALCASTAGNÈ, 2008). Dessa maneira, quando proponho o título da tese como *geo-grafias* insurgentes, pretendo chamar a atenção para essas espacialidades e para as grafias a elas vinculadas. O título ainda se relaciona com o fato de se tratar de uma pesquisa que tem como foco a escrita de uma mulher negra, que, no campo da literatura, também é considerada como uma narrativa secundária ou “marginal”. Assim, trata-se de escritas, espacialidades e corporeidades insurgentes, seja no âmbito da ciência geográfica como no campo da literatura. As narrativas e trajetória de Conceição Evaristo são, portanto, exemplos dessas *geo-grafias* insurgentes, uma vez que sua escrita é marcada, em grande parte, por suas vivências e experiências socioespaciais enquanto mulher, negra e de origem pobre. Escrever para a autora constituiu-se um ato de insurgência.

A centralidade que as questões sobre gênero e raça possuem na obra da escritora encontra-se relacionada, em alguma medida, com as suas vivências e experiências e seus escritos trazem ecos de sua trajetória socioespacial. Conceição Evaristo é uma autora negra nascida em Belo Horizonte (BH)/Minas Gerais (MG), onde viveu até o início da década de 1970 em uma favela da cidade. Ela, em 1973, migra para o Rio de Janeiro, onde tem a possibilidade de ingressar na carreira do magistério, algo que não foi possível na capital mineira, além de se graduar em letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Em meados da década de 1990, conclui o mestrado na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ) com a dissertação intitulada “*Literatura negra: uma poética da nossa afro-brasilidade*”. Em seguida, ingressa no doutorado na Universidade Federal Fluminense (UFF) e desenvolve uma pesquisa relacionando a obra de escritores africanos de países de língua

² O termo *geo-grafias* é grafado desse modo para dar mais ênfase à questão da escrita das mulheres negras, uma vez que considero que o ato de escrever para essas mulheres configura uma forma de estabelecer novas cartografias e ressignificar suas espacialidades.

portuguesa e de escritores afro-brasileiros, com o título "*Poemas Malungos - Cânticos irmãos*". Diante dessa trajetória, ela desenvolve suas narrativas literárias e indica para seus leitores as possíveis intersecções entre corpo e espaço.

Conceição Evaristo desde sua infância foi incentivada pela mãe a desenvolver o interesse pela literatura e pela escrita. Assim como outras mulheres de sua família, ainda adolescente iniciou a vida de doméstica em casas de famílias da capital mineira, que "[...] temendo perder alguém que continuaria o trabalho de suas antigas domésticas, desencorajavam seus planos." (DUARTE, 2006, p. 305). Os planos de que fala Duarte referem-se ao projeto da escritora de estudar e ingressar na carreira do magistério, o que somente se concretizou no Rio de Janeiro por meio de concurso, uma vez que, em Belo Horizonte, a única maneira de se inserir em tal carreira era através de indicações, o que não era possível para ela enquanto mulher negra. Foi, portanto, no Rio de Janeiro, que ela prosseguiu seus estudos e ingressou na universidade no curso de Letras.

Assim como em suas narrativas literárias, as questões sobre raça e gênero perpassam também seus trabalhos acadêmicos. Tanto em sua dissertação quanto em sua tese e em artigos publicados em periódicos, encontramos esses temas, que emergem como a base de toda a sua obra e trajetória. É em meio a esses percursos que Conceição Evaristo constitui suas obras, podendo conduzir o leitor a uma reflexão crítica sobre as questões presentes em seus textos. As publicações da produção literária da escritora se iniciaram nos anos 1990 em uma série do grupo Quilombhoje denominada *Cadernos Negros* (DUARTE, 2006). A partir de então, ela tem publicado constantemente nessa coletânea, além de suas obras individuais. No ano de 2013, foi publicada a segunda edição do romance *Becos da memória*, que estava esgotado, e no final de 2014, ela lançou mais um livro de contos intitulado *Olhos d'água* e em 2016 lança *Histórias de leves enganos e parecenças* constituído por contos e uma novela. (VER ANEXO I).

As escolhas para o desenvolvimento desta pesquisa relacionam-se a essa trajetória da escritora e pela forte presença de uma perspectiva espacial em *Ponciá Vicêncio* e *Becos da memória*. Ressalto, ainda, que a seleção de Conceição Evaristo e de seus romances se deu também por se tratar de uma autora negra que traz outros temas como memória da África e da escravidão, experiências dos processos de segregação espacial, pobreza, racismo e sexismo, muitas vezes combinados, o que possibilita a análise interseccional. Dessa maneira, aponto outra perspectiva para o diálogo entre a geografia e a literatura que tem sido construído, principalmente, a partir de cânones literários.

Em *Ponciá Vicêncio*, a dimensão espacial é bastante evidente, na medida em que a trajetória de Ponciá, protagonista da história, muito se relaciona com os espaços em que ela se

encontra. A personagem no meio rural vivencia relações de subordinação, uma vez que, juntamente com sua família, vivia na Vila Vicêncio, de propriedade do Coronel Vicêncio. Ponciá muda-se para a cidade em busca de outras relações que a afastassem da condição em que se encontrava, entretanto, no espaço urbano, os processos de dominação e as relações hierárquicas se repetem. Já *Becos da memória* narra o processo de desfavelamento de uma área da cidade de Belo Horizonte, ressaltando os processos de segregação social, espacial e racial. No romance, ainda, são narradas as trajetórias socioespaciais das personagens, nos permitindo observar a importância das espacialidades para cada uma delas. Ao observar a dimensão espacial presente nesses romances e, diante, do interesse por construir uma pesquisa sob a perspectiva da interseccionalidade, encontrei, no diálogo entre a geografia e a literatura negra, as possibilidades para o desenvolvimento desta tese.

Decorrente de sua trajetória, Conceição Evaristo define sua obra como *escrevivência*, na medida em que nela estão contidas suas vivências e experiências enquanto mulher negra. Nesse sentido, ela ressalta que, mais do que uma representação da realidade, a escrita de mulheres negras se trata de uma autoapresentação, na qual “[...] o *corpo-mulher-negra* deixa de ser o corpo do ‘outro’ como objeto a ser descrito, para se impor como *sujeito-mulher-negra* que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira.” (EVARISTO, 2005, p. 54). Enquanto uma autoapresentação, uma *escrevivência*, a obra da escritora encontra-se entrelaçada à sua trajetória socioespacial, por isso, a necessidade de se buscar como se deu esta trajetória para um maior entendimento dos aspectos da sua narrativa literária.

A trajetória socioespacial pode ser compreendida como as vivências e experiências do indivíduo ou de um grupo marcadas pelas espacialidades com as quais este possui contato. A trajetória, então, deve ser entendida como fundamentada e construída a partir de lugares diversos, que intervêm nas concepções e visões de mundo daqueles/as que delas fazem parte (RATTS, 2007; CIRQUEIRA, 2010; MACHADO e RATTS, 2012). De acordo com Massey (2008, 2002), o espaço entrecruza nossas experiências cotidianas, não sendo possível, portanto, apreender a trajetória de um indivíduo sem considerá-lo. As identidades e práticas culturais de indivíduos e grupos negros são marcadas e influenciadas pela dimensão espacial e estas, por sua vez, se inscrevem no espaço, de maneira a possibilitar a constituição das espacialidades.

No processo de constituição desta trajetória socioespacial podem surgir narrativas que se contrapõem aos ideais hegemônicos presentes na sociedade. Esse é o caso da literatura sobre a qual se trata esta pesquisa. A obra de Conceição Evaristo, entre outros/as escritores/as negros/as, integra um grupo de narrativas literárias denominado de literatura afro-brasileira ou

negra³. Esta literatura é assim denominada por se tratar de um campo diferenciado no contexto das escritas literárias nacionais. Duarte (2008) aponta que alguns elementos nos permitem identificar essa literatura, que o autor denomina como afro-brasileira, a saber: a *temática*, a *autoria*, o *ponto de vista*, a *linguagem* e o *público leitor afrodescendente*.

A *temática* central em tal literatura é o negro e as questões envolvidas na vida deste grupo étnico-racial, desde suas manifestações culturais às práticas discriminatórias que rondam seu cotidiano. Outro aspecto que nos permite caracterizar tal literatura como afro-brasileira é a *autoria*, que na maior parte das vezes pertence a afrodescendentes. No entanto, a afrodescendência não é suficiente, é necessário considerar o *ponto de vista* do/a escritor/a, que revela as diferenças e se contrapõe ao ideal de uma identidade única. A *linguagem* consiste em mais um elemento que distingue essa literatura, uma vez que, através dela, é possível estabelecer uma contraposição aos discursos coloniais marcados por estereótipos e identidades negativas. E por fim, o *público leitor* também integra os elementos que distinguem tal conjunto de textos literários, posto que se trata de um grupo no qual se encontram as diferenças culturais e que busca a ressignificação das identidades negras.

Duarte (2008) ressalta que esses aspectos devem ser considerados em conjunto, não é possível isolá-los para buscar as distinções entre a literatura afro-brasileira e as demais manifestações literárias nacionais. São elementos que se complementam para a construção de narrativas literárias voltadas para se elaborar,

[...] no âmbito da cultura letrada produzida pelos afrodescendentes, uma escritura que seja não apenas a sua expressão enquanto sujeitos de cultura e de arte, mas que aponte o etnocentrismo que os exclui do mundo das letras e da própria civilização. Daí seu caráter muitas vezes marginal, porque fundado na *diferença* que questiona e abala a trajetória progressiva e linear da historiografia literária canônica. (DUARTE, 2008, p. 22).

Para Conceição Evaristo (2013), a literatura afro-brasileira — que ela também denomina como negra — é a possibilidade de se criar outros sentidos para a negritude e de construir discursos divergentes sobre o negro e sua cultura. De acordo com a autora, a literatura para o/a escritor/a negro/a pode ser um meio através do qual ele/a pode criar, manter e difundir sua memória e suas manifestações identitárias. Ao dialogar com escritora, compreendo que a literatura pode ser uma forma de recriação e imaginação de outras possibilidades que podem permitir o distanciamento de uma condição de sujeição. Assim, no caso da literatura negra há a

³ No primeiro capítulo, realizo uma discussão mais ampliada sobre a denominação da literatura construída por escritores/as negros e negras.

perspectiva do negro vislumbrar para si a revalorização e ressignificação não somente de suas práticas culturais, mas, principalmente, de seu corpo, assumindo uma positividade sobre este.

Ao assumir um discurso positivo sobre suas manifestações culturais e sobre seu corpo, negros/as desconstruem a negatividade delegada a seus espaços produzida pelos discursos hegemônicos presentes na sociedade. Essa literatura pode romper, portanto, com os silenciamentos em torno de questões como discriminação racial, de gênero e, também, espacial, pois, se trata de um discurso que se constrói a partir de si e para si. As narrativas literárias negras são construídas sobre as bases de uma ideologia que se contrapõe àquela da identidade nacional, na qual se busca a homogeneização dos sujeitos. Trata-se de uma construção ideológica por retratar a vida da pessoa negra com seus impasses e por enunciar as resistências a partir dos posicionamentos e visões do próprio negro (PROENÇA FILHO, 2004; EVARISTO, 2013).

No processo de construção dessas narrativas literárias, o corpo emerge como central e como um dos principais aspectos da literatura construída por sujeitos marcados pela subalternidade, como é o caso de escritoras negras e suas personagens, entre elas Conceição Evaristo. A centralidade que dimensão corporal adquire nessas escritas se deve ao fato desta se constituir como o local onde estes sujeitos têm inscrito as possibilidades e os limites de suas experiências socioespaciais. Os corpos de mulheres, negros, gays, índios e lésbicas são marcados por um conjunto de discursos que podem ser caracterizados como hegemônicos que objetivam lhes impor uma abjeção que se torna naturalizada para se manter a dominação e a subjugação destes sujeitos. Dialogando com Butler (2013), a abjeção dos corpos se dá na medida em que não se tem a materialização da norma, que é branca e masculina, não se alcançando a condição de sujeitos. Os corpos abjetos, como colocado por Butler (2013, p.155), são “zonas inóspitas e inabitáveis”.

Entretanto, estas corporeidades também podem ser marcadas por discursos forjados para desconstruir a submissão e a desqualificação a que são submetidas pela visão de mundo predominante. O corpo enquanto uma manifestação de poder, como aponta Foucault (1985), funcionaria como um meio através do qual podem ser reconfiguradas as relações de poder. Ao ressignificar os discursos sobre sua corporeidade negros/as, vislumbram experienciar outras relações de poder, anulando discursos hierarquizantes. O corpo, dessa maneira, pode ser compreendido como produção das transformações do mundo, não representando fixidez, assim como ocorre com o espaço, que se trata de transitoriedade e de movimento.

Os estudos sobre a dimensão corporal na geografia ainda são relativamente incipientes, uma vez que várias vertentes geográficas não abrigaram esse tema, por considerá-la como uma

escala inapropriada ou por situá-la no campo da subjetividade, que não lhe possibilitaria alcançar um *status* de ciência. Entretanto, não se esquivou de envolver em sua produção os elementos relacionados ao corpo valorizados por um modelo de ciência racional, ou seja, não se negou a incluir mente e visão — que representam a racionalidade científica — entre os aspectos válidos para se pensar as espacialidades (AZEVEDO; PIMENTA; SARMENTO, 2009). A presença dos aspectos e elementos corporais, então, no conhecimento geográfico se restringiu a análises demográficas “[...] em que as características descritoras de variáveis biologicista eram tomadas em consideração numa qualificação mais vasta da sociedade encarada pelo seu aspecto exterior” (AZEVEDO; PIMENTA; SARMENTO, 2009, p. 13). Diante de uma aproximação da ciência geográfica com perspectivas não eurocêntricas e antiessencialistas, têm se tornado mais presente pesquisas que visam pensar corpo e espaço como aspectos conectados da realidade.

Ao inserir a dimensão corporal como uma de suas temáticas de estudo, geógrafas/os têm a possibilidade de ampliarem seu interesse por temáticas como gênero e raça e as identidades relacionadas a essas categorias. Nesse processo, as reflexões sobre o espaço também passam por transformações, sendo pensado sob os pilares de perspectivas que ponderam acerca de sua abertura e de seu caráter processual (MASSEY, 2008, 2002). E assim, as espacialidades passam a ser entendidas como a esfera da multiplicidade. Em meio a esse processo de redefinição dos interesses da geografia, há uma reelaboração das formas de se compreender as espaço-temporalidades em torno do cotidiano de sujeitos subalternizados. Afasta-se, portanto, de concepções que pontuam sobre um tempo linear e um espaço estabelecido a partir de hierarquizações, pois, como apontado por Azevedo (2009), a inserção do corpo na teoria torna-se, então, um problema de metodologia e epistemologia. É preciso, logo, buscar análises que vão além de concepções que naturalizam a constituição das corporeidades e também das espacialidades.

O corpo constitui um dos aspectos que nos permitem demarcar diferenças e estabelecer fronteiras entre “eu” e o “outro” (WOODWARD, 2008). Dessa maneira, por ele, as identidades se estabelecem de maneira relacional, refletindo as experiências espaço-temporais dos sujeitos. Pensar sobre as possibilidades e os limites dos corpos nos ajuda, assim, a compreender os processos de constituição das identidades e da diferença e, por conseguinte, refletir sobre as espacialidades que são produzidas a partir de práticas identitárias e culturais diversas. As intersecções entre corpo e espaço se manifestam na medida em que estes processos, de constituição de identidades e diferenças, se estabelecem, posto que:

É o corpo que ocupa os espaços e deles se apropria. Um lugar ou uma manifestação de maioria negra é um ‘lugar de negros’ ou uma ‘festa de negros’. Não constituem apenas encontros corporais. Trata-se de reencontros de uma imagem com outras imagens no espelho: com negros, com brancos, com pessoas de outras cores e compleições físicas e com outras histórias. (RATTS, 2007, p. 68)

Nesse sentido, a grafia dos corpos e as inscrições identitárias que nele também se estabelecem configuram aspectos de constituição de espacialidades, que expõem a pluralidade de narrativas e trajetórias instituídas pelos sujeitos. É através desses processos que se dão suas posições e visões de mundo. Para Azevedo (2009), os posicionamentos do sujeito se fundam a partir das práticas discursivas do lugar e das corporeidades “[...] os quais alteram *[sic]* as percepções da subjectividade e da sociedade, delimitando a afirmação de outras identidades.” (AZEVEDO, 2009, p. 42).

As intersecções entre corpo e espaço e os processos a elas vinculados se estabelecem, desse modo, a partir das dinâmicas socioespaciais e identitárias de sujeitos, que podem ser colocados à margem por um pensamento, predominantemente, pautado por uma perspectiva considerada branca e masculina. Com isso, torna-se possível vislumbrar que existem *geo-grafias* insurgentes sendo forjadas por uma multiplicidade de sujeitos. Ao mesmo tempo, essas *geo-grafias* também insurgem no âmbito da produção do conhecimento, uma vez que outros sentidos e outras significações são estabelecidos sobre o cotidiano de tais sujeitos. A proposta, dessa maneira, de pensar sobre essas *geo-grafias* insurgentes que se relacionam aos processos socioespaciais presentes nas narrativas literárias, se dá na medida em que elas também se estabelecem na literatura como escritas insurgentes.

Compreendo que a proposta desta pesquisa, em alguma medida, tem me possibilitado repensar o que Cássio Eduardo V. Hissa (2013) denomina como a "*presença do outro em nós*" e "*nossa presença no mundo*". Utilizo-me dessa perspectiva, pois entendo que o ato de pesquisar é um processo que nos instiga a refazermos nossas leituras do mundo. Ao estabelecer como tema de pesquisa a relação entre corpo e espaço, tenho aqui uma proposta que muito se aproxima de minhas experiências enquanto mulher e negra. Hissa (2013), em seu livro *Entrenotas: compreensões de pesquisa*, aponta que esta pode ser lida como um processo de "cultivar a compreensão". O autor faz tal observação, pois acredita que o processo de pesquisar é um momento no qual pesquisadoras/es cultivam a compreensão de maneira a terem "[...] a possibilidade de repensar, na pesquisa, a *presença do outro em nós* e, ainda, a *nossa presença no mundo*." (HISSA, 2013, p. 38).

O processo de pesquisar não pode ser entendido como um ato de distanciamento de nós mesmos, uma vez que, através dele podemos, como apontado a partir das discussões de Hissa (2013), repensar "nossa presença no mundo" e a "presença do outro em nós". Neste sentido, a escolha pela proposta aqui apresentada faz parte de um longo processo de cultivo da compreensão de "nós mesmos". E assim como nos aponta Beatriz Nascimento (2007, p. 101), "é hora de falarmos de nós mesmos não como 'contribuintes' nem como vítimas de uma formação histórico-social, mas como participantes dessa formação." Desta maneira, a construção dessa pesquisa também inclui a minha trajetória socioespacial de mulher negra e pesquisadora de temas étnico-raciais.

A proposta desta tese está vinculada ao momento em que me encontrava no mestrado em Geografia, quando fiz uma disciplina no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal de Minas Gerais, que tinha como foco o estudo da relação entre gênero, raça e literatura. Foi nesse momento também que tive o primeiro contato com a obra de Conceição Evaristo, através de um seminário sobre o romance *Becos da memória*. As discussões construídas nessa disciplina e, em especial, no seminário citado, chamaram-me a atenção para a necessidade de um estudo com uma perspectiva interseccional e também para as possíveis relações entre as corporeidades e as espacialidades. Diante da impossibilidade de construção de uma pesquisa pautada na ideia de interseccionalidade naquele momento, dei os primeiros passos para pensar, então, sobre a relação entre corpo e espaço e, já no texto da dissertação, fiz algumas breves discussões sobre essa relação⁴. Os apontamentos construídos no mestrado me trouxeram mais questionamentos e me deixaram mais intrigada sobre como corpo e espaço são categorias que se entrelaçam, percebi que havia a necessidade de um melhor aprofundamento do estudo dessa relação. Observei que, ainda, no âmbito do conhecimento geográfico, pouco se produz sobre essa intersecção.

Entendendo que a proposta para a tese se basearia nessa relação, precisaria pensar sobre como seria este estudo que também deveria se ancorar na interseccionalidade. Ao realizar a leitura do livro *Ponciá Vicêncio* de Conceição Evaristo, deparei-me com interessantes possibilidades de análises sobre as espacialidades das mulheres negras. A narrativa do livro está

⁴ A proposta da referida dissertação tinha como ponto central o processo de constituição de um território quilombola urbano, onde foi possível observar a centralidade que o corpo possui quando se trata de questões relacionadas às comunidades negras e suas práticas culturais e religiosas. Dessa maneira, ao traçar as discussões sobre o conceito de território, pontuei algumas considerações sobre corpo, de modo a estabelecer uma leitura territorial também pensada a partir da corporeidade negra. O motivo pelo qual não abordei essa questão sob a perspectiva da interseccionalidade naquele momento foi pelo fato da pesquisa já estar em andamento quando cursei a disciplina, já referida no corpo deste texto, entretanto não havia tempo hábil para a reconfiguração e inserção de um outro olhar sobre os sujeitos pesquisados. A dissertação em questão é intitulada como "*Um quilombo no terreiro: território e identidade em Manzo Ngunzo Kaiango* — Belo Horizonte/Minas Gerais (QUEIROZ, 2012).

baseada na vida da personagem Ponciá, uma mulher negra que migra do campo para a cidade em busca de uma vida melhor, entretanto, depara-se com as mesmas opressões vivenciadas por ela e sua família no meio rural. A partir da leitura desse livro procurei me informar sobre a referida escritora, percebendo que sua trajetória e suas obras estavam marcadas pela relação corpo e espaço sob uma perspectiva interseccional, na medida em que nos permite pensar sobre as espacialidades e corporeidades da mulher negra. Foi diante desse contexto que surgiu a proposta desta pesquisa que se estrutura, também, a partir do entendimento da necessidade do conhecimento geográfico em se enveredar com maior ênfase para as questões relacionadas ao corpo e à interseccionalidade nos estudos de gênero e raça.

Considero que os estudos de geógrafas/os sobre as temáticas de gênero, raça e corpo têm se ampliado, mas ainda, enfrentam certas dificuldades para serem aceitas e, muitas vezes, são deslegitimadas e até mesmo inferiorizadas por uma ciência que tem suas bases construídas a partir de uma perspectiva que desconsidera as dinâmicas socioespaciais de sujeitos subalternizados. A presença desses estudos, não somente no âmbito da geografia, mas também em outras ciências, tendem a desconstruir uma ciência moderna pautada somente na racionalidade e no estabelecimento de dualismos que criam hierarquizações que limitam a construção do conhecimento. Diante dessa busca por outras formas de entendimento das espacialidades, algumas pesquisas geográficas têm se inclinado à construção de um pensamento crítico em relação às versões eurocêntricas e coloniais de explicação do mundo.

A ideia de conhecimento eurocêntrico está relacionada a um determinado modo de compreensão do mundo baseado num modelo hegemônico, no qual determinados sujeitos são colocados em condição de inferioridade. Essa maneira de produção do conhecimento tem suas origens na Europa, mas se disseminou pelo mundo como o modelo de ciência a ser seguido (SILVA, 2009) e que pode ser considerado como um tipo de conhecimento branco e masculino, no qual mulheres, gays, lésbicas, indígenas, negros entre outros grupos são considerados como inferiores. Enquanto um padrão de pensamento baseado nos princípios coloniais de dominação e de subordinação do *outro*, ele se tornou um modo de produção do conhecimento em que são reproduzidos os discursos racistas e sexistas que marginalizam aqueles que não se encaixam em um padrão normativo construído por esse sujeito hegemônico em termos de pertencimento racial e de gênero e isto se desdobra na ciência e na literatura como veremos adiante. A visão do mundo eurocêntrica tem como resultado a dominação e a construção de sistemas sociais e culturais pautados em dualismos e hierarquias, que tendem a colocar o *outro* na condição de inferior e, por isso, o sujeito de pensamento eurocêntrico compreende que é preciso estabelecer formas de controle sobre este *outro*. Entre essas, encontram-se os discursos que deslegitimam

e desqualificam as práticas culturais do *outro* de maneira a desconstruí-las ou colocá-las à margem da sociedade.

Sobre essa maneira de compreensão do *outro*, Edward W. Said (2007), em seu livro *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*, destaca como são construídos os discursos e os modelos que estabelecem quem é o *outro* e como são suas práticas culturais e sociais. Para o autor, a imagem do que é o Oriente foi uma construção estabelecida a partir daquilo que europeus acreditaram ser essa região do mundo. Said (2007, p. 91, grifos do autor) aponta que:

Em outras palavras, essa prática universal de designar mentalmente um lugar familiar, que é ‘o nosso’, e um espaço não familiar além do ‘nosso’, que é o ‘deles’, é um modo de fazer distinções geográficas que *pode* ser inteiramente arbitrário. [...] Basta que "nós" tracemos essas fronteiras em nossas mentes; ‘eles’ se tornam ‘eles’ de acordo com as demarcações, e tanto o seu território como a sua mentalidade são designados como diferentes dos ‘nossos’.

Assim como o Oriente e o oriental foram construídos a partir dos discursos e imagens forjadas pelo europeu, outros grupos foram marcados pela mesma perspectiva de compreensão do *outro*. Dessa maneira, como aponta Said (2007), não só os sujeitos foram construídos pelos discursos do europeu, mas também os espaços desses grupos foram estabelecidos a partir de suas concepções. Nesse processo, as espacialidades de sujeitos considerados subalternos foram se constituindo, predominantemente, de maneira estereotipada e estigmatizada. É sob esses pilares que a ciência desenvolveu teorias e modelos de pensamento para explicar as práticas e dinâmicas do *outro*.

Considero que a aproximação entre geografia e literatura pode contribuir para pensarmos sobre outras possibilidades de construção do conhecimento geográfico e, portanto, fornecer elementos que nos permitam romper com essa perspectiva de pensamento eurocêntrico. Este diálogo também pode trazer importantes contribuições para o entendimento dos processos envolvidos na produção do espaço, na medida em que possibilita o alargamento do conhecimento geográfico (CHAVEIRO, 2007). Essa ampliação se estabelece com a ruptura dos limites disciplinares, contrapondo os argumentos que distanciam ciência e arte. Hissa (2002), ao tratar da relação entre ciência e arte, aponta que, em meio ao estabelecimento de limites rígidos e da compartimentação disciplinar, existem possibilidades de conexão entre os diferentes saberes. Essas possibilidades de diálogo acabam por dificultar os processos que tendem a criar fechamento e isolamento disciplinar e que parecem assombrar a produção do conhecimento. Desse modo, ao se estabelecer diálogos e aproximações entre saberes distintos,

pode-se romper com os limites, construindo interpenetrações que poderão levar à ressignificação do caráter teórico-metodológico e conceitual de uma dada disciplina.

Ao ampliar seus horizontes e seus interesses de pesquisa, a geografia tem a possibilidade de constituir um pensamento cada vez mais crítico e, como sugere Massey (2008), propor uma maneira alternativa de pensar o espaço. Compreendo, então, que as narrativas literárias podem se apresentar como um meio pelo qual a ciência geográfica estabelece alternativas para a compreensão das espacialidades de gênero e raça. A aproximação com a literatura tem se tornado mais presente no contexto da ciência geográfica, sendo variados os temas abordados sob esta perspectiva e a possibilidade de diálogo não se dá somente pelo fato da literatura ser considerada como uma representação da realidade⁵. Ela pode se manifestar para além desta perspectiva e ser considerada como relato ou recriação das vivências e experiências do autor, por isso a necessidade de se buscar a compreensão da trajetória socioespacial do escritor como mais um meio de análise da narrativa literária a partir da geografia.

Aponto que há estudos no campo da literatura que procuram compreender a relação entre gênero, raça e espaço no romance *Ponciá Vicêncio* de Conceição Evaristo. Entre elas destaco a pesquisa de Maria Cristina Maciel Marques (2016) que possui aproximações com a proposta dessa tese, no entanto o estudo aqui apresentado se distingue nos seguintes aspectos: a relação corpo e espaço é mais aprofundada e considera que esses são constituídos em um processo mútuo e contínuo, aborda a trajetória socioespacial da escritora e sua recriação na escrevivência e analisa a memória conjugada com a dimensão espacial. Ressalto, ainda, que essa pesquisa se distingue por procurar desenvolver discussões acerca da interseccionalidade e sua importância para a análise espacial.

É sob esta perspectiva que esta tese se estrutura, direcionando suas análises para o diálogo entre geografia e a literatura negra, de maneira a construir apontamentos e reflexões sobre as inscrições espaciais contidas nas narrativas literárias de Conceição Evaristo. Com isso, considero que seja possível a ampliação dos horizontes da ciência geográfica que buscará diálogo com uma literatura marcada por temáticas ainda pouco presentes na geografia. Ao se imbricar nessa produção literária que tem como centro as questões de gênero e de raça, geógrafas/os podem se deparar com espacialidades que se definem para além dos fenômenos econômicos, alargando suas perspectivas analíticas.

⁵ Assinalo que há também aproximações da literatura com a geografia que são estabelecidas a partir de estudos no campo literário que procuram compreender essa relação e consideram o espaço como uma importante dimensão a ser analisada em produções literárias. Entre esses trabalhos destaco o de Denise Aparecida do Nascimento (2014) que aborda as espacialidades em obras de Conceição Evaristo e Geni Guimarães.

Diante do que fora exposto, esta tese está estruturada em cinco capítulos que buscam discutir sobre as questões apontadas nesta introdução. O primeiro capítulo, intitulado “Encontros e diálogos entre geografia e literatura: notas para se pensar gênero, raça e espaço”, traz a discussão sobre as possibilidades de diálogo entre a geografia e a literatura e como essa aproximação nos possibilitaria tratar das questões em torno das relações étnico-raciais, de gênero e espaço. No segundo capítulo, “Aportes metodológicos para a análise das geografias imaginativas em *Ponciá Vicêncio* e *Becos da memória*”, busco apontar os aspectos metodológicos, apresento os apontamentos sobre a análise do discurso e os processos e instrumentos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa. No terceiro capítulo, “Corpo e espaço: intersecções para uma geografia da diferença”, discuto as questões em torno da ideia de interseccionalidade e a relação entre corpo e espaço de maneira a pensar sobre como a dimensão corporal foi abordada no conhecimento geográfico e, ainda, pensar sobre a interseccionalidade entre gênero e raça para a construção de uma análise espacial.

O quarto capítulo, “Espaço e memória: sobre a trajetória socioespacial e escrevivência de Conceição Evaristo”, tem como foco a discussão da relação entre espaço e memória que se encontram entrelaçados à trajetória socioespacial e à escrevivência da escritora. Por último, o quinto capítulo, “Geografias imaginativas: gênero, raça e espaço nos romances *Ponciá Vicêncio* e *Becos da memória*”, constitui-se em análises dos referidos romances, ressalta as relações de gênero e raça e as espacialidades que se encontram presentes nas narrativas dessas obras. Nesse capítulo, através da análise do discurso, estudo as intersecções entre corpo e espaço presentes nas narrativas literárias analisadas.

CAPÍTULO 1 — ENCONTROS E DIÁLOGOS ENTRE GEOGRAFIA E LITERATURA: NOTAS PARA SE PENSAR GÊNERO, RAÇA E ESPAÇO

Neste primeiro capítulo, discuto as questões que podem ser consideradas a base da pesquisa, que é a aproximação entre a geografia e a literatura, o que é a literatura negra e a possibilidade de se trazer a escrita de mulheres negras para a construção da análise espacial. Aqui pretendo abordar como pode ser estabelecido o diálogo entre a geografia e a literatura, ressaltando a importância de pensar a ruptura de limites entre os diferentes saberes no contexto da ciência moderna. Além disso, faço apontamentos sobre a literatura negra e a ausência dessas narrativas literárias no encontro entre a geografia e a literatura. Na última seção do capítulo, abordo a importância do ato de escrever para as mulheres negras e como estas escritas podem contribuir para a construção de análises espaciais acerca da realidade destes sujeitos.

1.1 Geografia e literatura: aproximações possíveis

Diante de uma reconfiguração do conhecimento geográfico alguns temas, diálogos e questões se tornaram mais presentes no âmbito dos estudos dessa ciência. Neste caso, surge uma reaproximação da geografia com outros campos do saber e busca-se reconstruir as perspectivas analíticas que essa ciência estabeleceu sobre o espaço. Nesse contexto, algumas geógrafas e alguns geógrafos têm buscado resgatar ou fortalecer o diálogo da geografia com a literatura numa tentativa de ampliar o horizonte teórico-metodológico e os interesses dessa ciência.

As formas de construção do conhecimento em que estamos imersos são marcadamente compartimentadas e criam distanciamentos que nos impossibilitam de construir diálogos entre conhecimentos distintos. Muitas vezes não praticamos e não somos colocados em contato com conhecimentos que extrapolem as fronteiras de nossas disciplinas. Nesse contexto, as possibilidades de interconexões e entrecruzamentos entre as ciências e entre estas e a filosofia, a arte e a literatura parecem se tornar, a cada dia, mais distantes. Essa compartimentação resulta em um fechamento disciplinar, no qual cada disciplina se desenvolve em torno de seu campo teórico-metodológico, de maneira a construir limites rígidos e garantir o domínio de suas categorias e seus conceitos, que são concebidos como *propriedades* de suas ciências. E, com isso, parece ser necessária a autorização para que utilizemos categorias e conceitos que não pertencem ao saber ao qual estamos vinculados. Se um determinado conceito não faz parte de sua ciência, então, não se está autorizado a discuti-lo. Mas como nos apontam Hissa e Gerardi

(2001), as ciências não são proprietárias de temas e conceitos com os quais trabalham. O fechamento que povoa as diferentes ciências acaba por se constituir em um princípio que rege a produção do conhecimento no contexto da ciência moderna. Diante da compartimentação, os interesses em comum dos diversos saberes são deixados de lado, descartando-se qualquer possibilidade de encontro e integração que possa existir.

A produção da ciência moderna se estrutura a partir desse viés de separação e distanciamento entre as disciplinas. Para Carlos Walter Porto Gonçalves (2002), o surgimento dessa trouxe significativas mudanças para a produção do conhecimento. Segundo o autor, o pensamento moderno criou uma série de dualismos — razão/emoção, natureza/cultura, corpo/mente, entre outros — com a pretensão de tornar a ciência cada vez mais objetiva e racional. Nesse processo, predominou o afastamento de tudo o que não estivesse envolto em razão e objetividade. Diante desse modelo, a geografia se consolidou e estabeleceu as bases da produção de seu conhecimento. Para Porto Gonçalves (2002, p. 218, grifo do autor):

O pensamento moderno europeu pouco a pouco vai construir uma geografia imaginária onde as diferentes qualidades dos diferentes povos e culturas, que 1492 pôs em assimétrica relação serão dispostas num *continuum* linear que vai da natureza à cultura, ou melhor, da América e da África, onde estão os povos primitivos mais próximos da natureza, à Europa, onde está a cultura, a civilização.

Atrelado a uma perspectiva de racionalidade e objetividade, a ciência também construiu hierarquias que, ainda hoje, permanecem na sociedade e que definem o que deve ou não ser pesquisado e como deve ser esse pesquisar. Assim, nesse processo, alguns campos do conhecimento foram priorizados e outros deixados de lado. Sobre esse fenômeno, Porto Gonçalves (2002) aponta que, devido a uma maior importância dada ao tempo, foi a história que se sobressaiu em determinados momentos, deixou o espaço e a geografia de lados.

Há na tradição hegemônica do pensamento europeu ocidental uma supremacia do tempo em relação ao espaço, sobretudo na moderno-colonialidade. O progresso é, quase sempre, algo que se dá enquanto mudança qualitativa no tempo, daí poder dizer-se que aquele povo ou aquela região é atrasado/a ou adiantado/a, como se houvesse um relógio ou, mais precisamente, um cronômetro cultural. (PORTO GONÇALVES, 2002, p. 226)

Porto Gonçalves (2002) discute, ainda, outros aspectos em que o tempo se sobressaiu em relação ao espaço, mas o que nos interessa nesta discussão é perceber que é estabelecido um modelo que deve ser seguido, caso contrário não se terá *status* de ciência. Sob essa

perspectiva, foram se estabelecendo os territórios epistemológicos de cada ciência e definindo como estas deveriam se constituir. De acordo com Hissa (2002), o conhecimento científico estabelece fronteiras e é por meio delas que ele se mantém. O autor aponta, ainda, que uma das principais fronteiras estabelecidas pela ciência é aquela que distancia "[...] o mundo da representação daquele onde vivem os homens, muitas vezes tomado como o 'real'" (HISSA, 2002, p. 26). Esse caminho seguido pelo conhecimento científico, como discutido por Hissa, tem como finalidade criar uma distinção entre a ciência e outras formas de produção do conhecimento, como a filosofia e a arte, por exemplo. Outras/os geógrafas/os também pontuam sobre esse distanciamento e evidenciam como tal processo afetou o conhecimento geográfico. Estas/es geógrafas/os também apontam a importância de se resgatar a aproximação com as artes, criando uma abertura analítica para as pesquisas geográficas (BARBOSA, 2000; GEIGER, 2004).

Em meio ao processo de estabelecimento de um modelo de ciência moderna, a geografia se insere em busca de um *status* de ciência, optando por um maior fechamento de suas fronteiras e, diante desse processo, afastando-se da filosofia, da literatura e das artes⁶ (HISSA, 2002). Essa é a situação presente no âmbito da geografia, que tem sido marcada pelo distanciamento de determinados campos do conhecimento, que representam aspectos que não condizem com o modelo de ciência pautado na razão e na objetividade, como é o caso da literatura. Para Hissa (2002), o contato com outros saberes não se constitui na transformação da geografia em outras disciplinas, mas sim de ser construída a partir do encontro e do diálogo com outros conhecimentos e, desse modo, "a geografia poderia não estar mais limitada à geografia. Como, de resto, todas as especializações poderiam não mais se enclausurar em seus próprios textos." (HISSA, 2002, p. 79).

Ao dialogar com Joseli Silva (2009a) e discutir sobre a forma como se dá a produção do conhecimento geográfico e sua perspectiva eurocêntrica, compreendo que a superação dessa maneira de ler o mundo também nos possibilitaria romper com as fronteiras presentes na ciência moderna. Entendo, com base nas discussões de Silva, que o "saber eurocêntrico" estabeleceu fronteiras entre os conhecimentos a partir do momento em que forjou dualidades, como aquelas citadas anteriormente, e hierarquias nas quais definiu o que deveria ou não ser priorizado em termos de produção do conhecimento.

Na construção dessas dualidades, aquilo que esteve ligado à emoção, por exemplo, foi colocado à margem e considerado como inferior. Hissa (2002) destaca também que a

⁶ Hissa (2002) ressalta que o processo de fechamento e isolamento disciplinar não afetou somente a geografia, mas se tratou de um processo comum ao campo científico no estabelecimento da ciência moderna.

imaginação foi outro aspecto deixado de lado na ciência moderna, por isso a geografia, desde seu surgimento, tem estruturado sua produção sobre esses pilares. Desse modo, ainda é pequeno o espaço para diálogos entre saberes como a literatura, na qual há um amplo conteúdo que traz o ficcional, o imaginário e a emoção.

Sobre essa separação entre disciplinas, Eduardo Marandola Júnior e Lúcia Helena Gratão (2010) apontam que a busca pela racionalidade e objetividade levou a ciência a se afastar da literatura, que enquanto ficção não permitia o caráter de cientificidade tão almejado. No entanto, algumas possibilidades podem emergir como alternativas para que a divisão do conhecimento não seja tida como a única maneira possível de construí-lo. Marandola Júnior e Gratão (2010) pontuam que essas divisões devem ser superadas, pois elas não contribuem para o desenvolvimento do conhecimento. Dessa maneira, utilizando-se de uma metáfora, na qual ficcional e não ficcional encontram-se em gavetas distintas, Marandola Júnior e Gratão (2010, p. 08) consideram que:

Nos tempos de hoje, parece-nos que há uma disposição crescente de revirar estas gavetas, misturando os saberes que cada uma contém no transcurso da interface do conhecimento. Movidos por esta atitude, encontram-se alguns pesquisadores dispostos a virar os conteúdos destas gavetas numa grande mesa, deixando para trás ou até mesmo eliminando completamente as separações.

A partir das considerações realizadas por Hissa (2002) e Marandola Júnior e Gratão (2010), destaco que, para as discussões em torno das dinâmicas socioespaciais, faz-se necessário que esses limites sejam rompidos para que se estabeleçam reflexões que abarquem a sua complexidade. Uma dessas possibilidades de diálogo, pode se fundar no encontro entre a geografia e a literatura. O contato com a literatura tem se tornado mais presente no contexto da ciência geográfica, sendo variados os temas abordados sob esta perspectiva, como aponto melhor em outro momento nesta tese.

Mesmo que a geografia tenha se estruturado a partir do modelo de ciência moderno, em determinados momentos houveram alguns indícios de construção de um diálogo entre o conhecimento geográfico e a literatura. Alguns estudiosos desse encontro consideram até mesmo que anterior à modernidade já havia uma conexão entre esses dois saberes. Segundo Fernando Segismundo (1949, p. 327), geografia e literatura já se aproximam desde "documentos mais primitivos". Sobre esse encontro, Oswaldo Bueno Amorim Filho (2010, p. 81) observa que:

De maneira esquemática, pode-se levantar a hipótese, segundo a qual, em seus primórdios na Grécia antiga, uma parte do conhecimento geográfico surgiu como contexto e cenário para obras literárias de ficção, que tinham a difusão de valores morais e estéticos (para a educação do cidadão grego) como principal objetivo.

A partir dos apontamentos de Amorim Filho (2010) e Segismundo (1949), compreendo que há uma tentativa por parte de algumas geógrafas e alguns geógrafos de buscarem as origens do encontro entre a geografia e a literatura. Marc Brosseau (2007) relata que, já nas primeiras décadas do século XX, é possível encontrar trabalhos que fazem referência a um contato entre esses saberes. O autor pontua que essas primeiras aproximações não se constituíam ainda em tema de forte interesse para a geografia a ponto de se tornar uma linha de pesquisa para esta ciência. Para Brosseau (2007), esses contatos iniciais foram importantes por terem chamado a atenção de que seria possível a construção desse diálogo. É a partir dos anos 1920, com os trabalhos de J. Wright, que o encontro entre geografia e literatura passou a se constituir de forma mais evidente.

Segundo Solange Terezinha Lima (2000), o encontro entre a geografia e a literatura se dá a partir da década de 1940, quando são desenvolvidos alguns estudos relacionando textos literários e o conhecimento geográfico. Nesse momento, como discutido pela autora, geógrafos franceses buscavam o que havia de geográfico em narrativas literárias. Lima (2000, p. 10) considera que "desta forma, ao utilizarem a obra literária como um recurso ilustrativo a mais, assim como os mapas, as fotografias, etc., permitiriam à geografia ampliar seu instrumental na compreensão das intrincadas relações espaciais." Vale ressaltar que, mais do que um recurso ilustrativo, a literatura pode funcionar como um caminho através do qual é possível que nós geógrafas/os possamos expandir nossa maneira de compreender as dinâmicas socioespaciais.

O diálogo entre a geografia e a literatura permaneceu, de certa forma, esquecido até a década de 1970, quando é retomado com mais intensidade a partir da emergência dos estudos da geografia humanista (BROSSEAU, 2007; FERNANDES, 2013; LIMA, 2000). Para Brosseau (2007), esse maior interesse pela literatura esteve relacionado com a necessidade de centralizar o sujeito nos estudos geográficos através da perspectiva fenomenológica. E, nesse sentido, "[a literatura] podia servir de fonte preciosa, capaz de avaliar a originalidade e a personalidade dos lugares (*sense of place*) e fornecer exemplos eloquentes de apreciação pessoal de paisagens." (BROSSEAU, 2007, p. 19/20).

A construção desse diálogo se dá a partir da necessidade da ciência geográfica em ampliar suas formas de apreensão das relações espaciais. Para Geny Ferreira Guimarães e Maria Auxiliadora Silva (2012), nas narrativas literárias, pode-se encontrar certas descrições de

lugares e as dinâmicas socioespaciais ali construídas, possibilitando o entendimento de espacialidades muitas vezes ausentes de pesquisas, como aquelas vinculadas a grupos marginalizados pela sociedade. As autoras ressaltam que, ainda, por não se tratar de um campo neutro, os textos literários são carregados de questões sociais. Entendo, a partir das discussões de Guimarães e Silva, que dessa maneira a literatura pode contribuir para que a geografia se aproxime de temáticas mais distantes da tradição da pesquisa geográfica, como aquelas relacionadas a determinados grupos subalternos, mesmo que de forma ainda bem incipiente.

Lima (2000) pontua que a narrativa literária possibilita que se revele as relações espaciais de uma determinada área através das descrições e das tramas ali construídas. A autora ressalta, ainda,

[...] que muitas manifestações nacionais no campo das Letras estão impregnadas do que poderíamos chamar de caráter geográfico, ao relatarem, os estilos de vida, as características sócio-culturais, as estruturas econômicas, agrárias, como a diversificação do meio físico do país através dos diferentes momentos de sua história. (LIMA, 2000, p. 19).

Muitas vezes os textos literários nos fornecem interessantes aportes para pensarmos sobre determinadas temáticas que cruzam o cotidiano do leitor, pois podem estar ancorados no contexto social e cultural, no qual o/a escritor/a se encontra envolvido/a. Apontam as possibilidades para que a geografia possa se apropriar desses discursos e neles expandir a apreensão das espacialidades e das dinâmicas a elas relacionadas.

Em relação às formas de entendimento dos textos literários, Mirian Hisae Yaegashi Zappone e Vera Helena Gomes Wielewicky (2009) destacam que o conjunto de textos que hoje conhecemos como literatura foi se estabelecendo por meio de um processo social e histórico, em que foram se alterando os significados para esse campo do saber. Mas a ideia de literatura enquanto um campo das artes específico foi formulado somente a partir do século XVIII, pois, anterior a esse momento, o que se entendia como literatura era somente a capacidade de leitura e de erudição que um indivíduo poderia adquirir. A partir do século XVIII, esse sentido atribuído à literatura foi abandonado e esta passou a ser entendida como algo relacionado a gosto e sensibilidade. De acordo com as formulações das autoras, considero que, desde sua origem, a literatura reconfigura as hierarquias e as desigualdades que perpassam a sociedade, uma vez que esteve diretamente ligada à possibilidade de acesso a esse conjunto de textos e às restrições em torno daqueles que poderiam ser considerados como literários.

Zappone e Wielewicky (2009) pontuam que a literatura esteve e, ainda está, atrelada às concepções de um determinado grupo. Dessa maneira, a definição do que pode ou não ser

considerado literatura ou se se trata de um bom ou ruim texto literário é estabelecida por certos grupos. No século XVIII, eram grupos dominantes que possuíam a capacidade de leitura e de acesso aos textos, mas atualmente essa é uma função desenvolvida, essencialmente, por acadêmicos e estudiosos da literatura (ZAPPONE; WIELEWICKI, 2009). Para as autoras, a definição do que é literatura está atrelada ao poder que determinados grupos exercem e à ideologia que estes representam e, desse modo, "[...] será literatura, em um determinado momento histórico, aquilo que a teoria e a crítica literárias, além do mercado editorial, decidirem como literatura." (ZAPPONE; WIELEWICKI, 2009, p. 27). Compreendo, a partir das discussões das pesquisadoras, que a literatura, assim como a geografia, em grande parte, também se encontra marcada por discursos que desconsideram aquilo que não se enquadra nas normas e padrões estabelecidos por grupos dominantes.

Zappone e Wielewicki (2009) ressaltam que é somente com a emergência dos estudos culturais e pós-coloniais que a literatura passou a se atentar para outras narrativas até então não consideradas como literaturas.

Antes de os estudos culturais, feministas e pós-coloniais, por exemplo, serem validados pela academia, leituras de literatura de massa, de autoria feminina e de autoria de minorias étnicas e sexuais, estavam 'fora da verdade' acadêmica. O contexto histórico não propiciava que tais textos fossem considerados fonte legítima de estudos. Hoje em dia, apesar de ainda encontrarmos alguma resistência por parte de alas mais conservadoras dos estudos literários, essas literaturas antes ditas 'marginais' não são mais banidas das salas de aula e das publicações especializadas. (ZAPPONE; WIELEWICKI, 2009, p. 28/29, grifos das autoras).

Esse processo descrito pelas autoras em relação às escritas de grupos marginalizados é semelhante ao contexto do conhecimento geográfico, que em determinados momentos não se atentou para as espacialidades de alguns sujeitos ou as interpretou a partir de perspectivas que mais engessavam as análises sobre suas dinâmicas socioespaciais. As aproximações entre geografia e literatura passa pelo fato de ambos os saberes serem construídos através de discursos que determinados grupos estabelecem para definir o que é ou não interesse tanto geográfico quanto literário. Entretanto, os estudos literários e geográficos têm procurado se afastar desses modelos de pensamento que mais excluem, possibilitando a inserção de estudos e escritas de sujeitos considerados subalternos.

Terry Eagleton (2003) aponta que há dificuldade em se definir o que é literatura e que esse processo é muitas vezes marcado pelos interesses de determinados grupos que interpretam certos textos como literários. O autor considera que não é possível estabelecer, de maneira

objetiva, o que é literatura e, por isso, a sua definição é constituída a partir de quem lê algumas narrativas as interpretando como literárias. Eagleton destaca, ainda, que a escrita literária também é entendida como uma produção bastante valorizada, mas ele ressalta que esta valorização não é própria do texto, mas sim estabelecida através das leituras que certos sujeitos fazem dele. Desta maneira, ele entende que literatura não se trata de algo estável, uma vez que as narrativas podem ser consideradas como literárias em determinados períodos e podem deixar de ser em outros. O autor pontua que a valorização de uma escrita como literatura é marcada pela presença de ideologias. Compreendo que os discursos que desconsideram alguns textos do campo literário são demarcadores da existência de uma dada ideologia. Assim, no caso da literatura brasileira é possível encontrarmos um conjunto de textos tradicionalmente considerados como literários, enquanto outros necessitam, ainda, de muitos embates para se afirmarem como tal. Considero, portanto, a importância para a literatura negra de um *corpus* teórico que seja capaz de afirmá-la como literatura e, assim, afastá-la de discursos que a desqualificam enquanto textos literários.

Entender o que é a literatura ou o que pode ser considerado como tal é importante para a melhor compreensão do diálogo que se estabelece nessa tese entre a geografia e a literatura negra, que será discutida posteriormente. Diante, então, da conexão entre esses campos considero que seja possível a construção de um conhecimento, do qual, ambas as áreas possam se beneficiar. Esse encontro pode trazer contribuições para o entendimento do espaço, na medida em que permite o alargamento das reflexões em torno desse conceito e de temáticas entrelaçadas a ele, como as relações étnico-raciais e de gênero. A partir desse prisma analítico para se pensar a dimensão espacial, pode se estabelecer, ainda, uma ruptura dos limites disciplinares, contrapondo os argumentos que distanciam ciência e literatura, construindo interpenetrações que podem levar à ressignificação das discussões e reflexões sobre determinadas dinâmicas socioespaciais, como aquelas relacionadas às mulheres negras.

As variações e a complexidade das questões que interessam ao conhecimento geográfico não nos permitem trabalhar no isolamento, na medida em que podemos cair em discussões restritas e empobrecidas. Ao considerar o diálogo entre geografia e literatura produtivo para as discussões em torno das dinâmicas socioespaciais, torna-se possível avaliar a mobilidade teórico-conceitual e metodológica da ciência geográfica e trazer para ela discussões que produzam mais abertura do que fechamento.

As conexões entre a geografia e a literatura não se dão somente pelo interesse de geógrafas/os pelos textos literários, mas ela ocorre em um sentido inverso em que escritores/as se utilizam de perspectivas geográficas para a construção de suas narrativas. Sobre esta relação,

Carlos Manuel Ferreira da Cunha (2011) aponta que há um "imaginário geográfico" presente no processo de construção da literatura. Para o autor, há uma aproximação entre os textos literários e os territórios dos Estados-nações que foi estabelecida a partir de autores românticos. Segundo Cunha (2011), a construção de um imaginário geográfico foi importante para a literatura desenvolver seu caráter de nacionalidade. Visto que:

Numa Europa em que as fronteiras dos Estados-nação raramente coincidem com delimitações linguístico-etnológicas ou com 'fronteiras naturais', a noção de literatura 'nacional' revela-se assim dotada de um peculiar — imaginário geográfico, mediante a transposição para a literatura dos conceitos territoriais da geografia. (CUNHA, 2011, p. 23, grifos do autor).

Para Cunha (2011), a literatura tem sua história vinculada às representações espaciais, o que também permite que sejam construídas problematizações sobre os lugares que se representa nos textos literários. A literatura, ao manifestar seu interesse pelo conhecimento geográfico, traz-nos importantes contribuições para pensarmos o espaço, principal conceito da ciência geográfica. Luiz Alberto Brandão (2013) realiza uma leitura densa da questão espacial na literatura e nos apresenta as possibilidades analíticas com as quais podemos nos deparar quando se trata desse conceito. O autor aponta esse processo de percorrer as distintas análises do espaço como um trabalho de *cartografia literária*. Brandão (2013) relata que esta pode ser assim entendida por se tratar de uma análise que discute como a literatura aborda a dimensão espacial, mas também por trazer o modo pelo qual os textos literários trabalham as espacialidades.

As maneiras de se tratar o espaço na literatura, assim como na geografia, são variadas. Há abordagens que consideram o espaço literário como aquele que se expõe ou se representa no texto, mas também pode ser considerado como onde se manifesta a literatura, como o livro, por exemplo. Entendo que, dentre os variados modos de se ver o aspecto espacial na literatura, não há aquele que pode ser entendido como o mais correto ou menos adequado. O que se deve considerar é que existe aquele mais apropriado para as situações e os objetivos com os quais um/a pesquisador/a trabalha. Em se tratando de ciências humanas, de certas vertentes da geografia, não há um único conceito de espaço que deve ser tomado como "verdadeiro", mas sim leituras distintas que atendam a pretensões também diversas

Uma interessante abordagem discutida por Brandão (2013) refere-se aos trabalhos de Wolfgang Iser. Na teoria de Iser, segundo Brandão, é o imaginário, que possibilita que sejam estabelecidos outros sentidos para o fictício e o real. Assim, pode-se considerar a literatura não somente como "produto humano", mas também como um aspecto que define o humano

(BRANDÃO, 2013, p. 33). Compreender o espaço sob essa perspectiva do fictício e imaginário pode restabelecer o lugar e o papel da literatura frente às reflexões sobre esse conceito. Por esse viés analítico aponta-se para uma concepção menos descritiva, na medida em que o texto literário não é entendido como um espelho da realidade. A própria narrativa literária estabelece um outro lugar, que é resultado da relação entre fictício e imaginário. Valéria Cristina Pereira da Silva (2015) aponta que a literatura traz essa possibilidade de constituição de outro espaço, mas ressalta também que ela pode reforçar certas imagens espaciais. A autora considera que há essas duas possibilidades ao se aproximar da produção literária para a compreensão da espacialidade. Nesse sentido, ela pontua que a literatura pode permitir ao conhecimento geográfico um novo modo de compreender as dinâmicas espaciais.

A partir das formulações de Cunha (2011), Brandão (2013) e Silva (2015), considero que o alargamento dos horizontes teórico e conceitual que ocorre por meio do contato entre geografia e literatura se dá de maneira cruzada, uma é influenciada pela outra. Com isso, o que se estabelece entre esses dois campos do saber precisa possibilitar a interpenetração de um conhecimento no outro, construindo de fato um diálogo.

Sobre o encontro entre geografia e literatura, Brosseau (2007) aponta algumas perspectivas utilizadas por geógrafas/os. Entre esses diálogos levantados pelo autor, há uma indicação para um uso dos textos literários como uma fonte de informação sobre o espaço, na medida em que estes podem fornecer leituras sobre transformações históricas e, ainda, descrições de paisagens. Entretanto, Brosseau (2007, p. 27) ressalta que esse uso da literatura a coloca como “[...] uma ferramenta de primeiro nível (busca de informações positivas) para o geógrafo.” Compreendo que essa perspectiva analítica vem predominando nos estudos que têm como foco as aproximações entre geografia e literatura. Assim, as análises de narrativas literárias entre geógrafas/os consistem em se buscar as inscrições espaciais presentes em obras diversas e muitos desses estudos consideram o texto literário como uma representação da realidade através da qual se pode apreender as dinâmicas espaciais (OLANDA; ALMEIDA, 2008; CHAVEIRO, 2007; NETA VILANOVA, 2009; BARCELOS, 2009).

Considero, em aproximação com Brosseau (2007), que o diálogo não pode se pautar somente pelo fato da literatura ser considerada como uma representação da realidade e, por conseguinte, um instrumento analítico para a geografia. A efetivação de um diálogo precisa se atentar para a literatura como uma possibilidade de reflexões, questionamentos e apontamentos sobre determinadas questões espaciais. O texto literário entendido até mesmo como um constituinte de espacialidades e dinâmicas espaciais. Nesse sentido, torna-se necessário romper com as leituras que colocam a literatura como um instrumento a ser utilizado para confirmar as

respostas que já possuímos. Para Brosseau (2007, p. 61, grifos do autor), com essa perspectiva, o geógrafo parece criar um "'diálogo' em que o interlocutor está amordaçado".

Lima (2000) também aponta algumas maneiras de construção do diálogo entre a geografia e a literatura. Segundo a autora, alguns estudos se pautaram na discussão sobre as aproximações entre esses dois saberes, enquanto outros se direcionaram para questões referentes à percepção de um dado escritor acerca do espaço presente em suas obras. Esses diversos modos de interação entre a geografia e a literatura refletem o quanto pode ser produtivo para o conhecimento geográfico essa aproximação. Na tentativa de ampliar os horizontes da ciência geográfica, os enfoques dados à literatura são bastante variados, se manifestam tanto no campo do ensino quanto em outras áreas da geografia, como aquelas mais vinculadas à pesquisa.

Lima (2000), ao citar Yi-Fu Tuan, expõe que seria possível pensarmos em três maneiras básicas de diálogo entre a geografia e a literatura. A primeira estaria relacionada com as diferentes formas de experiências humanas, permitindo ao campo geográfico construir suas reflexões das relações espaciais a partir deste experienciar. A segunda maneira possibilitaria à/ao geógrafa/o conhecer uma dada realidade e, a partir dela, levantar ideias. Já o terceiro modo seria uma busca pela interação entre o objetivo e o subjetivo, o que se constitui em uma proposta interessante para a ciência geográfica, mas de muita complexidade para um saber que se pauta em um modelo de ciência que se ancora na objetividade.

Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro (2002), em suas proposições sobre a relação entre a geografia e textos literários, aponta a importância de se pensar esse diálogo no âmbito do ensino. Para o autor, é necessária uma maior integração curricular entre as disciplinas e a aproximação entre a geografia e a literatura seria um passo importante para essa interação disciplinar no âmbito da educação básica. Ainda sobre essa relação no campo do ensino, Maristela Maria de Moraes e Helena Copetti Callai (2012) pontuam que a literatura enquanto um meio de compreensão da realidade configura-se em um importante elemento de construção do conhecimento. As autoras apontam, também, para que o campo literário se aproxime da geografia e faça uso dos recursos teórico-metodológicos dessa disciplina, tais como na descrição de paisagens presentes em alguns textos literários. Desta maneira:

No trabalho com a Literatura a Geografia vem contribuir, pois as descrições das paisagens e lugares ajudam na compreensão do texto, uma vez que é um dos elementos essenciais para dar sentido a narrativa. Por isso é comum trabalhar com espaço em Literatura. Já em geografia os textos literários podem ser usados para auxiliar o estudo da geografia. Para isso o professor precisa

definir os objetivos da leitura e escolher as publicações que melhor se adaptem aos conteúdos a serem ensinados. (MORAES; CALLAI, 2012, p. 13).

Para além dessa relação da geografia no âmbito do ensino, há também estudos que estão mais direcionados para a pesquisa acadêmica, procuram nesse diálogo a ampliação do *corpus* teórico-metodológico da geografia. Esses trabalhos também se diversificam quanto ao enfoque dado em torno desse diálogo, é possível encontrar pesquisas mais preocupadas em discutir esta relação em si (LIMA, 2000; BROSSEAU, 2007, 2007a; SOARES, 2010) e outros mais voltados para a análise dos aspectos espaciais presentes em obras literárias (MONTEIRO, 2002; SUZUKI, 2010; PHILLIPS, 2007). Ressalto, ainda, que a presença maior de um determinado enfoque não exclui a possibilidade de se chamar a atenção para o outro.

Entre as formas de diálogos apontadas no texto, ressalto que aquela relacionada às questões étnico-raciais e de gênero poderiam ser mais valorizadas no âmbito do conhecimento geográfico e seu encontro com a literatura, em especial a literatura negra, que pode nos oferecer interessantes propostas de reflexões em torno das espacialidades a partir da dimensão étnico-racial. Mas para que isso se efetive, a geografia ainda necessita de uma abertura maior para tais questões, não apenas as inserindo em seus meios, mas ressignificando e revalorizando estas temáticas, de maneira a redefinir qual o lugar delas no conhecimento geográfico.

Os raros trabalhos que abordam as relações étnico-raciais e de gênero no contexto da aproximação entre geografia e literatura indicam como a ciência geográfica ainda negligencia, de certo modo, essas temáticas. Assim como já apontado a partir das formulações de Silva (2009a) em relação a gênero e sexualidade, essas questões muitas vezes estão presentes, mas são tidas como inferiores e permeadas por questionamentos que colocam em xeque a validade de pesquisas que tratam de gênero e/ou raça. Desse modo, a aproximação com a literatura negra pode se apresentar como um diálogo enriquecedor, na medida em que permite a ampliação dos vieses teórico e metodológico do conhecimento geográfico.

Ao ampliar suas perspectivas teóricas e metodológicas, a geografia tem a possibilidade de construir o que Said (2007) propõe como geografia imaginativa. A ideia do autor refere-se às imagens que foram construídas por europeus sobre o Oriente e dos discursos que foram elaborados para dar sentido e significado ao espaço conhecido como Oriente e a “si mesmo” enquanto Ocidente. No entanto, essas geografias imaginativas se constituíram de maneira a inferiorizar o Oriente, uma vez que se estabeleciam por meio de discursos que buscavam desqualificar esta parte do mundo e sua população. Para o autor, as fronteiras estabelecidas social, étnica e culturalmente são as mesmas constituídas geograficamente e, por isso, a imagem

que europeus construíram dos orientais também demarca em que se constitui aquele local. Essas geografias imaginativas apontadas por Said (2007, p. 31) podem ser desconstruídas.

Assim, tanto quanto o próprio Ocidente, o Oriente é uma ideia que tem uma história e uma tradição de pensamento, um imaginário e um vocabulário que lhe deram realidades e presença no e para o Ocidente. As duas entidades geográficas, portanto, sustentam e, em certa medida, refletem uma à outra.

Essas geografias imaginativas podem ser desconstruídas, na medida em que, no caso do Oriente, não se trata de um lugar sem uma realidade ou que se estabeleceu enquanto realidade por meio de um discurso que se constituiu como europeu neste longo e intrincado reflexo. Ao transpormos as discussões de Said (2007) para pensarmos as relações étnico-raciais e de gênero, podemos perceber as variadas geografias imaginativas que foram forjadas para as mulheres negras, como aquelas referentes ao imaginário de que os espaços domésticos são próprios para esses sujeitos. Compreendo, porém, que tal ideia também possa ser utilizada para se requalificar os discursos sobre um determinado grupo e suas espacialidades.

Sob essa perspectiva, sugiro que as narrativas literárias de Conceição Evaristo, escritora dos romances analisados nesta tese, podem ser consideradas como geografias imaginativas, mas de um modo que qualifica e ressignifica as imagens da mulher negra e de suas espacialidades, por isso. Enquanto tal, a escrita dela nos permite uma apreensão distinta das espacialidades das mulheres negras, que surgem em seus textos como protagonistas sociais. Diante das narrativas e da trajetória socioespacial da escritora, é possível pensar que as geografias imaginativas são, em parte, forjadas a partir de si mesmo.

Para que possamos compreender como se dá o processo de construção da escrita de Conceição Evaristo e como seus textos podem ser entendidos como outra geografia imaginativa sobre ser negra/o, é importante tecer algumas considerações sobre o que é a literatura negra, como ela vem se constituindo e se consolidando no campo literário. Para tanto, o próximo subcapítulo traz algumas notas sobre essa literatura.

1.2 Notas sobre literatura negra

O diálogo entre a geografia e a literatura pode ser considerado como uma aproximação já consolidada no âmbito da ciência geográfica, no entanto, como apontado anteriormente,

nesse diálogo não estão presentes as literaturas negras.⁷ A ausência dessa literatura ou de narrativas literárias que envolvam personagens negras nas pesquisas sobre geografia e literatura não é uma exclusividade do debate geográfico. Há uma forte ausência de personagens negras na literatura brasileira ou uma imagem estereotipada desse sujeito é reforçada por narrativas literárias (FONSECA, 2002; DALCASTAGNÈ, 2008; CASTILHO, 2004). Regina Dalcastagnè (2008), em uma ampla pesquisa sobre o perfil das personagens presentes na literatura brasileira, especificamente em romances, no período de 1990 a 2004 nos revela que há um predomínio de personagens masculinas e brancas.

A pesquisa desenvolvida por Dalcastagnè nos indica como a literatura brasileira contemporânea tem subrepresentado determinadas personagens, como é o caso de mulheres e negros. A autora aponta que há uma tendência de construção de narrativas com foco em homens e brancos e que ao serem apresentadas histórias de personagens que estejam fora desse padrão há uma construção estereotipada. Dalcastagnè (2008, p. 106/107) observa que:

Percorrendo os números da pesquisa sobre o romance brasileiro contemporâneo e umas poucas narrativas onde as personagens negras têm destaque, é possível esboçar algumas impressões sobre o problema da representação literária desse grupo social. Há, em primeiro lugar, a quase ausência do negro em nossa literatura – me refiro às personagens, mas a situação é ainda mais grave em relação aos escritores. Quando os negros são representados, costumam aparecer em posição secundária no texto (não são os protagonistas e muito menos os narradores) e em situação subalterna na trama (restringindo-se a algumas posições estereotipadas, como as de bandido, prostituta e doméstica, por exemplo).

Dalcastagnè (2008) ressalta que não se trata somente de uma ausência de personagens negras, mas há também ausência em relação aos escritores/as negros/as. O trabalho desenvolvido pela autora dialoga com as pesquisas desenvolvidas por Eduardo Assis Duarte (2008). Duarte aponta que a literatura brasileira é também composta por uma série de textos e escritores/as negros/as que, além de questionarem a invisibilidade literária da população negra têm colocado em evidência a questão racial na literatura brasileira. O autor assinala que há um

⁷ A geografia brasileira ao se aproximar da literatura tem, predominantemente, analisado textos canônicos e não tem se atentado para as narrativas literárias negras, por exemplo. Esse campo literário até tem sido interesse de geógrafas/os, mas não há estudos aprofundados e mais ampliados sobre o diálogo entre geografia e literatura negra. Entre esses trabalhos, cito os de Geny Guimarães (2010, 2011, 2012), que publicou alguns artigos discutindo a aproximação entre a ciência geográfica e a literatura negra. Há ainda uma breve passagem sobre Carolina Maria de Jesus e a favela do Canindé em São Paulo na dissertação de mestrado de Fernão Lopez Ginez de Lara (2012). Até a produção dessa tese, não encontrei pesquisas em geografia que se aprofundassem nos estudos de textos literários negros.

forte questionamento sobre a existência ou não da literatura negra. Além disso, há uma necessidade de se definir do que se trata esse campo literário.

As inquietações sobre a definição do que é a literatura negra não está presente somente entre aqueles que colocam em xeque a sua existência, mas também se encontra entre escritores/as negros/as e pesquisadores/as da temática. Compreendo que uma definição mais precisa é importante para uma melhor demarcação da existência desse campo literário e, ainda, para tornar a questão racial um tema de debate na literatura brasileira. Entre as dificuldades em se definir do que se trata a literatura negra está a sua denominação. Alguns pesquisadores/as e escritores/as utilizam a expressão afro-brasileira e outros fazem uso do termo negro para demarcar um conjunto de narrativas literárias que colocam em evidência negros e negras.

Cuti (2010) aponta que a ideia de literatura afro-brasileira possibilita uma maior aproximação com África, no entanto não é suficiente para dimensionar a vida da população negra brasileira. Segundo o autor, o uso da expressão afro-brasileiro não é capaz de abarcar aqueles que de fato são afetados, em seu cotidiano, pela discriminação racial. Para Cuti (2010, p. 40, grifos do autor),

[...] a palavra “negro” nos remete à reivindicação diante da existência do racismo, ao passo que a expressão ‘afro-brasileiro’ lança-nos, em sua semântica, ao continente africano, com suas mais de 54 nações, dentre as quais nem todas são de maioria de pele escura, nem tampouco estão ligadas à ascendência negro-brasileira. Remete-nos, porém, ao continente pela via das manifestações culturais. Como literatura é cultura, então a palavra estaria mais apropriada a servir como selo.

Compreendo que, para Cuti, é importante demarcar bem do que se trata esse campo literário já na sua denominação. Dessa maneira, o autor utiliza a expressão negro-brasileira como uma forma de especificar narrativas literárias que têm como preocupação as questões em torno da população negra. Para ele, definir a denominação dessa literatura é fundamental e se trata de uma questão ideológica e identitária, na qual se estabelece, já no próprio nome, quais são os propósitos de tal campo literário. Nesse sentido, o autor afirma que “a literatura negro-brasileira nasce na e da população negra que se formou fora da África, e de sua experiência no Brasil.” (CUTI, 2010, p. 44). A utilização do termo negro expõe que se trata de narrativas literárias que abordam um conjunto de questões específicas de uma coletividade marcada pelo racismo e que luta para a requalificação e ressignificação de suas identidades.

Ainda sobre as definições do que se trata a literatura negra Mário Augusto Medeiros da Silva (2011) aponta que há uma relação entre essa e as ciências sociais e a personagem negra é

também entendida como um objeto sociológico a ser analisado. Tal consideração apontada pelo autor se deve ao fato de que no âmbito dos textos literários negros são evidenciados questões que envolvem o cotidiano da população negra, ressaltando a inserção e a imagem desse grupo étnico-racial na sociedade brasileira. Entendo que Silva nos expõe a complexidade de se definir o que é essa literatura, uma vez que alerta para a dificuldade em se demarcar quais são os aspectos que podem caracterizar certas narrativas literárias como negras. Para o autor, considerar somente a autoria negra como um parâmetro para identificar determinados textos como literatura negra não é suficiente, apesar de esse aspecto estar sendo considerado como um importante balizador do que se trata tal campo literário.

Compreendo que a questão da autoria é fundamental para se pensar a literatura negra, já que a criação literária de negras e negros desconstrói uma série de padrões presentes na chamada literatura brasileira, como discutido por Dalcastagnè (2005, 2007, 2008, 2012). Essa literatura que coloca em evidência escritores/as negros/as se afasta de imagens estereotipadas em torno da população negra, expõe o problema do racismo na sociedade brasileira e estabelece o homem negro e a mulher negra como personagens importantes e não apenas coadjuvantes nas histórias contadas. E, ainda, possibilita que se construa um coletivo de leitores/as negros/as que buscam o reconhecimento de si nas narrativas literárias. A partir dessa perspectiva, entendo que o conjunto de textos literários que tenham essas possibilidades precisa ser compreendido como uma literatura específica e que demarca a diferença.

Duarte (2008) na tentativa de estabelecer parâmetros e elementos que contribuam para a compreensão do que é a literatura negra também fornece algumas considerações na definição desse campo literário. Para o autor, como já apontado na introdução desta tese, alguns aspectos são centrais para se apreender determinadas narrativas literárias como pertencentes à literatura negra. Duarte define que esse campo, que para ele é denominado de afro-brasileira, pode ser definido a partir da temática abordada, da autoria, do ponto de vista, da linguagem e do público leitor. A temática é composta por questões relacionadas ao cotidiano da população negra, como suas manifestações culturais, as marcas identitárias e o racismo, por exemplo. Já a autoria seria de mulheres e de homens negros e negros que manifestam suas inquietações acerca das questões raciais através de suas personagens.

O ponto de vista refere-se a uma perspectiva vinculada às questões enfrentadas pela população negra, já que essa literatura evidencia a necessidade de ressignificação das identidades negras e coloca em xeque os discursos que estabelecem uma imagem negativa do sujeito negro. A linguagem em algumas narrativas literárias negras é marcada por expressões de origem africana e termos específicos que remetem às culturas negras. Já o público leitor, na

grande maioria, é composto por negras/os que buscam na literatura outros discursos sobre a negritude. Discursos que contradizem estereótipos e requalificam identidades marginalizadas. Duarte (2008), ao colocar esses aspectos como fundamentais para a compreensão do que é a literatura negra, ressalta que eles não podem ser interpretados de forma separada, pois somente fazem sentido para explicar do que se trata esse conjunto de textos se forem considerados de maneira integrada.

Conceição Evaristo também constrói interessantes discussões sobre a literatura negra. Para a autora ela possui um caráter ideológico, uma vez que narra a vida da população negra e as questões que marcam o cotidiano dessa coletividade étnico-racial (EVARISTO, 2013). A escritora afirma que o que torna uma narrativa literária como negra não é somente o fato do escritor/a ser negro/a, mas sim a sua imersão e sua proximidade com as questões que perpassam o cotidiano de pessoas ou coletividades negras. Para ela a condição de escritor/a negro/a é marcada pela necessidade de colocar em evidência um discurso positivo sobre o negro, considerando que o próprio escritor/a é parte dessa coletividade que é a população negra. Considero que os apontamentos da autora são fundamentais para a compreensão de que a literatura negra possibilita ao seu público preferencial construir um pensamento crítico sobre os papéis sociais atribuídos a ele pela sociedade brasileira e, ainda, ressignificar as identidades negras.

Considerando as discussões apresentadas pontuo que a denominação utilizada traz importantes referências sobre o que é a literatura “negra”. Desta maneira, compartilhando dos apontamentos desenvolvidos por Cuti (2010) e por Conceição Evaristo, que considero como um sujeito desta tese, é que utilizo a denominação literatura negra para me referir ao conjunto de narrativas literárias construídas por escritores/as negros/as e que têm personagens negras e negros como protagonistas das histórias narradas, no caso dos romances. A minha escolha pela utilização dessa expressão relaciona-se ao fato de ser a mesma utilizada por Conceição Evaristo e por considerar que literatura negra propicia de maneira significativa entender do que se trata esse campo literário, apesar da complexidade de sua definição.

Há ainda que considerar no contexto dessa literatura as especificidades das escritas das mulheres negras, que além de serem marcadas pelas questões raciais são também constituídas a partir do temário feminista. Os textos literários construídos pelas mulheres negras podem ser constituídos por narrativas que autoapresentam as questões presentes na vida desse grupo, como o racismo, o sexismo e a marginalização, enfrentadas por esse sujeito em uma sociedade que se ancora em aspectos que se aproximam de padrões branco e masculino. Mas também se trata de narrativas que apontam outras possibilidades e outros discursos sobre o que é ser mulher negra.

Ressalto, ainda, que há uma diversidade nas escritas dessas mulheres e os textos produzidos podem conter outras temáticas que também afetam seus cotidianos em distintas espacialidades. No subcapítulo seguinte busco, portanto, discutir os processos de constituição da escrita feminina negra.

1.3 A escrita de mulheres negras como possibilidade para a análise espacial

Para iniciar este subcapítulo, farei o uso de um poema de Conceição Evaristo que representa o caráter de ressignificação e resistência em que consiste a escrita das mulheres negras. O poema em questão é denominado de “Vozes mulheres” (1990) e narra a trajetória, os dilemas e as possíveis resistências que podem ecoar das vozes das mulheres negras de diferentes gerações.

A voz de minha bisavó ecoou
criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
De uma infância perdida.
A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos — donos de tudo.
A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.
A minha voz ainda
ecoa versos perplexos com rimas de sangue
e fome.
A voz de minha filha
recorre todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha
Recorre em si
A fala e o ato.
O ontem — o hoje — o agora.
Na voz de minha filha se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade.

O poema acima aborda algumas das diferentes espaço-temporalidades vivenciadas pelas mulheres negras, coloca em evidência a dominação por que passaram, as resistências por elas

ecoadas e a esperança de uma vida em liberdade. Esse poema expõe em que se pode constituir a escrita das mulheres negras, uma vez que apresenta processos de dominação por que passaram, e ainda passam, e a busca pela resistência e pela possibilidade de serem livres para poderem dizer sobre si. Essas escritas podem trazer denúncias da discriminação e das desigualdades que as afetam em diferentes contextos socioespaciais, mas, ao mesmo tempo, elas desconstruem os discursos que tentam lhes impor um lugar de subordinação e opressão. A escrita desses sujeitos se insere no contexto da literatura negra que procura evidenciar a vida da população negra, tanto homens quanto mulheres, por isso se trata de um campo diferenciado no contexto das escritas literárias nacionais.

O ato de escrever dessas mulheres também pode ser interpretado como uma prática de resistência, na medida em que a elas não são creditadas atividades que extrapolem o trabalho manual, tal como o doméstico. Assim, como apontado por bell hooks (1995), as mulheres negras são consideradas como sujeitos “sem mente” e não lhes é possível exercer atividades de caráter intelectual. A autora discute que é preciso que a mulher negra reconheça seu valor, uma vez que:

É impossível que floresçam intelectuais negras se não tivermos uma crença essencial em nós mesmas, no valor de nosso trabalho e um endosso correspondente do mundo a nossa volta para apoiá-lo e alimentá-lo. Muitas vezes não podemos procurar nos lugares tradicionais o reconhecimento de nosso valor temos a responsabilidade de buscá-lo fora e até criar diferentes locações. (HOOKS, 1995, p. 475).

A escrita dessas mulheres é um meio pelo qual elas têm a possibilidade de expressar outro discurso sobre si, na medida em que contesta os lugares que lhe foi imposto na sociedade, como apontado por hooks (1995). Nesse sentido, seus textos são marcados, muitas vezes, por suas experiências cotidianas de discriminação e de resistência, mas também do afeto, resultando em uma escrita que se distingue de outros textos literários, como é o caso de Conceição Evaristo. Para a mulher negra, o exercício da escrita não se constitui em um ato simples, uma vez que para a sociedade este não é habitualmente o lugar que este sujeito deve ocupar e, por isso, escrever configura-se em ato que deve se apresentar também como uma forma de ruptura dos padrões estabelecidos. Esse exercício de escrita se apresenta como um ato complexo, já que possibilita a ela expor os processos de subordinação em que se encontra envolvida e, ainda, estabelecer outros sentidos para os discursos construídos sobre o que é ser mulher negra.

De acordo com hooks (2008), a língua e a linguagem podem ser pensadas como *lócus* de dominação, pois por elas podem ser estabelecidos discursos que inferiorizam o “outro” e as

dinâmicas socioespaciais a ele vinculadas. Para a autora, esses elementos constituem também a possibilidade da resistência e de questionamento das relações de poder instituídas através das concepções e visões de mundo do opressor. Ao se estabelecerem como resistência, língua e linguagem podem se tornar “[...] espaços onde vozes diferentes podem falar [...]” (HOOKS, 2008, p. 862). A partir dos apontamentos de hooks, lembro que, através da linguagem, podem ser tramadas *geo-grafias* insurgentes, tornando a fala e a escrita como locais de constituição de uma contra-hegemonia e de ressignificação das espacialidades constituídas por corpos considerados abjetos. A dominação presente na linguagem em muitos casos é o que distancia muitas mulheres do exercício de escrever, uma vez que não acreditam serem capazes de seguir os padrões de um determinado tipo de linguagem.

Mas algumas, em alguma medida, conseguiram romper com estes discursos, como é o caso de Carolina Maria de Jesus, que mesmo não se adequando a essas normas encontrou na escrita a possibilidade de ruptura de sua condição de subalterna⁸. Este é um dos processos que podemos encontrar no ato de escrever das mulheres negras, que através da linguagem têm a possibilidade de traçar as resistências aos discursos que as desqualificam enquanto sujeitos. Os textos das escritoras negras procuram romper com uma linguagem que pode ser considerada como hegemônica e estabelecer novas linguagens a partir das histórias de seu próprio grupo étnico-racial. É em meio a esse processo que podemos encontrar em algumas destas escritas termos, expressões e nomes de personagens de origem africana, por exemplo. A utilização desses elementos tem como objetivo valorizar a linguagem originada na África e contrapor os aspectos linguísticos impostos pelo branco.

Sobre o processo de escrita desenvolvido pelas mulheres negras, Glória Anzaldúa (2000) nos fornece interessantes reflexões. Para a autora, é difícil para a mulher de cor⁹ perceber que ela pode exercer o ato da escrita, pois se trata de um processo que é colocado como "impróprio" para elas. A autora aponta, ainda, que há certo receio de que a mulher negra possa se tornar uma escritora, já que através de seus textos ela pode confrontar o imaginário estereotipado que se construiu em torno dela. Ao confrontar esse imaginário, torna-se possível,

⁸ A escritora Carolina Maria de Jesus, catadora de papel, possuía pouco estudo formal, entretanto, através da escrita registrou as condições precárias da vida na favela e teve esses registros publicizados no ano de 1960 a partir da publicação do livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Mesmo com o processo de edição por que passaram seus cadernos, onde ela registrava o seu cotidiano de catadora de papel e moradora da favela, em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, é possível encontrarmos o distanciamento da linguagem de Carolina das normas culta e erudita, o que torna seus escritos ainda mais fortes e reveladores dos processos de exclusão pelo qual passou e, ainda, passa a população negra.

⁹ Anzaldúa (2000) não trata em seu texto somente das mulheres negras, por isso utiliza o termo "mulheres de cor" para se referir a um grupo maior de mulheres que são excluídas e subalternizadas na sociedade.

portanto, desconstruir os discursos que colocam este sujeito em condição de subalternidade e isso amedronta o homem branco, como ressalta Anzaldúa (2000).

A autora destaca que, através da escrita, é possível que sejam reconstruídas as histórias sobre si mesma e que se trata de um ato que traz proteção para a mulher negra, uma vez que contribui para a sobrevivência deste sujeito. Sob essa perspectiva, entendo que a escrita, para muitas escritoras negras, pode tornar-se um instrumento de reconhecimento de si e também de ressignificação do que é ser mulher negra e, por isso:

Escrever é o ato mais atrevido que eu já ousei e o mais perigoso [...] Escrever é perigoso porque temos medo do que a escrita revela: os medos, as raivas, a força de uma mulher sob uma opressão tripla ou quádrupla. Porém neste ato reside nossa sobrevivência, porque uma mulher que escreve tem poder. E uma mulher com poder é temida. (ANZALDÚA, 2000, p. 234)

Audre Lorde (2003), ao discutir sobre o processo de construção poética de mulheres negras, também aponta que as escritas desses sujeitos são marcadas por resistência e expõem a discriminação e a dominação. Nessa perspectiva, a autora pontua que a poesia para essas mulheres não é luxo, pois ela é a possibilidade de sobrevivência. A partir das suas proposições, considero que a escrita poética de mulheres não tem como objetivo somente expor a beleza estética que um texto literário pode possuir, mas sim dizer sobre si e sobre os processos de subalternização no qual elas se encontram, mas ao mesmo tempo contrapor os lugares que lhes são impostos pelo padrão branco, masculino e heterossexual da sociedade. Para a autora, a poesia é uma possibilidade de transformação e liberdade para a mulher negra.

As proposições de Lorde (2003) podem ser transpostas para pensarmos o texto não poético também, uma vez que o ato de escrever pode ser realizado como um exercício de dizer sobre si e redefinir os lugares da mulher negra na sociedade. Desse modo, as narrativas literárias produzidas por esse sujeito consideram, em alguns casos, situações diversas presentes em seus cotidianos. No Brasil, essas escritas têm se tornado o centro das atenções de muitos estudos (TOLEDO, 2010; SILVA, 2011; SANTANA, 2010) e apontado o quanto o ato de escrever é um importante instrumento para essas mulheres, na medida em que as permite assinalar para a sociedade as limitações e as possibilidades de transformação em suas dinâmicas socioespaciais. Esse processo é marcante, não somente na escrita de Conceição Evaristo, mas de várias outras escritoras brasileiras como Carolina Maria de Jesus, Cristiane Sobral, Geni Guimarães entre outras.

Carolina Maria de Jesus é um dos exemplos mais emblemáticos do significado que o ato de escrever pode adquirir na vida da mulher negra. Tal escritora, apesar das adversidades,

como o pouco estudo e a vida marcada pela pobreza e escassez, conseguiu transpor para seus textos o que representa a escrita para a mulher pobre e negra. Ela utiliza-se da sua escrita para denunciar a precariedade da vida na favela e expor suas inquietações diante dessa situação. Os textos da referida escritora têm se tornado referência para muitas autoras negras, como é o caso de Conceição Evaristo.

Para a autora de *Ponciá Vicêncio* e *Becos da memória*, a escrita também aparece como um importante instrumento para evidenciar as questões relacionadas às mulheres negras, como o racismo e o sexismo. A escritora utiliza-se em parte de sua própria trajetória socioespacial para construir suas narrativas e abordar as práticas racistas e sexistas que marcam a vida da mulher negra. Conceição Evaristo faz parte de uma família na qual as mulheres somente encontravam como possibilidade o trabalho doméstico, uma vez que eram consideradas como "incapazes" para a realização de outras funções devido à condição racial e social da qual fazem parte. A escritora, então, através da sua escrita expõe uma série de questões presentes no cotidiano de muitas mulheres negras e, a partir de sua trajetória, rompe com os discursos que a colocavam, juntamente com outras mulheres de sua família, em uma condição de subalternidade. A forma de escrever e criar da autora, conjugada com sua trajetória, é o que ela denomina como *escrevivência*, que se constitui em um conceito criado pela ela para definir seu processo de criação. Assim, essa expressão configura num modo de produção do texto no qual são combinados a escrita e as vivências de quem assina a obra. Esse conceito é fundamental para pensarmos não somente os textos dessa escritora, mas também de outras autoras negras que marcam suas escritas pelas suas experiências cotidianas carregadas pelo sexismo, racismo e pela resistência para contrapor os discursos que as desqualificam enquanto sujeitos.

Maria Nazareth Fonseca (2002) aponta que as escritoras negras têm uma produção interessante que tenta construir uma ponte entre as tradições dos povos afro-brasileiros e a luta da mulher negra. Os textos dessas autoras abordam não somente as questões específicas do corpo feminino, mas aspectos diversos que marcam o cotidiano das comunidades negras, como aqueles relacionados às manifestações culturais e também ao racismo. Compreendo, portanto, que mais do que um instrumento de contraposição aos discursos que desqualificam o que é ser mulher negra, a escrita destes sujeitos abarca a comunidade negra como um todo, uma vez que busca também a ressignificação das identidades e espacialidades da população negra. Além de todo um contexto, não somente negro, pode ser tratado nesses escritos.

Ao entender a centralidade que o exercício de escrever pode apresentar na vida de mulheres negras, considero que esse ato também traz implicações nos modos como esses sujeitos produzem e se relacionam com suas espacialidades e seus corpos. Ao escrever sobre a

diáspora africana, por exemplo, essas mulheres estão utilizando de sua escrita para produzir outros sentidos sobre as trajetórias socioespaciais da/o negra/o no contexto da sociedade brasileira. A escrita dessas mulheres representa a construção de outra geografia imaginativa, na qual se estabelecem novos sentidos para as espacialidades e os corpos não somente da mulher negra, mas de toda a população negra e de outros segmentos étnico-raciais. E diante dessa perspectiva, considero ser possível encontrar nessas escritas elementos que nos possibilitem a construção de uma análise espacial sobre a realidade desses sujeitos.

Como apontei acima, mesmo com a diversidade de perspectivas presentes na aproximação entre geografia e literatura, alguns temas permanecem quase ausentes dessa interação. Entre esses temas, encontram-se as questões em torno das relações étnico-raciais e de gênero. Assim como essas temáticas ainda estão à margem do conhecimento geográfico de um modo geral, elas também pouco aparecem neste campo da geografia, que seria seu encontro com a literatura. No âmbito da literatura, essas temáticas aparecem com menor intensidade, especialmente no que diz respeito à literatura produzida por mulheres negras. Dessa maneira, a aproximação entre a geografia e a literatura para a discussão das relações étnico-raciais e de gênero pode ser entendida como a ampliação dos horizontes teórico-metodológicos de ambas as áreas.

Na construção desse diálogo, temos a possibilidade de pensar sobre os lugares da gente negra, como propõe Ratts (2011) ao abordar o pensamento de intelectuais negras como Beatriz Nascimento e Lélia Gonzalez. O autor considera que há uma dimensão geográfica/espacial nos trabalhos das referidas intelectuais, que abordam questões como diáspora, quilombos e segregação racial e espacial entre outras temáticas de caráter socioespacial. Ao partir dessas proposições entendo que a escrita das mulheres negras no âmbito da literatura também é marcada por essa perspectiva socioespacial e podem contribuir para que geógrafas/os possam construir interessantes análises espaciais sobre as dinâmicas socioespaciais e culturais da população negra, em especial, aquelas relacionadas às mulheres.

Para além do caráter espacial presente nas narrativas dessas escritoras, também é importante considerar o lugar de onde falam essas mulheres e as implicações que esse aspecto possui em seus textos. São mulheres marcadas pela discriminação e, em geral, consideradas como “incapazes” de realizar determinadas funções como apontado anteriormente. Dessa maneira, esse lugar de onde falam também se manifesta em suas escritas, na medida em que é, a partir de seus dilemas e resistências cotidianos, que elas encontram a fonte para o ato de escrever. Essas escritas são uma tentativa de construção de outras geografias imaginativas e, nesse processo, é importante se questionar, como nos propõe Anzaldúa (2000, p. 232):

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você.

A partir das formulações de Anzaldúa (2000), compreendo o que significa o ato de escrever na vida das mulheres negras e o impacto que ele pode ter para estes sujeitos. O escrever representa uma possibilidade de ruptura com os padrões, as hierarquias e a dominação a que essas mulheres estão submetidas constantemente. A escrita é, portanto, a possibilidade de ser livre para dizer sobre si mesma e criar um mundo no qual seja possível alcançar o que o mundo real não lhes proporciona.

Ainda sobre a utilização da literatura produzida por mulheres negras para a construção de uma análise espacial, Geny Guimarães e Maria Auxiliadora Silva (2012) consideram que a aproximação da geografia com a literatura negra, em especial, aquela produzida por mulheres, constitui uma possibilidade dessa ciência se aproximar de questões pouco presentes no conhecimento geográfico. Guimarães (2011) ressalta que o diálogo entre a geografia e a literatura produzida por negras/os é algo ainda relativamente novo no Brasil, apesar do interesse dos estudos geográficos pelos textos literários ser mais antigo, como já discutido em outro momento neste texto. Se nessa relação incluirmos a interseccionalidade entre gênero e raça, considerando as narrativas literárias de mulheres negras, esse diálogo será ainda mais escasso. Guimarães (2010, p.153) pontua que:

A poética da mulher negra assume esse poder de descortinar através de suas escritas, vários testemunhos espaciais geográficos que podem ser traduzidos como as questões sociais, fatos atuais ou memórias, fatos históricos, descrição de lugares, elementos culturais, patrimônios, problemáticas raciais, enfim, tudo que preenche um espaço geográfico. Relatando, por meio de suas obras, informações que servem como bases elementares da construção da origem cultural do afro-brasileiro.

Para além do que podemos encontrar nas narrativas literárias em termos de espacialidades, temos de considerar a própria trajetória socioespacial do/a escritor/a, que, no caso da literatura negra, tem grande impacto sobre a produção literária. Os textos de escritores/as negro/as são marcados, em muitos casos, pelas vivências e experiências socioespaciais desse sujeito, na medida em que um dos elementos que distingue este grupo de literatos é a questão do ponto de vista, como já apontado a partir de Duarte (2008). Dessa forma,

compreendo que as narrativas de negras e negros são marcadas pelo que este grupo étnico-racial vivencia em seus cotidianos, como a discriminação de gênero, raça e em relação às espacialidades vinculadas a esse grupo. É esse ponto de vista conjugado com aquele que aponta para a necessidade de construção de outros discursos em torno dos diversos seguimentos da população negra na sociedade brasileira que permitem o/a escritor/a e o/a leitor/a negro/a tenham como uma de suas possibilidades a ressignificação de suas culturas e dinâmicas socioespaciais.

Considero, a partir do que foi exposto, que a análise interseccional do espaço e do corpo através da escrita de mulheres negras é uma possibilidade para o conhecimento geográfico, pois permite que geógrafas/os possam ampliar suas perspectivas analíticas em torno das distintas realidades dos muitos grupos marginalizados da sociedade. Ressalto que essas análises podem se dar tanto através do próprio texto das escritoras negras quanto a partir de sua trajetória socioespacial, que muito interfere no processo de construção de suas escritas. Para construir as análises sobre a escrita de Conceição Evaristo, considerando o diálogo entre a geografia e a literatura, utilizo metodologias diversas, como a análise do discurso e entrevista com a escritora. No segundo capítulo apresento, portanto, os aspectos metodológicos da pesquisa e como foram elaboradas as análises dos romances.

CAPÍTULO 2 — APORTES METODOLÓGICOS PARA A ANÁLISE DAS GEOGRAFIAS IMAGINATIVAS EM *PONCIÁ VICÊNCIO* E *BECOS DA MEMÓRIA*

Neste capítulo, abordo a metodologia a ser utilizada no desenvolvimento da pesquisa. Apresento os aspectos teórico-metodológicos em torno da análise do discurso e quais foram os mecanismos utilizados para se realizar a análise discursiva dos romances. Aponto, ainda, os demais instrumentos e procedimentos metodológicos utilizados, como a entrevista com Conceição Evaristo, o levantamento e análise bibliográfica e a identificação das espacialidades presentes nas narrativas de *Ponciá Vicêncio* e *Becos da memória*.

2.1 A metodologia

Diante do contexto de um modelo de ciência pautado na especialização e disciplinarização, é muito comum sermos conduzidos a limitarmos nossos procedimentos metodológicos àqueles que já se encontram mais consolidados e validados pela "nossa" ciência. No entanto, como manter essas metodologias quando as temáticas e os interesses da "nossa" ciência têm tomado outros rumos? Nós, geógrafas e geógrafos, somos constantemente levados a refletirmos sobre as metodologias que selecionamos para a realização de nossas pesquisas, especialmente quando abordamos questões de pouco interesse da ciência geográfica, como as relações étnico-raciais e de gênero. Sendo assim, considero que alguns questionamentos contribuem para o desenvolvimento de uma metodologia que seja capaz de abarcar esses temas no âmbito do conhecimento geográfico. Quais os melhores procedimentos para a construção de uma análise socioespacial pautada nas relações raciais e de gênero? Haveria metodologias próprias do conhecimento geográfico com as quais poderíamos trabalhar para o entendimento de distintas realidades socioespaciais? Esses questionamentos me ajudam a refletir sobre como a geografia tem pensado sobre os procedimentos metodológicos de suas pesquisas e também me permitem refletir sobre as possibilidades metodológicas com as quais esta ciência pode trabalhar.

No âmbito do conhecimento geográfico, algumas metodologias já se encontram consagradas para a construção de estudos em diferentes campos da análise socioespacial, seja na geografia urbana, agrária ou econômica e até mesmo cultural. Entre essas práticas, encontram-se, por exemplo, os trabalhos de campo que são fundamentais para o entendimento de determinada realidade. Assim, por ser muito comum na geografia estudos que se pautem por análises a partir de um dado lugar, o trabalho de campo se constitui em uma das metodologias

mais utilizadas por geógrafas/os. No contexto desses trabalhos de campo, outros instrumentos metodológicos são buscados para se ampliar a apreensão da realidade a ser estudada, como é o caso de entrevistas e elaboração de mapas mentais pelos sujeitos da pesquisa.

Ao definir a proposta de estudo desta tese, busquei metodologias que me permitissem a análise socioespacial a partir de narrativas literárias. Dessa maneira, recorri essencialmente à análise do discurso (AD), que tem sido utilizada pela geografia de maneiras diversas, mas, em muitas situações, ela não é explicitada ou não se constrói uma discussão sobre o uso deste recurso metodológico na geografia. Em meio a certa escassez de estudos que tragam uma discussão mais ampliada sobre os procedimentos utilizados para a realização das pesquisas que tratam da relação entre geografia e literatura, principalmente aqueles relacionados à AD, vi-me diante de um grande desafio sobre quais metodologias deveria selecionar para o desenvolvimento desta pesquisa. Além da necessidade de buscar procedimentos em outros campos, fez-se necessário redefini-los para que pudessem atender aos objetivos propostos para este trabalho, que se trata de uma análise socioespacial.

Compreendo que, ao estabelecer como ponto de partida para o desenvolvimento de uma pesquisa o diálogo entre geografia e literatura, já estamos nos propondo a pensar sobre uma outra possibilidade metodológica para o conhecimento geográfico. No entanto, esse encontro também deve ser entendido para além desta perspectiva e encarado como um recurso teórico-metodológico importante e enriquecedor para as análises socioespaciais. Uma vez que a literatura não pode ser entendida somente como um instrumento através do qual construiremos um estudo.

Hissa (2013) aponta que a metodologia é um processo criativo da pesquisa e que esta vai se estabelecendo a partir do desenvolvimento do próprio estudo. Para o autor, não existem receitas que devem ser seguidas para a construção dos procedimentos metodológicos. Por isso é importante que haja uma postura criativa do/a pesquisador/a, que deve estar atento/a às possibilidades metodológicas criadas pela própria pesquisa. Hissa (2013, p. 126) pontua que "a invenção da pesquisa é portadora da mesma riqueza criativa da invenção dos caminhos de pesquisa, das metodologias, dos *modos de fazer* aprendidos enquanto se faz." Ao dialogar com o autor, compreendi que a metodologia é um aspecto que se refaz de acordo com os percursos da pesquisa, portanto, é necessário que o/a pesquisador/a se atente para as possíveis redefinições metodológicas que esta demanda em algumas situações.

Ao partir das discussões estabelecidas para o desenvolvimento desta tese, recorri às metodologias de outros saberes e a procedimentos metodológicos mais consolidados no âmbito do conhecimento geográfico, como é caso da utilização de levantamento e análise de referencial

bibliográfico e de entrevistas com os sujeitos de pesquisa. O levantamento bibliográfico é um processo contínuo, uma vez que vai se constituindo de acordo com as necessidades que vão se estabelecendo a partir do andamento da pesquisa. Além do levantamento de referenciais bibliográficos sobre as temáticas abordadas na tese, também busquei dissertações e teses desenvolvidas sobre a escritora Conceição Evaristo e sua obra (APÊNDICE A). Esse levantamento foi construído em 2014 e atualizado em 2017 a partir dos trabalhos publicados na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD). A partir dessa busca, identifiquei a diversidade de abordagem que a produção literária da autora possui. A identificação dessas pesquisas me possibilitou dimensionar a importância que a escrita de Conceição Evaristo vem apresentando no âmbito acadêmico e, ainda, observar que há um predomínio de trabalhos no campo das Letras. São raras as teses e dissertações produzidas em outros campos do saber sobre a obra da escritora. Além disso, há uma concentração da produção sobre a autora e seus textos na região centro-sul, sendo apenas cinco pesquisas produzidas em universidades da região Nordeste.

Ao longo da construção do estudo em questão e, ainda, durante o processo de escrita da tese, redefini o levantamento bibliográfico de acordo com os rumos tomados pela pesquisa. Os temas que serviram como base para o procedimento metodológico em questão se relacionam às relações étnico-raciais e de gênero, as intersecções entre corpo e espaço, o diálogo entre geografia e literatura, trajetória socioespacial, escrevivência, memória e interseccionalidade. Esses temas se configuraram como alicerce para o desenvolvimento da pesquisa e a própria organização de seus capítulos se deu a partir dessas temáticas.

Por se tratar de um estudo que tem como um de seus objetivos relacionar a trajetória socioespacial de Conceição Evaristo com suas narrativas literárias, entendi que era fundamental a realização de uma entrevista com a escritora para uma maior apreensão de como se dá esta relação. Estabeleci com ela um diálogo, no qual foi possível perceber ecos mais intensos da voz desse sujeito da pesquisa. Sobre o processo de construção de entrevistas, Hissa (2013, p.128, grifos do autor) aponta que:

Quando se pretende produzir conhecimento *junto ao outro* — e não sobre o outro — será preciso criar, também, junto ao outro, *modos de fazer*. Aqui, já se está no âmbito do *artesanato coletivo* e no espaço de fronteira em que, no contexto de possíveis estranhamentos e eventuais conflitos, será necessário fabricar alternativas de diálogo. Nas entrevistas será preciso substituir o inquérito pelas conversações e construir a proximidade com o outro e a difícil confiança recíproca. Entre o sujeito que pesquisa e o outro que ativamente participa deverá haver entendimento do que se quer para a pesquisa. O exercício pede tempo, compreensão das diferenças e respeito a elas.

Ressalto, desse modo, que a entrevista que realizei com Conceição Evaristo foi estabelecida de um modo que se distanciasse dos padrões de interrogatórios com os quais estamos acostumados ao desenvolvermos uma pesquisa. Para isso, tornou-se necessário um contato mais próximo com a escritora para que de fato fosse possível apreender a sua trajetória socioespacial e a relação com sua escrita. Estabeleci uma entrevista semiestruturada (APÊNDICE B), que serviu de base para orientar a conversa. Não se trata de um roteiro que foi seguido à risca, isso para que eu não desconsiderasse o diálogo que foi se estabelecendo ao longo da entrevista. Após a realização desta, analisei e identifiquei os processos envolvidos na trajetória socioespacial da escritora e sua relação com os romances *Ponciá Vicêncio* e *Becos da memória*.

Como se trata de um estudo que tem, também, como objetivo a análise de dois romances, busquei no campo das letras uma metodologia que me possibilitasse realizar a leitura analítica das narrativas de Conceição Evaristo. Aquela que mais se aproximou desse objetivo foi a AD, como já mencionado neste estudo. Trata-se de um procedimento metodológico complexo, mas com interessantes perspectivas para a realização das análises dos romances referidos¹⁰. A escolha por tal procedimento também decorreu do fato de que não era meu objetivo estabelecer uma análise nos moldes realizados por teóricos literários, que se debruçam sobre um determinado texto em busca de suas formas estéticas e seus modos de produção baseados em uma leitura própria do campo da crítica ou teoria literária. Desse modo, a análise do discurso foi importante para o desenvolvimento das análises que realizei, pois me permitiu observar nos romances os diferentes aspectos envolvidos nos processos de constituição de espacialidades pela mulher negra. As discussões sobre essa metodologia e a forma como ela foi utilizada nesta pesquisa serão abordadas nos subcapítulos seguintes.

2.2 Análise do discurso (AD)

As discussões e apontamentos apresentados neste texto resultam de algumas reflexões realizadas sobre a Análise do Discurso e seu desenvolvimento enquanto um campo teórico-metodológico de múltiplas direções. Para tal empreitada, busquei embasamentos em algumas linhas teóricas da AD que compreendo estarem em maior sintonia com as perspectivas

¹⁰ No campo da literatura, a utilização da análise do discurso é vista com certo cuidado e não se constitui uma perspectiva muito utilizada por estudiosos da literatura. Sob esse aspecto, Maingueneau (2015) alerta que esse distanciamento da literatura da AD é reflexo do fato do campo literário ter sido entendido, a partir da estética romântica, como um discurso separado de outras práticas discursivas. Apesar desse distanciamento, alguns estudiosos, como o próprio Maingueneau, têm direcionado seus interesses de estudos na análise do discurso para o campo da literatura.

abordadas nesta tese. Desse modo, as ideias aqui apresentadas estão ancoradas nos debates acerca, essencialmente, da memória discursiva e das Formações Discursivas (FDs). Ressalto, entretanto, que a definição dessa abordagem não exclui a necessidade de uma apresentação de algumas linhas teóricas sob as quais a AD tem sido construída. Tal exposição torna-se necessária para uma melhor compreensão do desenvolvimento da AD e como uma justificativa para minha escolha pela abordagem a ser utilizada nesta pesquisa.

A opção por tal metodologia se deve ao fato de que é no/pelo discurso que a escritora enuncia as relações entre corpo e espaço em sua obra e também coloca em pauta questões sobre exclusão, dominação e opressão. Além de criar, em suas narrativas, a possibilidade de negras/os experienciarem outros sentidos para suas corporeidades e suas espacialidades. Sobre o discurso, Michel Foucault (2012) aponta que sua produção está atrelada a controle e dominação e que se trata de um poder que se deseja exercer. Dessa maneira, a possibilidade de criar seu próprio discurso é também um meio de se romper com os dispositivos de dominação a que determinados sujeitos estão expostos. Esse é um processo presente nos discursos enunciados nos romances *Ponciá Vicêncio* e *Becos da memória*, pois neles estão presentes, também, aspectos discursivos divergentes daqueles que unificam e inferiorizam as identidades e os lugares de negras/os.

A escolha por essa metodologia ainda se justifica pelo entendimento de que os discursos se relacionam à produção do espaço e a análise do discurso, portanto, aproxima-se dos processos que interessam ao conhecimento geográfico. A AD tem sido utilizada em algumas pesquisas geográficas que se interessam pela relação entre discurso e espacialidades, uma vez que se entende que as práticas discursivas marcam também a produção dos lugares (SILVA, 2006; GALVÃO, 2005). Além desse aspecto, ainda é possível observar que aos espaços são delegados determinados discursos que servem para qualificá-los ou desqualificá-los de acordo com os interesses de um dado grupo. As espacialidades da favela, por exemplo, são marcadas pelos discursos que as desqualificam a todo o momento ao se repetir que ali "é perigoso" ou um lugar "impróprio". O mesmo pode ser observado em relação às comunidades negras, aos terreiros de candomblé ou de umbanda, que são marcados por discursos que colocam tais locais como "demoníacos", nos quais não se deve nem ao menos passar na porta (QUEIROZ, 2012). Pensar sobre essa relação entre produção discursiva e a dimensão espacial nos permite entender que a análise do discurso, apesar de não ser do campo geográfico, tem muito a contribuir para que geógrafas/os compreendam os processos de produção do espaço nas mais distintas realidades.

A AD tem se apresentado, no caso brasileiro, como uma disciplina essencialmente vinculada à linguística, no entanto, com uma elevada possibilidade de contato com outras áreas

do conhecimento. Tem se configurado em uma metodologia com perspectivas variadas, mas que tem como foco pensar sobre as práticas discursivas e os processos nelas envolvidos. De acordo com Eni Orlandi (2001), a análise do discurso tem como um de seus principais aspectos a busca pelo entendimento do sentido, se tornando, portanto, um campo de entrecruzamento entre a linguística e as ciências sociais. Ainda para tal autora, a AD ao tratar do sentido estabelece uma relação entre a teoria da sintaxe e da enunciação, a teoria da ideologia e a teoria do discurso, juntamente com uma abordagem sobre o sujeito de perspectiva psicanalista. Nesse sentido, Orlandi (2001, p.25) aponta que a conexão entre as três teorias referidas “[...] resulta na posição crítica assumida nos anos 60 em relação à noção de leitura, de interpretação, que problematiza a relação do sujeito com o sentido (da língua com a história).”

Dominique Maingueneau (2000) afirma que há um equívoco por parte de alguns analistas do discurso em considerar a AD somente um campo que tem como foco a análise de textos a partir de um contexto. Para o autor, faz-se necessário que sejam estabelecidas fronteiras mais precisas, de maneira a consolidar as abordagens e as linhas teóricas da análise do discurso. Assim, se poderia evitar considera-la como apenas um simples estudo de textos e a encara-la como uma possibilidade de “[...] articulação entre texto e lugares sociais.” (MAINGUENEAU, 2000, p. 3). Considero que as proposições de Maingueneau têm como objetivo consolidar a AD enquanto um campo do conhecimento que extrapola o caráter de instrumento metodológico muitas vezes imposto. Para o autor, a análise do discurso deve ser encarada como uma área da ciência da linguagem, uma vez que “[...] seus métodos dependem de um conhecimento científico sobre a linguagem.” (MAINGUENEAU, 2000, p. 4).

Ao propor a AD como um campo da ciência da linguagem, Maingueneau não exclui a possibilidade de contato com outras áreas do conhecimento e alerta, ainda, para o caráter crítico presente em tal disciplina. Ela possui, de acordo com o autor, uma perspectiva política que não pode ser negada apesar dos interesses do analista. Para Maingueneau (2000, p. 4),

[...] mesmo quando não está abertamente interessada em ideologia crítica, a análise do discurso é, radicalmente, uma atividade crítica: ela atinge algumas ilusões fundamentais dos falantes – a ilusão de estar dizendo o que eles têm intenção de dizer, a ilusão de que o lugar de onde eles falam não é constitutiva da significação.

Segundo Pêcheux (1998), a AD não se trata de um procedimento que nos permite dominar os sentidos do texto ou nos tornarmos especialistas na interpretação deste. Entendo, a partir das formulações do autor, que a análise do discurso pode ser encarada como uma possibilidade de se encontrar os meandros das narrativas dos sujeitos, de maneira a apreender

os sentidos do não dito. Ao construir a análise discursiva, portanto, deve-se atentar para as possíveis rupturas e contradições presentes nas narrativas que se pretende analisar. É importante, ainda, estar atento ao que não foi escrito ou dito, pois, nos aspectos implícitos do texto também são construídos os discursos e seus sentidos.

Enquanto um campo de intersecção entre diferentes áreas do conhecimento, a análise do discurso possui variadas formas de interpretação de seu próprio *corpus* teórico. Com isso, as linhas teóricas de tal disciplina são também múltiplas e se estabelecem de acordo com os interesses do analista. Este pode se direcionar para uma análise mais voltada para uma perspectiva francesa com base em Pêcheux ou ancorada em Foucault. É possível, ainda, uma análise com base na apreensão da relação entre discurso e enunciação ou argumentação, por exemplo. São essas diversas possibilidades de apreensão da AD que a tornam um campo de interesse para várias áreas do conhecimento, como a sociologia, a psicologia e a geografia, como é caso desta tese. Destaco que esta possível transposição das fronteiras teórico-metodológicas pode funcionar como um elemento positivo, na medida em que se alargam as perspectivas da AD. Entretanto, essa mesma mobilidade, como já assinalado a partir das considerações de Maingueneau (2000), pode ser encarada de modo negativo, uma vez que ela pode dificultar a consolidação desse saber como um campo disciplinar ao estabelecer interpretações equivocadas acerca da análise do discurso.

Considerando essa diversidade de abordagens sobre a AD, aponto ser importante definir a qual linha teórica esta pesquisa se encontra em consonância. Ao refletir sobre as variadas possibilidades de análises discursivas a serem realizadas acerca dos romances *Ponciá Vicêncio* e *Becos da memória*, considero aquela relacionada às questões em torno das formações discursivas e, ainda, da memória discursiva como as de maiores proximidades analíticas com os propósitos desta tese. A análise desenvolvida, portanto, teve como objetivo pensar sobre as práticas discursivas presentes em tais romances a partir de proposições que entendem o discurso como uma produção que está vinculada à memória, relações de poder e, também, à ideologia. O discurso sobre essa perspectiva pode ser interpretado como reflexo das memórias e das relações de poder que se estabelecem na sociedade.

Entre as possibilidades de apreensão da análise do discurso, encontramos um determinado seguimento que conduz suas leituras e interpretações a partir da ideia de formação discursiva (FD). Essa noção possui relevante importância no contexto da AD e muitos analistas a utilizam como o pilar para suas análises. As principais discussões acerca desse conceito se originam das proposições de Foucault e Pêcheux, importantes teóricos que tratam da complexidade na qual se constituem as práticas discursivas. Apesar de serem as fontes centrais

para a reflexão sobre as formações discursivas, os apontamentos de tais intelectuais possuem divergências em relação a esta noção. Por considerar a relevância de tais perspectivas para se discutir o conceito de FD, pretendi realizar uma reflexão sobre ambas as abordagens, mas considerando que as proposições pecheutianas são as que mais se aproximam com os objetivos desta pesquisa. Por trazer a possibilidade de se pensar sobre as práticas discursivas a partir de questões que estão vinculadas à ideologia, por exemplo, coloquei as formações discursivas como o principal eixo norteador das análises realizadas neste trabalho, em especial, aquelas discutidas por Pêcheux (1993, 1998).

A abordagem de Foucault sobre as FDs é marcada pela ideia de regularidade e dispersão dos enunciados. Para o autor:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* – evitando, assim, palavras demasiado carregadas de condições e consequências, inadequadas, aliás, para designar semelhante dispersão, tais como ‘ciência’, ou ‘ideologia’, ou ‘teoria’, ou ‘domínio de objetividade’. (FOUCAULT, 2013, p. 47, grifos do autor).

De acordo com Foucault (2013), as formações discursivas se estabelecem por meio de um conjunto de formações que são definidas como *formação dos objetos*, *formação das modalidades enunciativas*, *formação dos conceitos* e *formação das estratégias*. Estas funcionam como um conjunto de regras a partir das quais se poderá forjar a regularidade e, também a dispersão, dos enunciados. A *formação dos objetos* não se estabelece somente pelas palavras e pelas coisas, enquanto a *formação das modalidades enunciativas* não se dá, estritamente, através de um sujeito. A *formação dos conceitos* também deve ser entendida para além da idealidade e a *formação das estratégias* estaria relacionada às teorias e aos temas selecionados para se pensar sobre as práticas discursivas. Sintetizando, Foucault (2013, p. 83, grifos do autor) aponta que:

E assim, como não seria preciso relacionar a formação dos objetos nem às palavras nem às coisas, a das enunciações, nem à forma pura do conhecimento nem ao sujeito psicológico, a dos conceitos, nem à estrutura da idealidade nem à sucessão das ideias, não é preciso relacionar a formação das escolhas teóricas nem a um *projeto* fundamental nem ao jogo secundário das *opiniões*.

As formações discursivas coexistem e se contradizem e, assim, a presença de uma dada formação na produção de um discurso não exclui que outra esteja também ali presente. Ao se cruzarem, elas podem, ainda, se transformarem, estabelecendo outros sentidos para o discurso. Dessa maneira, elas são estabelecidas na interação de uma com a outra. Para uma melhor apreensão desse caráter de coexistência, contradição e transformação podemos pensar sobre as práticas discursivas relacionadas às questões de gênero, por exemplo. Uma formação discursiva feminista está atrelada a outra sexista. Uma vez que, ao mesmo tempo, que se procura negar o discurso sexista, estabelece-se um vínculo com este. É através do contato entre essas FDs que elas se contradizem, levando à possibilidade de transformação.

Sobre as formações discursivas, Pêcheux (1993) aponta que essas se tratam de regras estabelecidas no processo de produção de discursos em um determinado momento histórico, definindo o que se pode ou não ser dito. As discussões de Pêcheux estão ancoradas nas formulações sobre formação social e formação ideológica, uma vez que as formações discursivas se encontram vinculadas às formações ideológicas, pois,

[...] a *espécie* discursiva pertence, assim, pensamos, ao *gênero* ideológico, o que é o mesmo que dizer que as formações ideológicas, de que acabamos de falar ‘comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas interligadas que determinam o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de um horenga, um sermão, um panfleto, uma exposição, um programa etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura’, isto é, numa certa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico, e inscrita numa relação de classes. (PÊCHEUX, 1993, p.166, grifos do autor).

As formações discursivas, segundo Pêcheux (1993), originam-se a partir das condições de produção em que elas se encontram e, em uma mesma formação ideológica, é possível encontrarmos mais de uma FD. Dessa maneira, uma pode deixar de existir e ter seus elementos conjugados em uma nova, que estabelece outros sentidos para os discursos. Pêcheux (1993) aponta, ainda, que os sentidos somente emergem por estarem vinculados a uma determinada formação. A partir dessa formulação, o autor expõe que os sentidos, portanto, não nascem no sujeito, apesar de se realizarem nele, pois ao enunciar um determinado discurso o ele sempre evoca uma dada formação discursiva que é responsável pelos sentidos atribuídos a este discurso. Essas proposições de Pêcheux são fundamentais para que possamos entender de que maneira se dá a produção dos discursos e dos sentidos. Orlandi (2001) pontua que o conceito de FD é fundamental para os trabalhos de análise do discurso, uma vez que, por ela, é possível apreender como se dá a produção dos sentidos. A autora expõe, ainda, como se dá a relação desta noção com a ideologia e ressalta que os sentidos são estabelecidos de maneira ideológica. Para Orlandi

(2001, p. 44), a constituição dos sentidos se dá continuamente, pois as formações discursivas "[...] são constituídas pela contradição, são heterogêneas nelas mesmas e suas fronteiras são fluídas, configurando-se e reconfigurando-se continuamente em suas relações."

Orlandi (2008), baseando-se nas proposições de Pêcheux (1993), estabelece que o discurso se dá através da interação entre língua, sujeito e história. Para a autora, o sujeito e os sentidos são construídos de forma simultânea, na medida em que a língua e a história se interagem. As práticas discursivas, logo, podem ser entendidas a partir de sua relação com a ideologia, na medida em que esta "[...] interpela o indivíduo em sujeito e este submete-se à língua significando e significando-se pelo simbólico na história." (ORLANDI, 2008, p. 100). Orlandi (2008, p. 103) chama a atenção, ainda, para a necessidade de se pensar a ideologia como "um ritual com falhas", considerando, desse modo, que, no processo de produção dos discursos, é possível haver repetições, deslocamentos, permanências ou rupturas. Diante de tal processo, as interpretações dos sentidos podem se estabelecer a partir da conjuntura histórica, já que, segundo Orlandi (2008), o sujeito não é interpelado do mesmo modo em diferentes momentos históricos, uma vez que as formações discursivas também se refazem e refletem as condições nas quais elas são produzidas.

Ao considerar, ainda, esse possível caráter de repetições, deslocamentos, permanências e rupturas presentes nas práticas discursivas, podemos acrescentar outro aspecto de relevância para se tratar tanto da produção quanto da apreensão de uma dada matriz de sentido. Em concordância com Freda Indursky (2011), pontuo que a memória configura um importante elemento para se analisar a produção dos discursos. Sobre a memória, Indursky (2011) aponta que há uma intrínseca relação entre esta e a AD. Segundo a autora, a memória aparece de diferentes modos no contexto da análise do discurso, é apreendida como repetição, pré-construído, discurso transversal e interdiscurso.

Indursky (2011) considera que a memória pode ser pensada a partir da ideia de repetibilidade, na medida em que o sujeito produz seu discurso por meio da repetição, entretanto, essa produção é interpretada como originada nele mesmo. Através de um processo de esquecimento, o sujeito estabelece seus discursos não os considerando como algo que já foi dito. Ao tratar a memória sob essa perspectiva, a autora ressalta que, em AD, é a memória social que interessa, estabelecendo um processo de regularização dos sentidos. É pela repetição que determinados discursos podem se constituir como parte de uma memória coletiva, uma vez que são repetidos de maneira contínua e se tornam uma regularidade. Os discursos racistas e sexistas, por exemplo, foram se estabelecendo na sociedade através da repetibilidade que regularizou os sentidos de tais discursos e estes se relacionam a uma dada memória coletiva,

que torna possível apreender os sentidos excludentes e discriminatórios dessas práticas discursivas. Indursky (2011, p. 71) considera que:

Assim, chegamos às primeiras reflexões em torno de memória: se há repetição é porque há retomada/regularização de sentidos que vão constituir uma memória que é social, mesmo que esta se apresente ao sujeito do discurso revestida da ordem do não sabido. São os discursos em circulação, urdidos em linguagem tramados pelo tecido sócio-histórico, que são retomados, repetidos, regularizados.

Indursky (2011) pontua que, apesar do caráter de repetição presente nas práticas discursivas, podem ser estabelecidos deslizamentos que acabam por definir outros sentidos para os discursos. Assim, é por meio desse deslizamento que uma dada formação discursiva pode se encaminhar para outra, já que há coexistência, de maneira a se interagirem uma com a outra. Com isso, mesmo com a repetibilidade e regularização, os sentidos não são estáticos e podem se alterar “[...] vão recebendo novas formulações que, ao mesmo tempo em que vão se reunindo às já existentes, vão atualizando as redes de memória.” (INDURSKY, 2011, p. 76).

A formulação de novos sentidos a partir do deslizamento não afasta as práticas discursivas que se encontram em regime de repetibilidade. Desse modo, o deslocamento que se produz se encontra, de certa maneira, interligado aos sentidos regularizados, é a memória o elemento que permite observar os deslizamentos produzidos (INDURSKY, 2011). Para, Indursky, quando se estabelece um processo de deslizamento dos sentidos há a ressignificação dos discursos, rompendo-se com o que foi regularizado a partir da repetição. A autora pontua que o deslizamento ocorre devido ao fato do sujeito não se identificar com os sentidos regularizados e se identificar com outros. Dessa maneira, compreendo que o sujeito tem a capacidade de romper com os sentidos estabelecidos, mesmo que estes não tenham sua origem no seu próprio discurso. Ao identificar, por exemplo, que um dado discurso possui o sentido de dominação e subordinação, é possível que o indivíduo ou grupo que é oprimido por essa prática discursiva encontre outros sentidos que podem contradizer o que foi estabelecido pela regularização e pela memória discursiva.

Indursky (2011) pontua que, apesar de haver o deslizamento e o sujeito forjar outros sentidos para os discursos, o significado anterior ainda permanece, pois sem ele não é possível apreender que em uma prática discursiva houve um processo de ruptura e de deslizamento. Assim, em um discurso racista, somente encontramos os sentidos forjados pelo deslizamento a partir do momento em que conseguimos identificar que ali está presente, de modo oculto, um discurso racista. Quando pensamos nos espaços da mulher negra e nos discursos estabelecidos

sobre quais são os lugares desse sujeito, podemos melhor visualizar como se dá esse processo. Ao dizermos que o âmbito doméstico não é próprio para as mulheres negras e que estas podem circular por distintas espacialidades, como o acadêmico ou literário, estamos construindo um processo de deslizamento. Entretanto, este somente passa a ter sentido quando estabeleço uma relação com o discurso anterior que define que é o espaço doméstico que a mulher negra deve ocupar. Desse modo, como ressaltado por Indursky (2011, p. 80):

O sentido do enunciado fundador precisa soar ali, apesar de ausente, para que seu deslizamento seja entendido. Dito de outro modo: a rede de memória funciona, em casos como este, como pano de fundo, possibilitando que se perceba que houve um distanciamento em relação aos sentidos pré-construídos, e que esse recuo possibilitou a instauração de novos sentidos.

A análise discursiva a ser estabelecida nesta tese teve como base as discussões aqui realizadas, que apontam os direcionamentos e entendimentos sobre formação e memória discursivas, que se constituem o pilar analítico das narrativas de *Ponciá Vicêncio* e *Becos da memória*. Para construir a análise dos romances, é importante definir os procedimentos analíticos a serem utilizados, apontando como será desenvolvida a leitura discursiva. O próximo subcapítulo trata dos modos como utilizei a AD para a elaboração da pesquisa.

2.2.1 Procedimentos analíticos para a construção da análise do discurso dos romances *Ponciá Vicêncio* e *Becos da memória*

Ao trabalhar com a análise do discurso para o desenvolvimento de uma pesquisa é, preciso também definir quais serão os procedimentos utilizados para a elaboração desta análise. Como primeira etapa para a elaboração da análise discursiva de *Ponciá Vicêncio* e *Becos da memória*, levantei os termos e as expressões que indicam sentidos espaciais e, a partir deles, identifiquei e analisei as inscrições espaciais presentes nos romances e sua relação com a corporeidade. Para fazer essa relação, também localizei os termos que possuem sentidos relacionados à corporeidade e, com esse levantamento, procurei apreender de que maneira se dá a intersecção entre corpo e espaço nas referidas obras. A partir desses levantamentos e análises, busquei identificar nas narrativas como são construídas as relações entre os aspectos corporais e a espacialidade nos romances. A escrita das análises está organizada da seguinte maneira: descrição das histórias de *Ponciá Vicêncio* e *Becos da memória* para situar o contexto analisado; apontamentos sobre a dimensão espacial em cada romance, a relação da dimensão espacial com a memória; e as intersecções entre gênero, raça e espaço. Para a construção dessas

análises, procurei identificar em cada romance os aspectos relacionados às espacialidades, à memória, a gênero e raça que são os pilares da proposta analítica tanto de *Ponciá Vicêncio* quanto de *Becos da memória*.

Para além dos apontamentos citados anteriormente, na elaboração das análises, também identifiquei as formações discursivas que estão relacionadas com os lugares e com as corporeidades presentes nos romances (VER APÊNDICE C). O levantamento dessas formações configura-se numa segunda etapa da construção analítica, pois, somente a partir do levantamento dos aspectos pertinentes à dimensão espacial, à memória e a gênero e raça, foi possível identificar tais formações. As formações discursivas devem ser identificadas para, a partir delas, localizar-se quais os sentidos estabelecidos pelos discursos presentes nos romances e, assim, encontrar os deslizamentos e as rupturas que as narrativas de Conceição Evaristo nos oferecem. Somente com as formações identificadas, torna-se possível observar os deslizamentos dos discursos presentes nos textos da escritora e compreender como ela nega as práticas discursivas que tendem a colocar a mulher negra em uma posição de subalternidade e reconstrói os discursos, ressignificando o que é ser negra.

Juntamente com esse processo de levantamento das FDs, identifiquei as memórias discursivas com as quais a escritora trabalha nos referidos romances. Localizar essas memórias é essencial para se apreender os sentidos dos discursos construídos ao longo das narrativas e localizar os pontos de ruptura produzidos nos romances. É por meio delas que os sentidos vão se estabelecendo e, por isso, identificá-las foi essencial, ainda, para compreender de que forma se processa a relação entre a trajetória socioespacial da escritora com seus romances. Ao fazer referência a uma dada memória, ou até mesmo a uma formação discursiva, nas narrativas, Conceição Evaristo, de certa maneira, indica-nos quais discursos marcaram sua trajetória socioespacial.

Outro procedimento a ser realizado para a análise dos romances e da trajetória socioespacial da escritora trata-se do levantamento de quais são as editoras responsáveis pelas publicações dos trabalhos de Conceição Evaristo. Esse levantamento é necessário, pois, por ele, é possível observamos que há uma certa "restrição" dos lugares por onde estão circulando as obras da escritora e entender como os discursos apresentado em tais romances alcançam o leitor. O fato de tais obras serem publicadas por editoras que se preocupam com as questões em torno das relações étnico-raciais e de gênero diz muito sobre qual o lugar dessas narrativas e dessa escritora em nossa sociedade. De certo modo, isto explicita também as formações discursivas que marcam seus textos e sua trajetória, por isso, a relevância de trazer tal informação para a pesquisa. Também considerei as publicações dos livros de contos e poesias, além dos textos

publicados separadamente na coletânea Cadernos Negros, que reúne trabalhos de escritores/as negros/as, sem pretender analisá-los. É através do conjunto de sua obra que Conceição Evaristo tem a possibilidade de constituir novos significados para a interseccionalidade entre corpo e espaço, que é abordada no próximo capítulo.

CAPÍTULO 3 — CORPO E ESPAÇO: INTERSECÇÕES PARA UMA GEOGRAFIA DA DIFERENÇA

Neste capítulo, abordo a relação entre corpo e espaço sob a perspectiva de uma análise interseccional. Desse modo, as questões sobre corpo e corporeidade são estudadas, ressaltando como esses conceitos se encontram presentes no âmbito do conhecimento geográfico e como eles podem nos ajudar a pensar as relações étnico-raciais e de gênero por meio de uma análise interseccional. Adianto que a ideia de interseccionalidade é fundamental para se apreender a questão da diferença a partir de uma leitura mais ampliada, na medida em que possibilita a conjugação de distintos marcadores de diferença. Pretendo, ainda, discutir como se dá a análise interseccional ao considerar os processos envolvidos na constituição das espacialidades da mulher negra.

3.1 *Geo-grafias do corpo*

Desejo iniciar este subcapítulo com duas imagens que me remetem à ideia de corpo. Ao assistir ao filme *Preciosa* (2010), com direção de Lee Daniels, que narra a história de uma adolescente negra moradora do Harlem, em Nova York, deparo-me com várias cenas que me fazem pensar como a corporeidade é um elemento importante de nosso estar no mundo e como ela é definidora da nossa relação com o espaço e com a sociedade. Em meio a cenas diversas que me remeteram à ideia de corpo, há uma que mais me chamou a atenção. Preciosa, personagem principal da história, ao acordar e se preparar para ir à escola sentada em frente ao espelho, vê refletida a imagem de uma mulher branca, de cabelos loiros e magra. Aspectos corporais que se opõem aos seus, mas que refletem o desejo da personagem em tornar-se algo que a distancie de sua corporeidade, porém a aproxime das normas de uma sociedade que se estrutura a partir de padrões e elementos brancos.

A outra imagem que muito me faz pensar sobre as questões em torno do corpo está presente no romance *O olho mais azul*, (2003) de Toni Morrison. A história desse livro está baseada na vida da personagem Pecola, outra menina negra que se depara, em seu cotidiano, com os padrões impostos por uma sociedade branca. A jovem, ao perceber que a sua negritude era encarada como um impasse para sua aceitação no meio no qual se encontrava, acaba por desejar ter os olhos azuis e, assim, poder ser vista como uma criança bonita e ser aceita na sociedade. A personagem entendia que sua corporeidade se colocava como um impedimento para sua aceitação e inserção social. Todos os dias, ela desejava ter olhos azuis e se imaginava

em situações distantes daquelas que ela vivia. Desta maneira, acreditava que seria encarada pelo outro como uma menina bonita e amada por todos. Para Pecola, essa mudança lhe proporcionaria o que ela nunca teve, aceitação social.

Utilizo-me dessas imagens, assim como poderia fazer uso de tantas outras com as quais me deparo em várias situações do meu cotidiano, seja na leitura de um romance, como *Ponciá Vicêncio* e *Becos da memória*, que são o foco desta pesquisa, ou ao assistir um filme ou simplesmente me deslocar por lugares distintos. As situações vivenciadas por Preciosa e Pecola são reveladoras de algumas condições de negras e negros que têm em seus corpos as marcas da discriminação. Em ambas as histórias, eles são elementos fundamentais que têm a possibilidade de permitir ou não uma maior inserção social e o deslocamento por certos espaços. Ao observar como nossa corporeidade nos permite estabelecer determinadas conexões com a sociedade, considero essa ação como basilar para compreender os processos de rejeição ou aceitação, de controle social, de construção ou negação de identidades e, até mesmo, a forma como nos relacionamos e produzimos espaço. Essas duas imagens protagonizadas pelas jovens negras, assim como as personagens dos romances analisados nesta tese, remetem-me a esses processos e me instigam a colocar o corpo como uma dimensão fundamental para compreender a constituição de espacialidades e identidades.

Protagonista de tantas situações vivenciadas por nós no cotidiano, o corpo, visto, interpretado, configura-se como um elemento definidor do nosso estar no mundo e da nossa relação com o espaço, seja nos lugares que frequentamos ou naqueles nos quais não podemos nos fazer presente devido a alguma interdição social, por exemplo. Meus questionamentos em relação a esse conceito se tornaram uma constante a partir do momento em que, durante a minha pesquisa de mestrado, entrei em contato com uma comunidade quilombola que também se constituía um terreiro de candomblé. Nos trabalhos de campo, posteriormente conjugados com as teorias sobre território quilombola, observei como a corporeidade e a espacialidade podem estar relacionadas nos processos de construções identitárias. O corpo é o meio através do qual se manifestam muitas práticas candomblecistas e esse não poderia ser negligenciado numa pesquisa que objetivava compreender o processo de constituição de um território quilombola que também se trata de um terreiro de candomblé (QUEIROZ, 2012). Desse modo, vieram os primeiros questionamentos sobre a relação entre a dimensão corporal e a espacial. Mesmo que tenha abordado a questão da corporeidade naquela pesquisa, não a tratei de uma forma mais aprofundada, o que me levou a trazer as inquietações daquele momento para este trabalho.

Corpo, portanto, se tornou para mim uma categoria fundamental para entender os processos de produção do espaço e, ainda, para tratar das identidades interseccionalizadas,

como é o caso das mulheres negras. Compreendo não ser possível abarcar suas dinâmicas socioespaciais negligenciando a questão do corpo e da corporeidade. Considero que é por ele que esses sujeitos estabelecem suas identidades de gênero e raça. E estas marcam os corpos de mulheres negras e tornam suas espacialidades também marcadas por essas características identitárias. Questiono, desta maneira, como o corpo da mulher negra é encarado por seu *outro* e por si? De que modo eles são construídos e de que forma podem se relacionar com os processos de produção do espaço? Em quais lugares eles podem circular sem olhares enviesados ou serem interpretados como impróprios a determinados locais? Esses questionamentos, de certo modo, orientam as discussões estabelecidas ao longo desta tese e são aprofundados neste subcapítulo.

O corpo tem sido objeto de interesse de campos do conhecimento diversos, a Medicina, a Antropologia, a Psicanálise seriam alguns exemplos. A presença desse tema em saberes distintos se deve à importância que ele exerce na relação que estabelecemos com o mundo e com o *outro*. As abordagens e pesquisas elaboradas sobre essa categoria possuem enfoques distintos, mas pretendem, de um modo geral, compreender seus processos de construção e como ele tem sido encarado ao longo da história. Surgindo como interesse de ciências variadas, a Geografia não poderia negligenciar a influência do corpo na produção do espaço, por isso geógrafas e geógrafos também têm procurado inserir esse tema nas pesquisas geográficas.

Foucault (1985a), ao fazer um arrazoado sobre algumas das possibilidades de leituras sobre a corporeidade realizadas por estudiosos como Galeno, estabelece a relação dessa com o discurso. A partir do relato realizado pelo autor, compreendo que a construção de discursos sobre os aspectos corpóreos foi fundamental para que fossem estabelecidas certas interdições e controles. Foucault, ao traçar o percurso dessas práticas discursivas, coloca em evidência, por exemplo, como se estabeleceram as interdições às práticas corporais relacionadas à sexualidade. O corpo, a partir das discussões do autor, pode ser encarado como um instrumento, através do qual, certos discursos são disseminados como verdadeiros e se tornam os pilares de uma estrutura social marcada por normatividades que excluem e marginalizam certos sujeitos.

Para Foucault (1985), há uma profunda relação entre o corpo e as relações de poder que é responsável pelo estabelecimento de uma série de formas de controle e interdições sociais. De acordo com o autor, essas relações se estabelecem através da corporeidade e por meio dela o poder pode ser exercido. Ao considerar os apontamentos foucaultianos, pontuo que os corpos das mulheres, por exemplo, são marcados por um poder patriarcal que define como elas devem ser. As ideias de feminilidade presentes na nossa sociedade são estabelecidas nos aspectos corporais de mulheres e, enquanto uma imposição e uma forma de controle social, eles têm se

tornado o lugar de exercício do poder. Os discursos que se constroem definindo o que é ou não próprio para que uma determinada corporeidade seja identificada como feminina ou masculina constituem-se formas de se exercer o poder e este é exercido no próprio corpo do sujeito que se pretende enquadrar em determinadas normas. Sugiro que há, nesses casos, uma incorporação das relações de poder, uma vez que esse sujeito tem nos elementos corporais as marcas do controle e das interdições sociais.

Michelle Perrot (2013) considera que há uma história do corpo e que as distinções entre os sexos é um dos aspectos centrais dessa. A autora constrói um relato denso de como esta história se desenvolveu e como ela foi importante para se demarcar as diferenças entre homens e mulheres. Assim, ela constrói uma linha histórica sobre a corporeidade da mulher, enfatizando alguns aspectos que se relacionam com os elementos corporais femininos, como a maternidade, o cabelo, a prostituição entre outros. De acordo com a autora, o corpo da mulher sofreu transformações e, em cada período histórico, foram estabelecidas maneiras diferentes para sua leitura e distinção em relação ao homem. Um exemplo desse processo discutido por Perrot refere-se ao cabelo. Ela aponta como esse elemento é definidor das distinções entre os sexos e que para as mulheres ele é um importante componente demarcador da feminilidade. Assim:

A diferença dos sexos é marcada pela pilosidade e seus usos: os cabelos para as mulheres, a barba para os homens. Os cabelos são considerados, com frequência, signo da efeminação. As épocas andróginas deixam-nos crescer: como durante o romantismo ou nos anos posteriores a 1968. Nas empresas, nessa época, os ‘cabelos longos’ eram censurados e os jovens ameaçados de exclusão, ou efetivamente despedidos, se persistissem em não cortá-los. Os conflitos foram frequentes a esse respeito. (PERROT, 2013, p. 53, grifo da autora).

Era importante para a mulher manter seus cabelos longos, pois assim eles possibilitavam a distinção com o sexo oposto e, ainda, era entendido como um instrumento de sedução. No século XIX, esses longos cabelos eram apenas mostrados no âmbito do privado, uma vez que representavam a sensualidade feminina (PERROT, 2013). Os discursos estabelecidos sobre esse aspecto corporal da mulher funcionaram como um mecanismo de controle social sobre a corporeidade feminina e impunham práticas corporais que a tornavam um sujeito aprisionado em seu próprio corpo. Ao longo do século XX, muitas mulheres assumem ou criam a possibilidade de romper com esse controle em relação ao cabelo e muitas veem no corte uma forma de ruptura e libertação. Segundo Perrot (2013, p. 61, grifos da autora) “o corte de cabelos, nesse momento brilhante do ‘Anos Loucos’, significava nova mulher, nova feminilidade.”

A discussão desenvolvida pela autora acerca dos cabelos é apenas uma das dimensões da corporeidade da mulher que foi considerada como um instrumento de controle e interdição sobre o corpo feminino. Considero que os discursos que definem o que é ou não próprio de uma prática corporal feminina também são reveladores da centralidade que os elementos corporais possuem nas dinâmicas sociais. Quantas de nós mulheres não ouvimos inúmeras vezes o seguinte questionamento: “Isso são modos de mulher?”. Essa frase está imbuída de um sentido que carrega a ideia de que existem práticas corpóreas que também distinguem homens e mulheres. Sugiro, a partir das discussões realizadas por Paul Connerton (1999), que as práticas corporais são construções sociais através das quais se torna possível definir como os corpos se relacionam com o mundo e com o *outro*. Para o autor, essas práticas resultam das memórias coletivas e são também por meio delas que podem ser estabelecidas as formas de comportamento de um determinado grupo.

Marcel Mauss (2003) foi um dos primeiros autores a tratar as técnicas do corpo, fez-nos refletir sobre as formas como nos relacionamos com nossa corporeidade. O autor evidencia que não há técnicas e práticas corporais que possam ser consideradas como naturais. Trata-se de técnicas adquiridas a partir das tradições da sociedade, são, portanto, construções sociais e, dessa maneira, não existem práticas corporais que sejam próprias aos homens ou às mulheres. O autor ressalta ainda que as relações estabelecidas com o corpo se distinguem de um lugar para outro, uma vez que as práticas corporais de uma dada sociedade podem não ser a mesma em outra. Mauss considera, portanto, o corpo como um instrumento do ser humano através do qual é possível estabelecer práticas identitárias distintas entre os grupos sociais.

As diferentes formas de abordagem sobre a categoria aqui analisada têm a finalidade de buscar sua compreensão de modo a tornar mais legível os processos que envolvem a construção das corporeidades e das práticas corporais. Mesmo ao se tratar de uma instância com a qual estamos intimamente ligados, pouco entendemos como se dá sua constituição. Não é comum pararmos para pensar que determinadas práticas corporais foram adquiridas através do convívio social, mas simplesmente as naturalizamos como próprias de nosso estar no mundo. Considero que essa nossa relação com o corpo muitas vezes é o que dificulta entendermos como este é constituído e como os discursos são fundamentais em sua constituição. No campo das ciências sociais, muitos são os estudos que procuram compreender os processos e as dinâmicas responsáveis pela sua construção (FOUCAULT, 1985a; BUTLER, 2002, 2013; WEEKS, 2013; MAUSS, 2003; GUATTARI, 1992). Ressalto que, mesmo com muitos questionamentos e dúvidas que o corpo provoca, este pode ser entendido como uma construção social, histórica e discursiva, é compreendido de maneiras distintas em diferentes espaço-temporalidades.

Uma das questões levantadas nas discussões sobre os processos de construção do corpo relacionam-se ao papel das práticas discursivas. Ao falarmos nele, a primeira ideia que vem à nossa cabeça refere-se à sua materialidade. O entendemos como algo material estabelecido, pronto e acabado. Quando faço referência à corporeidade feminina num primeiro momento, a imagem que me vem à cabeça é da materialização de determinados elementos que o caracterizam como feminino, como apontado anteriormente. Entretanto, esses aspectos corporais materializados e definidos a partir de certos elementos é também uma construção discursiva. Na verdade, essa materialidade é o resultado de uma série de discursos que estabeleceram que tipo de atributos deveria ter um corpo feminino ou masculino, por exemplo. Para Guacira Lopes Louro (2004), apesar do caráter material que as corporeidades apresentam o discurso é também um importante definidor delas, e assim:

Não se pretende, com isso, negar a materialidade dos corpos, mas o que se enfatiza são os processos e as práticas discursivas que fazem com que aspectos dos corpos se convertam em definidores de gênero e de sexualidade e, como consequência, acabam por se converter em definidores dos sujeitos. (LOURO, 2004, p. 80).

As representações que um determinado corpo adquire na sociedade são resultados das práticas discursivas que significam e definem como estes devem ser lidos socialmente. A corporeidade de uma mulher é assim entendida não somente pela sua materialidade, mas também por aqueles discursos que, ao longo da história, foram definindo o que pode ou não ser considerado feminino. Discursos que estabeleceram quais atributos podem significar aspectos corporais como pertencentes a uma mulher. Desse modo, ressalto mais uma vez que essas marcas discursivas impostas à materialidade dos corpos são formas através das quais o poder é exercido. Segundo Louro (2004), essas marcas se constituem marcas do poder.

Os apontamentos realizados por Louro (2004) dialogam com as proposições sobre a constituição dos corpos desenvolvida por Judith Butler (2002). Para a autora, eles podem ter sua materialidade acessada através do discurso em um processo construtivo, através do qual o caráter material é ressignificado. Compreendo, a partir das formulações de Butler, que há uma materialidade que não pode ser interpretada como algo pronto e acabado, pois existem discursos que podem estabelecer outros sentidos para esse aspecto material. Butler (2013) assinala que não se trata somente da materialidade, mas também não é somente discurso. Considero que as proposições da autora colocam o corpo como algo que se estabelece pela interação entre discurso e materialidade, pois ele possui as marcas do material e estas, por sua vez, podem ser significadas por meio de práticas discursivas. Nesse processo de interação entre discurso e

material, deve-se considerar como o poder atua modificando os modos pelos quais as corporeidades são construídas.

O conceito de performatividade é estabelecido por Butler (2002, 2013) como uma forma de pensar como se dá a relação entre materialidade e discurso no processo de construção dos corpos. Segundo a autora,

[...] a performatividade deve ser compreendida não como um ‘ato’ singular ou deliberado, mas, em vez disso, como a prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia. O que, eu espero, se tornará claro no que vem a seguir é que as normas regulatórias do ‘sexo’ trabalham de uma forma performativa para construir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual. (BUTLER, 2013, p. 154, grifos da autora).

A performatividade seria, desse modo, uma maneira pela qual os aspectos corporais seriam construídos considerando tanto a sua materialidade quanto as práticas discursivas. Aponto que as discussões de Butler (2002, 2013) tratam-se de uma ruptura com uma série de proposições que tentam explicar como se dá o processo de construção das corporeidades de uma maneira essencialista, a entendendo como um elemento estático não passível de transformações. Proposições que muitas vezes a colocam como pronta a receber as práticas discursivas, para assim se tornarem passíveis de significados. Compreendo que a construção dos corpos configura num processo contingente por meio do qual é possível ressignificar, romper e reconstruir a materialidade e os discursos sobre estes. Segundo Louro (2004), eles estão em constante processo de refazer-se, mesmo que existam normas regulatórias que procuram estabelecer os limites de sua construção. Desse modo, como apontado pela autora, as próprias normas regulatórias necessitam se reconstruírem diante do caráter de contingência que os elementos corpóreos possuem.

Em meio a todo esse processo, considero que as relações de poder impõem maneiras que possibilitam o controle social sobre os corpos, evitando que determinados sujeitos possam se desviar das normas regulatórias e estabelecer outros discursos sobre si. O corpo é, portanto, um instrumento de relevante interesse na manutenção das normas e dos padrões branco e heterossexual da sociedade. No entanto, também funciona como um importante mecanismo de ruptura com esses padrões e normas, já que há possibilidade de ressignificação de seus aspectos.

Enquanto um importante elemento da experiência humana, ele não poderia ser negligenciado pela ciência geográfica, uma vez que este também se relaciona aos processos de produção espacial. Corpos estão no espaço e podem, ainda, serem considerados espaços. Diante

dessa perspectiva, alguns estudos geográficos têm demonstrado interesse pelas questões em torno dessa categoria e, com isso, ela tem se tornado também parte de análises geográficas. Por se tratar de uma categoria analítica da geografia, o corpo tem funcionado como uma possibilidade de apreensão dos lugares e da constituição de espacialidades. O interesse pelos aspectos corpóreos no conhecimento geográfico, assim como em outras ciências, está relacionado à maior presença na geografia de estudos sobre as questões de gênero, raça e sexualidade. Estes marcadores da diferença estão fortemente vinculados à corporeidade e, por isso, tem funcionado como uma das possibilidades de inserção desta no âmbito da geografia.

De acordo com Linda McDowell (2000), as pesquisas feministas tiveram grande importância na elaboração de teorias para estudos sobre o corpo, o considerando como uma construção cultural. A forte inserção dessa categoria no âmbito desses estudos relaciona-se às preocupações desse campo em entender como se manifestam as diferenças de gênero. Desse modo, o corpo, enquanto o lugar mais imediato em que se estabeleceriam estas diferenças se torna um objeto de interesse para as teóricas feministas. Assim, ele passa a ser entendido como um constructo social, cultural e discursivo.

Azevedo, Pimenta e Sarmiento (2009) construíram uma discussão para se pensar o corpo no âmbito da geografia. Para os autores, é importante que a ciência geográfica se atente para este e o coloque como um aspecto central para se pensar as espacialidades. O pensamento construído em torno da relação entre as questões corporais e o espaço não se restringe ao âmbito do conhecimento geográfico e outras ciências têm procurado também entender como se dá esta relação (AZEVEDO; PIMENTA; SARMENTO, 2009). Segundo os/a autores/a, poder, representação e práticas seriam aspectos relevantes a se considerar em estudos que envolvem os elementos corporais e as espacialidades. O poder, a partir das considerações dos/a autores/a, estaria relacionado às formas de controle social e às normas regulatórias que definem onde os corpos devem estar e como estes devem ser. A representação trata-se de um dos aspectos essenciais na construção de imaginários sobre determinadas corporeidades que integram grupos sociais e lugares variados. O período colonial, por exemplo, no qual havia um claro objetivo de dominação cultural, social e territorial foi um momento em que a representação de corpos julgados como inferiores permitiu a construção de uma série de imaginários estereotipados sobre povos e lugares.

As práticas corporais estariam relacionadas aos processos de produção do espaço, uma vez que através destas seria possível produzir espacialidades. Compreendo que, por meio dessas práticas, o sujeito tem a possibilidade de estabelecer uma relação com os lugares. A realização de uma caminhada pela cidade, entendida aqui como uma prática corporal, permite, por

exemplo, a significação e a reconstrução da relação do corpo com o espaço. De acordo com Azevedo, Pimenta e Sarmiento (2009), as práticas também carregariam a possibilidade de construção de uma análise que estaria além da representação.

Azevedo (2009) considera que a relação entre corporeidade e espaço é algo possível, porém geógrafas e geógrafos não consideraram como uma relação passível de estudo e a excluíram do âmbito da geografia. As análises da autora convergem com as perspectivas teóricas apresentadas em outros campos do conhecimento que se debruçaram sobre essa categoria. Para ela, os aspectos corpóreos são entendidos como uma construção cultural e discursiva que está em constante transformação. Azevedo propõe uma desgeografização do corpo, que compreendo ser a possibilidade de afastamento da ideia deste de perspectivas essencialistas e que o consideram como algo fechado. A autora propõe que:

Como superfície para a produção do conhecimento, sentimentos, emoções, geografias e histórias encaradas como elementos centrais para o acto de 'sujeição', o corpo não pode ser pensado como entidade fechada pois o seu carácter é iminentemente relacional. O recurso a uma renovada noção de corpo tendo em conta a sua *(des)geografização* serve como forma de declinar uma série de dualismos que estruturam as categorias convencionais de sexo e género, classe e etnia, como forma de romper com uma construção de corpo como contentor de identidades essencializadas. Encarar o corpo como cultural e discursivamente construído, representa um passo a diante no caminho da desestabilização das suas convencionais formulações; biológica, histórica, geográfica, antropológica ou sociológica. (AZEVEDO, 2009, p.45/46, grifos da autora).

Essa formulação apontada por Azevedo (2009) dialoga com concepções de espaço que o colocam como dinâmico e não como um receptáculo das ações sociais, como é o caso das discussões desenvolvidas por Doreen Massey (2002, 2008). Essa leitura, baseada na ideia de contingência, está muito presente nas teorias feministas e vem sendo elaborada para a geografia a partir da aproximação desta ciência com o feminismo. Desse modo, mais do que trazer o corpo como um tema de interesse, geógrafas/os que tratam do assunto têm também se preocupado em construir uma perspectiva analítica que dialogue com as discussões das ciências sociais, que abordam essa categoria há mais tempo que a geografia.

Sarmiento (2009) propõe que os corpos podem se diferenciar de acordo com os espaços em que se localizam. Os apontamentos realizados pelo autor partem de sua própria corporeidade, que, em um processo de deslocamento, passa a se perceber de modos diferentes. Para Sarmiento, seu deslocamento da Europa para a América do Norte o fez ter outras percepções sobre seu próprio corpo devido à possibilidade de novas experiências e ao contato

com outras corporeidades. Para o autor, há distinções que também se manifestam à medida que os elementos corporais podem ser ou não valorizados em determinados lugares. Aponto, diante das discussões de Sarmiento, que um corpo considerado negro e/ou feminino, por exemplo, localizado no continente africano não tenha os mesmos significados e valor que outro presente na Europa. Corporeidades e lugares são qualificados, significados e valorizados de maneiras distintas, estabelecendo hierarquias que têm como resultado a dominação social, cultural e espacial.

Sobre essas distintas maneiras de encarar os corpos e os lugares, ressalto que os espaços ao serem desvalorizados também geram uma desvalorização das corporeidades que ali se encontram. As favelas seriam o exemplo desse processo. Os corpos presentes nesses locais, uma espacialidade considerada inferior e desvalorizada pela sociedade, são colocados à margem por comporem a paisagem desse lugar. Ao mesmo tempo em que a dimensão espacial interfere nas significações corpóreas, os corpos também permitem que espaços recebam novos sentidos por agruparem certas coletividades. Os lugares de manifestação de religiões de matriz africana, por exemplo, são desqualificados por serem constituídos por corporeidades subjugadas por uma sociedade que preza pela branquitude. Esses locais muitas vezes são denominados, num sentido pejorativo, como “lugar de preto” e causa estaque quando são frequentados por pessoas brancas e das classes médias. Essas são algumas das possíveis relações que se pode construir entre os aspectos corpóreos e a espacialidade, ressaltando como estes podem ser interpretados de diferentes modos¹¹.

A interação entre corpo e espaço também pode se dar num sentido positivo de valorização de identidades e manifestações culturais, como é o caso dos territórios quilombolas. Os quilombos são territórios de resistência e de apropriação territorial e simbólica da negritude, que, a partir de um processo de ressignificação identitária e das corporeidades de seus moradores, também requalifica seu próprio espaço. Nesses territórios, a presença de uma marcante consciência identitária sobre ser negro e a necessidade de manutenção do direito ao território tornam o corpo como um elemento representativo das identidades dos quilombos. São territórios negros, localizados tanto na cidade quanto no campo, nos quais há um predomínio de negros que buscam a valorização de suas corporeidades e de suas espacialidades. É, portanto, a partir dos elementos corporais que se dá, também, a constituição do território quilombola.

¹¹ Além da favela e dos lugares de manifestação das religiões de matriz africana, como é caso dos terreiros, considero que os territórios quilombolas, os bailes black, e outros espaços que se caracterizam pela concentração de uma população negra, possam ser pensados como exemplos da relação entre corpo e espaço. Esses lugares muitas vezes são estigmatizados e inferiorizados pelo fato agruparem corpos negros, ainda que tenham pessoas de vários pertencimentos étnico-raciais.

Essa forma de entendimento da relação entre corpo e espaço, na qual há uma significação corporal e espacial, remete-me ao que Patrício Sousa (2009) aponta como marcadores da diferença. Segundo o autor, a referida relação funciona como dimensões capazes de demarcarem as diferenças entre os grupos sociais. Para Sousa, essa demarcação da diferença pode se dar a partir do próprio grupo e através dos sujeitos externos a essa coletividade. A representação da favela, dos terreiros de umbanda e candomblé, entre outros, e das corporeidades que neles se encontram e os constituem, é construída, em grande parte, pelo *outro* de uma maneira estereotipada e que desqualifica as diferenças desses grupos. O autor também ressalta a contingência na intersecção entre corpo e espaço, destacando que ambos podem se ressignificar de acordo com os sistemas nos quais se estabelecem. No entanto, não há apenas essa dualidade. Há situações de “inclusões” delimitadas de corporeidades diferentes ou diferenciadas, a exemplo da conhecida presença negra em determinadas práticas esportivas ou culturais que têm uma própria história de limitações e enquadramentos.

Para a geografia, a categoria analisada pode ser entendida de dois modos distintos, pois ela aparece tanto como corpo *no* espaço quanto *como* espaço. Para Linda McDowell (2000), ao ser considerado como espacialidade, seria o lugar mais imediato com o qual o sujeito possui contato. Entretanto, a autora também alerta para a possibilidade de entendê-lo no espaço, já que é por meio do nosso corpo que o ocupamos. Essa ideia está mais voltada para as maneiras de ocupação dos lugares, enfatizando como as corporeidades contribuem no processo de produção espacial. Esse seria o modo mais imediato para tratarmos delas no âmbito da geografia. Mas elas também podem ser entendidas como o espaço, já que seriam lugares nos quais se dariam a constituição de nossa identidade e onde seriam inscritas as práticas discursivas. Considero que essa leitura dialoga com a proposta de construção de concepções alternativas de espacialidade, como desenvolvido por Massey (2008). O que seria uma possibilidade de compreender os lugares no seu sentido de coexistência, fluidez e dinamicidade.

A categoria analisada aparece como verbete escrito por Robin Longhurst (2005), no dicionário *Cultural Geography*, e foi abordada em determinados artigos e entrevistas de Milton Santos acerca da questão étnico-racial (CIRQUEIRA, 2010). Longhurst aponta as diversas formas de entendimento desse conceito e considera que a teoria feminista teve grande contribuição através da desconstrução dos dualismos presentes nos estudos sobre o corpo e os processos a ele relacionados. A autora ressalta que a inserção desse tema na geografia emerge como uma forma de reconfiguração dessa ciência, pois, através dele, busca-se colocar em xeque uma produção do conhecimento hegemônica. Ela assinala que as perspectivas analíticas desse conceito são diversas entre as/os geógrafas/os, mas que há um predomínio de análises que se

estruturam a partir da geografia cultural. Para a autora, o corpo também deve ser entendido como múltiplo e que se refaz diante das transformações espaciais. Longhurst compreende, assim, que há uma significativa relação entre corporeidades e espacialidades, na qual uma interfere no processo de produção da outra.

Camila Xavier Nunes (2014) aponta que o corpo enquanto um elemento do espaço interfere em sua produção, estabelecendo uma transformação mútua. Assim como o corpo pode ser modificado pelo espaço, este pode ser transformado pelo outro. Uma requalificação de lugares torna possível a ressignificação também das corporeidades que nele se encontra. Através das práticas corporais, os sujeitos podem provocar mudanças espaciais, alterando seus processos de produção. Nunes também alerta para as diferentes concepções e entendimento do corpo apresentadas em temporalidades distintas. A autora, ao se utilizar de imagens produzidas em diferentes períodos históricos, desenvolve uma discussão que demonstra como os aspectos corporais teve enfoques variados. Para Nunes, é no contexto de inserção das teorias pós-coloniais no âmbito da geografia que essa ciência se torna mais interessada pelas questões relacionadas à corporeidade. A autora ressalta que, mesmo com uma maior preocupação com os estudos sobre a dimensão corporal, a geografia ainda não a tem como um tema muito presente nos estudos geográficos.

Tanto na geografia como em outras ciências humanas que se interessam pelo corpo, compreendo que a questão da representação é um elemento estruturante dos processos e práticas corporais e das concepções sobre essa categoria. Nesse sentido, ressalto que a/o negra/o é uma dessas corporeidades em que a representação foi fundante de suas dinâmicas identitárias. As maneiras como estas foram apreendidas e, por conseguinte, representadas, trouxe e ainda traz implicações para o cotidiano da população negra. Dessa maneira, como apontado, os lugares que esses corpos ocupam também são concebidos a partir das representações que se construiu sobre eles. Mas pontuo que essa corporeidade pode também ser lida como o próprio espaço a partir do qual há uma demarcação da diferença.

As representações construídas sobre o corpo negro ancoradas, significativamente, em um pensamento colonial o transformaram em um objeto que deveria ser apropriado e dominado devido ao seu caráter de inferioridade e impureza. Esse modo de encará-lo tornou-se amplamente difundido por esse pensamento hegemônico que negligencia ou sub-representa as diferenças entre grupos sociais e lugares. Com isso, a população negra, em inúmeras situações, passou a se ver representado de maneiras estereotipadas e estigmatizadas como sujeitos inferiores e subalternos. Acerca desse impacto da representação sobre determinados grupos sociais remeto, mais uma vez, às discussões realizadas por Said (2007). O autor, ao discutir

sobre as formas como o Oriente foi construído pelo Ocidente, evidencia o papel fundamental da representação nesse processo. Para ele, essas representações marcadas pelo estereótipo estigmatizado do sujeito do Oriente são entendidas como geografias imaginativas. Imaginários forjados não somente sobre os corpos orientais, mas também sobre os lugares que estes ocupam.

Compreendo, ao dialogar com Said (2007), que, em relação às corporeidades negras, também há a construção dessa geografia imaginativa, já que, a partir de um imaginário de África, estabeleceu-se uma representação marcada por discursos de exclusão e marginalização. Jonatas Ferreira e Cynthia Hamlin (2010) retratam esse processo através de um estudo sobre como os corpos negros, tanto de homens quanto de mulheres, foram apreendidos pelo pensamento colonial. Os autores utilizam-se da história de Sara Baartman para discutirem sobre os usos, as representações e a constituição dos elementos corporais negros, em especial da mulher negra, pelo colonizador europeu. Sara Baartman foi uma mulher sul-africana levada para a Europa no final do século XVIII e viveu até 1815 para ser tratada como objeto a ser exposto em feiras, circos e exposições (FERREIRA; HAMLIN, 2010, p. 822).

A experiência corporal de Sara Baartman não se trata de uma situação isolada, quando nos remetemos às populações negras, não somente durante os processos de colonização, mas ainda na contemporaneidade, podemos encontrar casos que se aproximam do que ocorreu com essa mulher de origem africana. A mulher negra é representada de maneira estigmatizada, constrói-se, assim, um imaginário que marginaliza esse sujeito. Sara Baartman, mesmo após a sua morte, teve seu corpo utilizado para atender aos interesses de uma ciência eurocêntrica que colocava negras/os como um objeto exótico. A hipersexualização da mulher negra, por exemplo, configura uma dessas formas de torná-la um objeto. A representação da “mulata”, amplamente difundida não apenas no Brasil, mas também fora do país, é reveladora desse processo em que o corpo da mulher negra é transformado num objeto sexual (GONZALEZ, 1984).

Além da representação da mulher negra como objeto sexual, a sua corporeidade foi constantemente tida, a partir dos padrões de uma sociedade branca, como feia, impura e como imprópria para ocupar determinados lugares. Quantas mulheres negras se viram obrigadas a recorrer a tratamentos estéticos, como é o caso do processo de alisamento do cabelo, para se aproximarem dos ideais de branquitude que lhes eram impostos? Ao ver seus aspectos corporais representados de forma pejorativa, restou à mulher negra, muitas vezes, negar sua própria corporeidade para uma possível aceitação social. As marcas do controle e das interdições sociais estão visivelmente presentes nos corpos desse sujeito. Estes também são apreendidos como impróprio para ocupar determinados espaços, como ocorre na presença desse sujeito no âmbito

do público e do doméstico. Diversas vezes, um corpo negro não circula por qualquer lugar sem que lhe sejam direcionados olhares tortuosos e que suspeitam de como ele pode se fazer presente em tais espacialidades.

Nelson Odé Inocêncio (2001) aponta que a representação do corpo pode se tornar equivocada em certas situações. Esse o caso vivenciado por mulheres negras que são marcadas pelas representações problemáticas que construíram um imaginário de um sujeito subalterno. Dessa maneira, como aponta Inocêncio, os elementos corpóreos do negro são alocados entre o humano e o subumano, não são passíveis de ocupar certos espaços. Há, nesse sentido, uma interdição espacial. Dagoberto Fonseca (2005) também pontua sobre como esse é marcado pela discriminação e pelos discursos racistas. O autor, entretanto, considera que ele pode ser ressignificado através das práticas corporais próprias. Fonseca utiliza-se do candomblé para exemplificar esse processo. O autor considera que, ao se iniciar nessa religião, há uma ressignificação e ressurgimento em uma nova vida. Isto ocorreria com negras/os que vislumbram para suas corporeidades outros significados que se distanciam das imagens estereotipadas e estigmatizadas desses sujeitos.

Estabelecer representações e discursos que servem à construção de imaginários racistas e sexistas são mecanismos através dos quais certos grupos sociais exercem o poder. Há a manifestação do poder nos processos que estabelecem a imagem da mulher negra de uma maneira hipersexualizada ou então a coloca unicamente como um corpo que pode ser utilizado para o serviço doméstico, reforçando o imaginário da negra como mucama. O corpo, assim, a partir das proposições de Denise Bernuzzi Sant'Anna (2005), funciona como um lugar de poder através do qual são construídos mecanismos, como a representação, para dominar e colonizar os sujeitos.

A recepção dessas representações e de discursos de caráter racista e sexista não se dá de forma passiva. Os sujeitos que têm seus corpos sendo interpretados de modo negativo também constroem representações e discursos que se opõem ao que é pré-estabelecido para eles. Há um processo de reconstrução simbólica, de significados e sentidos sobre a corporeidade da mulher negra. Esta deixa de ser interpretada como inferior e se torna construída a partir de discursos e representações positivas sobre o que é ser negra/o. Essa redefinição pode ser encontrada nas narrativas literárias negras, nas quais negras/os são representadas/os de forma qualificada e como sujeitos com identidades valorizadas. Na literatura negra, mais do que uma representação do corpo negro, há uma autoapresentação como propõe Conceição Evaristo, já que as imagens presentes nessas narrativas são construídas pela/o própria/o negra/o que tem o desejo de ler a sua corporeidade a partir de sua própria perspectiva.

Através da construção de narrativas literárias que colocam os elementos corporais da mulher negra como um aspecto positivo das identidades desse sujeito, há a reformulação das geografias imaginativas. Assim, uma escritora negra pode, de certa forma, se distanciar dos estereótipos que a transformam em objeto. Esse novo lugar ocupado pelo corpo feminino negro nas literaturas elaboradas por escritoras e escritores negras/os podem redefinir também o seu lugar na sociedade e a relação com sua própria corporeidade, que passa a ser valorizada como um elemento positivo de sua identidade. A presença dessa ressignificação através da literatura pode ser interpretada como o que Lorde (2003) aponta sobre a escrita feminina. Para a autora, a poesia de mulheres negras não pode ser considerada como luxo, uma vez que essas escritas têm a possibilidade de reformulação de discursos. Desse modo:

Para mulheres, então, poesia não é um luxo. Ela é uma necessidade vital de nossa existência. Ela forma a qualidade da luz dentro da qual predizemos nossas esperanças e sonhos em direção a sobrevivência e mudança, primeiro feita em linguagem, depois em ideia, então em ação mais tocável. Poesia é a maneira com que ajudamos a dar nome ao inominado, para que possa ser pensado. O horizonte mais distante de nossas esperanças e medos é calçado por nossos poemas, talhado das experiências pétreas de nossas vidas diárias. (LORDE, 2003, p. 3/4).

Ao ressignificar os aspectos corporais da mulher negra, a literatura também contribui para a construção de novos sentidos para os espaços em que eles se encontram. As narrativas literárias negras que expõem como corpos negros e os lugares em que eles se encontram interagem, de uma maneira fluida e dinâmica, estabelecem geografias imaginativas, nas quais são constituídas novas espacialidades e corporeidades.

O corpo da mulher negra pode ser pensado como um espaço interseccionado, onde diferentes identidades se cruzam constituindo um sujeito marcado por distintas experiências sociais, culturais e espaciais. Esse corpo é onde são interseccionadas as identidades de gênero e raça e, dessa maneira, é um lugar de disputas discursivas. Estas referem-se às diferentes maneiras de se representar o negro, que podem, de alguma maneira, qualificá-lo ou desqualificá-lo. Tanto através da literatura quanto de outras práticas discursivas, essa corporeidade é constituída de modo a espacializar as intersecções entre gênero e raça. A constituição, portanto, da corporeidade da mulher negra passa pelas marcas identitárias que seu corpo adquire a partir do contato com seu próprio grupo social, mas também se contrapondo à outras diferenças. Nesse processo, o espacial constitui uma dimensão fundamental, por isso, no próximo subcapítulo, estabeleço alguns apontamentos e indico com quais leituras de espaço dialogo para desenvolver a análise interseccional.

3.1.1 Espaço

Pretendo abordar o conceito de espaço e como ele está relacionado com as proposições desta pesquisa. Minha intenção é apontar com quais concepções dialoguei para a construção da intersecção entre corpo e espaço aqui apresentada. Ressalto, no entanto, que espaço é uma das principais categorias analíticas da geografia¹² e no processo de constituição dessa ciência, muitas foram as definições e tentativas de compreensão desse conceito tão caro para geógrafas e geógrafos (SUERTEGARAY, 2001). Nesse sentido, faço um breve apontamento de que ele foi entendido de diversas formas de acordo com as várias correntes do pensamento em que se construiu a ciência geográfica. Da geografia tradicional àquela de perspectiva cultural e humanista, muitas foram as compreensões e definições dessa categoria. Mas compreendo que, na atualidade, já existe um predomínio do entendimento de que ele pode ser interpretado para além da ideia de superfície sobre a qual são estabelecidas as relações sociais.

A esse respeito Henri Lefebvre (2013) pontua que o espaço não pode ser entendido como fixo e inerte, mas não se constitui somente em produto, pois é também produtor das relações sociais. Aponto que essa concepção contribuiu para se avançar no entendimento desse conceito, uma vez que o distancia de uma perspectiva que o considera como passivo e receptáculo de ações. Segundo Milton Santos (2008), o espaço social, que interessa à geografia, não é de fácil definição e esta pode se modificar e ser estabelecida de modos distintos. Santos (2006, p. 63) explica que “o espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente [...]”. Esses sistemas, de acordo com o autor, se interagem de maneira a possibilitar as modificações espaciais.

Santos (2006) ressalta que objetos e ações se entrelaçam de maneira a interferir um no outro, possibilitando as alterações no espaço. Não pode ser possível compreender esse conceito sem considerar a interação entre esses aspectos, pois essa é parte da dinâmica espacial. Compreendo, assim, que ele também pode ser entendido como em um contínuo processo de constituição, uma vez que os objetos e ações estarão em permanente influência mútua provocando reconfigurações e reestruturações espaciais que, por conseguinte, conduzem à alteração nos modos de se apreender o que é o espaço.

A partir das discussões de Lefebvre (2013) e Santos (2006; 2008), entendo que o conceito analisado é dinâmico e está em consonância com as transformações por que passam a

¹² Entre as outras categorias, a geografia se estrutura em lugar, território, paisagem e região.

sociedade. Esse caráter processual ressaltado pelos autores também é importante para a construção das análises nesse estudo, uma vez que os sujeitos estão envolvidos em relações e dinâmicas que se reestruturam continuamente. Ao considerar corpo como uma das possibilidades para, também, entender as espacialidades, pretendo indicar que há outras formas de se compreender o conceito analisado e pontuar sobre seu caráter de abertura. Entender os processos espaciais a partir da relação entre corpo e espaço permite que seja construída uma análise que esteja balizada pela diferença, que emerge como um dos aspectos a ser considerado no entendimento do conceito aqui apresentado.

Os espaços, logo, possuem marcadores de diferença como raça e gênero. A constituição espacial é também estabelecida a partir desses aspectos e esses também são constituídos em sua relação com as espacialidades. Dessa maneira, distintos sujeitos constituem seus espaços de acordo com a diferença, que muitas vezes está demarcada em suas corporeidades, como a população negra e, mais especificamente, as mulheres negras. Para entender esses processos, é importante dialogar com perspectivas que compreendam essa influência da diferença na dinâmica espacial. Algumas análises geográficas estão sendo construídas a partir desse entendimento, mas consideram outras categorias como lugar (SOUSA, 2011; CIRQUEIRA, 2010), território (RATTS, 2001; BONNEMAISON, 2002) e paisagem (COSGROVE, 1998), seriam as mais utilizadas.

Nesta tese, pretendo pensar o espaço como uma dimensão que atravessa o cotidiano dos sujeitos. Dentre as possibilidades de compreensão desse conceito em consonância com os objetivos deste estudo, considero que as desenvolvidas pela geógrafa Doreen Massey são as que mais se aproximam. Massey (2008) aponta que o espaço não se trata de superfície e é produto das relações e que, portanto, deve ser entendido como uma dimensão na qual se estabelece a multiplicidade de narrativas, trajetórias e vivências. Para a autora, é fundamental que, no entendimento do que é esse conceito, se considere o caráter de abertura que ele possui, pois esse está em contínuo processo de constituição. Essas proposições da geógrafa procuram romper com perspectivas que negligenciam as diferenças, não pontuam sobre a dimensão relacional das dinâmicas sociais e entendem que as estruturas são imutáveis e implicam em fechamento e não abertura. Dessa maneira, para a autora

Nesse espaço aberto interacional há sempre conexões ainda por serem feitas, justaposições ainda a desabrochar em interação (ou não, pois nem todas as conexões potenciais têm de ser estabelecidas), relações que podem ou não ser realizadas. Aqui, então, o espaço é, sem dúvida, um produto de relações (primeira proposição), e para que assim o seja tem de haver multiplicidade (segunda proposição). No entanto, não são relações de um sistema coerente,

fechado, dentro do qual, como se diz, tudo (já) está relacionado com tudo. (MASSEY, 2008, p. 32).

Compreendo, ao dialogar com Massey (2008), que o espaço é dinâmico e essa dinamicidade é estabelecida através das múltiplas trajetórias e narrativas que estão relacionadas a ele. Assim, para entendê-lo, é importante se atentar que as espacialidades são constituídas e reestruturadas continuamente de acordo com os processos e dinâmicas em que se encontram os sujeitos. Mulheres, em suas diferenças, não constituem seus espaços a partir dos mesmos aspectos que outros grupos. Da mesma maneira, a dimensão espacial que perpassa a vida desses sujeitos não é a mesma presente no cotidiano de outros, por isso a necessidade de abordá-lo por meio da diferença e interseccionado com o corpo.

Construir uma análise espacial que se baseia na interseccionalidade é a possibilidade de estabelecer um entendimento sobre espaço, conforme Massey (2008). Pensar sobre como determinadas corporeidades, mulheres negras, por exemplo, produzem espacialidade e como esta influencia na apreensão dos elementos corporais é uma tentativa de compreender esse conceito a partir de sua abertura e sua multiplicidade. É sob essa perspectiva que ele é analisado e compreendido. As discussões sobre a dimensão espacial, abordada através da migração campo-cidade, do meio urbano e rural, da segregação, do trabalho doméstico e da trajetória, presente em *Ponciá Vicêncio* e *Becos da memória* é estabelecida a partir desse entendimento de que o espacial está em contínua interação com os elementos corpóreos, em um processo mútuo de constituição. Ao considerar a relação entre corpo e espaço, o próximo subcapítulo apresenta algumas discussões sobre a ideia de interseccionalidade e como esta pode contribuir na construção de análises espaciais.

3.2 A noção de interseccionalidade e suas contribuições para a análise espacial

As relações estabelecidas nas sociedades são marcadas por processos que produzem hierarquias e desigualdades entre os sujeitos. Essas desigualdades se configuram por meio de práticas e discursos que se reproduzem, ora de forma mais sutil, ora de forma mais direta e até mesmo mais violenta. Entre essas formas de produção de hierarquias, encontram-se as relações de gênero, que é o foco de muitos estudos no contexto das ciências sociais. As análises sobre gênero possuem enfoques variados nos diferentes campos do conhecimento nos quais essa temática se constitui como interesse (Sociologia, Geografia e Antropologia são alguns exemplos), tais como aquelas relacionadas à inter-relação entre gênero e raça, constituindo o que se denomina como interseccionalidade. Os estudos sobre gênero que partem de uma

perspectiva interseccionada têm se tornado mais presente não somente no contexto das ciências em que a teoria feminista se configura como centro de análise, mas também no campo do conhecimento geográfico. Para pensar sobre a inserção do conceito de interseccionalidade nas pesquisas sobre gênero, torna-se necessário resgatar como os estudos e o movimento feministas foram se constituindo para entendermos como a análise interseccional se tornou fundamental neste âmbito.

Atualmente reconhece-se que os estudos de gênero nas ciências sociais e o movimento feminista passaram por algumas transformações que levaram ao seu desenvolvimento e sua consolidação. É importante pontuar que as pesquisas e o referido movimento não estiveram, desde o início, marcados pela perspectiva interseccional. Uma vez que suas aspirações e preocupações estavam mais voltadas para as dinâmicas presentes na vida das mulheres consideradas como um sujeito de identidade única. As preocupações desses estudos se ancoravam na busca pela desconstrução das desigualdades de gênero, entretanto negligenciaram as diferenças existentes entre as mulheres.

Devido às transformações e às diversidades de interesses por que passou, com implicações nas abordagens dos estudos sobre gênero, o movimento citado acima é considerado a partir de três momentos distintos que são denominados de “ondas do feminismo”. A primeira onda, que se desenvolveu a partir do final do século XIX, tem como foco as discussões em torno dos direitos políticos das mulheres, como a questão sufragista. Nesse período, a luta feminista se inicia enquanto um movimento e tem como foco a busca pela igualdade de direitos, como o acesso à educação e ao voto (NARVAZ; KOLLER, 2006). Já na segunda onda, iniciada nos anos 1960, tal movimento passa a enfatizar as questões que envolvem a maternidade e o direito ao próprio corpo, ampliando a luta por direitos e igualdade. Martha Giudice Narvaz e Sílvia Helena Koller (2006) apontam que, nesse momento, há divergências entre os grupos dos Estados Unidos da América do Norte (EUA) e da França. O primeiro se baseava na luta pela igualdade entre homens e mulheres, enquanto o segundo estava preocupado em ressaltar as diferenças entre os sexos. Para Maria Joana Pedro (2005), é nesse momento também que o conceito gênero é inserido como possibilidade analítica na teoria feminista.

Sobre esta inserção, Lucila Scavone (2001) aponta que, em uma tentativa de fugir de análises atravessadas pelo biologicismo, esse conceito passou a ser utilizado nas ciências sociais. Ainda sobre a mudança do uso da categoria mulher, utilizada anteriormente nos estudos feministas, por gênero, Maria Luiza Heilborn e Bila Sorj (1999) também pontuam que essa substituição possibilitou um maior afastamento do caráter biológico presente nesses estudos e,

com isto, os homens se tornaram também um elemento de interesse dessas pesquisas. Para as autoras:

Gênero, como uma categoria de análise, também foi usado pelas acadêmicas feministas para criticar os pressupostos que informam os principais paradigmas da teoria social. Em outras palavras, não se trataria apenas de entender a relevância das relações de gênero na organização da vida social, mas como gênero afeta o próprio conhecimento produzido pelas ciências sociais. (HEILBORN; SORJ, 1999, p. 4)

Nesse sentido, a utilização da categoria gênero e as discussões em torno dela agregaram importantes reflexões aos estudos feministas. Joan Scott (1990), ao discutir esse conceito, traz importantes considerações acerca dos impactos de sua utilização no feminismo. Segundo a autora, numa interpretação mais simples, gênero chegou a ser utilizado como sinônimo de mulheres. Scott considera que essa alteração de mulher por gênero buscava um maior reconhecimento acadêmico das pesquisas que estavam sendo desenvolvidas, na medida em que esta nova categoria era entendida como mais neutra e objetiva. A autora aponta que, nesse contexto, o termo em questão não funciona como categoria que permite a denúncia das desigualdades, afastando as análises de uma perspectiva política. Sob este contexto, Scott (1990, p. 7, grifos da autora) aponta que:

Enquanto que o termo ‘história das mulheres’ revela sua posição política afirmando (contrariamente às práticas habituais) que as mulheres são sujeitos históricos válidos, o ‘gênero’ inclui as mulheres, sem lhes nomear, e parece assim não construir uma ameaça crítica. Este uso de ‘gênero’ é um aspecto que se poderia chamar de busca de uma legitimidade institucional para os estudos feministas, nos anos 80.

Os apontamentos de Scott referem-se a um dado momento, no qual as pesquisas feministas procuraram se consolidar e se afirmar enquanto uma área do conhecimento com relevantes análises sobre a organização social. Para as pesquisadoras de tal campo, era importante buscar uma aceitação dessa gama de estudos no âmbito acadêmico, como uma maneira de legitimar as pesquisas sobre as relações de gênero e as tornar mais respeitadas e valorizadas diante da academia. Ao contribuir para a legitimação de tais trabalhos, a noção de gênero também ofereceu uma nova perspectiva analítica para esse campo de pesquisa. Por se tornar uma categoria consolidada, passou a ser também um tema de interesse de outros campos do conhecimento. Entre os saberes que começaram a se interessar por gênero, ainda no contexto

da segunda onda, é a geografia, na qual geógrafas e geógrafos começaram a observar que a produção do espaço pode ser pensada a partir de marcadores generificados.

De acordo com as discussões de Márcio Ornat (2008), o interesse da ciência geográfica pelo feminismo se deu no contexto da segunda onda. O autor aponta que o surgimento de uma geografia inspirada nesse movimento relaciona-se com o momento em que ele estava ancorado em dois eixos, um mais atento às opressões vivenciadas pelas mulheres e na busca pela igualdade e um outro que enfatizava a questão da diferença. O primeiro mais presente no contexto estadunidense e o segundo é enfatizado pela conjectura francesa, como apontado anteriormente. Mas a inserção dessa temática na geografia está marcada por tensionamentos e disputas, nas quais se torna necessária uma maior legitimação desses estudos. Com isso, o desenvolvimento desse campo no conhecimento geográfico tem estabelecido seus interesses, essencialmente, em relação às questões de cunho metodológico e epistemológico, em uma tentativa de se construir um *corpus* conceitual através do qual seja possível o desenvolvimento das pesquisas sobre gênero e geografia.

Joseli Maria Silva (2009), ao tratar das ausências e silêncios da ciência geográfica em relação aos debates sobre gênero, aponta que, já na década de 1970, como nas pesquisas desenvolvidas por Rosa Ester Rossini, podemos encontrar trabalhos que indicam essa categoria como um aspecto que deve ser considerado no processo de produção do espaço. Para a autora, essa negligência da geografia em relação aos estudos de gênero se deve a um determinado modelo de conhecimento presente nas análises geográficas. Trata-se de um modelo de conhecimento colonial, de hegemonia branca e heterossexual, no qual tendem a excluir de suas análises aqueles sujeitos considerados como subalternos, como mulheres, negros, índios, gays e lésbicas.

Para Silva (2009), a presença de um pensamento eurocêntrico no interior do conhecimento geográfico, resultando em análises baseadas, predominantemente, na materialidade do espaço, é o que tem contribuído, em certa medida, para manter a geografia afastada dos estudos de gênero. Nesse sentido, em concordância com a autora, entendo que para uma inserção das questões de gênero nas pesquisas geográficas, é necessário o afastamento de análises que primam por essa perspectiva. Silva (2009, p.83) destaca que:

Não será possível almejar o protagonismo de grupos sociais até então ausentes do discurso geográfico brasileiro se continuarmos operando com as mesmas categorias analíticas que se mostraram limitadoras para a construção de versões plurais da realidade socioespacial.

Ainda sobre a presença/ausência dos estudos de gênero no âmbito do conhecimento geográfico, Lia Karsten e Donny Meertens (1991) observam que há uma necessidade de que as pesquisas se lancem para além dos dados que muitas vezes trazem algum apontamento sobre as desigualdades. Para as autoras, esses dados se limitam a demonstrar essas disparidades, por isso, uma maior necessidade de estudos que extrapolem a constatação de um fenômeno. De acordo com Karsten e Meertens, é importante a qualificação desses dados para que se estabeleça uma diferença entre uma geografia atenta às questões de gênero e outras perspectivas geográficas que somente documentam a desigualdade. Diante dessas considerações as autoras pontuam que a tendência é o maior crescimento dos estudos de gênero no contexto da geografia, estabelecendo uma conexão com os conceitos centrais desta ciência. No entanto, considero que, mesmo com essa tendência de crescimento, há ainda um silenciamento em torno desse tema na geografia e há a necessidade desse campo do conhecimento dar maior atenção para as interseccionalidades que marcam as identidades generificadas.

Silva (2003) defende que, para a realização dos estudos de gênero, é preciso um olhar voltado para o microssocial e para sujeitos colocados à margem, mas, devido a esse enfoque, lembra que as pesquisas sobre esse tema foram julgadas como inferiores. Para a autora, é com o advento da chamada geografia cultural que essas questões consideradas de menor importância passam a se estabelecer e começam a se consolidar enquanto um eixo de interesse do conhecimento geográfico. Sobre a geografia cultural e sua abertura para os estudos de gênero, Silva (2003, p. 33/34) considera que:

Essa corrente geográfica permite o pensar de um espaço complexo, composto por múltiplos processos diferentes e simultâneos, coloca em evidência a relatividade das escalas de abordagem do espaço, a dúvida do tempo linear e, definitivamente, coloca em cheque as noções de progresso, desenvolvimento e evolução, argumentando os limites da produção do conhecimento geográfico a partir dos conceitos da modernidade.

Essa mudança no olhar da geografia em relação ao microssocial pode ser entendida como uma das contribuições dos estudos de gênero ao conhecimento geográfico. A esse respeito, Janice Monk (2010) aponta que essas pesquisas trazem a possibilidade de um olhar mais atento à multiplicidade da dimensão espacial e, ainda, permitem uma melhor reflexão sobre os aspectos metodológicos dessa ciência ao pontuar sobre posicionalidade e subjetividade, por exemplo. A autora relata, ainda, que essa contribuição não está restrita às análises sobre gênero, mas também em outros campos da geografia. A presença da

posicionalidade e da subjetividade aparecem de maneira significativa nos trabalhos que tem como foco as espacialidades de gênero. De acordo com Ornat (2008, p. 316):

A principal proposição deste aspecto é de que não existe uma clara distinção entre sujeito pesquisador e sujeito pesquisado. Sob esta perspectiva, o que se obtém do processo de investigação é o resultado de condicionamentos recíprocos entre os vários elementos que produzem o próprio conhecimento.

Compreendo que esses novos direcionamentos da geografia trouxeram importantes mudanças para esse campo do saber, na medida em que foram restabelecidos os padrões e os modelos científicos sob os quais essa ciência se baseia. Assim, de algum modo, tem se estabelecido reestruturações de um modelo de ciência racional e hierarquizante. As dificuldades de se apreender as inscrições de gênero no espaço sob uma perspectiva marcada pelo racionalismo científico têm direcionado as geógrafas e os geógrafos a uma busca pela ressignificação dos modos de se pensar os processos envolvidos na produção do espaço. Considero que a geografia tem procurado se refazer para se aproximar das abordagens construídas pela teoria feminista. É nessa tentativa que as pesquisas geográficas acerca das relações de gênero se orientam também pelas mudanças que ocorrem no contexto de tal campo teórico. Desse modo, as transformações ocorridas nessa teoria e nesse movimento também afetaram o modo como a geografia se relaciona com as questões de gênero. Com isso, as mudanças ocorridas na terceira onda do feminismo também serão abordadas no contexto geográfico.

Uma inflexão no movimento feminista se dá a partir dos anos 1980 e passa a priorizar a diferença e as particularidades das experiências das mulheres (NARVAZ; KOLLER, 2006). Nesse momento, gênero passa a ser compreendido como uma categoria relacional e também marcada por múltiplas identidades. É a partir desse período que se iniciam os questionamentos sobre uma identidade universalizada de mulher. A partir da década de 1980 o movimento e a teoria feminista passam a ser questionados, em especial, pelas mulheres negras, sobre o caráter universal de suas reivindicações e de seus estudos. Nesse contexto de questionamento de abordagens, iniciam-se as reflexões sobre as possibilidades de articulação de gênero com outras categorias, como raça e classe, por exemplo.

As discussões, a partir da década de 1980, passam a enfatizar as diferenças existentes não somente entre grupos opostos, mas também aquelas que existiam entre as mulheres. A multiplicidade de identidades entre este sujeito se torna fundamental para os estudos de gênero e o movimento feminista e, assim, algumas teóricas passam a colocar em xeque o universalismo

que predominava nas discussões desse movimento. Donna Haraway (1993) considera que a perspectiva universalizante é problemática para se analisar determinados processos. A autora, através da análise da figura de Sojourner Truth¹³, faz-nos refletir sobre os perigos de um pensamento marcado pela ideia de uma humanidade de face única, que é a do sujeito branco e masculino.

Haraway (1993) aponta que a frase “E eu não sou uma mulher?”, pronunciada por Sojourner Truth, é encontrada em vários ambientes onde as questões feministas estão presentes. Para a autora, a explicação para a importância dessa frase se dá pelo seu caráter de resistência, pois questiona a imagem construída sobre o que é ser mulher. Sojourner Truth, ao interrogar se ela também não era mulher para receber os mesmos tratamentos que as mulheres brancas, questiona a figura de uma humanidade única. Sob esta perspectiva,

[...] seu corpo, nomes e discurso – suas formas, conteúdos e articulações – podem ser entendidos como uma linguagem comum que faz exigências irresistíveis em cada um de nós, coletiva e individualmente, precisamente por sua radical especificidade, em outras palavras, pelos deslocamentos e resistências à identidade não marcada exatamente como meio de reivindicar o status de ‘humano’ (HARAWAY, 1993, p. 285; grifo da autora).

Compreendo, a partir das proposições de Haraway (1993), que a questão da interseccionalidade é importante para a construção de um feminismo mais atento aos problemas presentes em perspectivas universalizantes. Os estudos de gênero carregam em seu interior determinadas diferenciações, como aquelas existentes entre homens e mulheres, o que reflete nas espacialidades desses sujeitos. Entretanto, há no interior de um mesmo grupo diferenças que também precisam ser reconhecidas, tais como aquelas referentes à raça¹⁴. Essa categoria é construída sob os pilares de um viés no qual os aspectos biológicos é que definiam as diferenças entre os grupos humanos. Segundo Kabengele Munanga (2004), esse foi o sentido sobre raça transposto para as ciências sociais e, por isso, resultou em análises enviesadas sobre a diversidade racial e contribuiu para os processos de dominação. Em uma tentativa de desconstruir essa ideia, o termo etnia surge como possibilidade para pensar as diferenças e considerar os elementos históricos e culturais. Mas esse conceito, muitas vezes, não consegue

¹³ Sojourner Truth nasceu escrava em Ulster no século XVIII e foi batizada como Isabella Baumfree. Entretanto, ao sair do cativeiro também deixou para trás seu nome de batismo e passou a participar de comícios abolicionistas e da luta em prol do voto feminino, durante a segunda metade do século XIX. Em decorrência dessa sua trajetória, Sojourner Truth se tornou uma referência para o movimento feminista dos Estados Unidos (HARAWAY, 1993).

¹⁴ É importante ressaltar que outras interseções também são fundamentais para os estudos de gênero, como classe, por exemplo. Entretanto, para a perspectiva analítica que pretendo utilizar e diante das questões que abordo neste texto apenas considere a interseccionalidade entre gênero e raça.

abarcam a complexidade das distinções entre os grupos e o corpo configura um importante elemento nas distinções raciais. Ressalto, além disso, que raça é fundamental para se compreender os processos de subjugação e dominação por que passaram e, ainda, passa a população negra (GOMES, 2005). Assim, essa categoria deve ser entendida como uma construção social que se estabelece também pela corporeidade, pois os aspectos do corpo são entendidos como basilares para a inserção em um determinado grupo racial (RATTS, 2010).

Desta maneira, assinalo ser preciso distanciar raça de sua perspectiva biológica e conjugá-la a uma lógica mais estruturada pelas distinções sociais, culturais e históricas apresentadas pelos grupos humanos, além das diferenças demarcadas no corpo, como apontado por Ratts (2010). Destaco, ainda, que étnico-racial pode auxiliar no distanciamento de leituras biologicistas sobre as diferenças entre os sujeitos, por isso o utilizo também em alguns momentos nessa tese. Ao considerar raça como uma das possibilidades de construção da análise interseccional procuro pontuar que as desigualdades afetam as mulheres de maneiras distintas, de acordo com sua condição racial, muitas vezes demarcada em seus corpos. Fato de interesse também desta pesquisa.

Joan Scott (1990) também nos traz considerações sobre essa intersecção e acrescenta a ela mais um elemento, a categoria classe. De acordo com a autora, pesquisadoras feministas com um olhar mais global estavam mais atentas ao cruzamento dessas três categorias de análise. Scott aponta ainda que os/as pesquisadores/as que tratavam das questões em torno das desigualdades e das relações de poder entendiam que elas se davam a partir de classe, raça e gênero. Compreendo, com base nas considerações de Scott (1990), que a construção de uma análise interseccional entre gênero e raça coloca em maior evidência a opressão e as desigualdades que afetam a vida das mulheres negras e as espacialidades a elas vinculadas.

Nesse cenário de reformulação das pautas do feminismo, feministas negras emergem como protagonistas, uma vez que se tornam as principais questionadoras da maneira como o referido movimento foi construído e estruturado até o momento. O conceito de interseccionalidade, cunhado por Kimberle Crenshaw, emerge como um termo que agrega os questionamentos realizados naquele momento e procura nomear a multiplicidade de identidades existente entre as mulheres.

Crenshaw (2002) desenvolveu o conceito de interseccionalidade ao estudar situações inter-relacionadas como o racismo e o sexismo que atingiam mulheres negras. A autora inicia sua discussão sobre essa noção a partir de sua prática no campo jurídico, onde ela observa que os discursos feministas e antirracistas não trataram de forma articulada as discriminações racistas e sexistas. Desse modo, em ambas as lutas, as mulheres negras e suas demandas foram

negligenciadas. A proposta de Crenshaw parte, portanto, das especificidades que marcam suas dinâmicas socioespaciais. A autora estabelece uma metáfora para pensar como se processa a interseccionalidade e propõe que imaginemos um cruzamento no qual a mulher negra se encontra em seu centro. Esse cruzamento é a convergência de várias formas de opressão — racismo, sexismo, classe seriam algumas possibilidades — que ao se cruzarem atingem o sujeito que está no centro. Segundo Crenshaw (2002, p. 177):

As mulheres racializadas frequentemente estão posicionadas em um espaço onde o racismo ou a xenofobia, a classe e o gênero se encontram. Por consequência, estão sujeitas a serem atingidas pelo intenso fluxo de tráfego em todas essas vias. As mulheres racializadas e outros grupos marcados por múltiplas opressões, posicionados nessas intersecções em virtude de suas identidades específicas, devem negociar o tráfego que flui através dos cruzamentos. Esta se torna uma tarefa bastante perigosa quando o fluxo vem simultaneamente de várias direções.

A imagem construída por Crenshaw (2002) nos ajuda a visualizar do que se trata a interseccionalidade e nos permite compreender que esta se estabelece a partir da articulação de dois ou mais eixos de opressão, combinando os processos que marcam as experiências de um sujeito de identidades múltiplas. A proposta desenvolvida pela autora tem como base as experiências de mulheres negras, entretanto ela pode ser utilizada para pensarmos outros sujeitos que se encontram marcados por identidades diversas. Meu interesse por essa categoria se dá pelo fato de nele encontrar a possibilidade para analisar as dinâmicas socioespaciais e os corpos de mulheres negras. A intersecção que irei enfatizar, como apontado, é aquela que se refere à articulação entre gênero e raça, portanto, em minhas discussões, considero a mulher negra como um sujeito interseccionado.

Para Crenshaw (1994), as opressões vivenciadas pelas mulheres negras não se encontram de forma integral no âmbito do movimento feminista e nem da luta contra o racismo. Ao ser interseccionada pelas identidades de gênero e de raça, esses sujeitos também devem ser apreendidos a partir desta articulação identitária. A autora alerta para o fato de que a discriminação racial sofrida pelo homem negro tende a determinar a luta antirracista, assim como no movimento feminista é o sexismo presente nas experiências das mulheres brancas que direcionam as demandas desse movimento. Esse fato pode ser observado na necessidade de feministas para acessarem o mundo do trabalho. Enquanto mulheres brancas lutavam por mais esse direito, as mulheres negras não viam essa pauta como uma demanda para a conquista da igualdade de gênero, uma vez que já se encontravam inseridas no mundo do trabalho, como, por exemplo, empregadas domésticas.

Jennifer Nash (2008) considera que o conceito de interseccionalidade permite entender as identidades de uma forma mais complexa, evitando analisar as categorias de gênero e raça de modo binário. Para a autora, a perspectiva interseccional tornou possível pensar que existe uma diversidade racial no âmbito das questões de gênero e uma diversidade de mulheres no contexto racial. Compreendo que essa mudança na maneira de encarar as relações de gênero e raciais foi fundamental para a inserção das demandas das mulheres negras tanto no movimento feminista quanto na luta antirracista. Nash ressalta a importância do referido conceito, entretanto também alerta para a forma como as análises interseccionais vem sendo construídas. Segundo a autora, nos estudos de perspectiva interseccional, há uma dependência da identidade da mulher negra.

Nash (2008) pontua, ainda, que há uma dificuldade em se saber se todas as identidades são interseccionadas ou se seriam apenas aquelas colocadas à margem. Entendo que a ênfase nesses sujeitos esteja relacionada ao fato de ter sido a partir deles que, em um primeiro momento, questiona-se o universalismo presente no movimento feminista. A origem do conceito parte, ainda, da reflexão de uma mulher negra sobre esse grupo no qual ela se encontra e considero que isso, de certa maneira, influenciou consideravelmente os rumos das análises interseccionais. Quanto a quais identidades podemos considerar interseccionadas, há um predomínio de identidades de grupos marginalizados, mulheres negras e do sul global, lésbicas e gays negros seriam alguns exemplos. Compreendo que grupos não subalternizados também possam ser pensados por meio de uma análise interseccional, mas os estudos ancorados neles poderiam não nos permitir visualizar como a intersecção é algo que vai também definir as opressões e como os sujeitos lidam com os processos que os colocam à margem da sociedade.

Leslie McCall (2005) considera a interseccionalidade como uma importante contribuição para os estudos feministas, entretanto ela ressalta alguns impasses que a categoria possui. A autora pontua que falta para o estudo das intersecções uma metodologia própria para sua análise. Para ela, é preciso considerar que a construção de uma análise interseccional é bastante complicada devido à complexidade que os sujeitos apresentam. A pesquisadora questiona, portanto, qual seria o limite desse conceito e como as pesquisas que partem das intersecções podem metodologicamente abarcar a complexidade da realidade social. Ao considerar essas dificuldades, ela propõe três abordagens presentes nas pesquisas sobre intersecções. A autora pontua que essas três possibilidades analíticas são tentativas de alcançar a complexidade apresentada pela realidade social.

A primeira abordagem discutida por McCall (2005) é a complexidade anticategorical. Nessa perspectiva, há a desconstrução das categorias analíticas e a autora considera ter sido a

que mais atendeu as demandas colocadas pela complexidade da realidade social, uma vez que entende que as categorias não são fixas e podem ser estabelecidas por meio de variadas determinações. A complexidade intercategorical, considerada como a terceira forma de abordagem pela autora, procura partir de categorias existentes para tratar da desigualdade entre grupos e das transformações ocorridas nas desigualdades. Na complexidade intracategorical, que a autora coloca como segunda proposta por estar entre as duas abordagens apontadas anteriormente, foi onde se estabeleceu o estudo sobre a interseccionalidade. A complexidade intracategorical busca trabalhar com grupos sociais que não foram considerados nas intersecções que cruzam grupos tradicionalmente constituídos, como é o caso das mulheres negras. A discussão colocada por McCall procura pensar sobre os limites e as possibilidades dos estudos interseccionais, ressaltando o quão complexo são os estudos sobre a realidade social.

Por se tratar de um conceito que procura pensar sobre a diferença e como as múltiplas identidades se estabelecem em um determinado grupo social, a interseccionalidade carrega uma enorme complexidade que se reflete na maneira como ela é abordada nos estudos feministas. A esse respeito, Kathy Davis (2008) pontua que há uma imprecisão que permeia os estudos interseccionais, uma vez que eles têm abordado a referida noção ora como teoria, conceito e até mesmo como uma estratégia de leitura para as análises feministas. A autora ressalta que é o caráter de imprecisão e abertura que tem marcado a interseccionalidade e o que a torna como uma possibilidade de sucesso. A partir das proposições de Davis (2008), considero que a perspectiva interseccional, apesar de suas imprecisões teóricas e metodológicas, é uma proposta consolidada no âmbito da teoria feminista, já que não é mais possível pensar as questões de gênero sem se considerar as diferenças que marcam os sujeitos.

Enquanto uma proposta consolidada, ela passa a se tornar interesse de outros campos do conhecimento em que as questões feministas estão presentes como ocorre com a geografia. Desse modo, geógrafas e geógrafos que têm se interessado pelas questões de gênero já começam a trazer a perspectiva interseccional para o contexto de análise geográfica (VALENTINE, 2007; BROWN, 2012; NASCIMENTO SILVA; SILVA, 2014; RATTS, 2003, 2014). Entretanto, Maria Rodó de Zarate (2014) aponta que o interesse da geografia pela interseccionalidade ainda é recente. De acordo com a autora, a análise interseccional nos fornece importantes chaves para se compreender o processo de produção do espaço e considera, ainda, como a dimensão espacial é importante para os estudos sobre as intersecções. Maria das Graças Nascimento Silva e Joseli Maria Silva (2014) destacam que há uma multiplicidade de identidades que são mediadas pelo espaço e tempo que se tornam essenciais para se pensar as

interseccionalidades. As autoras fazem um apanhado sobre essa categoria, ressaltam a presença do feminismo negro e sua importância para a inserção de uma análise interseccional nos estudos feministas. De acordo com Nascimento Silva e Silva (2014, p. 23):

Na década de 80 do século XX, o feminismo negro mostra-se efervescente, fortemente ativo politicamente e com uma rica produção teórica que interferirá na base do movimento como um todo, provocando reflexões sobre os privilégios da raça, classe e, assim, tornando o feminismo cada vez mais inclusivo socialmente. Acima de tudo, o feminismo negro construiu um caminho fértil no sentido de questionar as bases epistemológicas por meio das quais as teorias feministas brancas haviam sido estabelecidas.

As discussões das geógrafas Nascimento Silva e Silva (2014) nos permitem visualizar o papel das mulheres negras na desconstrução do universalismo presente no movimento e estudos feministas. Além de apontarem a contribuição dessas mulheres no processo de inserção da diferença nesse campo, as autoras também discutem como a geografia tem se aproximado da perspectiva interseccional em suas análises sobre gênero.

No contexto da geografia, as discussões desenvolvidas pela geógrafa Gill Valentine (2007) aparecem como fundamentais para a análise interseccional nesse campo do saber. O trabalho da autora é uma das principais referências ao se discutir a interseccionalidade por se tratar de uma reflexão que nos permite vislumbrar como a geografia pode contribuir para compreender como se processam as intersecções. Seu pensamento estabelece de que modo o espaço também faz parte do processo de constituição e demarcação das identidades interseccionadas. Valentine (2007) aponta, também, que a geografia tem se dedicado pouco à esse conceito não pensando como teorizá-lo ou pesquisá-lo. A autora, como outros pesquisadores/as que abordam a interseccionalidade, mencionados anteriormente, pontua a ênfase dada nas análises interseccionais às questões que envolvem as mulheres negras. Michael Brown (2012), no contexto da geografia, também questiona a centralidade que as intersecções de gênero, raça e classe possuem nos estudos que procuram abordar os sujeitos interseccionados. O autor chama a atenção para que os estudos da geografia que objetivam uma análise interseccional possam também considerar a sexualidade. Brown ressaltava, ainda, que, ao se construir uma intersecção a partir da sexualidade, é importante que se considere as identidades raciais.

Acerca das possibilidades de intersecções a serem consideradas, Valentine (2007) pontua que a análise interseccional possa ser construída também a partir de outras identidades como aquelas relacionadas às pessoas portadoras de necessidades especiais. É a partir dessa

perspectiva, que ela aborda como em diferentes espaços as identidades podem ser acessadas ou negadas pelos sujeitos. Para Valentine, o espacial é um importante aspecto que deve ser considerado para se pensar as dinâmicas de sujeitos marcados por identidades múltiplas, pois esse faz parte da constituição das intersecções. Entendo, a partir dos apontamentos de Rodó-de-Zarate (2014), que, ao nos remetermos à metáfora utilizada por Crenshaw (2002), podemos observar a dimensão espacial que a ideia de interseccionalidade carrega. Um corpo marcado por diversas identidades estabelece outra relação com suas espacialidades, uma vez que estas vão se ressignificando de acordo com o cruzamento identitário que o sujeito vivencia. Assim como o corpo, os lugares também são marcados por identidades múltiplas, como na metáfora proposta por Crenshaw, na qual cada via se trata de um eixo de poder em que os sujeitos podem circular. Ao propor a relevância da dimensão espacial para a análise interseccional, Valentine (2007) ressalta a pouca atenção que as ciências sociais, mais presentes nas pesquisas feministas, têm dado ao espaço, negligenciando como essa dimensão faz parte do processo de constituição das intersecções.

Valentine (2007), ao discutir as múltiplas posições identitárias de uma mulher, traça como esse indivíduo, marcado pelas identidades de gênero, sexualidade, deficiência, classe, maternidade, cultural e linguística de surdos, pode exaltar uma ou outra identidade em determinado espaço. No estudo desenvolvido pela autora, a mulher pesquisada quando se encontrava em um grupo de surdos do qual ela participava havia uma forte presença de sua identidade cultural/linguística. Ao iniciar um relacionamento homoafetivo, essa mesma mulher não tem a possibilidade de ressaltar a sua sexualidade nesse mesmo espaço. O que a direciona para outros nos quais esta identidade possa ser acessada sem opressões. O estudo realizado por Valentine (2007) evidencia a complexidade da interseccionalidade e a fluidez das identidades, demarcando as dificuldades para se desenvolver uma análise interseccional que seja capaz de abarcar a realidade social, como propõe McCall (2005).

Considero que a discussão apresentada por Valentine (2007) é importante para que as pesquisas geográficas sobre gênero possam se atentar para a necessidade de uma análise interseccional. Entretanto, aponto ser possível que os sujeitos possam, em um mesmo espaço, acessar suas múltiplas posições identitárias. As mulheres negras, ao acionarem suas identidades de gênero e racial no âmbito do movimento feminista, evidenciam que é, justamente, na intersecção de suas posições identitárias que se constituem suas singularidades espaciais. Essas mulheres acessam uma ou outra identidade de acordo com os lugares em que elas se encontram. Mas, por se tratarem de sujeitos interseccionados, suas espacialidades devem ser também pensadas a partir dessa intersecção, pois se tratam de processos específicos de constituição

desses espaços. Há espacialidades que se estabelecem através das dinâmicas sociais e culturais das mulheres negras, enquanto um corpo constituído por mais de uma posição identitária.

As espacialidades de mulheres negras são marcadas, em grande medida, por relações de desigualdade, nas quais elas são colocadas como um sujeito “inferior” que deve estar subordinado a outro sujeito, que constitui o símbolo dos padrões e das normas de nossa sociedade. Esse outro sujeito pode ser a mulher e o homem branco/o ou até mesmo o homem negro quando reproduz os discursos e práticas sexistas mesmo que questionem o racismo. Também podemos trazer essa reflexão sobre a interseccionalidade para o campo da geografia e pensarmos sobre como a conexão entre estas categorias estão envolvidas nos processos de constituição de espacialidades.

Nesse sentido, em concordância com Alex Ratts (2003), destaco que determinados espaços são pré-concebidos como próprios à mulher negra e suas trajetórias são, portanto, limitadas a esses possíveis lugares. Em decorrência dos discursos e das práticas racistas, o doméstico, por exemplo, é destinado como próprio a ela e é a esse local a que se vincula sua trajetória. A partir desse aspecto, uma mulher negra que rompe com essa perspectiva pode estabelecer outros sentidos para sua trajetória e ressignificar a intersecção gênero, raça e espaço, constituindo outras espacialidades para si. Ao considerar essas especificidades em relação às espacialidades constituídas pela mulher negra, enquanto um corpo interseccionado, abordo a seguir a possibilidade de construção de uma análise interseccional entre gênero, raça e espaço

3.2.1 Nossas espacialidades revisitadas: uma análise interseccional de gênero, raça e espaço

O título desta seção é uma referência ao texto “Nossos feminismos revisitados” de Luiza Bairros (1995). Ao propor tal denominação para as discussões aqui apresentadas, fui ao encontro dos apontamentos realizados por Bairros que expõem a necessidade de um olhar voltado para a diferença no contexto do feminismo e nas lutas das mulheres, considerando as singularidades do cotidiano desses sujeitos. Meu objetivo ao propor “nossas espacialidades revisitadas” segue a mesma linha de análise proposta por Bairros. Sugiro que as espacialidades com as quais nós, geógrafas e geógrafos, lidamos precisam também considerar as especificidades socioespaciais das mulheres negras. Ao iniciar a pesquisa sob a perspectiva interseccional, observei que necessitamos revisitarmos nossas espacialidades, para assim podermos construir uma análise interseccionalizando gênero, raça e espaço.

Os questionamentos sobre a ideia de uma identidade única entre as mulheres reformularam a configuração do movimento e da teoria feministas, uma vez que as mulheres negras inseriram nesses âmbitos suas pautas e demandas enquanto sujeitos que possuem dinâmicas socioespaciais e culturais distintas de outros segmentos no interior de tal movimento. Diante desse processo de reconfiguração, algumas militantes e intelectuais negras apontaram a existência de um feminismo negro, no qual são tratadas as singularidades presentes entre elas. Mercedes Jabardo Velasco (2012) destaca que o feminismo negro emerge entre a luta abolicionista e o movimento sufragista, surge a partir da intersecção entre as lutas antirracista e feminista. A autora coloca que atualmente o que se considera como teoria da interseccionalidade esteve na base de origem do feminismo negro. Acredito que a denominação da luta das mulheres negras como feminismo negro torna-se fundamental para evidenciar que esses sujeitos encontram-se marcados por dinâmicas socioespaciais distintas daquelas em que se encontram mulheres pertencentes a outros grupos étnico-raciais. A existência desse movimento revela que no âmbito da luta de mulheres há diferenças que precisam ser reconhecidas e consideradas.

Compreendo que algumas das discussões desenvolvidas por Patrícia Hill Collins (2012) contribuem para que possamos entender o movimento feminista negro em uma escala que extrapola o território estadunidense. Para a autora, esse movimento tem como papel proporcionar o empoderamento das mulheres em um contexto de opressões interseccionadas. A partir das considerações de Collins (2012), considero que a necessidade desse segmento da luta de mulheres se dá a partir do momento em que se estabelecem a dominação e a subalternização a partir dos marcadores raciais e de gênero. Desse modo, enquanto as desigualdades permanecerem no cotidiano das mulheres negras e a opressão marcar as dinâmicas socioespaciais desses sujeitos, será fundamental a existência de um feminismo negro.

As discussões apresentadas por Collins (2012) ressaltam a necessidade de construção de um movimento que se pautem pelas demandas das mulheres negras, entretanto, a autora destaca que esse não é exclusivo desse sujeito. Mesmo que não se trate de uma luta que deve ser exclusiva de feministas negras, a estudiosa aponta que elas devem ser consideradas como a base para a construção de uma luta de mulheres negras. De acordo com a autora, somente quem vive uma dada realidade e experiencia os efeitos da mesma deve se responsabilizar em um primeiro momento por colocar em xeque essa realidade. No entanto, os questionamentos e as demandas do feminismo negro não precisam ser relevantes apenas para as mulheres negras, uma vez que podem se disseminar entre outros sujeitos tanto da luta feminista quanto antirracista.

Sandra Azerêdo (1994), ao analisar o contexto brasileiro do feminismo, aponta que, até a década de 1990, grande parte da produção sobre gênero interseccionada com a questão racial estava por conta das pesquisadoras negras, como Lélia Gonzalez, Luiza Bairros e Sueli Carneiro. Para a autora, esse processo está relacionado à negligência com que a sociedade brasileira aborda a questão do racismo, não o considerando como um dos aspectos responsáveis pelas desigualdades no Brasil. A partir de tais considerações, ela analisa os problemas de se construir os estudos de gênero a partir de uma perspectiva que coloca a identidade como fixa e homogênea. Para a autora, a questão da diferença é fundamental para se elaborar outra visão sobre a identidade, considerando-a contingente e não estática. Com isso, ela aponta que “[...] essa inspiração para os núcleos no Brasil é extremamente parcial: em nenhum momento as críticas ao racismo que estavam sendo feitas nos Estados Unidos ao feminismo ocidental desde pelo menos 1981 nos serviram de inspiração.” (AZERÊDO, 1994, p. 216). Kia Lilly Caldwell (2000) também destaca que os estudos de gênero no Brasil não estavam pautados pelas diferenças raciais, assim como no contexto estadunidense e canadense. Para a autora, o modo como as questões raciais foram abordadas, no caso brasileiro, através da ideia de uma democracia racial dificultou o processo de inserção da questão étnico-racial no âmbito do feminismo no país.

De acordo com Caldwell (2000), para as mulheres negras, as questões levantadas por um feminismo pautado na vida de outros segmentos raciais não eram suficientes para abarcar seu cotidiano. Assim:

O desencanto com modelos e discursos que estavam sendo desenvolvidos por feministas brancas de classe média levaram as não brancas a usar suas próprias experiências de exclusão e discriminação para desenvolver suas próprias formas de conceituar o gênero e o feminismo. (CALDWELL, 2000, p. 92).

A partir dos apontamentos realizados por Azerêdo (1994) e Caldwell (2000), compreendo que a inserção da questão racial no movimento feminista se deu fundamentalmente a partir das mulheres negras. Gonzalez (1984) pontua que os primeiros questionamentos sobre o lugar desse sujeito na sociedade brasileira estiveram muito vinculados à sua inserção no Movimento Negro. Segundo a autora, a história comum vivenciada por mulheres e homens negras/os de certo modo os aproximaram, uma vez que passaram e, ainda passam, pela experiência do racismo. Ela aponta também que o início de organizações de mulheres negras se deu no contexto desse movimento. Pontuo, a partir das considerações de Gonzalez (1984), que, ao se inserirem na referida luta e se perceberem marcadas pela experiência do racismo, as

mulheres negras diante de um contexto de luta feminista apreenderam que estavam marcadas pela discriminação racial e pelo sexismo. A participação na construção do Movimento Negro possibilitou, portanto, a elas questionarem a centralidade do cotidiano de mulheres de outros pertencimentos étnico-raciais na luta feminista.

No entanto, cabe dizer que esses estudos e reflexões estavam sendo feitos por intelectuais e ativistas negras, a exemplo de Lélia Gonzalez (1935-1994), Beatriz Nascimento (1942-1995), Thereza Santos (1938-2012), dentre outras. A primeira envolvida com os circuitos de organizações feministas e do Movimento Negro possuía como pauta de suas discussões as questões sobre racismo e sexismo. A segunda contribuiu também com a formação do Movimento Negro e pesquisou a organização e constituição dos quilombos. Beatriz Nascimento possui, ainda, parte de sua obra voltada para as artes na qual traz algumas reflexões sobre a condição da mulher negra. Já Thereza Santos foi uma atriz e militante negra que esteve envolvida nas questões políticas do país durante o regime militar e através de sua arte procurou questionar as desigualdades raciais e de gênero (RATTS, 2013; RIOS, 2014).

Ao levarem para o movimento feminista a questão do racismo, as mulheres negras colocaram em evidência que as desigualdades que afetam esses sujeitos não se pautam somente pelo sexismo ou pelo racismo, mas sim, pela intersecção entre esses processos. É nesse contexto que Sueli Carneiro (2003) propõe que se enegreça a luta de mulheres. Essa proposta procura ressaltar a presença das diferenças no âmbito da luta feminista no Brasil. Essa expressão ainda tem como objetivo evidenciar que tal movimento esteve ancorado em uma identidade única, portanto, suas discussões são insuficientes para abarcar as diferenças que marcam uma sociedade plurirracial como é o Brasil. Carneiro (2003, p. 119) aponta que

[...] grupos de mulheres indígenas e grupos de mulheres negras, por exemplo, possuem demandas específicas que, essencialmente, não podem ser tratadas, exclusivamente, sob a rubrica da questão de gênero se esta não levar em conta as especificidades que definem o ser mulher neste e naquele caso. Essas óticas particulares vêm exigindo, paulatinamente, práticas igualmente diversas que ampliem a concepção e o protagonismo feminista na sociedade brasileira, salvaguardando as especificidades.

Ao enfatizar as singularidades que constituem a vida da mulher negra permite-se colocar em discussão os efeitos particulares da subalternização para esse sujeito. Enegrecer o feminismo, como proposto por Carneiro (2003), também nos possibilita visualizar que as espacialidades também se constituem a partir das diferenças. Nesse sentido, também é preciso enegrecer as geografias feministas e colocar em evidência a intersecção entre gênero, raça e

espaço. Aponto ser importante questionar quais são os lugares da mulher negra e de que forma esse sujeito tem produzido suas espacialidades. Para tanto, temos de nos atentar para os processos que produzem as desigualdades no cotidiano delas e as colocam à margem na sociedade brasileira.

Sobre as desigualdades presentes no cotidiano das mulheres negras, Gonzalez (1984) considera que, ao se cruzar raça e gênero, a discriminação tem reflexos intensos em suas vidas, pois, “para nós o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Nesse sentido, veremos que sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular.” (GONZALEZ, 1984, p. 224). A respeito das desigualdades entre homens e mulheres Nadya Araújo Guimarães (2002) também apresenta alguns dados que destacam o fosso existente entre homens e mulheres, considerando o marcador racial. A partir dos dados da autora é possível compreender de que maneira se manifesta a discriminação em torno da mulher negra, que se vê na parte mais inferior das tabelas, uma vez que possuem os piores empregos e os menores salários. Para a pesquisadora, as inscrições presentes no corpo dessas mulheres são aspectos que interferem no processo de qualificação ou não para se desempenhar determinado trabalho. Dessa maneira, entendo que a corporeidade de tal sujeito é encarada para se exercer trabalhos mais manuais e com baixos salários, como é o caso do doméstico e, por isso, não é própria para circular por espaços que extrapolem o âmbito privado/doméstico.

As atividades domésticas aparecem como uma das principais ocupações nas quais as mulheres negras têm se inserido. Essa forte presença nesse trabalho se deve ao fato desse tipo de ocupação não exigir maior formação e se tratar também de um emprego mais manual e informal, como discutido por Lima, Rios e França (2013) no dossiê sobre as condições de vida das mulheres negras no Brasil. As autoras, a partir da consideração de outros estudiosos, apontam que historicamente a inserção da mulher negra no trabalho doméstico se deve ao período da escravidão no qual, na figura da “mucama”, ela esteve muito presente no espaço doméstico. Devido ao pouco acesso à educação, esse trabalho tornou-se como a principal fonte de renda para elas. A inserção intensa nesse ofício e sua relação histórica com ele na condição de “mucama” acabou por tornar o âmbito doméstico, a partir de um pensamento colonial e racista, como um lugar próprio para o corpo feminino negro. Esses são, portanto, impostos como próprios para sua presença, a distanciando de perspectivas que possam colocá-la em outros locais nos quais este sujeito quase não está presente, como é o caso do meio acadêmico.

A inserção da mulher negra no emprego doméstico possibilitou que mulheres pertencentes a segmentos étnico-raciais privilegiados se inserissem no mercado de trabalho,

ocupando funções com melhores condições do que aquelas exercidas pelas mulheres negras. A esse respeito, Gonzalez (1979) aponta que houve uma duplicação do trabalho para elas, uma vez que, antes de ir para a casa da patroa, cuidava dos afazeres em suas próprias casas. Para a autora, o processo de emancipação social e financeira da mulher branca ocorreu através da exploração da mulher negra, uma vez que esta teve de assumir ocupações menos valorizadas social e economicamente. Esse processo reforçou as desigualdades entre essas mulheres e outros grupos sociais e raciais, marginalizando ainda mais esses sujeitos das práticas emancipatórias presentes no movimento feminista.

Sobre essas diferenças entre as mulheres, Conceição Evaristo (2006) aponta que enquanto o feminismo branco estava lutando pelo direito de sair do domínio patriarcal e ganhar o mercado de trabalho, a mulher negra não passou por esse processo, uma vez que ela já enfrentava o mundo do trabalho. Dessa maneira, as opressões e os desejos dela eram outros. Esse aspecto levantado pela autora revela que a relação com o mercado de trabalho também é definida pelas diferenças interseccionadas de gênero e raça. Mais do que uma distinção entre salários, há uma distinção acerca do tipo de função exercida e da inserção no mundo do trabalho que para as mulheres negras não se estabeleceu, historicamente, como uma possibilidade de escolha, mas sim como uma forma de opressão, dominação e subordinação.

Além do espaço doméstico, entendido como âmbito do privado, a mulher negra também se relaciona de maneira distinta nos lugares públicos. No contexto público, ela aparece, muitas vezes, de forma erotizada através da imagem da “mulata”. Essa representação, em muitas situações, é exposta como um aspecto positivo a ser exaltado em relação à corporeidade desses sujeitos. Entretanto, essa ideia somente reproduz a imagem de um corpo estereotipado e hipersexualizado transformado em objeto para atender a um imaginário que extrapola as fronteiras nacionais. Gonzalez (1984) aponta que essa imagem funciona como mais um dos mecanismos do mito da democracia racial que procura ocultar as marcas do racismo na sociedade brasileira. A falsa ideia de valorização da mulher negra através dessa representação é o que reforça o imaginário de que o Brasil é um país no qual não existe problemas de racismo e, portanto, ela é digna de um lugar social de grande visibilidade em momentos específicos, como é o caso do carnaval quando a “mulata” aparece como uma personagem central nesse evento festivo. As considerações da autora são construídas a partir do contexto dos anos 1980, no entanto, ainda é possível observar que esse imaginário prevalece na sociedade brasileira.

Ao abandonar esta imagem de “mulata” é a representação da doméstica que se mantém. Assim, como apontado por Gonzalez (1984), tanto uma como a outra se referem a um mesmo sujeito. Aponto, desse modo, que a mulher negra tem, muitas vezes, sua imagem invisibilizada

quando se encontra no espaço privado e se torna, em algumas situações, um sujeito visível ao se deslocar para o público enquanto “mulata”. Trata-se de uma visibilidade, em grande parte, objetificada e hipersexualizada. Em ambos os contextos espaciais, o doméstico e o público, a mulher negra é colocada como um sujeito a ser explorado para servir aos interesses de outros grupos sociais e raciais.

Apesar da presença mais marcante no trabalho doméstico e da imagem de “mulata”, ela também vem ocupando outros espaços, que não são considerados como próprios. Entre esses outros lugares assumidos está o acadêmico. Algumas mulheres — Lélia Gonzalez, Luiza Bairros, Beatriz Nascimento e Conceição Evaristo são alguns exemplos — ao acessarem o meio acadêmico, puderam se afastar de estereótipos espaciais e raciais. Essas mulheres também se deslocaram para o âmbito do público rompendo com uma imagem estereotipada enquanto “mulata”. A trajetória de ruptura dessas escritoras e intelectuais foi fundamental para a construção teórica do feminismo negro, uma vez que ao acessarem a academia foram possibilitadas a reconstruir os discursos sobre si a partir de suas próprias experiências. Para Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (1998), é fundamental que os estudos que têm como foco a mulher negra se estabeleçam a partir do ponto de vista desse sujeito, uma vez que somente ela pode dizer sobre as opressões vivenciadas por séculos na sociedade brasileira. Não se trata, como apontado, que esses estudos sejam construídos somente por ela, mas esse sujeito e suas experiências devem ser o centro dessas pesquisas.

Os deslocamentos espaciais das mulheres negras muitas vezes são definidos pela sua identidade interseccionada. Compreendo que existem espaços nos quais elas possuem maior liberdade de circulação, enquanto, em outros, encontram mais interdições. Um exemplo, seriam os edifícios localizados em bairros de classe média nos quais essas mulheres se encontram, como moradoras ou como empregadas domésticas. Em muitas situações nesses locais, elas são direcionadas a utilizarem o elevador de serviço, uma vez que seus corpos são vistos como “impuros” devido ao seu pertencimento racial. Essas interdições espaciais evidenciam que certos lugares não devem ser acessados por ela. A situação exemplificada nos permite visualizar quais são os locais definidos pela sociedade para esse sujeito. A presença dessa corporeidade em certas espacialidades é motivo de estranhamento, uma vez que ele é considerado como “inadequado” para estar nesses lugares.

Numa sociedade como a brasileira, na qual a questão racial está muito pautada na interpretação do fenótipo do indivíduo, o corpo assume um papel central na constituição das espacialidades de negros e negras. Desse modo, as marcas de uma identidade negra tornam-se elementos definidores dos locais nos quais esse sujeito pode ou não circular. Considero,

portanto, que a corporeidade dessas mulheres se encontra extremamente vinculada a suas espacialidades. Ao se analisar as dinâmicas socioespaciais de mulheres negras, compreendo que seus espaços são constituídos também a partir da relação estabelecida com seus próprios corpos.

Para constituir essa corporeidade, a mulher negra também se encontra balizada pela memória e pela trajetória socioespacial. Segundo Leda Martins (2003), em sociedades em que a oralidade é marcante, o corpo é onde se estabelece a memória, ele seria o local em que ela se manifestaria. A partir das proposições de Martins, compreendo que não apenas nas sociedades em que a cultura oral se faz mais presente, mas em grupos sociais nos quais a memória funciona como um importante elemento através do qual esse grupo se reconhece e estabelece mecanismos de manutenção de suas práticas culturais, como é o caso das populações negras, em especial as mulheres. Diante das memórias e das trajetórias socioespaciais, elas também desenvolvem práticas que contribuem para a construção de suas corporeidades. É, portanto, sobre a memória e a trajetória socioespacial da mulher negra que estabeleci as discussões do próximo capítulo.

CAPÍTULO 4 — ESPAÇO E MEMÓRIA: A TRAJETÓRIA SOCIOESPACIAL E ESCRIVÊNCIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Este capítulo é construído a partir das categorias memória, trajetória socioespacial e escriturabilidade. Aqui são discutidas as questões sobre espaço e memória, apontando sobre como essa relação é fundamental para se compreender a escrita da autora em foco. Em um segundo momento abordo a ideia de trajetória socioespacial, enfatizando parte do percurso da escritora e como ela se relaciona com o processo de construção de suas obras, em especial aos romances analisados nesta pesquisa. Desta maneira, trago também a questão da escriturabilidade, que se trata de um termo criado pela própria Conceição Evaristo para definir seu processo de escrita.

4.1 Espaços de memória e memória de espaços

Inicio os apontamentos sobre os aspectos memoriais com o poema “Mineiridade” de Conceição Evaristo (1990, p. 29), pois nele encontro aspectos que remetem à memória tanto individual quanto coletiva, uma vez que expõe sentimentos que se associam à lembrança do está em certo lugar com o qual se estabelece uma identidade.

Quando chego de Minas
 Trago sempre na boca um gosto de terra.
 Chego aqui com o coração fechado,
 um trem esquisito no peito.
 meus olhos chegam divagando saudades,
 meus pensamentos cheios de uais
 e esta cidade aqui me machuca
 me deixa maciça, cimento
 e sem jeito.
 Chegando de Minas
 trago sempre nos bolsos
 queijos, quiabos babentos
 da calma mineira.
 É duro, é triste
 ficar aqui
 com tanta mineiridade no peito.

Compreendo que a memória é como esse poema, pois ela se relaciona com as dinâmicas e com as vivências do sujeito. Ao buscar adentrar nas lembranças de um indivíduo ou grupo social, encontramos impasses que vão desde as dificuldades do próprio sujeito em entrar em contato com suas próprias recordações até ao entendimento do que se trata o aspecto memorial.

As pesquisas sobre os elementos memoriais estão muito presentes no campo da História, no entanto eles também são foco de interesse de outros saberes como a Antropologia e a Psicologia, por exemplo. Na Geografia, não tem sido diferente e geógrafas e geógrafos também vêm construindo estudos que procuram abordar a dimensão memorial e relacioná-la com a produção do espaço. Ao inseri-la como um aspecto a ser considerado na constituição de espacialidades, as pesquisas geográficas têm a possibilidade de entender os processos de produção espacial através das vivências e das experiências do indivíduo ou do grupo social. Compreendo que ela pode ser abordada como um recurso que permite ao sujeito constituir suas corporeidades e espacialidades e, por isso, recorrer a memória torna possível entender as dinâmicas socioespaciais que marcaram a história de coletividades e indivíduos.

Os estudos sobre as questões memoriais se preocupam em estabelecer uma base teórico-metodológica que seja capaz de abarcar a complexidade que elas possuem. Para a construção deste trabalho o interesse é compreender como se dão os processos memoriais e quais as dinâmicas socioespaciais que contribuíram para que fosse possível estabelecer um conjunto de memórias que são fundamentais para entender a trajetória do indivíduo ou do grupo social. Analiso como o aspecto memorial se coloca no processo de constituição da trajetória socioespacial de Conceição Evaristo e, ainda, como este está, de alguma forma, mesmo que recriado, imbricado na construção das narrativas literárias dos romances estudados.

De acordo com Paul Connerton (1999), há certa dificuldade em se construir uma teoria da memória em decorrência da diversidade de abordagens que podem ser realizadas. O autor pontua, ainda, que há tipos que ficam à margem dos estudos sobre esse conceito e poucas são as suas discussões, como é o caso daquela compreendida como um fenômeno social. Ao partir dessa perspectiva, ele compreende que existam três tipos. Uma que estaria mais relacionada ao indivíduo e aos processos que marcaram a sua trajetória. O segundo tipo refere-se ao aspecto cognitivo que ela possui, como os processos de recordar textos, resultados e a organização espacial de um bairro. O terceiro está relacionado com ações que aprendemos e podemos reproduzir posteriormente, como o ato de dirigir, contar ou ações mais simples do nosso cotidiano. Esse tipo é denominado como memória-hábito, que, para o autor, também é deixada à margem.

Ao considerar as proposições de Connerton (1999), ressalto que é a memória enquanto um fenômeno social que me interessa. Desse modo, as discussões aqui construídas estão ancoradas na perspectiva que a considera como um processo social e que está relacionada com os fatos e as situações que estiveram presentes em nossa trajetória e somos capazes de reproduzi-los através de nossas recordações. Ao entendê-la como um fenômeno social, ela pode

ser apreendida enquanto coletiva e individual, portanto, abordo essas possibilidades de sua compreensão, considerando o contexto e os objetivos desta pesquisa.

A primeira ideia que nos vem à cabeça quando nos referimos à memória está relacionada ao seu entendimento enquanto algo que faz referência ao passado. Em muitas situações, utilizamos a expressão “busque na sua memória” como uma maneira de fazer com que alguém se recorde de algum fato que tenha vivenciado. Essa referência ao passado se deve ao entendimento de que ela somente pode fazer sentido se estiver referenciada àquilo que vivemos em outros tempos. Nessa perspectiva, ela é entendida apenas como um depósito das lembranças. A esse respeito, Ulpiano de Meneses (1992) ressalta que tal entendimento cumpre a função de colocá-la como algo já definido e que pode ser transposto para o presente. Ressalto, a partir das discussões do autor, que ela não deve ser apreendida como algo estabelecido somente a partir dos fatos do passado e que recorrer a ela não pode ser entendido como uma forma de buscar informações e registros precisos sobre fatos e situações pretéritas.

Noberto Luiz Guarinello (1994) também discute os processos envolvidos na produção da memória e ressalta a sua relação com o passado e com o presente. Para o autor, ela é algo que guarda os fatos do passado, no entanto, não está pronta e acabada, deve ser entendida a partir da sua relação com o que passou, onde se estrutura a sua base, mas pode ser restabelecida e reconstituída diante das experiências presentes. Nesse processo, um fato ocorrido pode ser lembrado, mas esse pode ser ressignificado a partir do contexto presente em que o sujeito se encontra inserido. Compreendo que esse seja um dos seus principais aspectos: permitir que os sujeitos possam refazer os sentidos das situações vivenciadas no passado e até mesmo transformá-los em mecanismos de ruptura com imaginários e estereótipos. Assim, “[...] a memória é uma reflexão sobre a mudança, como dimensão do tempo das sociedades humanas, uma tomada de consciência sobre a produção da diferença, uma negação do mesmo pelo reconhecimento de sua inevitável transformação em outro.” (GUARINELLO, 1994, p. 188/9).

Em *Memória em preto e branco: olhares sobre São Paulo*, de Teresinha Bernardo (1998), podemos perceber essa relação entre passado e presente. No livro, a autora traz os relatos pessoas idosas, homens e mulheres, negros e negras, descendentes de italianos e italianas, sobre a cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX. Através das lembranças, as mulheres e homens entrevistados pela pesquisadora relatam como era a cidade e suas dinâmicas socioespaciais. Em algumas recordações das mulheres, muitas vezes, ao se lembrarem de determinada situação, elas estabeleciam outros sentidos para si.

Nessa tentativa de definição do que é a memória, há também uma constante preocupação em distingui-la em coletiva e individual. Entendida como um fenômeno social, ela pode ser

estabelecida pelas vivências e experiência do indivíduo quanto de um grupo social qualquer. O que um indivíduo produz enquanto aspecto memorial pode ser utilizado na constituição de um outro coletivo. O inverso também pode se estabelecer, já que o individual pode ser construído considerando as experiências do sujeito enquanto parte de uma coletividade.

David Lowenthal (1998) aponta o caráter de complementaridade existente entre a memória coletiva e individual. Para o autor, à medida que o indivíduo recorda dos fatos passados, há uma aproximação com as situações vivenciadas pelo grupo e, assim, aos poucos, torna-se mais difícil distinguir o que se refere ao coletivo e o que diz respeito ao individual. Ao buscar os elementos memoriais de Conceição Evaristo, por exemplo, em muitos momentos percebo os laços entre aquilo que está vinculado a uma experiência individual e o que está relacionado aos acontecimentos passados do grupo social do qual ela faz parte. Quando a escritora relata situações e fatos que mostram o lugar de onde ela fala, enquanto mulher negra, ela está estabelecendo uma relação entre a memória individual e coletiva. Segundo Lowenthal (1998), há uma necessidade de construir uma conexão entre elas. Essa necessidade de vínculo entre ambas pode funcionar como uma maneira de não deixar dúvidas de que determinado fato ocorreu. Sugiro, assim, que recorrer a ela é um modo de corroborar com as recordações pessoais.

Os aspectos memoriais coletivos e individuais compõem as discussões desse trabalho, uma vez que contribuem para a compreensão do conceito de trajetória socioespacial. Para Maurice Halbwachs (2003), a memória individual é um aspecto de difícil apreensão, pois não podemos dimensionar até que ponto uma recordação é estabelecida a partir das experiências do indivíduo ou do que ele vivenciou enquanto membro de um grupo. Segundo o autor é difícil pensar que nossas ações não estejam de algum modo influenciadas por fatores externos e que por isso esteja vinculada ao coletivo, mas, ao mesmo tempo, não temos condições de dizer se uma determinada situação passada seja originada a partir do indivíduo e não do grupo. Halbwachs (2003, p. 70) explica que:

A cada uma dessas influências, concebemos que uma outra se oponha, acreditamos que nosso ato é independente de todas essas influências, ainda que não esteja sob a dependência exclusiva de nenhuma delas. Então nos damos conta de que na verdade ele resulta de seu conjunto e está sempre dominado pela lei da causalidade. Aqui, da mesma forma, como a lembrança reaparece em função de muitas séries de pensamentos coletivos emaranhados e porque não podemos atribuí-la exclusivamente a nenhuma, imaginamos que é independente delas e contrapomos sua unidade à sua multiplicidade.

De acordo com o autor, a coletiva refere-se às lembranças de um grupo social e é constituída a partir das recordações individuais e das situações por ele vivenciadas. A memória da população negra, por exemplo, é constituída através das experiências de cada pessoa negra. Também existem grupos negros diferenciados: urbanos, rurais, quilombolas, masculinos, femininos, religiosos, culturais, etc. que constituem outras lembranças coletivas no interior de uma mesma coletividade.

Para Guarinello (1994), a memória coletiva também deve ser considerada como um mecanismo de poder, uma vez que por ela é possível definir aspectos que permitam estabelecer vínculos entre os membros desse grupo. Nesse sentido, o autor pontua que ela é um campo de conflito no qual os grupos disputam o poder de lembrar e esquecer determinados fatos passados. Essas disputas memoriais muitas vezes são estabelecidas somente pelos discursos, mas podem também ser constituídas através da paisagem.

Além de uma produção de discursos organizados em torno de acontecimentos e de grandes personagens, os rastros desse trabalho de enquadramento são os objetos materiais: monumentos, museus, bibliotecas etc. A memória é assim guardada e solidificada nas pedras: as pirâmides, os vestígios arqueológicos, as catedrais da Idade Média, os grandes teatros, as óperas da época burguesa do século XIX e, atualmente, os edifícios dos grandes bancos. (POLLACK, 1989, p. 10).

Quando um certo discurso sobre a dimensão memorial de um grupo é colocado à margem da sociedade também o está excluindo. Por isso, para ele, a divulgação de suas lembranças é fundamental para se tornar visível. Em relação à paisagem sugiro que pensemos na construção de monumentos que homenageiam determinados sujeitos. Em muitas cidades, os monumentos relacionados aos grupos subalternos são negligenciados ou aparecem, porém, com menor importância para determinado local. Há, desse modo, uma disputa de memórias no espaço.

Negros e negras, ao longo da história da sociedade brasileira, foram obrigados a guardarem seus elementos memoriais, já que estes não foram considerados como fundamentais para a construção da sociedade. Assim, aspectos que ligam a memória nacional a do grupo negro foi esquecida e, ao ser lembrada, era colocada em uma condição de inferioridade, e resultava em imagens e discursos negativos. Esse processo está relacionado ao que Michael Pollack (1989) discute sobre a dimensão memorial, esquecimento e silêncio. Para o autor, as memórias que são excluídas e marginalizadas são denominadas como subterrâneas, pois é esse o lugar que a elas são delegados na sociedade. Ele considera que existe no processo de lembrar

silêncios que acabam nos levando para o esquecimento. Se não há referência a certos elementos memoriais, eles passam a não ser lembrados e, gradualmente, são esquecidos e até mesmo considerados como se nunca tivessem existido.

As memórias subterrâneas são silenciadas pela valorização de uma outra considerada oficial que tem o papel de contribuir na constituição da identidade nacional. Ressalto que o elemento memorial oficial que se pretende colocar em evidência é aquele que exalta e qualifica a imagem da nação e que segue os padrões de uma hegemonia branca e ocidental presente na sociedade. As lembranças de fatos que desqualificam a representação da identidade nacional são deixadas na zona do “não dito”, como explica Pollack (1989). A esse respeito, entendo que a imagem do Brasil como um país de democracia racial foi construída a partir de muitos “não ditos”, nos quais a dominação e a subjugação de negros e indígenas, como resultado e também resultando nas práticas racistas, são ocultadas como se não integrassem a sociedade brasileira.

Essa construção da memória oficial pode ser colocada em xeque por aqueles que têm seus elementos memoriais silenciados, questionando não somente a ausência deles nas recordações oficiais, mas também interrogando os “não ditos”, expondo as contradições e retirando o que estava soterrado na fronteira do esquecimento. No entanto, estabelecer essa ruptura é um trabalho complexo, uma vez que aquela dita oficial é organizada e procura não deixar vestígios de seus silêncios (POLLACK, 1989), tornando as contradições quase que imperceptíveis para a sociedade. Todo esse processo é revelado nas disputas e pelos espaços que os guardam.

Essas disputas são estabelecidas num processo de constituição de identidades no qual a memória é fundamental. Aponto não ser possível para um grupo forjar suas identidades sem ter contato com a dimensão memorial construída por ele. Lucília de Almeida Neves Delgado (2003) considera que a memória permite que se encontre as possíveis narrativas de um grupo. Entendo que essa proximidade com a origem é uma maneira de configurar discursos que possam resultar em certa unidade entre os indivíduos. Como o aspecto memorial é fluido e não é algo pronto e acabado ao se buscar as referências primordiais através dele, tem-se a possibilidade de reformulação e reconstituição das narrativas que explicam o grupo.

De acordo com Delgado (2003), as narrativas são importantes mecanismos para a constituição de identidades tendo a memória como a base desse processo. Tanto as fontes escritas quanto orais permitem que as recordações sejam passadas, possibilitando estabelecer aspectos que contribuem para a construção identitária. Entendo que as narrativas literárias também se inserem nesse processo, já que por elas podem ser transmitidos aspectos memoriais. A literatura negra apresenta também essa possibilidade de contribuir para que as identidades

negras sejam constituídas e, ainda, ressignificadas. A memória, portanto, emerge nestas narrativas literárias como uma espécie de suporte que fornece as bases para constituir identidades.

Márcia Mansor D'Aléssio (1998) também pontua que as identidades são constituídas a partir dos aspectos memoriais. Segundo a autora, as identidades construídas através das memórias subterrâneas funcionam como um instrumento que coloca em xeque a existência de uma outra universalizada, como é o caso da nacional. Como proposto por Halbwachs (2003), não existe somente uma única dimensão memorial, mas há várias assim como grupos sociais. D'Aléssio (1998) aponta que, ao serem evidenciadas, as subterrâneas podem permitir que se negue a existência daquela outra considerada universal e demarcar que elas são múltiplas. Assim são estabelecidos conflitos e disputas que objetivam possibilitar a emergência de uma multiplicidade de grupos sociais.

A memória se configura como uma das dimensões que permitem ao sujeito estabelecer sua trajetória considerando suas experiências e vivências passadas e, também, presentes. Na construção dessa trajetória, o espacial também constitui outra dimensão a ser ressaltada. Sobre essa relação, Jörn Seemann (2002/2003) afirma que as recordações são estabelecidas nos lugares e que dependem dele para serem acionadas, além de apontar que não é possível pensar na produção de um sem o outro. Segundo Seemann, essa intersecção pode ser apreendida através de outras categorias utilizadas pela geografia, como território e paisagem. O autor aponta que essas categorias, por serem menos abstratas e comporem uma dimensão mais próxima da realidade dos sujeitos, possibilitam compreender como a memória está marcada pela espacialidade.

De acordo com Pierre Nora (1993), o elemento memorial pode ser estabelecido a partir dos lugares que são responsáveis por demarcar a presença de situações e acontecimentos passados. Para ele os locais de memória não possuem somente uma dimensão material, mas são também marcados pelo simbólico. O autor pontua que essas dimensões se dão simultaneamente, pois a um mesmo espaço de memória podem ser atribuídos sentidos distintos. Assim:

Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o exemplo extremo de uma significação simbólica, é ao mesmo tempo o recorte material de uma unidade temporal, e serve, periodicamente, para uma chamada concentrada da lembrança. (NORA, 1993, p. 21/22).

Esse caráter simbólico permite que sejam significadas as recordações de um grupo a partir dos locais por onde se estabelecem suas memórias. Acerca da relação entre lugares e memória, Pollack (1992) aponta que existem locais que nos remetem a determinadas lembranças e que estiveram ligados a algum fato ou acontecimento de determinado momento da trajetória do indivíduo e também do grupo social. Para o autor, muitas vezes, são os lugares que permanecem na memória, mas não é mantida a referência temporal dessa experiência espacial. Pollack pontua ainda que há locais que se relacionam a uma dimensão memorial mais pública, como é caso dos monumentos e de edificações que guardam as lembranças de momentos e fatos específicos da história. A partir das discussões de Nora (1993) e Pollack (1992), compreendo que certos espaços podem ser vistos como um instrumento capaz de ativar as recordações individuais e coletivas. Quando o sujeito constrói seus aspectos memoriais através da sua relação com um determinado local, aponto que esse é um processo de produção da memória pelo espaço. Mas também pontuo que a imagem estabelecida de um lugar e a sua ressignificação por meio da lembrança é o resultado da produção espacial pelos elementos memoriais. Se um bairro no qual moramos durante um dado período é capaz de ativar as recordações das experiências que ali tivemos, compreendo que há aí um processo de produção destas através do lugar. Ao mesmo tempo, podemos a partir da memória produzir as espacialidades nas quais estamos inseridos e que estivemos presentes em outro período.

Olga Simson (2003) também aponta que os lugares de memória são onde podem ser estabelecidas as lembranças de uma coletividade. Para a autora, há um vínculo com grupos dominantes e, portanto, os locais da memória são os monumentos, arquivos, museus e, ainda, a literatura. Segundo a pesquisadora, a subterrânea não está expressa nesses lugares nos quais se encontram a oficial, que para ela é considerada somente como coletiva. A memória subterrânea também possui seus espaços em que ela pode se manifestar. Mesmo que essa não tenha uma centralidade na construção de monumentos que expressem as recordações de uma sociedade, de algum modo elas aparecem. Para a população negra, existem locais que representam os aspectos memoriais desse grupo, como é caso dos territórios quilombolas e da produção literária negra. Ambos expressam e fazem referência a processos e a experiências passadas vivenciadas por negras/os, por isso são lugares memoriais subterrâneos.

Sobre essa relação entre espaço e memória, é importante considerar que a produção espacial pode ser distinta para os grupos sociais mesmo que se encontrem em um mesmo lugar. A esse respeito, recorro novamente ao trabalho de Teresinha Bernardo (1998), no qual, a pesquisadora através das lembranças de seus sujeitos, mulheres e homens negras/os e brancas/os, expõe como a cidade de São Paulo não era a mesma para esses grupos. Os relatos

desses sujeitos nos indicam como diferentes memórias produzem olhares distintos sobre um mesmo local. Para as mulheres negras, a capital paulista é encarada como a cidade escura, mas também é considerada como a cidade do progresso para as mulheres brancas descendentes de italianos.

Para Halbwachs (2003) o espaço é essencial na produção da memória coletiva, pois ele possibilita que sejam mantidas as experiências passadas de um grupo. O autor aponta que

[...] não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem umas às outras, nada permanece em nosso espírito e não compreenderíamos que seja possível retomar o passado se ele não estivesse conservado no ambiente material que nos circunda. É ao espaço, ao nosso espaço — o espaço que ocupamos, por onde passamos muitas vezes, a que sempre temos acesso e que, de qualquer maneira, nossa imaginação ou nosso pensamento a cada instante é capaz de reconstruir — que devemos voltar nossa atenção, é nele que nosso pensamento tem de se fixar para que essa ou aquela categoria de lembranças reapareça. (HALBWACHS, 2003, p. 170).

O autor assinala, ainda, que a relação do grupo com o lugar não permanece a mesma, pois ela pode ser alterada diante de determinadas situações. Um grupo, ao ser retirado de seu local e ser direcionado para outro, transforma suas relações com seu antigo lugar de moradia. Os processos de remoção de vilas e favelas são exemplares para o caso em foco, pois, ao ser retirada de seu espaço, a população que ali vivia ao retornar àquele ambiente irá percebê-lo de maneira distinta, ressignificando as recordações que possui.

Apesar do espaço “arquivar” as memórias de um grupo devido a sua estabilidade, como propõe Halbwachs (2003), entendo que ele também se transforma, no entanto, estas mudanças não impossibilitam que um dado lugar seja capaz de acionar as lembranças. Assim, mesmo que ele esteja modificado ou até mesmo não mantenha muitos dos aspectos que o constituíam, o espacial ainda permite que o grupo ou o indivíduo se lembre de acontecimentos e das experiências que teve ali. Esse processo pode ser observado no âmbito da migração, pois, para o migrante retornar ao seu antigo lugar, mesmo que este não apresente as mesmas características e dinâmicas, é a possibilidade de ativar a sua memória e de reconstruir sua relação com esse espaço. A constituição das identidades do migrante depende, portanto, dessa relação entre os diferentes locais por onde ele circula e a memória que ele constrói a partir de seus deslocamentos.

Os movimentos diaspóricos também permitem observar como se dá a relação entre espaço e memória, já que o sujeito em diáspora procura constituir a sua identidade através dos elementos memoriais referentes ao antigo lugar. Paul Little (1994) considera que, no processo

de diáspora, o local anterior é mantido inalterado na lembrança e há uma necessidade de reencontrá-lo. O autor pontua ainda que certos acontecimentos podem permanecer esquecidos, mas, de acordo com os interesses do grupo, eles podem ser acionados para se voltar à antiga espacialidade. Dessa maneira, para Little (1994, p. 12), a memória pode ser a possibilidade de “[...] se apoderar do espaço perdido.” O autor ressalta que esse processo pode ser diferente para outros movimentos diaspóricos, como é o caso dos povos africanos. Ele aponta que, em relação à diáspora africana, podem ser observados dois processos. Um que estaria vinculado ao desejo de retorno ao território perdido e outro que se pauta pela necessidade de constituir outras identidades a partir do novo local em que se encontram. Na segunda possibilidade, a memória é fundamental, uma vez que por ela é possível ao sujeito em diáspora ressignificar suas experiências a partir de acontecimentos passados.

As espacialidades de negras e negros têm passado por reconfigurações e ressignificações através também da memória, como podemos observar no movimento quilombola. Desse modo, utilizam-se dela como uma das possibilidades de construção do quilombo e de ressignificação do que é ser quilombola. Outros lugares produzidos pela população negra também são marcados pelo aspecto memorial, como é o caso dos quilombos e dos terreiros de candomblé.

As trajetórias dos sujeitos estão marcadas por essa relação entre espaço e memória. Os deslocamentos e os percursos realizados, seja pelo indivíduo ou por um grupo, alicerçam-se no elemento memorial e nas espacialidades com as quais tiveram contato. Dessa maneira, entender a trajetória de indivíduos e coletividades torna necessário o entendimento de como se relacionam os lugares e a memória. A trajetória socioespacial pode ser entendida por essa relação, já que esses aspectos são indissociáveis e se complementam. No próximo subcapítulo, abordo, portanto, como pode ser constituída a trajetória socioespacial e como esse conceito pode ser apreendido pela ciência geográfica.

4.2 Trajetória socioespacial

Nosso cotidiano é marcado por uma série de deslocamentos e percursos que muitas vezes não nos damos conta de como eles estão relacionados com a constituição de nossa identidade e de nossa relação com os espaços. A pressa diária e o constante deslocar-se por determinados lugares torna-se um hábito e com esses deslocamentos, muitas vezes, não percebemos como eles interferem na nossa vida. Não somente esses percursos diários influenciam na construção de nossas corporeidades, mas também os deslocamentos mais esporádicos ou aqueles que fazemos quando migramos para outra cidade, estado ou país. Se

não nos atentamos para esses deslocamentos, também não nos damos conta de como o espaço marca esse processo e como ele interfere no estabelecimento dos percursos que seguimos. Esses deslocamentos e percursos fazem parte da trajetória do indivíduo ou do grupo. Porém esta não é construída no vazio, pois é demarcada pelos lugares por onde o sujeito circula e os quais rememora.

A trajetória socioespacial pode ser entendida como os deslocamentos realizados pelo sujeito considerando o espaço nesse processo, pois ele influencia e condiciona as práticas e dinâmicas de modo a ser fundamental no percurso construído (CIRQUEIRA, 2010; MACHADO, 2011; FILEMON, 2011; SOUZA, 2007; LOPES, 2008). Desse modo, as experiências por ele vividas, as práticas sociais e culturais que ele agrega em seu cotidiano são aspectos que fazem parte da construção de sua trajetória. Há ainda de se considerar que, nesse processo, a dimensão espacial entrecruza os deslocamentos realizados pelo sujeito e influencia nos modos como ele vai construir sua trajetória, por isso a importância em se falar em trajetória socioespacial. Sobre esse aspecto Lorena Souza (2007) aponta que através da trajetória é possível compreender não apenas os deslocamentos espaciais, mas também os processos e dinâmicas presentes no cotidiano dos sujeitos. Assim, ao se analisar a trajetória socioespacial de mulheres negras, podem ser apreendidos os efeitos do racismo e do sexismo, a importância da representação positiva sobre a negritude, os limites e possibilidades vivenciados por esse sujeito e a constante necessidade de desconstruir os imaginários sobre si.

Pierre Bourdieu (2006, p. 189, grifo do autor) aponta que os estudos a partir da perspectiva da história oral consideram que a trajetória se constitui em uma “[...] série de *posições* sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações.” O autor ressalta, porém, que a trajetória não pode ser considerada como essas posições sucessivas, pois ela não é estabelecida de maneira linear seguindo uma ordem cronológica. Para Bourdieu, é preciso entender que há relações que se estabelecem além do próprio sujeito e estas devem ser consideradas. Suely Kofes (2001) contrapõe os apontamentos de Bourdieu ao considerar que a trajetória pode ser estabelecida a partir do sujeito. Para a autora, ela pode ser construída através das histórias do indivíduo de forma coerente e com sentido.

A trajetória é constituída por dinâmicas e práticas sociais, culturais e espaciais que o sujeito estabelece ao longo de sua vida. A reconstituição dessa, no entanto, não é construída de forma coerente e precisa, uma vez que há nesse processo esquecimentos e silenciamentos. Aliás, para entendermos a trajetória, é preciso considerar também a memória, já que esta permite ao sujeito compreender os deslocamentos e percursos traçados em sua vida.

Para entender a ideia de trajetória socioespacial, recorro ao pensamento de Doreen Massey (2006), pois ele destaca que a dimensão espacial demarca nossos percursos e deslocamentos se constituindo em um aspecto fundamental de nossas práticas e dinâmicas cotidianas. Massey (2006) utiliza-se de seu deslocamento diário para nos apontar como o espaço interfere em sua trajetória e que o seu deslocar também provoca alterações nesse. Dessa maneira, não é somente a trajetória do sujeito que se modifica, mas também o lugar é modificado, já que ele não está pronto e acabado. Massey (2004) aponta que há uma coexistência de histórias e espacialidades que entendo serem responsáveis pela produção de uma multiplicidade de trajetórias que coexistem em uma mesma espacialidade.

Diogo Marçal Cirqueira (2010) propõe que, na construção da trajetória, não há somente uma dimensão social, mas que ela é também marcada por uma dimensão espacial. Para o autor, ao se deslocar, o sujeito experiencia e vivencia uma série de espacialidades que irão influenciá-lo em sua vida. Cirqueira aponta, ainda, que o entendimento da trajetória socioespacial exige que se compreenda a relação entre os vários lugares por onde o sujeito circula, além de considerar as relações sociais e os vínculos com outros indivíduos e grupos. A trajetória socioespacial pode ser entendida, portanto, como uma sucessão de espaços e relações sociais nas quais o sujeito se encontra. Dessa maneira:

Em linhas gerais, a trajetória socioespacial envolve a história de vida dos indivíduos, suas experiências dentro de uma temporalidade e uma espacialidade que não possuem uma constituição linear ou contínua. A importância da espacialidade se faz na medida em que as experiências não se dão no nada e, muitas das vezes, os lugares demarcam momentos e limites dessas trajetórias, firmando-se como referências experienciais simbólicas e materiais para o indivíduo. (CIRQUEIRA, 2010, p. 43).

A ideia de trajetória socioespacial está ancorada na compreensão de que o espaço marca as experiências dos sujeitos e, portanto, se torna uma dimensão fundamental nas suas vidas. Para Orley Olavo Filemon (2011), há uma forte relação entre a trajetória de vida e o lugar no qual se vive. O autor chama a atenção também para a influência da corporeidade nesse processo, pois ela está relacionada com a constituição das espacialidades que, por conseguinte, interfere na trajetória do sujeito e certas espacialidades são definidas socialmente como impróprias para determinados indivíduos e corporeidades, como mulheres e negros.

Ao se deslocarem e se apropriarem desses espaços interditos, negras/os e/ou mulheres estão ressignificando não somente as trajetórias individuais, mas também as de toda uma

coletividade. Desta forma, as espacialidades nas quais esses sujeitos se encontram também se reconfiguram.

No processo de construção da trajetória socioespacial, está sendo também constituída a identidade, pois os deslocamentos realizados pelo sujeito influenciam na forma como elas são estabelecidas. A trajetória socioespacial possibilita, através da relação com o *outro*, instituída a partir dos deslocamentos por diferentes espacialidades, que o sujeito constitua suas identidades. Trata-se de um processo em constante refazer, já que as identidades são fluidas e contingentes. Ao migrar para outra cidade, por exemplo, o indivíduo refaz sua relação com seu antigo lugar e com suas memórias e é influenciado por novas dinâmicas e práticas espaciais, sociais e culturais, refazendo, em parte, sua identidade.

Por sua vez, a construção identitária permite ao indivíduo definir suas trajetórias socioespaciais, já que, de acordo com suas referências, ele pode deslocar-se por certos espaços e não outros. A ressignificação e a valorização que negras e negros estabelecem de suas identidades os conduz a optarem por se relacionarem com uma dada espacialidade que reforce seu processo de ressignificação identitária.

Em síntese, a trajetória socioespacial é estabelecida por meio da memória, dos referenciais identitários e da espacialidade. Considero que esses aspectos são estruturantes da trajetória de qualquer indivíduo. Conceição Evaristo tem sua trajetória socioespacial marcada pelas suas memórias em relação a seu cotidiano na cidade Belo Horizonte (MG), à sua identidade de mulher negra e de escritora e às suas espacialidades definidas através dos deslocamentos espaciais por ela experienciados. Dessa maneira, o que Conceição Evaristo define como *escrevivência* é o resultado desse processo. A ideia de *escrevivência* construída pela escritora está relacionada às suas experiências e aos seus deslocamentos espaciais que constituem a sua trajetória e é discutida no próximo subcapítulo.

4.2.1 *Escrevivência*: a escrita da trajetória socioespacial de Conceição Evaristo

A nossa *escrevivência* não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa grande’ e sim para incomodá-los em seus sonos injustos. (Conceição Evaristo, 2015, s/p.).

As experiências vivenciadas ao longo da vida são demarcadoras das identidades do sujeito e por elas podem também ser constituídas diferentes espacialidades. Essas experiências podem, logo, influenciar significativamente nas dinâmicas sociais, espaciais e culturais de

grupos e indivíduos. A trajetória socioespacial é o agrupamento seletivo de experiências vivenciadas e dos processos que elas desencadeiam, é dessa maneira, responsável pela nossa forma de interpretar o mundo e nele interferir, ainda que limitadamente.

A escrita tem sido posta como um mecanismo de mobilização através do qual mulheres e homens negras/os têm reelaborado a história de seu grupo racial, partindo de seu próprio olhar. Ressalto nesse processo a escrita desenvolvida pelas mulheres negras que, como discutido no primeiro capítulo desta tese, tem possibilitado a esses sujeitos reconstruírem os discursos sobre si e estabelecerem um contradiscurso capaz de romper com as imagens estereotipadas a ela vinculadas. A escrita para essas mulheres não é luxo, como discutido por Audre Lorde (2003), mas sim, um meio de resistir e existir como propõe Ratts (2015). De acordo com o autor, ao discutir a poesia de Beatriz Nascimento, há uma busca da existência pela palavra “[...] não como algo utilitário ou essencial, mas como uma procura incansável pelas várias formas de nomear, tangenciar ou alcançar os corpos humanos e os corpos celestes invisibilizados pelas opressões e pelas dores que embotam o dizer, o falar, o descansar, o estar bem.” (RATTS, 2015, p. 133). Nesse sentido, a escrita para as mulheres negras é a construção de um existir que permite que corpos até então invisíveis se tornem visíveis e ressignificados.

A escrita das mulheres negras é marcada pelas suas trajetórias socioespaciais e, portanto, as narrativas construídas estão ancoradas nas suas experiências. Esta dimensão se torna um ponto de partida para construir seus textos. Esse é o processo vivenciado por Conceição Evaristo, que, através de sua trajetória, estabelece as histórias presentes em sua literatura. Essa forma de construção das narrativas literárias foi definida pela escritora como *escrevivência*, já mencionada nesta tese, que pode ser entendida como a escrita de suas vivências ou, ainda, como a escrita de sua trajetória socioespacial.

A ideia de *escrevivência* está relacionada com a produção de uma escrita que se baseia na trajetória socioespacial da escritora, uma vez que para seus textos ela leva elementos que fazem parte de sua vivência e de suas memórias enquanto mulher negra. Amanda Crispim Ferreira (2013) aponta que a produção literária a partir da *escrevivência* é construída através daquilo que é vivido e experimentado pela escritora. No entanto, Ferreira ressalta que não se trata somente de narrar as experiências enquanto indivíduo, mas sim como uma coletividade. O que Conceição Evaristo cria por meio de seus deslocamentos socioespaciais não é experienciado por ela somente como um indivíduo e sim como parte de um coletivo que são determinadas mulheres negras, uma forma de expor as experiências de subalternidade e resistência desse sujeito. Entendo, ainda, que a *escrevivência* é a possibilidade de existir pela palavra, como proposto por Ratts (2015).

Fernanda Felisberto da Silva (2011) aponta também que a *escrevivência* é um conceito que se relaciona com as vivências de Conceição Evaristo enquanto mulher negra. No entanto, o ato da *escrevivência* não é autobiográfico, mas sim a escrita a partir das experiências individuais encaradas como coletivas e parte de um grupo. Para Conceição Evaristo, a escrita é a possibilidade de ruptura com o silêncio que por séculos emudeceu mulheres e homens negros/os. A escritora explica:

Gosto de escrever, na maioria das vezes dói, mas depois do texto escrito é possível apaziguar um pouco a dor, eu digo um pouco... Escrever pode ser uma espécie de vingança, às vezes fico pensando sobre isso. Não sei se vingança, talvez um desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosa esperança. Gosto de dizer ainda que a escrita é o movimento de dança-canto que o meu corpo não executa, é a senha pela qual eu acesso o mundo. (EVARISTO, 2005, p. 202).

Conceição Evaristo (2005) aponta que a *escrevivência* é a possibilidade de construir narrativas literárias a partir da própria vivência enquanto mulher negra. Dessa maneira, os textos desenvolvidos por ela e outras mulheres negras não se tratam de representações apenas do corpo negro, mas sim, de um processo de *autoapresentação*. A *escrevivência* é, portanto, a possibilidade de construção de contradiscursos que ressignifiquem as identidades, as corporeidades e as espacialidades da população negra. A ideia de *escrevivência* é marcada pelo lugar de fala de Conceição Evaristo enquanto negra e da periferia e o que significa essa forma de escrita para ela está descrito no relato a seguir.

Sem sombra de dúvida, isso é o sumo da minha literatura. Eu acho que é isso que dá corpo a minha literatura. São essas experiências todas que vão solidificar meu texto. É que eu, às vezes, fico pensando, pode até não ser diferente para todos os escritores. Eu acho que as experiências pessoais elas marcam a escrita das pessoas, alguns autores você vê isso com muita... por exemplo, se você pega Lima Barreto, *As memórias de Isaías Caminha* você vê aquilo e pode perceber o cruzamento com a vida de Lima. Se você pega o poema de 'Emparedado', de Cruz e Souza, você vê. Talvez essa seja... talvez alguns escritores colocam isso com mais veemência, permitam isso com mais veemência, outros não. Eu acho que eu permito com muita veemência, eu permito, eu quero que essas experiências pessoais contaminem o meu texto, eu quero, adoro! Principalmente quando eu fico escutando, assim, histórias de família ou algum fato que eu vivo, porque também a vivência, você pode pensar a vivência, não aquilo... pode ser aquilo que você experimenta com todos os sentidos, inclusive com a visão. Se eu vejo um assalto ao ônibus e se eu vivo intensamente aquele assalto, eu não preciso ser assaltada pra escrever 'Maria'. Outro dia, quando eu venho pro Olhos D'água, uma menina me disse assim 'não, mas você escreveu com tanta propriedade a história de Davenga, que você parece mesmo que conheceu o Davenga'. Eu falei, 'não, eu nunca conheci um marginal de perto.' Entende? Mas a experiência, a observação, o

juízo, o que é apresentado como marginal me permitem pensar uma realidade pra esse sujeito e que é também a minha experiência como mulher negra, pobre, de periferia, marginalizada, acusada injustamente que também me preparam pra pensar o que seria um marginal diferentemente de uma pessoa que não viveu a mesma experiência. Por exemplo, como o europeu descendente, sei lá, da rainha Elizabeth, como que ela pensa o marginal brasileiro? Quais são as experiências que esse sujeito tem pra ele compor o imaginário sobre o marginal brasileiro; uma mulher branca de classe média, descendente de escravocratas, como essa mulher compõe uma personagem de uma mulher negra? O imaginário dessa mulher em relação a uma mulher negra é totalmente diferente do meu imaginário em relação à mulher negra. Totalmente diferente. Então essa vivência, que não precisa ser uma vivência experimentada aqui agora, não precisa d'eu ser marginal, não d'eu ter sido assaltada num ônibus, não precisa d'eu ter filhos que foram mortos de bala perdida, me permitem aproximar com muita propriedade dessas dores, de todas essas vivências de outras, que são minhas também de certa forma. E aí, tudo isso é aproveitado, eu acho que tudo isso compõe essa *escrevivência*, e eu quero que essa *escrevivência* seja extremamente marcada pela minha vivência de mulher negra na sociedade brasileira. E tenho dito outra coisa também: Eu quero escrever a ficção como se eu estivesse escrevendo a realidade, eu quero mesmo criar essa confusão, eu quero que alguém leia meu texto e pense: 'Nossa, ela já foi assaltada no ônibus.', 'Nó, ela conheceu algum marginal de perto.' Então, com certeza, a minha experiência, minha história pessoal me permite aproximar tanto desse universo. Porque, no fundo, quer dizer, quando Elza Soares canta 'O guri', de Chico Buarque, e ela diz: 'Eu sou esse guri.', 'Eu sou o guri.', sem sombra de dúvida, Elza é aquilo tudo que está ali. (Conceição Evaristo, entrevista, Belo Horizonte, fevereiro/2016)¹⁵.

Em sua trajetória socioespacial, Conceição Evaristo estabelece outro lugar para si. A escritora rompe com os imaginários que a colocam como empregada doméstica, por exemplo, e é essa trajetória socioespacial marcada por rupturas e reelaborações discursivas e construção de outras maneiras de representar a si e as mulheres negras que estrutura a sua *escrevivência*. Para analisar as narrativas literárias de Conceição Evaristo, é fundamental, portanto, conhecer a sua trajetória, que é estudada no próximo subcapítulo.

4.3 A insubmissa trajetória socioespacial de Conceição Evaristo

A Avenida Afonso Pena é uma das principais vias de circulação da cidade de Belo Horizonte. Ela liga o centro a uma área onde se concentra uma população de classe média alta e o Aglomerado da Serra, formado por vilas e favelas. Também leva para um dos principais parques, localizado na serra do Curral que parece emoldurar a cidade. É no alto dessa avenida

¹⁵ Entrevista realizada com Conceição Evaristo em fevereiro de 2016. Essa conversa ocorreu na Organização Não Governamental (ONG) Graal, que se localiza no local onde a escritora viveu quando morava em Belo Horizonte. A referida organização foi um dos lugares por onde Conceição Evaristo circulou e, portanto, também faz parte de sua trajetória socioespacial.

que se dá o ponto de partida da trajetória socioespacial de Conceição Evaristo. É a partir das experiências nesse local, no qual vive a infância, a adolescência e o início da vida adulta, que a escritora estabelece seus deslocamentos espaciais, sociais e raciais. É nesse lugar que ela viveu até o início da década de 1970, quando migrou para o Rio de Janeiro e, é a partir daí, que ela se sensibilizará para sua condição social e racial, ao se deslocar pela capital de Minas Gerais.

Conceição Evaristo nasceu no ano de 1946, em Belo Horizonte, e viveu na favela “Pindura Saia”, localizada no alto da Avenida Afonso Pena, até o processo de desfavelamento, que segundo Tatiana S. Delfanti Melo (2012) é iniciado em 1967 para abertura de vias de circulação. Com a remoção, ela se desloca com sua família para o município de Contagem, na região metropolitana da capital mineira. É nessa área que Conceição Evaristo vivencia algumas das experiências que são a matéria-prima para a construção das histórias de *Becos da memória*, que narra um processo de remoção por que passam as personagens da narrativa.

Olha, *Becos...* ele surge assim: a minha família é muito memorialística, né? A minha mãe gosta muito de contar as histórias do passado, as histórias da infância, e eu tenho esse mesmo hábito. Nós temos o mesmo hábito. E também porque, hoje, quando a gente olha pra trás, a velhice da minha mãe, hoje é uma velhice tranquila. [...] E aí cada vez que a gente se encontra, principalmente quando eu venho, que eu tô em casa, a gente lembra muito o passado, mas sempre assim numa situação de agradecer o que a gente conseguiu hoje. Então, há mais de 20 anos atrás, porque esse livro ficou guardado 20 anos, eu cheguei lá em Contagem, no Parque São João e começamos a conversar, aí minha mãe virou, e falou, e começamos a contar de uma pessoa aqui na favela que tinha contraído lepra. Era o termo que a gente usava ultimamente... antigamente, depois que a gente começou a falar ‘mal de hanseníase’... hanseníase. E aí a gente conversando dessa senhora que tinha adquirido hanseníase e coisa e tal, aí quando minha mãe falou assim... e aí a gente já lembrou de uma outra moça também que era casada com um outro, uma pessoa que a gente conhecia, e essa moça logo que ela... ela era nora dessa senhora, e quando ela fica com hanseníase, a senhora dá maior apoio. Em casa muito pequena, todo mundo junto, nan-nan-nan-nan-nan, essa senhora acaba contraindo lepra também, isso numa situação verdadeira. E aí o pessoal na favela usava ‘fulano de tal pegou lepra’, que era o termo que usava. E aí a gente rememorando essa e outras histórias, a minha mãe vira e fala assim, essa senhora chamava realmente Vó Rita: ‘ah, mas Vó Rita dormia embolada com ela.’ Eu achava aquela frase tão bonita, ficou aquela sonância, né? ‘Ah, mas Vó Rita dormia embolada com ela.’ E aquilo ficou. E aí eu volto para o Rio de Janeiro com aquela frase na cabeça. E aí ‘gente, que coisa’. Só que, nesse processo todo, várias memórias da favela foram aflorando tanto, é que o romance começa, né. ‘Vó Rita dormia embolada com ela, Vó Rita era muito boa... nan-nan-nan-nan-nan’. Então as memórias voltaram. Aí o que eu tenho dito: nada desse livro é verdade, nada nesse livro é mentira, porque praticamente tudo que tá aqui aconteceu. Só que aconteceu muita coisa muito diferente da maneira que eu inventei. A parte mais inventada aqui é a parte de Negro Alírio, que é aquele cara que chega na favela e coisa e tal. Como chega... e aí eu invento que o homem é estivador... estivador não, ele não foi estivador. Ou foi, sei lá. E eu invento uma infância pro homem e coisa e tal, porque um dia apareceu na

favela um negro muito alto, muito forte que foi ser companheiro de uma mulher que se chamava Aurora. E aí como ele apareceu de repente na favela não se sabia da onde. E aí eu me lembro que diziam que ele era estivador, no caso, do porto do Rio de Janeiro e tinha acontecido uma greve, ele era um dos líderes e ele teve que fugir. É esse o negócio. Já inventei uma infância, os fazendeiros jogando os parentes dele no rio [...]. Então várias, várias... o episódio do trator aconteceu sim, mas não é daquele jeito que eu narrei; o episódio do pai que abusava da filha também, mas não é daquela maneira que eu narrei; tio Totó existiu, mas não é igualzinho esse tio Totó aqui; Maria Velha poderia pensar na tia que me criou, mãe Joana é minha própria mãe; tio Tatão, em carne é justamente o pai de Macaé, aquele que foi a guerra. Mas nada é exatamente igual, entende? Entra o trabalho ali de ficção muito grande. Essa outra que é essa mulher que tem hanseníase, não sei nada dela, eu inventei aquilo tudo, não sei se o marido dela não quis ela mais, se o filho não quis. (Conceição Evaristo, entrevista, Belo Horizonte, fevereiro/2016).

A frase que inicia *Becos da memória*, “Vó Rita dormia embolada com ela.”, é o elemento que desperta em Conceição Evaristo a necessidade de grafar suas memórias da favela “Pindura Saia”. É a partir dessa frase que a escritora constrói a narrativa de cada uma das personagens, procurando ancorar-se nas suas memórias, corporeidade e nas espacialidades de negras e negros. Para a autora a oralidade e o aspecto memorial de sua família são, portanto, fundamentais para a criação de seus textos e isso está bastante demarcado no referido romance. A escritora, dessa maneira, estabelece um conjunto de narrativas que conduzem o leitor a se aproximar e (re)conhecer as dinâmicas socioespaciais de uma parcela da população negra, pobre e urbana. A escrita de Conceição Evaristo é, assim, a construção de uma geografia imaginativa que almeja estabelecer outros significados para as comunidades negras.

A escritora, sua mãe, suas quatro irmãs e seu padrasto foram removidos da favela e se mudaram para Contagem, como já mencionado. A mudança para essa cidade se deu pelo fato de ser, naquele período, o lugar possível para uma família pobre e negra viver, pois se tratava de uma área distante do centro da capital e ainda muito isolada devido à falta de uma infraestrutura de transporte que oferecesse suporte para os moradores daquela região. Tratava-se, portanto, de uma área pouco valorizada e acessível para famílias que viviam na mesma condição humilde que a de Conceição Evaristo. A sua transferência e de sua família para Contagem coincide com o momento em que ela estava prestes a se mudar para o Rio de Janeiro, assim, as suas experiências em Minas Gerais foram estabelecidas em Belo Horizonte na favela em que viveu.

Junto com tio Totó. E aí era a única possibilidade que tinha e toca pagar aquele lote com a maior dificuldade do mundo, maior dificuldade mesmo, mas aí sabia pelo menos que viesse o desfavelamento, a gente teria lugar, teria pra onde ir. Aí, quando vem o desfavelamento, vem mesmo essa alternativa: ou

eles davam às pessoas uma quantia ou dava um caminhão de tábua. Então você imagina hoje quanto custaria um caminhão de tábua que devia ser correspondente à quantia que dava. Eu tenho impressão que se uma pessoa hoje ganhar um caminhão tábua... seria o que uns 20 mil reais? Talvez nem isso, né? Dá pra perder barraco? Entende? Mas aí o que as pessoas imaginavam, as pessoas imaginavam que com o dinheiro ia fazer muita coisa, pobre é gente que não tem dinheiro, quando a gente vê dinheiro a gente pensa que... não imagina que o dinheiro acaba. Então a minha família, inteligentemente optou pelo caminhão de tábua. Aí eles levavam esse caminhão de tábua pra gente... a gente começou. Mas agora, foi um processo muito doloroso, pra mim, pelo menos. Eu acho que talvez isso (incompreensível) perda de memória, eu acho que pras crianças e pros velhos, essa história de Totó tem muita a ver, ele morre realmente antes. Ele não conseguia, porque ele já fazia compras há muito tempo no armazém do Seu Juvenal, que era da favela que esqueci o nome, e ele ficava, 'E agora? Aonde a gente vai fazer compra?' Ele não tinha mais nenhuma perspectiva, ele morre... Hoje eu fico pensando, acho que ele entrou num estado de depressão, sabia? Porque ele só pedia morte. (Conceição Evaristo, entrevista, Belo Horizonte, fevereiro/2016).

No seu relato, Conceição Evaristo, demarca a importância para os/as moradores/as da favela e como o processo de remoção representava mais do que perder seu local de moradia. Essa perda significava se afastar das histórias de vida, das memórias e de uma série de experiências espaciais que conduziram esses/as moradores/as a constituírem um forte vínculo com aquele local. Assim como para as personagens de *Becos da memória* a dimensão espacial é demarcadora de suas trajetórias e vivências, ocorre com Conceição Evaristo que encontra em suas espacialidades as possibilidades e limites em seu cotidiano de mulher negra. É a partir dos locais por onde percorreu e, ainda percorre, que a escritora encontra o substrato para a sua escrita. Nesse sentido, sua trajetória socioespacial está entrelaçada à sua escrita de maneira a estabelecer a escrevivência.

Conceição Evaristo desde a infância possui uma significativa relação com o ato de escrever e ela relata que a escrita sempre esteve presente em seu cotidiano. A escritora aponta que a sua relação com o escrever está associada à “grafia-desenho” de sua mãe¹⁶, que ela considera como uma de suas principais influências na construção de suas narrativas. Para Conceição Evaristo, a palavra foi algo que marcou as suas experiências e a oralidade esteve presente em vários momentos em sua família, que sempre gostou de contar histórias.

¹⁶ Conceição Evaristo utiliza o termo grafia-desenho para se referir ao fato da mãe grafar um desenho do sol no chão em dias chuvosos. Esse ato para a escritora é considerado como um dos primeiros contatos com a escrita. Conceição Evaristo (2007, p.16) relata que “era um ritual de uma escrita composta de múltiplos gestos, em que todo corpo dela se movimentava e não só os dedos. E os nossos corpos também, que se deslocavam no espaço acompanhando os passos de mãe em direção à página-chão em que o sol seria escrito. Aquele gesto de movimento-grafia era uma simpatia para chamar o sol. Fazia-se a estrela no chão.”

[...] eu não nasci rodeada de livros, nasci rodeada de palavras. Na minha casa, sempre falamos muito, parece que falar tinha efeito diluidor da pobreza, a miséria material que nos cercava. Minha mãe, mulher de silêncio, para as suas dores íntimas, nos contava histórias, cantava conosco, fazia brincadeiras, construía nossas bonecas, bruxas de pano e de capim. Não tínhamos rádio e a televisão, acho que nem existia naquele tempo. Essas brincadeiras, que aconteceram ainda na minha primeira infância, mas são tão vivas em minha recordação. E foi ela também que me despertou para a maravilha do mundo impresso, folheando revistas, nos mostrando gravuras, rindo das imagens e nos colocando na escola, desde o jardim. (Conceição Evaristo, entrevista, Belo Horizonte, fevereiro/2016).

Conceição Evaristo aponta ainda que sua proximidade com a escrita e a leitura se relaciona com os atos mais simples presentes em seu cotidiano, como escrever um bilhete, anotar e ler a lista das roupas a serem devolvidas para as famílias de classe média alta. As mulheres da família da escritora eram lavadeiras e domésticas que trabalhavam para as famílias ricas que se localizavam próximo à favela e também trabalharam para importantes pessoas da literatura mineira, como Otto Lara Resende e Alaíde Lisboa de Oliveira. Devido a essa experiência, ela considera que a sua relação com a escrita é construída também a partir desse lugar de subalternidade que ela e sua família se encontravam. Assim como sua mãe e suas tias, ela trabalhou como empregada doméstica em Belo Horizonte, mas desejava se tornar professora, o que somente foi possível ao se mudar para o Rio de Janeiro.

As escolas em que Conceição Evaristo estudou eram distantes de sua casa e também evidenciavam para ela a segregação racial, social e espacial que marcava as suas experiências cotidianas. Ela menciona que, em uma das escolas na qual estudou as/os alunas/os eram separados por andar de acordo com o rendimento escolar e também com sua origem social. Assim, as/os melhores alunas/os se localizavam no andar de cima, para onde, em determinado momento, Conceição Evaristo se deslocou.

Foi em uma ambiência escolar marcada por práticas pedagógicas excelentes para uns, e nefastas para outros, que descobri com mais intensidade a nossa condição de negros e pobres. Geograficamente, no Curso Primário experimentei um *apartheid* escolar. O prédio era uma construção de dois andares. No andar superior, ficavam as classes dos mais adiantados, dos que recebiam medalhas, dos que não repetiam a série, dos que cantavam e dançavam nas festas e das meninas que coroavam Nossa Senhora. O ensino religioso era obrigatório e ali como na igreja os anjos eram loiros, sempre. Passei o Curso Primário, quase todo, desejando ser aluna de umas das salas do andar superior. Minhas irmãs, irmãos, todos os alunos pobres e eu sempre ficávamos alocados nas classes do porão do prédio. Porões da escola, porões dos navios. Entretanto, ao ser muito bem aprovada da terceira para a quarta série, para minha alegria fui colocada em uma sala do andar superior. Situação que desgostou alguns professores. Eu, menina questionadora, teimosa em me

apresentar nos eventos escolares, nos concursos de leitura e redação, nos coros infantis, tudo sem ser convidada, incomodava vários professores, mas também conquistava a simpatia de muitos outros. Além de minhas inquietações, de meus questionamentos e brigas com colegas, havia a constante vigilância e cobrança de minha mãe à escola. Ela ia às reuniões, mesmo odiando o silêncio que era imposto às mães pobres e quando tinha oportunidade de falar soltava o verbo. (EVARISTO, 2009).

Conceição Evaristo, desde a infância, inicia o processo de ocupar lugares que são considerados impróprios para que uma mulher negra se faça presente e, apesar dos olhares tortuosos por estar nesses locais, ela rompe com os discursos que marginalizam as mulheres negras. Ela, aos poucos, vai se apropriando de espaços com os quais outras mulheres de sua família não tiveram contato e isso é significativo para ela, que, ao recordar essas experiências, ressalta como elas foram marcantes no seu processo de se tornar escritora.

Mas eu queria que essas famílias, por exemplo, uma família que perguntou pra minha tia porque que eu estudava tanto, né, ‘pra que que você fica investindo tanto?’, porque é preta, né? Então, há uma satisfação pessoal muito grande nisso e, ao mesmo tempo, uma gratidão pela vida, e também um reconhecimento de que, ao mesmo tempo que é uma alegria pessoal, mas eu quero ficar sempre alerta. Eu tenho dito isso no meu discurso que eu confirmo a regra: alguma coisa profundamente injusta e na estrutura desse país, existe, porque toda minha geração não conseguiu estar aqui, há um esforço pessoal sem sombra de dúvidas, há um esforço pessoal, mas tem alguma coisa errada nesse sistema que é feito pra gente não quebrar, né? E aí pra chegar até aqui, muita gente fica pelo caminho, e fica pelo caminho não é porque não trabalha, é porque é um processo muito violento, poucas pessoas dão conta, né? Poucas pessoas dão conta. (Conceição Evaristo, entrevista, Belo Horizonte, fevereiro/2016).

Conceição Evaristo expõe em sua fala como o racismo marca a trajetória da população negra, de maneira a impossibilitar esses sujeitos de ocuparem determinados lugares sociais. Para a escritora romper com a estrutura que marginaliza e exclui negros e negras é algo difícil e muitos não conseguem devido às práticas racistas serem tão violentas e afetarem de modo significativo as dinâmicas socioespaciais dessa população. Compreendo, assim, que a trajetória estabelecida por ela é de insurgência e demarca a insubmissão dessa mulher negra em relação aos discursos, imaginários e representações racistas e sexistas. A sua escrita é também insurgente e insubmissa, pois procura romper com os processos de subjugação e subalternização

O ato de escrever para Conceição Evaristo se constituiu, portanto, como um importante instrumento de ruptura de uma estrutura social e espacial marcada pelo racismo e sexismo. Dessa maneira, em sua trajetória, muitas foram as situações que a conduziram encontrar na escrita os mecanismos e estratégias para requalificar o que é ser mulher negra. Entre elas, a

escritora menciona o seu contato com a Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa. A sua proximidade com a referida biblioteca foi devido a uma tia que lá trabalhava. O que facilitou para que ela tivesse contato com esse lugar de leitura, escrita e conhecimento. Para ela, essa foi mais uma experiência significativa na sua aproximação com a literatura.

Ao finalizar o que atualmente corresponde ao ensino fundamental, Conceição Evaristo ingressa no ginásial, no entanto, ela relata que concluir essa etapa da educação básica foi um processo complicado devido ao momento em que se encontrava. Entre as dificuldades apontadas, ela menciona o desfavelamento. O ginásial foi concluído em 1971, no Instituto de Educação de Minas Gerais (IEMG), uma importante instituição de ensino localizada no centro de Belo Horizonte e mais próximo de onde vivia. Ela fez o curso normal, entretanto, não via possibilidades de atuar como professora na sua cidade. Ao terminar, portanto, o curso normal e, em meio ao processo de desfavelamento, ela realiza concurso para professora na cidade do Rio de Janeiro. Com a ajuda de amigos, ela migra, no início dos anos 1970, para essa cidade onde viveu até se aposentar, quando se muda para Maricá, município do interior fluminense.

A decisão de Conceição Evaristo de se mudar para o Rio de Janeiro está relacionada com o fato de que, em Belo Horizonte, ela não teria a possibilidade de atuar como professora, pois, nessa cidade, trabalhar nas escolas somente era possível através de indicações. Avaliando não ter essa possibilidade devido ao lugar social que ocupava na capital mineira, ela viu como forma de romper com a perspectiva de permanecer no trabalho doméstico prestar o concurso para trabalhar no Rio de Janeiro.

E aí eu terminei o normal e queria dar aula. Não consegui, quer dizer, não consegui porque eu já sabia que não ia conseguir porque não tinha concurso pra magistério aqui. Então pra você dar aula, você tinha que ter alguém que conseguisse uma vaga pra você dar aula, pra você ser uma professora na escola tal. Como era... você precisava, no Rio, a gente usa o termo “pistolão”, como minha família não tinha ninguém, apesar das relações, a gente conhecia pessoas da política, as pessoas ricas, pessoas influentes, mas numa condição de subalternidade, trabalhando na casa dessas pessoas. Ontem mesmo, eu encontrei com uma professora de Letras, tava relembando que minha mãe trabalhou pro pai de Alaíde Lisboa de Oliveira, João Lisboa. E aí, como eu queria dar aula, eu tinha ido uma vez no Rio, conhecia duas meninas que tinham vindo do Rio pro Festival de Inverno de Ouro Preto que eu tinha ido, e elas falaram que ia ter concurso pro Magistério no Rio. Eu assim, com a fé e com a coragem fui pro Rio, fiz o concurso, passei. Aí, na época, eu tava namorando um rapaz lá no Rio, mais um motivo pra ir, né? Mas de qualquer maneira eu iria, porque, quando já passa esse movimento, já conhecia de lá em consequência do meu movimento no Rio. Aí eu fiz o concurso, fiquei por lá. Estou há 43 anos. A minha vida profissional é feita no Rio de Janeiro. (Conceição Evaristo, entrevista, Belo Horizonte, fevereiro/2016).

Ressalto aqui a importância do espaço na construção dos contradiscursos de Conceição Evaristo e nas rupturas que ela provocou em relação aos imaginários que consideram que o lugar destinado à mulher negra é somente o trabalho doméstico. Belo Horizonte oferecia para a escritora a manutenção de um *status quo* e não lhe permitiria constituir uma trajetória distinta daquela construída por outras mulheres de sua família, como sua mãe e suas tias.

A escritora se muda de Belo Horizonte, na década de 1970, por não encontrar nessa cidade a possibilidade de se tornar professora, no entanto, em 2013, ela retorna à capital mineira como professora visitante da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), uma das principais instituições de ensino superior do Brasil. Para ela, esse retorno teve grande importância em sua trajetória, uma vez que ressignifica o seu vínculo com a cidade, na medida em que, nesse momento, teve a oportunidade de se tornar docente onde não foi possível exercer essa profissão no passado. Ela considera esse processo como uma “vingança”, já que conquistou um lugar que não conseguiu ocupar enquanto era moradora da favela no alto da Avenida Afonso Pena.

Pra mim, foi um dos momentos mais simbólicos da minha vida, você entende? Porque realmente, quer dizer, esse foi o maior momento, mas eu tenho dito muito, cada vez que eu venho a BH, o fato dos meus livros terem ficado aqui no vestibular também, né, o *Ponciá...*, na UFMG, os *Olhos d'água*, na UEMG. Aliás, *Ponciá...* foi na UFMG e também no [Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas] Cefet, todos Cefet's de MG. Então olhar Belo Horizonte de outro lugar, isso pra mim em termos pessoais é quase que como uma espécie de vingança, tá? Tem um sabor assim de uma vingança. É olhar BH de outro lugar. Poder falar algumas coisas aqui em BH, na esperança que esse discurso vaze. Eu acho que ele tem vazado, e aí, quando eu falo que o destino da literatura me persegue na cozinha, a partir dos lugares subalternos, então dizia que minha mãe, minha família, que minhas tias trabalharam pra grandes escritores mineiros e hoje eu tenho oportunidade também de ser conhecida como uma escritora mineira é uma vingança. Não sei se o termo é vingança, mas é isso mesmo, tá vendo? Demos a volta por cima. Quer dizer, essa cidade, ela hoje, ela tem que me reconhecer, ela tem que me reconhecer, não faz nenhum favor. E tenho impressão que a descendência dessas famílias, que subalternizaram as minhas, a minha família, a descendência deve escutar isso nos discursos. (Conceição Evaristo, entrevista, Belo Horizonte, fevereiro/2016).

Na cidade do Rio de Janeiro ela teve a possibilidade de ingressar, em 1987, no ensino superior e se graduar em letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Ao concluir a graduação em 1992, ela inicia o mestrado na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Puc/RJ) e, no ano de 2008, ingressa no doutorado na Universidade Federal

Fluminense (UFF)¹⁷. Conceição Evaristo relata que, em Belo Horizonte, ela se envolveu mais em movimentos relacionados à questão social e não racial, mas já reconhecia sua condição de mulher negra. Nessa cidade, ela aponta que seu contato com a questão étnico-racial foi devido à proximidade com um tio que morou em sua casa. Entretanto, é no Rio de Janeiro que ela passa a se envolver de forma mais efetiva com os movimentos de caráter racial.

Eu tinha uma percepção, mas a minha percepção era uma percepção muito mais do ponto de vista de classes sociais. Eu tinha assim uma, embora a gente até já tivesse algumas... Eu falo que o meu tio Catarino, que é o pai de Macaé, Macaé que é a Secretária de Estado, o meu tio Catarino, foi com ele que eu aprendi as primeiras noções de negritude. Então minha família a gente teve assim... tinha sempre essa consciência que éramos negros, mas, ao mesmo tempo, era uma consciência, assim, a gente não podia nada errado porque era negro. Entendeu? A gente tinha essa consciência que era negro, mas isso era uma consciência que acabava também virando uma cobrança em cima da gente 'então, vai num lugar e comporte bem porque você é negro', você tá entendendo? Talvez fosse uma consciência que nos culpabilizasse e não uma consciência que nos permitisse uma afirmação como hoje. Então essa consciência, a gente... era uma consciência mais de classes sociais. (Conceição Evaristo, entrevista, Belo Horizonte, fevereiro/2016).

No Rio de Janeiro, Conceição Evaristo passa a fazer parte do grupo *Negrícia: poesia e arte de crioulo*, um coletivo de arte e cultura negra que recitava poesias em favelas e presídios (MACHADO, 2014). Além do *Negrícia*, a escritora também se aproxima de outros movimentos relacionados com a questão racial, ampliando seu entendimento sobre qual o lugar da mulher negra na sociedade.

Não... aí eu chego eu já tô em casa, na faculdade, claro que não, porque tinha poucos negros na faculdade, mas aí o primeiro contato que é o IPCN, né? Instituto de Pesquisa das Culturas Negras. E também no momento do 'black... black soul', a música negra, né? A música negra nas praias de... do Rio de Janeiro os artistas negros, né, muito veemente entre eles, né. O teatro opinião, mesmo que a gente não frequentasse tudo do teatro Opinião, mas Copacabana também era uma oportunidade da gente se encontrar. Então eu conheço, fui conhecendo alguns artistas negros assim, sem ter nenhuma intimidade com eles, entende? Aí fico conhecendo o Filó, que era um dos líderes do movimento black soul no Rio de Janeiro. Aí eu vou, vejo a fundação do IPCN, aí começo a acompanhar os discursos do movimento negro, o discurso do movimento negro, nunca tive assim nenhum papel de liderança, de direção, entende? Era aquela militante que chegava pra ouvir, mas a minha formação é uma formação orientada e sedimentada dentro do movimento social negro, lá no Rio de Janeiro. Então essa consciência minha, ela acaba se aprofundando nesse momento de efervescência. Tanto é que minha filha é de 81, né. Em 81,

¹⁷ As informações referentes à formação acadêmica de Conceição Evaristo foram retiradas do seu currículo na Plataforma Lattes (CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO, 2016).

tem um movimento muito, nessa década finais de 70, nosso olhar pra África, né. Inclusive procura de nomes africanos, por isso minha filha tem nome africano Ainá. (Conceição Evaristo, entrevista, Belo Horizonte, fevereiro/2016).

É nesse contexto de aproximação com o movimento negro que Conceição Evaristo vai sedimentar seu processo de ruptura com os imaginários e discursos racistas e sexistas. Além de seu envolvimento com a militância negra, em seu percurso acadêmico ela também estabelece reflexões sobre qual o lugar do negro na sociedade brasileira. Nesse sentido, a literatura negra se tornou uma preocupação ao longo de sua permanência na universidade. Ela relata que, desde a graduação, foi observando a ausência de escritores/as negros/as nos estudos literários e, já em seus trabalhos de curso, procurou chamar a atenção para esse aspecto da literatura brasileira. Essa inquietação em relação às narrativas literárias e à presença/ausência da/o negra/o nos textos literários permanecem e ela aprofunda seus estudos sobre essa questão no mestrado e no doutorado.

Durante essas experiências ela reforça a sua relação com a escrita e, em 1990, publica seu primeiro texto na coletânea de escritores/as negros/as *Cadernos Negros*, editada pelo grupo Quilombhoje de São Paulo. A partir dessa publicação, consolida seu processo de escrita e continua publicando nos *Cadernos Negros*, além de suas publicações individuais, como os romances *Ponciá Vicêncio* e *Becos da memória*. Conceição Evaristo concentra suas publicações em editoras voltadas para textos relacionados com a questão étnico-racial e de gênero, como a Mazza e a Nandyala, ambas de Belo Horizonte e a editora Mulheres localizada em Florianópolis, em Santa Catarina. Em 2014, ela publica a coletânea de contos *Olhos d'água*, pela editora Pallas do Rio de Janeiro. E em 2016 é publicado, pela editora Malê, *Histórias de leves enganos e parecenças*, que se trata de uma reunião de contos e uma novela.

Mandei o romance *Ponciá Vicêncio* para uma editora e não tive resposta. Depois disso, não tentei mais nenhuma. Após algum tempo, resolvi tentar a Mazza, por uma questão ideológica, pelo fato de ser uma editora de uma mulher negra. Mas o problema não termina com a publicação de um livro. *Ponciá Vicêncio* já esteve em uma livraria grande aqui do Rio, e eu o levei pessoalmente. Só que o livro não foi colocado no sistema de informática da loja e, portanto, era como se ele não estivesse lá. Dois pesquisadores estrangeiros que vieram ao Brasil foram procurar a obra e tiveram que insistir, pois a livraria afirmava que o livro não existia.

Quer dizer, um livro de Conceição Evaristo numa grande livraria é colocado lá no fundo, escondido, em último lugar, enquanto o de um autor conhecido já é posto logo na entrada. Mas esse é um problema mercadológico. Além disso, tem a questão da temática do meu trabalho, que é uma faca de dois gumes. Por um lado, ela não interessa, mas com a Lei 10.639 [que instituiu a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira na educação

básica] esse tema vai atender a uma demanda — só que sempre por uma questão mercadológica, nunca ideológico. (EVARISTO, 2006, s/p).

Conceição Evaristo aponta as dificuldades em se publicar os textos escritos por negras/os e que tenham essa população como personagens principais e com suas identidades valorizadas. São poucas as editoras que se interessam por essas narrativas e, principalmente, um interesse que parte de uma perspectiva ideológica e não mercadológica, como enfatiza a escritora. As publicações são realizadas com os investimentos dos escritores/as e, muitas vezes, esses não conseguem financiar a publicação e acabam ficando com seus textos guardados. Dessa maneira, a coletânea *Cadernos Negros* e o Coletivo Poético Ogum's Toques Negros, atuam como mecanismos que possibilitam que escritores/as negros/as tenham um meio de divulgarem seus trabalhos e, ainda, contribuam para a consolidação do campo da literatura negra.

Mesmo que tenha se tornando uma das principais escritoras negras, para Conceição Evaristo o processo de publicação ainda é marcado por esses impasses. Seu livro publicado pela editora Pallas, *Olhos d'água* (2014), teve um processo distinto, pois não foi necessário que a escritora investisse nesse processo, assim como em suas outras obras individuais. O referido livro teve grande repercussão e se tornou uma das leituras obrigatórias para o vestibular da Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG) e, ainda, levou Conceição Evaristo a conquistar o terceiro lugar no prêmio Jabuti¹⁸ de literatura em 2015, na categoria contos e crônicas, uma das principais premiações no campo literário do país. Já em 2016, a escritora foi premiada com o “Prêmio Faz Diferença” do Globo e da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (FIRJAN) na categoria segundo caderno/prosa¹⁹.

O ano de 2015 foi importante para a escritora também devido à sua participação no Salão do Livro em Paris, um/a dos/as poucos/as escritores/as negros/as brasileiros/as presente nesse evento de âmbito internacional. A ida para o Salão do Livro foi em decorrência do lançamento da tradução de *Ponciá Vicêncio*. Nesse evento, conquistou a atenção do público e, de acordo com reportagem do jornal *Folha de São Paulo*²⁰, foi dos/as escritores/as brasileiros/as

¹⁸ O prêmio Jabuti, criado em 1958, é a mais importante premiação na literatura no território brasileiro. O prêmio contempla diversos aspectos da criação literária e os escritores/as e editoras interessadas podem se inscrever para concorrer à premiação. A conquista dessa premiação é significativa, pois dá visibilidade para os/as escritores/as e suas obras.

¹⁹ O Prêmio Faz Diferença é uma premiação que reconhece o trabalho de profissionais de diversos segmentos e que são fonte de inspiração para a população brasileira e para o mundo e se destacaram nas páginas do jornal em suas respectivas áreas. A escolha ocorre através da participação popular que vota nos indicados pelo Globo e pela Firjan.

²⁰ FOLHA de São Paulo. Negra em Salão do Livro causa furor, diz autora brasileira. 23/03/2015.

mais assediados/as. Paris foi apenas um dos lugares fora do país em que Conceição Evaristo esteve para divulgar seu trabalho e também para discutir literatura negra e africana. Antes disso, em 2007, ela esteve juntamente com Ana Maria Gonçalves na Tulane University, em New Orleans, nos EUA. Nesse mesmo ano, esteve em Dallas em um evento com tradutores de vários idiomas, onde participou junto com a tradutora Paloma Martinez, que traduziu *Ponciá Vicêncio* para o inglês. Em 2010, passou pelo continente africano e esteve em Moçambique na Semana da Mulher. Já em 2013, esteve em São Tomé e Príncipe, também no continente africano, onde participou de programas de televisão e conversou sobre a literatura negra e africana. Nesse mesmo ano, Conceição Evaristo passou por New York, falou sobre sua coletânea de contos lançada naquele ano *Insubmissas lágrimas de mulheres*²¹.

Esses foram alguns dos deslocamentos espaciais realizados por Conceição Evaristo que extrapolam as fronteiras nacionais e colocam a escritora em outro lugar social distinto daquele ocupado em Belo Horizonte. A sua trajetória socioespacial demarcada através de sua *escrevivência* é provocadora de transformações para muitas mulheres negras que entram em contato com seus textos. Ler Conceição Evaristo é se encontrar com uma perspectiva de valorização e reconhecimento das identidades negras. A leitura que realizamos das narrativas de Conceição Evaristo muitas vezes é dolorosa quando nos encontramos com o sofrimento de suas personagens, mas também é estimuladora, pois nos coloca em contato com histórias e narrativas que nos representam enquanto mulheres negras.

É através dessa trajetória socioespacial que Conceição Evaristo constrói suas personagens e suas histórias. Foi, ainda, por meio de seus deslocamentos espaciais que a escritora forjou para ela outro lugar social que a distancia dos imaginários que colocam a mulher negra como um objeto ou como um sujeito subalterno. Entendo que a própria trajetória de Conceição Evaristo tem estimulado muitas mulheres negras a ressignificarem os lugares que ocupam na sociedade. Em suas palestras, vi mulheres negras de várias gerações se reconhecendo e se requalificando. Como ela própria afirma:

Talvez, estas mulheres (como eu) tenham percebido que se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida. Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua auto-inscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. Insubordinação que pode se evidenciar, muitas vezes, desde uma escrita que

²¹ As informações sobre os deslocamentos realizados por Conceição Evaristo fora do Brasil foram levantados a partir do seu blog “Nossa escrevivência”. (EVARISTO, 2016).

ferre “as normas cultas” da língua, caso exemplar o de Carolina Maria de Jesus, como também pela escolha da matéria narrada. (EVARISTO, 2007, p. 21)

Conceição Evaristo rompeu com estereótipos e com discursos que lhe delegavam um lugar de subalternidade e construiu sua própria trajetória. Ao criar suas narrativas, procura também estabelecer rupturas com os imaginários sobre a população negra. Esse processo pode ser identificado em *Ponciá Vicêncio* e *Becos da memória* que são analisados no próximo capítulo.

CAPÍTULO 5 — GEOGRAFIAS IMAGINATIVAS²²: GÊNERO, RAÇA E ESPAÇO NOS ROMANCES *PONCIÁ VICÊNCIO* E *BECOS DA MEMÓRIA*

A escolha pelos romances analisados nesta tese se deu em decorrência, em um primeiro momento, pela presença proeminente das questões de gênero e das mulheres negras nas obras *Ponciá Vicêncio* e *Becos da memória*. O interesse por essa temática e também pelo corpo se deram ao longo do mestrado, como apontei na Introdução desta, quando tive um primeiro contato com a teoria feminista. No momento desse contato, deparei-me com a possibilidade de ter na literatura um meio de compreender como podem ser estabelecidas as relações de gênero e de raça. Foi nesse período, através da disciplina “Gênero, raça e literatura”, ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG, que também tive a oportunidade de conhecer a literatura negra a partir da exposição em uma das aulas da análise de *Becos da memória* de Conceição Evaristo.

Ainda não tinha conhecimento de sua dimensão, pois se tratava de uma literatura singular e com objetivos que convergiam com as minhas pretensões de aproximação com os estudos sobre a interseccionalidade de gênero, raça e espaço. Além de *Becos da memória*, também conheci outros romances e escritoras negras, brasileiras e estrangeiras, que utilizam a escrita como um instrumento de denúncia e de ressignificação do que é ser negro e ser mulher negra. Entre as escritoras e suas obras com as quais tive contato, estiveram Carolina Maria de Jesus com *Quarto de despejo: diário de uma favelada* e Toni Morrison com *O olho mais azul*.

Após finalizar o mestrado, mantive o interesse pelas narrativas literárias elaboradas por mulheres negras e realizei a leitura de *Ponciá Vicêncio*, que posteriormente se tornou objeto de estudo desta pesquisa. Ler esse romance intensificou meu interesse pelas relações de gênero e de raça e despertou ainda mais minha atenção para a necessidade de trazer para a geografia o diálogo com a literatura negra. O encontro com a literatura de mulheres negras, em especial, os romances de Conceição Evaristo também me fizeram atentar para as questões sobre o corpo, que já haviam se tornado um interesse no encontro com as teorias feministas. A partir do contato com essas obras, observei que a literatura construída por uma mulher negra e narrando histórias sobre negros e negras trazia alguma possibilidade analítica no contexto da geografia, que outros

²² Utilizo a expressão geografia imaginativa como parte do título desse capítulo, pois considero que as narrativas desenvolvidas por Conceição Evaristo vislumbram novas perspectivas para uma série de imaginários que foram construídos sobre negros e negras. A escritora, através do seu ato insurgente de escrever, algo, muitas vezes, não imaginado para uma mulher negra, desconstrói imagens e estereótipos e reconstitui as geografias imaginativas sobre a população negra, em especial aquelas referentes às mulheres negras. Dessa maneira, ressalto que no âmbito da produção de sua *geo-grafia* insurgente há um outro processo que é a construção de novas interpretações acerca da corporeidade e espacialidade negras, o que considero como o estabelecimento de uma outra geografia imaginativa.

textos literários não me permitiriam. Além disso, não posso negligenciar o impacto dessa literatura sobre a minha pessoa, uma mulher negra descobrindo as diferenças a partir da intersecção entre gênero e raça.

Por isso, a análise dos romances que construí é marcada por essa trajetória e pela minha constituição identitária enquanto negra. Em meio a esse processo de descobertas teóricas e literárias, esbocei as primeiras propostas para esta pesquisa e que resultaram na hipótese analisada e nas leituras analíticas de *Ponciá Vicêncio* e *Becos da memória* aqui apresentadas. Apresento, deste modo, o ato insurgente de Conceição Evaristo que a permite construir outra geografia imaginativa sobre a população negra através dos seus textos. É uma manifestação de insurgência por desconstruírem uma série de imaginários sobre negros e negras e possibilitarem que se estabeleçam novos significados para as espacialidades e corporeidades desses sujeitos. Seus textos constituem, portanto, outra geografia imaginativa sobre esse grupo étnico-racial.

Em levantamento sobre as pesquisas produzidas acerca de Conceição Evaristo e suas obras, observei que *Ponciá Vicêncio* possui um número maior de análises realizadas em dissertações e teses (ver APÊNDICE A). Os trabalhos publicados²³ sobre essa obra se constituem de perspectivas diversas que consideram as questões acerca de gênero e de raça, assim como a sua tradução para outras línguas como na tese de Marcela Iochem Valente, publicada em 2013. Há ainda pesquisas que se detiveram na presença da memória de maneira a relacioná-la com as dinâmicas identitárias em *Ponciá Vicêncio*, como pode ser observada em Emilene Corrêa Souza, dissertação publicada no ano de 2014. Percebo vários trabalhos desenvolvidos sobre o romance que consideram, em alguma medida, os processos espaciais vivenciados pela personagem-título. Entre eles, a tese de Omar da Silva Lima, de 2009, que trata da migração e como o espaço urbano é permeado pela exclusão da mulher negra. Há, ainda, a pesquisa de doutorado de Denise Aparecida do Nascimento, publicada em 2014, que ao tratar também de *Becos da memória*, considera a dimensão espacial e sua interferência na constituição de identidades e nas escritas de mulheres negras.

Outro trabalho com essa perspectiva é o de Maria Cristina Maciel Marques, publicado no ano de 2016. O estudo analisa *Ponciá Vicêncio*, além de *Mulheres de Tijucoapo*, de Marilene Felinto, e considera as questões de gênero, raça e espaço urbano. A análise do romance

²³ Ressalto que esses trabalhos estão inseridos na área da literatura e possuem, desse modo, a perspectiva analítica do campo literário, mas procuram dialogar com outros saberes, como também proponho nessa tese. Além disso, eles abordam outras obras, outras escritoras negras e até mesmo estabelecem relações com autoras de outros países, mas com perspectivas literárias semelhantes. Não foram citadas todas as pesquisas que se aproximam da temática que abordo, mas algumas para dimensionar a centralidade que a obra de Conceição Evaristo vem apresentando para a construção de teses e dissertações e como espaço, gênero e raça são aspectos significativos dos romances analisados, sendo compreendidos de forma conjunta ou não.

de Conceição Evaristo, estabelecida pela autora, busca apontar como a mulher negra experiencia as dinâmicas presentes nas grandes cidades. As discussões de Marques passam pela ideia de que a literatura pode ser interpretada como uma possibilidade para a compreensão da presença da mulher negra no meio urbano. Considero que essa pesquisa se aproxima da proposta desta tese. No entanto, o estudo aqui apresentado traz uma significativa preocupação em construir uma efetiva análise interseccional de maneira a apontar como corpo e espaço possuem seus processos de produção e interpretação entrelaçados, já que um interfere no outro. Além disso, pontuo a relação da trajetória socioespacial com a escrita de Conceição Evaristo, procuro compreender como esta pode contribuir na análise espacial. Marques (2016) não considera, também, o corpo como uma categoria geográfica, pois somente o analisa como um elemento que permite demarcar diferenças sem discuti-lo de maneira mais aprofundada. Outra distinção que encontro refere-se à memória e sua relação com a constituição das espacialidades e corporeidades de *Ponciá Vicêncio*. De uma maneira geral, há uma distinção na dimensão espacial abordada. Aqui a discuto enquanto espaço urbano ou rural, e entendendo-a conjugada com processos diversos como a segregação e a migração campo-cidade.

Há um número significativo de estudos produzidos sobre *Becos da memória*, mas estes também possuem abordagens diversas. As análises passam pela questão da memória, da relação entre gênero e raça, da infância e dos espaços. Entre aqueles que tratam de gênero e de raça estão as pesquisas de Andressa Marques da Silva publicada em 2013, Vânia Maria F. Vasconcelos, de 2014, Adriana Soares de Souza e Sandra Maria Job que foram publicados em 2011. Além desses estudos, há alguns que procuraram abordar a memória como o de Cátia Maringolo, publicado em 2014 e o de Amanda Crispim, de 2013. Algumas das análises que desenvolvi sobre o referido romance estão alicerçadas nesses outros estudos que trazem as discussões em consonância com essa tese. Mas as discussões que estabeleci se embasam na interseccionalidade entre corpo e espaço, o que não está presente nessas pesquisas.

Este capítulo tem como objetivo, portanto, apresentar as análises discursivas dos romances analisados. A leitura analítica desses foi estabelecida a partir da análise do discurso, identificando as formações discursivas presentes nas narrativas. Aponto, ainda, a dimensão espacial das histórias narradas e a relação entre espaço, gênero e raça que demarcam as experiências das personagens, ressaltando a memória.

Para a elaboração das análises, considere também os apontamentos em torno da trajetória socioespacial de Conceição Evaristo, uma vez que sua escrita é, em parte significativa, ancorada nas suas vivências e nas suas experiências enquanto mulher negra. Optei por utilizar o ano de publicação dos romances para definir a ordem de apresentação das análises. Sendo

assim, primeiro foram analisadas as narrativas de *Ponciá Vicêncio*, publicado em 2003; *Becos da memória* foi o segundo romance analisado devido à sua publicação posterior no ano de 2006, apesar de sua construção ser anterior ao primeiro. Para iniciar as análises, trago um relato mais detalhado das histórias narradas em cada uma das obras. Objetivo, assim, tornar a leitura das análises mais apreensível, já que conhecer as narrativas em seus detalhes possibilita uma maior aproximação com as situações vivenciadas pelas personagens. Em seguida, trago as análises específicas.

5.1 A história de *Ponciá Vicêncio*

Naquela época Ponciá Vicêncio gostava de ser menina. Gostava de ser ela própria. Gostava de tudo. Gostava. Gostava da roça, do rio que corria entre as pedras, gostava dos pés de pequi, dos pés de coco-de-catarro, das canas, do milharal. Divertia-se brincando com as bonecas de milho ainda no pé. (EVARISTO, 2003, p.13)

Ponciá Vicêncio é narrado a partir das experiências da personagem de mesmo nome e de outras de sua família negra e rural. O referido romance conta a história de uma mulher negra que migra para a cidade em busca de outras possibilidades para sua vida. A referida personagem vivia com sua família na Vila Vicêncio, que é dividida entre as "terras dos brancos" e as "terras dos negros". O cotidiano dela e de seus familiares é marcado por relações raciais hierárquicas e de dominação, uma vez que na referida vila ainda se encontravam presentes os resquícios da escravidão. O desejo de Ponciá é se mudar para a cidade em busca de uma vida diferente daquela do campo, na qual fosse possível de fato ser livre. Entretanto, ao migrar para a cidade, a personagem se encontra imersa em semelhantes relações hierárquicas e de subjugação. Ao chegar à cidade, ela se encaminha para a igreja na esperança de encontrar trabalho ou até mesmo um lugar para se abrigar naquela primeira noite. É justamente na saída da igreja que ela consegue o trabalho de empregada doméstica na casa da prima de uma senhora que foi abordada por Ponciá.

A protagonista não possuía conhecimentos para a prática do trabalho doméstico em casa de senhoras ricas da cidade, mas aos poucos foi aprendendo a lidar com esse ofício e foi através dele que conseguiu comprar uma pequena casa no morro, onde pretendia morar com sua mãe, Maria, e seu irmão, Luandi, após buscá-los na Vila Vicêncio. É também através do emprego como doméstica que ela conhece o seu marido que trabalhava em uma construção próxima ao local de seu trabalho.

O nome do marido de Ponciá não é apresentado na narrativa, apesar de ser com ele que se passam as suas histórias na cidade. É com o marido que a personagem divide sua casa, mas permanece sozinha, pois vive imersa nas memórias de sua vida no campo e de sua mãe Maria Vicêncio, de seu irmão, de seu pai, sem nome identificado, e de seu avô Vicêncio.

O romance está dividido em pequenas partes que contam as experiências das personagens e trazem as memórias de Ponciá em relação à sua vida no campo com sua família e relata o seu isolamento em sua casa na cidade junto com seu marido. Em cada seção, é narrada uma determinada história e, em algumas, são as memórias de Ponciá que possibilitam a construção da narrativa. Essa se inicia pela memória da personagem em sua vivência no campo como no trecho a seguir.

Quando Ponciá Vicêncio viu o arco-íris no céu, sentiu um calafrio. Recordou o medo que tivera durante toda a sua infância. Diziam que menina que passasse por debaixo do arco-íris virava menino. Ela ia buscar o barro na beira do rio e lá estava a cobra celeste bebendo água. Como passar para o outro lado? Às vezes, ficava horas e horas na beira do rio esperando a colorida cobra do ar desaparecer. Qual nada! O arco-íris era teimoso! Dava uma aflição danada. Sabia que a mãe estava esperando por ela. Juntava as saias entre as pernas tampando o sexo e, num pulo, com o coração aos saltos, passava por debaixo do angorô. (EVARISTO, 2003, p. 13).

O romance é construído a partir da memória de Ponciá e de suas vivências e experiências na cidade. De acordo com Flávia Santos de Araújo (2007), Omar Silva Lima (2009) e Fernanda Felisberto Silva (2011), não é apresentada uma narrativa de modo linear, pois as memórias da personagem conduzem a história e se misturam de maneira a construir as dinâmicas socioespaciais e culturais da personagem de sua infância até a vida adulta.

Os passos de Ponciá no campo se dão em torno da relação com sua família, principalmente com seu avô, e com o barro.

Ponciá Vicêncio também sabia trabalhar muito bem o barro. Um dia ela fez um homem baixinho, curvado, magrinho, graveto e com o bracinho cotoco para trás. A mãe pegou o trabalho e teve vontade de espatifá-lo, mas se conteve, como também conteve o grito. Passados uns dias, o pai veio da terra dos brancos trazendo os mantimentos. A mãe andava com o coração aflito e indagador. O que havia naquela menina? Primeiro andou de repente e com o jeito do avô... Agora havia feito aquele homenzinho de barro, tão igual ao velho. (EVARISTO, 2003, p. 21)

Apesar do forte vínculo da personagem com a família, ela mantém o interesse de se mudar para a cidade, pois desejava romper com as relações de dominação e subalternidade em

que vivia juntamente com seus familiares nas terras do Coronel Vicêncio. Para Ponciá a vida no campo somente lhe possibilitava a manutenção de um *status quo*.

O pai e o irmão da protagonista trabalhavam na terra dos brancos e ela e sua mãe criavam objetos diversos, artesanatos, na terra dos pretos com o barro. O ofício de Ponciá com o barro também é fundamental na sua vida e o afastamento dessa prática contribui para o seu isolamento quando se muda para a cidade. O emprego do pai e do irmão nas terras do Coronel Vicêncio os distanciou de Ponciá e de sua mãe, uma vez que eles passavam longos períodos sem ir até as terras dos pretos. Após a morte de seu pai, não há uma aproximação ainda com o irmão, pois ele permanece trabalhando no mesmo local, mas depois segue também para a cidade em busca da irmã.

Ponciá consegue a casa, o trabalho, casa-se, mas devido às várias perdas que marcaram suas experiências e a memória de sua vida no campo, acaba se isolando em um mundo marcado pelas recordações de suas vivências passadas, principalmente sua relação com o barro e com Vô Vicêncio. Nesse momento da narrativa, o desejo de Ponciá é reencontrar a mãe e o irmão, o que também era almejado por eles. Dessa maneira, na tentativa de encontrar a irmã, Luandi migra para a cidade e vai trabalhar na delegacia, onde conhece o soldado Nestor, um soldado negro, que se torna uma referência para o irmão de Ponciá. É “na rua da feira das mulheres” que Luandi conhece Bilisa, por quem se apaixona e com quem deseja se casar, mas devido à morte da amada, seu desejo não se concretiza. Apesar de ter se mudado para a cidade em busca de Ponciá, Luandi não a encontra e toda a família Vicêncio se mantém separada por um longo período.

No momento em que Ponciá adquire sua moradia na cidade, decide retornar ao campo para reencontrar Luandi e sua mãe, no entanto ela não os localiza e somente se defronta com as lembranças de sua vida naquele local. Estar de volta ao campo faz com que Ponciá retorne às suas experiências passadas e às suas relações com seu avô e com o barro. Ao retornar à cidade, ela possui dificuldades em retomar a sua vida, uma vez que se vê sem seus familiares. Para ela nesse momento, a cidade está se distanciando da ideia de um lugar no qual teria a possibilidade de construir uma história distinta daquela vivenciada no campo por ela e pela família.

Cansada de viver somente com as memórias de seu cotidiano no campo, marcada pela solidão e pelo isolamento e entendendo que a cidade não lhe ofereceu as transformações que desejava, Ponciá decide voltar à Vila Vicêncio novamente para se reencontrar com seu mundo anterior. É nesse momento que ela reencontra Luandi, que se tornara soldado e, em seu primeiro dia de trabalho fora do quartel, foi designado para a estação, para onde sua irmã caminhou e iria pegar o trem e retornar à Vila Vicêncio e ao rio. Em seguida, ele conduz a irmã para ver a

mãe, que já se encontrava na cidade, levada para Luandi pelo soldado Nestor que a encontrara também na estação. Assim, Ponciá reencontra sua família e é esse momento que a possibilita reconstituir parte de suas referências e seu vínculo com a Vila Vicêncio. É como se a personagem se encontrasse consigo e seus referenciais pautados nas relações familiares e com o espaço.

Seu olhar escorregava de um ponto a outro da pequena estação e eis que, de repente, capta a imagem de uma mulher que ia e vinha, num caminhar sem nexos, quase em círculos, no lado oposto em que ele se encontrava. E apesar de a estação ser pequena, a Luandi pareceu que uma distância de séculos se impunha entre ele e a mulher-miragem. Silhueta ao longe que demorava infinitamente a se concretizar diante dele. E sem conseguir dar um passo em direção ao que precisava alcançar, só a voz dele mexeu gritando um nome. (EVARISTO, 2003, p. 123).

Para Araújo (2007), o final da história de Ponciá se conecta com o seu início, uma vez que ocorre no mesmo local, o rio. De acordo com a autora, a trajetória da personagem é concluída em um processo cíclico, no qual o seu começo e o seu término estariam relacionados a um mesmo lugar, onde se encontra sua relação com seus antepassados como seu próprio avô Vicêncio.

Apondo que o final da narrativa expõe para o leitor um discurso que tende a questionar os processos vivenciados por negros e negras na cidade e no campo. Luandi compreende que o Soldado Nestor não possuía poder de mando e, dessa maneira, entende também as falas de Nêngua Kainda, uma senhora sábia que vivia na Vila Vicêncio, quando esteve no campo vestido de soldado. A mulher indica para o irmão de Ponciá que a sua função seria outra e não aquela de soldado. Ele tem a compreensão, ainda, de que apenas saber ler não era suficiente, pois “era preciso autorizar o texto da própria vida, assim como era preciso ajudar a construir a história dos seus.” (EVARISTO, 2003, p. 127). O reencontro entre Maria Vicêncio, Luandi e Ponciá pode ser interpretado como a busca pelo conhecimento da história, da ancestralidade e das trajetórias de seus antepassados, como o Vô Vicêncio. E essa procura somente seria possível no lugar em que estavam suas referências, a Vila Vicêncio e o rio de onde retirava o barro. A partir dessa narrativa, apresento no próximo subcapítulo as análises sobre as formações, memórias e rupturas discursivas identificadas no romance.

5.2.1 As formações, memórias e rupturas discursivas em *Ponciá Vicêncio*

As formações discursivas (FDs) são construídas a partir de um conjunto de discursos e elas não se constituem de maneira isolada. Assim, uma formação discursiva que nos remete ao racismo também está atrelada a outra que pode ser considerada como antirracista. O entendimento dos discursos presentes em uma determinada formação é possibilitado pelo conhecimento de outra, uma vez que elas se inter-relacionam. Estas também podem se reconfigurar e constituírem outro conjunto de discursos com novos sentidos. Em *Ponciá Vicêncio*, identifico basicamente a presença de duas FDs. Uma refere-se aos discursos que estão relacionados ao racismo e a outra refere-se às práticas discursivas do antirracismo. São essas as formações discursivas que apresento a partir da narrativa do romance. Relacionadas a elas se encontram alguns deslizamentos, que são os pontos de ruptura que podem ser identificados nos discursos das personagens e que produzem outros sentidos discursivos, por exemplo, sobre o que é ser mulher negra. Identifico, ainda, a presença de memórias discursivas que são fundamentais para a compreensão dos significados de determinados discursos.

No trecho abaixo, é possível observar uma formação discursiva que expõe os resquícios da escravidão presentes na vida dos negros que viviam nas terras do Coronel Vicêncio. Mas também há a manifestação da insatisfação de Ponciá diante de tal situação, o que a leva a buscar outra vida na cidade.

De trabalhar com o barro com a mãe, de ir e de vir às terras dos brancos e voltar de mãos vazias. De ver a terra dos negros coberta de plantações, cuidadas pelas mulheres e crianças, pois os homens gastavam a vida trabalhando nas terras dos senhores, e depois a maior parte das colheitas ser entregue aos coronéis. Cansada da luta insana, sem glória, a que todos se entregavam para amanhecer cada dia mais pobres, enquanto alguns conseguiam enriquecer-se a todo dia. Ela acreditava que poderia traçar outros caminhos, inventar uma vida nova. E avançando sobre o futuro, Ponciá partiu no trem do outro dia, pois tão cedo a máquina não voltaria ao povoado. (EVARISTO, 2003, p. 33).

Considero que o excerto aponta as desigualdades e as hierarquias entre negros e brancos na Vila Vicêncio, mediadas pela relação com a terra e com o coronelismo. Essas desigualdades interferem no processo de constituição das espacialidades, uma vez que esse local se encontra dividido entre as "terras dos brancos" e a "terra dos negros". Essa separação, juntamente com o fato daquelas terras serem denominadas pelo sobrenome do coronel, indica as hierarquias e os processos de dominação vivenciados pela população negra rural. A situação narrada no trecho citado relaciona-se com as formações discursivas que evidenciam a subordinação do negro ao

branco e nos remetem ao período da escravidão no qual a população negra não possuía o domínio sobre seu próprio trabalho.

Dessa maneira, o fragmento me possibilita visualizar duas situações contrastantes. Uma que expõe as marcas que o processo escravista deixou na sociedade brasileira, resultando na desigualdade entre negros/as e brancos/as e nas práticas racistas que subjogam e inferiorizam pessoas negras. Há, ainda, a construção de um deslizamento que tende a construir outro discurso sobre as possibilidades para esse grupo étnico-racial, em especial, para a mulher negra. Quando Ponciá se cansa de ver a luta de trabalhar e ter de entregar parte significativa do trabalho das/dos negras/os para os coronéis, há uma ruptura com os discursos que não vislumbram outra perspectiva para aquelas/es negras/os que ali vivem. A percepção da personagem dos processos exploratórios por que passavam é o que permite a ruptura com os discursos construídos para mantê-los na condição de subalternidade. Mas para Ponciá é na cidade que ela poderá se "alforriar" e construir outro sentido para sua vida, enquanto mulher negra e também para sua família, uma vez que ela deseja levar sua mãe e seu irmão consigo.

Em outro momento da narrativa aparece a exploração sofrida pela população negra a partir da referência ao período da escravidão.

Há tempos e tempos, quando os negros ganharam aquelas terras, pensaram que estivessem ganhando a verdadeira alforria. Engano. Em muito pouca coisa a situação de antes diferia da do momento. As terras tinham sido oferta dos antigos donos, que alegavam ser presente de libertação, e, como tal, podiam ficar ali, levantar moradias e plantar seus sustentos. Uma condição havia, entretanto, a de que continuassem todos a trabalhar nas terras do Coronel Vicêncio. [...] O tempo passava e ali estavam os antigos escravos, agora libertos pela 'Lei Áurea', os seus filhos, nascidos do 'Ventre livre' e os seus netos, que nunca seriam escravos. Sonhando todos sob os efeitos de uma liberdade assinada por uma princesa, fada-madrinha, que do antigo chicote fez uma varinha de condão. Todos, ainda, sob o jugo de um poder que, como Deus, se fazia eterno. (EVARISTO, 2003, p. 48/49).

O trecho faz referência à memória discursiva do sistema escravista e do processo de libertação dos negros. Essa memória pode ser identificada através da utilização de termos como alforria, Lei Áurea, Ventre Livre, princesa e chicote. A leitura e a compreensão desse excerto somente se tornam possível por já termos uma série de discursos que nos colocaram em contato com esse longo processo da história brasileira. Entretanto, também é possível encontrar alguns pontos de ruptura em relação à memória discursiva escravista. Ao pontuar que não havia liberdade de fato, cria-se um deslizamento construindo um contradiscurso que coloca em xeque a ideia de que a população negra é livre. Não se pode pensar em liberdade efetiva para esse

grupo étnico-racial, na medida em que ele tem seu cotidiano marcado pelas práticas racistas e pela segregação socioespacial.

O deslizamento também aparece quando se associa a imagem da princesa Isabel a uma fada-madrinha que transforma o chicote em varinha de condão que permite o fim da escravidão. Conceição Evaristo se utiliza da ironia nessa passagem, pois traz uma crítica sobre o processo de libertação da população negra. Esse é colocado como "passe de mágica" a partir do qual negros e negras passaram a ser livres e, portanto, passaram a ter seus direitos e sua cidadania garantidos pela classe dominante. No entanto, não houve liberdade efetiva como pode ser observado na passagem a seguir.

Desde pequena, ouvia dizer também que as terras que o primeiro Coronel Vicêncio tinha dado para os negros como presente de libertação eram muito mais, e que pouco a pouco elas estavam sendo tomadas novamente pelos descendentes dele. Alguns negros, quando o Coronel lhes doou as terras, pediram-lhe que escrevesse o presente no papel e assinasse. Isto foi feito para uns. Estes exibiram aqueles papéis por algum tempo, até que um dia o próprio doador se ofereceu para guardar a assinatura-doação. Ele dizia que, na casa dos negros, o papel poderia rasgar, sumir, não sei mais o quê... Os negros entregaram, alguns desconfiados, outros não. O Coronel guardou os papéis e nunca mais a doação assinada voltou às mãos dos negros. Enquanto isso, as terras voltavam às mãos dos brancos. Brancos que se fizeram donos desde os passados tempos. (EVARISTO, 2003, p. 61/62)

A subordinação da população negra à família do Coronel Vicêncio é mantida mesmo após o fim da escravidão e se expressa na manutenção nas mãos do Coronel da propriedade das terras, supostamente doadas para as/os negras/os que contribuíram para a produção e organização daquele espaço. Esta condição é questionada em vários momentos da narrativa.

Os deslizamentos presentes no romance constituem uma ruptura com as formações discursivas que consideram a/o negra/o como um sujeito inferiorizado e subordinado ao poder e aos padrões do branco. Um desses deslizamentos está presente no relato da história da personagem Zé Moreira, que era vizinho de Ponciá no morro em que ela morava. Zé Moreira trabalhava em um restaurante e, devido às condições precárias em que vivia e as dificuldades até mesmo para alimentar a família todos os dias, levava sobras de comida do restaurante para casa. Mas além das sobras, ele, em alguns momentos, levava outros produtos como óleo e manteiga, pois, muitas vezes, ele, sua família e até mesmo alguns vizinhos necessitavam daqueles alimentos.

O chefe da cozinha já estava desconfiado e avisou o patrão. Um dia, quando Zé Moreira ia saindo, pediram para ver a sacola dele. Não tinha sobra de

comida apenas, tinha também uma lata de óleo e dois pacotes de manteiga. Zé Moreira foi levado à polícia para o caso servir de exemplo para outros. Era isso que acontecia com empregado ladrão. Bom mesmo que os filhos tivessem nascidos mortos, pois assim se livraram de viver uma mesma vida. De que valera o padecimento de todos aqueles que ficaram para trás? De que adiantara a coragem de muitos em escolher a fuga, de viverem o ideal quilombola? De que valera o desespero de Vô Vicêncio? Ele, num ato de coragem-covardia, se rebelara, matara uns dos seus e quisera se matar também. O que adiantara? A vida escrava continuava até os dias de hoje. Sim, ela era escrava também. Escrava de uma condição de vida que se repetia. Escrava do desespero, da falta de esperança, da impossibilidade de travar novas batalhas, de organizar novos quilombos, de inventar outra e nova vida. (EVARISTO, 2003, p. 83)

Os questionamentos presentes no trecho citado podem ter um tom de desesperança diante da exclusão e da subordinação vivida pela população negra, porém compreendo que a narrativa possibilita que se coloque em xeque a estrutura em que vivem negras e negros na sociedade brasileira. Foram muitas lutas em busca de uma verdadeira liberdade, através da qual esses sujeitos pudessem romper com a condição de dominação em que viveram durante séculos, mas ainda permanecem marcados pela discriminação, marginalização e pobreza. A percepção de que a condição em que vivem negras e negros não se modificou com o passar dos anos é onde ocorre a ruptura e o deslizamento, pois a compreensão dos processos que mantêm a população negra excluída é fundamental para a construção de outros discursos sobre o que é ser negra/o e acerca do racismo.

Para Ponciá, a migração para a cidade constituiu a possibilidade de romper com a condição em que vivia na Vila Vicêncio, por isso ela resolve se mudar para o meio urbano e decide que, quando fosse possível, levaria sua mãe e seu irmão. Havia a expectativa de que na cidade seria possível a construção de outras dinâmicas socioespaciais nas quais negras e negros poderiam se afastar das imagens estereotipadas e dos discursos que desqualificam seus corpos. A cidade é vista como o espaço de esperança. Os trechos a seguir apresentam certa memória discursiva sobre a cidade.

‘Para que eu vim para a cidade?’, perguntou-se entre os dentes, resmungando, como era hábito de seu pai. ‘Para que eu vim para a cidade?’, se perguntou novamente. Achar minha irmã, juntar dinheiro e ficar rico. É, ele havia de ficar rico. Diziam que na cidade as pessoas trabalham muito, mas ficam ricas. E de trabalho Luandi não tinha medo (EVARISTO, 2003, p. 69).

Tinha acabado de chegar lá da roça. Foi, então, revistado: no bolso um canivete. Estava armado! ‘Por isso, é melhor você me seguir até a delegacia’. Soldado Nestor pegou Luandi pelo braço. Um funcionário que varria a estação ficou olhando. Era negro também. Luandi se assustou, mas nem raiva teve. Estava feliz. Acabava de fazer uma descoberta. A cidade era mesmo melhor

do que na roça. Ali estava a prova. O soldado negro! Ah! Que beleza! Na cidade, negro também mandava! (EVARISTO, 2003, p. 70).

A mãe de Ponciá olhou meio incrédula para a moça, ao ouvir a filha falar da decisão de partir. Por que uma ida tão repentina, como um gesto quase de fuga? Ponciá não conseguiu explicar que sua urgência nascia do medo de não conseguir partir. Do medo de recuar, do desespero por não querer ficar ali repetindo a história dos seus. (EVARISTO, 2003, p. 38/39).

A leitura desses fragmentos nos remete a uma memória discursiva sob a qual se estabeleceram muitas das dinâmicas socioespaciais na sociedade brasileira. A saída de Ponciá em direção à cidade faz referência ao período de grande deslocamento campo-cidade, no qual a população que vivia no meio rural vislumbrava o urbano como a possibilidade de outra vida com melhores condições sociais e econômicas. O imaginário dela de que na cidade poderia construir outros sentidos para seu cotidiano está relacionado à memória discursiva que colocou a cidade como um espaço de esperança a partir dos anos de 1930, quando começam a se intensificar a migração campo-cidade no Brasil (MATOS, 2012). No entanto, o urbano apresentado para Ponciá e para outras personagens do romance é um lugar marcado pela segregação social, espacial e racial. A subordinação vivenciada no espaço agrário não é deixada para trás com a migração, pois a população negra urbana é também marginalizada e discriminada. O entendimento de que a exclusão e a subalternidade não eram exclusivas do campo se dá a partir das vivências na cidade, que aos poucos se mostra um local tão segregador quanto a Vila Vicêncio.

Outros e outros casos de conhecidos que saíam do povoado a caminho da cidade e eram roubados na estação de chegada. Perdiam o pouco que tinham e ali mesmo viraram mendigos. Outros não conseguiam trabalho ou ganhavam pouquíssimo e não tinham como viver. A vida se tornara pior do que na roça. (EVARISTO, 2003, p. 37)

Para Ponciá, a cidade lhe parecia agora sem graça e a vida seguia sem qualquer motivo. Trabalhara, conseguira juntar algum dinheiro com o qual pudera comprar uma casinha, mas faltava-lhe os seus. (EVARISTO, 2003, p. 74)

A vida na cidade não era a outra possibilidade que as personagens migrantes do campo procuravam. O encontro com o urbano e com a segregação socioespacial e racial reproduzida nesse local foi tornando Ponciá uma mulher em busca de seu reconhecimento e de sua espacialidade. Para ela, a vivência de uma nova espacialidade, em que negras e negros não passassem por processos de subordinação, seria somente possível se sua família compartilhasse dessa mudança. No entanto, a personagem não consegue proporcionar a si, à sua mãe e a seu

irmão a construção de um novo significado sobre o ser negra/o. Mas Ponciá percebe que o retorno para o campo lhe possibilitaria alcançar a mudança não encontrada na cidade.

Um dia, depois de olhar para o homem como se não o visse, depois de tantos anos recolhida, enterrada morta-viva dentro de casa, Ponciá Vicêncio sorriu, gargalhou, chorou, dizendo que sabia o que devia fazer. Ia tomar o trem, voltar ao povoado, voltar ao rio. Dizendo isso apanhou debaixo do banco a estatueta do homem-barro. Pegou ainda uns panos e com um gesto antigo, com um modo rememorativo de sua mãe, perguntou se não havia folhas de bananeiras secas e palhas de milho para embrulhar o barro. Em seguida fez uma pequena trouxa e lentamente saiu.

O homem de Ponciá, cabisbaixo, aturdido. O que faria agora? Sabia que, se tentasse retê-la, seria pior. Acompanharia a mulher, iria atrás dela para ver se conseguia trazê-la de volta, embora soubesse que há muito tempo ela estava indo, indo, indo... Ponciá Vicêncio caminhava pelo morro abaixo. Seguia em direção ao rio. (EVARISTO, 2003, p. 120/121)

Ressalto que o isolamento em que Ponciá passa a viver na cidade, por não ter encontrado uma nova vida para si e para sua família está relacionado com a perda de referências da personagem. Quando ela sai do campo, ela se afasta de sua família e de todos os elementos que lhe permitiram se reconhecer enquanto mulher negra. Assim, Ponciá busca através de sua memória o reencontro com a espacialidade perdida, mas compreendo que, para ela, as lembranças não seriam suficientes para essa busca. A personagem consegue sair de seu isolamento e reencontrar suas referências quando decide retornar à Vila Vicêncio e ir ao encontro do rio, de onde retirava o barro que constitui outro elemento marcante de seus afazeres e do seu estar no mundo.

Maria Vicêncio, agora de olhos abertos, contemplava a filha. A menina continuava bela; no rosto sofrente, feições de mulher. Por alguns momentos, outras faces, não só a de Vô Vicêncio, visitaram o rosto de Ponciá. A mãe reconheceu todas, mesmo aquelas que chegavam de outro tempo-espaço. Lá estava a sua menina única e múltipla. Maria Vicêncio se alegrou, o tempo de reconduzir a filha à casa, à beira do rio estava acontecendo. Ponciá voltaria ao lugar das águas e lá encontraria a sustância, o húmus para o seu viver. (EVARISTO, 2003, p. 15).

Considero que as outras possibilidades que Ponciá acreditava que encontraria na cidade somente se concretizariam diante do seu reconhecimento e de sua espacialidade. Dessa maneira, a liberdade e o desejo de não ter mais que conviver com a subordinação e marginalização da população negra seriam possíveis na Vila Vicêncio, pois era o espaço no qual ela poderia estar próxima de seus referenciais enquanto mulher e negra. Ao considerar a importância da

espacialidade para Ponciá, abordo, no próximo subcapítulo, sobre como a dimensão espacial é apresentada nessa obra.

5.2.2 O espaço no romance *Ponciá Vicêncio*

O espaço é fundamental na construção da trajetória da protagonista e no seu reconhecimento pessoal. Como já indicado nesta tese, Ponciá encara o meio urbano como a possibilidade de ruptura com um determinado *status quo*, mas também percebe que é o campo que permite a constituição de seus referenciais. É no espaço que Ponciá observa as desigualdades raciais e sociais quando aponta as diferenças entre a terra dos brancos e a terra dos negros. Dessa maneira, entendo que a dimensão espacial é essencial para a análise da história da personagem e, portanto, a sua trajetória também deve ser considerada como socioespacial. O reconhecimento das diferenças entre negros e brancos e a relação com a família são marcadas pelo elemento espacial, uma vez que esses aspectos são construídos ao longo da narrativa demarcando a importância da espacialidade no cotidiano de Ponciá, como pode ser observado no excerto a seguir.

Por aqueles tempos, pelo interior andavam uns missionários. Um dia a notícia correu. Eles iriam demorar por ali e montariam uma escola. Quem quisesse aprender a ler, poderia ir. Ponciá Vicêncio obteve o consentimento da mãe. Quem sabe a menina um dia sairia da roça e iria para a cidade. Então, carecia de aprender a ler. Na roça, não! Outro saber se fazia necessário. O importante na roça era conhecer as fases da lua, o tempo de plantio e de colheita, o tempo das águas e das secas. A garrafada para o mau da pele, do estômago, do intestino e para as excelências das mulheres. Saber a benzedura para o cobreiro, para o osso quebrado ou rendido, para o vento virado das crianças. O saber que se precisa na roça difere em tudo do da cidade. Era melhor deixar a menina aprender a ler. Quem sabe, a estrada da menina seria outra. (EVARISTO, 2003, p. 28).

Nesse trecho, ficam evidentes as diferenças espaciais em relação ao saber, uma vez que a mãe de Ponciá entendia que, ao viver no campo, certos saberes são indispensáveis enquanto outros não são, como é o caso da leitura e da escrita. Essas distinções são alguns dos pontos em que observo como a dimensão espacial é central na narrativa do romance.

A espacialidade também fica evidente na divisão da Vila Vicêncio entre terra dos brancos e terra dos negros. Pelo espaço, é possível observar as desigualdades raciais na sociedade e, ainda, entender como essa segregação espacial é demarcada pelo racismo e pela exclusão da população negra. Esse processo pode ser interpretado como a manifestação das

desigualdades no espaço, na qual aqueles que possuem uma condição mais precária ocupam os locais com os mesmos aspectos, enquanto os que apresentam melhores condições localizam-se nas áreas mais estruturadas (VILAÇA, 2011). Segregar é, ainda, dividir espacialmente as coletividades de acordo com suas características socioeconômicas, raciais, religiosas entre outras (OLIVEIRA, 2008). A segregação socioespacial pode ser conjugada com o elemento racial, resultando em uma divisão entre lugares e grupos étnico-raciais. Para Andreilino Campos (2012), há uma separação espacial que também é definida a partir dos aspectos étnico-raciais da sociedade. Considero, assim, que há uma segregação que é tanto socioespacial quanto racial, como a apresentada na Vila Vicêncio.

A divisão espacial entre terra dos brancos e terra dos negros é percebida por Ponciá e pode ser entendida como um dos aspectos que a faz ter o desejo de migrar para a cidade, onde ela ainda não conhecia quais eram as formas de segregação e exclusão socioespacial.

Descia-se na entrada do povoado e caminhava todo o resto a pé. Atravessava as terras dos brancos, viam-se terrenos e terrenos de lavouras erguidas pelos homens que ali trabalhavam longe de suas famílias. Ponciá se lembrou do pai, das ausências dele durante os longos períodos de trabalho. Atravessou, depois, as terras dos negros e apesar dos esforços das mulheres e dos filhos pequenos que ficavam com elas, a roça ali era bem menor e o produto final ainda deveria ser dividido com o coronel. (EVARISTO, 2003, p. 48)

Essa separação expõe como a Vila Vicêncio se mantém subjugada aos interesses da família do Coronel. A própria denominação da vila também é efeito desse processo de dominação e hierarquização que se reproduz na sociedade desde a colonização. Para a população negra da Vila Vicêncio, somente restava o trabalho intenso na terra dos brancos, enquanto, em suas próprias terras, a produção era menor, mas ainda precisava ser dividida com o coronel.

Ao longo de *Ponciá Vicêncio* a separação espacial e racial na Vila Vicêncio e a forma de exploração da população negra também estão relacionadas a outra questão do meio agrário brasileiro, que é a concentração fundiária. A atual organização do campo brasileiro é marcada pela distribuição desigual de terras e pela forte desigualdade social, que exclui a população mais pobre e negra dos processos de produção do espaço agrário. Essa concentração fundiária é o que estrutura a organização social e econômica na Vila Vicêncio.

Sobre a organização do campo no Brasil, Bernardo Mançano Fernandes (2001) e Guiomar Inez Germani (2006) apontam que ela tem sido rígida e concentrada desde a colonização e que uma reorganização dessa espacialidade é fundamental. Fernandes ressalta

que a maneira como se deu a organização do campo esteve marcada por ações violentas e pelo poder exercido pelos grandes proprietários de terra. Na narrativa de *Ponciá Vicêncio*, é o poder da família Vicêncio que define a estrutura social e espacial da vila, segregando a população negra e a subordinando aos interesses do coronel.

A produção e o modo como está organizado o campo se estruturaram, em muitas áreas do país, através do trabalho de africanos/as e seus descendentes. Germani (2006) observa que as diferentes produções agrícolas que ancoraram a economia brasileira em distintos momentos, como a de cana de açúcar e de café, por exemplo, estabeleceram-se por meio do trabalho realizado por negras e negros. A organização social e cultural do meio agrário é marcada pela presença dessa população e a situação vivenciada no campo é ampliada para outros lugares da sociedade brasileira, como a cidade, os mantendo à margem e não lhes possibilitando uma integração social, econômica e espacial, mesmo após o fim da escravidão. Os processos de subordinação desse grupo étnico-racial se mantêm ou são recriados ao longo dos séculos e essa condição é fortemente marcada em *Ponciá Vicêncio*. Os trechos a seguir trazem o que foi vivenciado pelo pai de Ponciá, inferiorizado pelo sinhô-moço, filho do coronel.

Filho de ex-escravos, crescera na fazenda levando a mesma vida dos pais. Era pajem do sinhô-moço. Tinha a obrigação de brincar com ele. Era o cavalo onde o mocinho galopava sonhando conhecer todas as terras do pai. Tinham a mesma idade. Um dia o coronelzinho exigiu que ele abrisse a boca, pois queria mijar dentro. O pajem abriu. A urina do outro caía escorrendo quente por sua goela e pelo canto de sua boca. Sinhô-moço ria, ria. Ele chorava e não sabia o que mais lhe salgava a boca, se o gosto da urina ou se o sabor de suas lágrimas. Naquela noite teve mais ódio ainda do pai. Se eram livres, por que continuavam ali? Por que, então, tantos e tantas negras na senzala? Por que todos não se arribavam à procura de outros lugares e trabalho? (EVARISTO, 2003, p. 17).

Pajem do sinhô-moço, escravo do sinhô-moço, tudo do sinhô-moço, nada do sinhô-moço. Um dia o coronelzinho, que já sabia ler, ficou curioso para ver se negro aprendia os sinais, as letras de branco e começou a ensinar o pai de Ponciá. O menino respondeu logo ao ensinamento do distraído mestre. Em pouco tempo reconhecia todas as letras. Quando sinhô-moço se certificou de que o negro aprendia, parou a brincadeira. Negro aprendia sim! Mas o que o negro ia fazer com o saber de branco? O pai de Ponciá Vicêncio, em matéria de livros e letras, nunca foi além daquele saber. (EVARISTO, 2003, p. 18).

O pai de Ponciá questiona a necessidade de se viver subordinado à família do coronel, uma vez que eles já eram livres. A personagem acreditava que, em outro local, poderia encontrar situações distintas daquelas vivenciadas na Vila Vicêncio. O pai e o “homem” de Ponciá, Luandi, Bilisa, Soldado Nestor e Ponciá experimentam lugares sociais marcados pela exclusão

devido às suas corporeidades. Mulheres negras reduzidas à imagem de “mucama” e homens negros considerados como “vagabundos”, como fica expresso na fala do delegado.

E que Luandi não levasse a mal o que ele ia dizer, mas quase todo negro era vagabundo, baderneiro, ladrão e com propensão ao crime. Poucos, muito poucos eram como o Soldado Nestor e ele. Soldado Nestor olhou desconcertado para Luandi, que continuava calmo, parado, longe, como se o delegado não estivesse ouvindo. (EVARISTO, 2003, p. 118).

Esses lugares sociais destinados às pessoas negras ao longo do romance são questionados de maneiras distintas, como aparece no trecho acima sobre o pai de Ponciá. Em outros momentos da narrativa, outras personagens se sentem oprimidas e buscam a ruptura com essa opressão. Esse é o caso do avô de Ponciá, que desesperadamente procura a liberdade para si e para sua família no período escravista.

Numa noite, o desespero venceu. Vô Vicêncio matou a mulher e tentou acabar com a própria vida. Armado com a mesma foice que lançara contra a mulher, começou a se autoflagelar decepando a mão. Acudido, é impedido de continuar o intento. Estava louco, chorando e rindo. Não morreu o Vô Vicêncio, a vida continuou com ele, independentemente do seu querer. Quiseram vende-lo. Mas quem compraria um escravo louco e com o braço cotó? Tornou-se um estorvo para os senhores. Alimentava-se das sobras. Catava os restos dos cães, quando não era assistido por nenhum dos seus. Viveu ainda muitos e muitos anos. Assistiu, chorando e rindo, aos sofrimentos, aos tormentos de todos. (EVARISTO, 2003, p. 51/52).

Para Vô Vicêncio, a morte seria a solução para a opressão sofrida por ele e por sua família, por isso um ato desesperado de busca por liberdade. A história dele e os questionamentos do pai de Ponciá demonstram a necessidade e o forte desejo de outra organização socioespacial no campo, através da qual negros e negras possam usufruir de seu próprio trabalho e não se manter subordinados aos interesses da “casa grande”. As ações e questionamentos dessas personagens não possuem somente um propósito individual, mas sim coletivo, pois fazem referência às situações vivenciadas por todo um grupo étnico-racial.

A segregação socioespacial e racial presente no espaço agrário também se encontra na cidade. Negros e brancos, pobres e ricos pouco compartilham dos mesmos lugares de moradia no contexto urbano. Ponciá, ao migrar, objetivava comprar uma casa para que posteriormente seu irmão e sua mãe fossem morar com ela. A personagem consegue adquirir o imóvel, mas se trata de uma casa pequena localizada em um morro da cidade. Uma situação oposta a que ela vivencia na casa em que trabalha.

Crescera na pobreza. Os pais, os avós, os bisavôs, sempre trabalhando nas terras dos senhores. A cana, o café, toda a lavoura, o gado, as terras, tudo tinha dono, os brancos. Os negros eram donos da miséria, da fome, do sofrimento, da revolta suicida. Alguns saíam da roça, fugiam para a cidade, com a vida a se faltar de miséria, e com o coração a sobrar de esperança. Ela mesma havia chegado à cidade com o coração crente em sucessos e eis no que deu. Um barraco no morro. Um ir e vir para a casa das patroas. Umas sobras de roupa e de alimento para compensar um salário que não bastava. (EVARISTO, 2003, p. 82)

A história de cada personagem é marcada pelos espaços – a terra, a cidade – em que se passam as situações nas quais aparecem conjugados em conexão com os corpos. Os lugares em que se encontram as corporeidades negras se tornam marcados e abjetos devido aos discursos que os desqualificam e à subjugação a que essa população é submetida cotidianamente. Ponciá, em seu isolamento na cidade, através da memória, teve a possibilidade de retornar à Vila Vicêncio e reencontrar com sua antiga espacialidade, que é marcante no seu processo de reconhecimento como mulher negra. No próximo subcapítulo, portanto, discuto como se processa a relação entre espaço e memória que é também marcante no romance.

5.2.3 Memória e espaço em *Ponciá Vicêncio*

Em *Ponciá Vicêncio* a sobrevivência da personagem na cidade é ancorada nas suas memórias, que aos poucos demonstra ser insuficiente para a constituição de seus referenciais e para o seu reconhecimento. Torna-se, portanto, necessário o reencontro com a Vila Vicêncio. Considero, dessa maneira, que há uma acentuada relação entre a dimensão espacial e a memória que vai sendo demarcada através da lembrança, do desejo de retorno ao campo, do encontro com a família e com o rio de onde retirava o barro para a produção do artesanato com a mãe.

Ponciá Vicêncio gostava de ficar sentada perto da janela olhando o nada. Às vezes, se distraía tanto que até se esquecia da janta e, quando via, o seu homem estava chegando do trabalho. Ela gastava todo o tempo com o pensar, com o recordar. Relembra a vida passada, pensava no presente, mas não sonhava e nem inventava nada para o futuro. O amanhã de Ponciá era feito de esquecimento. (EVARISTO, 2003, p. 19)

Através da memória, Ponciá procurava se reencontrar com as dinâmicas socioespaciais da Vila Vicêncio e com os elementos que fazem parte do processo de constituição de sua identidade, como ressalta Araújo (2007). Assim, a narrativa alterna entre as memórias da personagem, as suas vivências na cidade e o desejo de encontrar com sua mãe e seu irmão. O

seu isolamento é uma tentativa de não perder o vínculo com o local deixado e isso é possível através da memória, recordando cada vivência e experiência que teve na Vila Vicêncio.

Toda noite ela contemplava o desleixo da casa, a falta de anseio que lhe incomodava tanto, mas faltava-lhe coragem para mudar aquela ambiência. Fechou os olhos e lembrou a casinha de chão de barro batido de sua infância. O solo era todo liso e por igual, mesmo seco dava a impressão de ser escorregadio. Tudo ali era de barro. Panelas, canecas, enfeites e até uma colher com que a mãe servia o feijão. Ao se lembrar da mãe, sentiu um aperto no peito. O que acontecera com ela? Teria morrido? Precisava levantar algumas histórias do passado. Mas como? E o irmão? Vivera pouco com ele na infância, muito pouco, mas das raras vezes que se encontraram, gostavam tanto. (EVARISTO, 2003, p. 26/27).

Ponciá gastava a vida em recordar a vida. Era também uma forma de viver. Às vezes, era um recordar feito de tão dolorosas, de tão amargas lembranças que lágrimas corriam sobre o seu rosto; outras vezes eram tão doces, tão amenas as recordações que, de seus lábios surgiam sorrisos e risos. A mãe e o irmão eram sempre matéria de sua memória. Tanto tempo já se tinha passado. Quando se encontrariam juntos os três? Parte de sua vida era o desejo de que isso acontecesse. Porém nada fazia, a não ser ficar ali, calma, sentada, quase inerte. Era preciso esperar. E era isso que ela estava fazendo há anos. Fazia o que suas forças lhe permitiam. Só lhe era possível esperar. (EVARISTO, 2003, p 91/92).

Para Ponciá, a vida na cidade perde significado, mas a sua manutenção ali se tornou possível pelas recordações. Dessa maneira, entendo que a memória da Vila Vicêncio é o que possibilita à personagem os questionamentos e a compreensão de que a vida na cidade também é marcada pela segregação e pelo racismo. A protagonista ao experimentar o meio urbano tão desigual quanto a Vila Vicêncio, além do distanciamento de sua família, torna-se ausente. Aline Alves Arruda (2007) destaca que a personagem tem suas perspectivas e expectativas desconstruídas pelo preconceito com que se depara ao migrar. Dessa maneira, a autora pontua que para Ponciá “sua migração, sua diáspora, assim como a de seus ancestrais, era dura e cruel.” (p.55).

As memórias da protagonista são mais direcionadas para a Vila Vicêncio, definindo, como foi dito, algumas memórias de espaço. Entretanto, esse local constitui também para Ponciá um lugar de memória, uma vez que, ao retornar ao campo voltam às vivências de outros tempos. Reencontrar com os vários locais da vila permite a ela retomar as experiências dos momentos em que vivia no campo com sua família. É, no encontro com esse lugar e com as recordações, que ele aciona que Ponciá coloca em xeque a segregação socioespacial e racial existente na Vila Vicêncio, acima abordada. A personagem se recorda dos processos de subordinação em relação à família do Coronel, mas se lembra, ainda, de outras vivências.

A casinha de pau-a-pique de Ponciá Vicêncio continuava de pé. O tempo de chuva começava e um mato verde, ameaçador, crescia ao redor. Ela teve receio de cobra, mas seguiu adiante. Empurrou a porta, que abriu doce e lentamente, como se a casa estivesse também a aguardar por ela. O chão de barro batido continuava limpo. As vasilhas de barro que a mãe fazia estavam arrumadas na prateleira. Em cima do fogão à lenha estavam as canecas de café do pai, da mãe, dela e do irmão. Esquecidas de que a vida era outra no momento, teimosamente se postavam, como se tivessem à espera do líquido. Ponciá correu e abriu a janela de madeira. Um cheiro bom de mato, terra e chuva invadiu a casa. Com o coração aos pulos, reconciliou-se com o lugar. (EVARISTO, 2003, p. 49).

Na noite em que aconteceu o regresso, Ponciá Vicêncio não dormiu. Viveu o tempo em que era tomada pela ausência e quando retornou a si, ficou apenas deitada escutando. Escutou na cozinha os passos dos seus. Sentiu o cheiro de café fresco e de broa de fubá, feitos pela mãe. Escutou o barulho do irmão se levantando várias vezes, à noite, e urinando lá fora, perto do galinheiro. Escutou as toadas que o pai cantava. Escutou os galos cantando na madrugada, no galinheiro vazio. Escutou, e o que mais escutou, e o que profundamente escutou foram os choros-risos do homem-barro que ela havia feito um dia. (EVARISTO, 2003, p. 57).

Ressalto que é no retorno à vila que Ponciá consegue se reconhecer como mulher e negra, pois, naquele lugar, a personagem encontra os aspectos que fazem parte desse reconhecimento, como a relação com a família e com o barro e a existência da “terra dos negros”. O isolamento em que Ponciá se encontrava a faz até mesmo questionar o seu próprio nome.

Uma noite ela passou todo o tempo diante do espelho chamando por ela mesma. Chamava, chamava e não respondia. Ela teve medo, muito medo. De manhã, ela parecia mais acabrunhada ainda. Pediu ao homem que não a chamasse mais de Ponciá Vicêncio. Ele, espantado, perguntou-lhe como a chamaria então. Olhando fundo e desesperadamente nos olhos dele, ela respondeu que poderia chamá-la de nada. (EVARISTO, 2003, p. 19/20)

Já na Vila Vicêncio, Ponciá achava o nome estranho e não se identificava com o mesmo. Em parte, a não identificação com o nome estaria no sobrenome herdado, uma maneira de demarcação do poder do coronel e, ainda, serve para delimitar toda aquela área como propriedade da família Vicêncio. O sobrenome Vicêncio é marcado por tudo aquilo que Ponciá questiona ao longo da narrativa em relação à condição da população negra. Ela chega a imaginar outros nomes para si.

Quando mais nova, sonhara até um outro nome para si. Não gostava daquele que lhe deram. Menina, tinha o hábito de ir à beira do rio e lá, se mirando nas águas, gritava o próprio nome: Ponciá Vicêncio! Ponciá Vicêncio! Sentia-se

como se estivesse chamando outra pessoa. Não ouvia seu nome responder dentro de si. Inventava outros. Pandá, Malenga, Quietí, nenhum lhe pertencia também. Ela, inominada, tremendo de medo, temia a brincadeira, mas insistia. A cabeça rodava no vazio, ela vazia se sentia sem nome. Sentia-se ninguém. Tinha, então, vontade de choros e risos. (EVARISTO, 2003, p. 19)

Para Ponciá, seu nome e sobrenome são marcas de sua vivência de mulher negra, por isso a busca por algum nome que indicasse essa trajetória e sua corporeidade. Nesse sentido, considero que suas referências de mulher e negra são balizadas pelas espacialidades em que a personagem se encontra. Dessa maneira, o romance *Ponciá Vicêncio* é também permeado pela relação entre gênero, raça e espaço, que é analisada no próximo subcapítulo.

5.2.4 Leituras de gênero, raça e espaço em *Ponciá Vicêncio*

No romance ainda é possível encontrar elementos que nos permitem analisar a relação entre gênero, raça e espaço. Essa intersecção pode ser observada nas experiências e vivências das personagens que são cotidianamente expostas aos discursos racistas e sexistas. A análise interseccional é, portanto, fundamental para compreender alguns pontos da narrativa de *Ponciá Vicêncio*. Ao longo da obra, considero que é possível observar que determinados lugares são definidos como “próprios” à mulher negra. É nesse contexto que as personagens Ponciá, Bilisa e Maria Pia, que aparecem como um exemplo de insucesso na cidade, deparam-se ao longo da história. Mulheres que migram do campo para a cidade em busca de outras possibilidades, mas que se deparam com os discursos racistas e sexistas que atravessam o cotidiano de muitas mulheres negras²⁴.

Para encontrar essas intersecções entre gênero, raça e espaço, procurei identificar alguns elementos e termos que me permitissem analisar a relação entre essas categorias de maneira a entender os processos presentes na constituição das espacialidades das mulheres negras. O quadro 3 traz os aspectos e termos que me possibilitaram apontar as interseccionalidades presentes em *Ponciá Vicêncio*.

²⁴ Considero que Bilisa e Maria Pia são mulheres negras pelo conjunto da obra de Conceição Evaristo e pela perspectiva que a escritora possui em relação a esse sujeito. Aponto, ainda, que outros estudos sobre o romance também consideram tais personagens negras, como em Lima (2009), Arruda (2007) e Marques (2016). Na tese de Lima (2009, p. 158) há uma entrevista com Conceição na qual ela deixa a entender a negritude de Bilisa ao ser questionada sobre a criação de protagonistas negras. A escritora pontua que ao criar personagens negras procura romper com um imaginário e mesmo que coloque certas personagens demarcadas por certas imagens o objetivo é evidenciar que a mulher negra é mais do que isso. Ela relata que Bilisa foi criada com esse desejo. Ao criar a personagem não pretendia exaltar a sua sexualidade, mas apresentá-la para além desse aspecto, ressaltando sua condição humana.

Quadro 3 - Intersecção corpo e espaço em *Ponciá Vicêncio*

Interseccionalidades em <i>Ponciá Vicêncio</i>	
Corpo (gênero e raça)	Espaço
Mulher negra, empregada doméstica, patroa, senhoras, moça, “tão limpa e ardente”, mulher-dama.	Campo, cidade, Vila Vicêncio, terras dos brancos e dos negros, rio, barro, migração, espaço doméstico, fundos da cozinha, casa de ricos, povoado, Rua da feira de mulheres.

Fonte: Da autora.

A partir desses termos e elementos, foi possível identificar como são estabelecidas as intersecções entre corpo e espaço. A partir do cruzamento entre os aspectos que revelam as marcas da corporeidade e das espacialidades, construí a análise interseccional, que possui como um de seus pilares os aspectos identificados no quadro e são complementadas por outros elementos me possibilitando tecer a correlação e compreender os processos e dinâmicas que atravessam o cotidiano da mulher negra.

Ponciá, ao chegar à cidade, não sabia como poderia organizar a sua vida naquele lugar em que novas dinâmicas socioespaciais se apresentavam a ela, mas acreditou que indo para a igreja encontraria a solução. Dessa maneira, a personagem se direciona para esse local para tentar encontrar um trabalho, uma vez que ali abordaria mulheres ricas que sairiam da missa e lhes pediria um emprego. Depois de algumas negativas, ela consegue o trabalho de empregada doméstica na casa de uma senhora rica.

Voltando para a porta principal, Ponciá se postou novamente à espreita. Assim que saiu mais uma fiel, ela avançou gaguejando e conseguiu falar de sua necessidade de arrumar um trabalho. Não tinha experiência de cuidar de casas de ricos, porém sabia lidar muito bem com o barro. A moça ouviu tudo pacientemente e no final disse não estar precisando de ninguém. Desapontada, Ponciá olhou o interior da igreja. Poucas pessoas restavam, três somente, dentre elas só uma mulher, e foi nela, justo nela, que Ponciá depositou as suas últimas esperanças. (EVARISTO, 2003, p. 42/43).

O trabalho doméstico em casa de outras pessoas para Ponciá era uma novidade, pois na vila ela trabalhava com o barro junto com a mãe e não na casa da família do Coronel. No entanto, a protagonista na cidade se depara com outras formas de subordinação da mulher negra, na qual existem espaços historicamente impostos a esses sujeitos.

Aos poucos, Ponciá foi-se adaptando ao trabalho. Ficou mesmo na casa da prima da moça que ela havia encontrado na igreja. Foi aprendendo a linguagem dos afazeres de uma casa da cidade. Nunca esqueceu o dia em que a patroa lhe pediu para que ela pegasse o *peignoir*, e atendendo prontamente o pedido, ela levou-lhe a saboneteira. Errava muito, mas ia aprendendo muito

também. Estava de coração leve, achava que a vida tinha uma saída. Trabalharia, juntaria dinheiro, compraria uma casinha e voltaria para buscar sua mãe e seu irmão. A vida lhe parecia possível e fácil. (EVARISTO, 2003, p.43)

A chegada à cidade e o emprego ainda proporcionavam à Ponciá o desejo de construção de outras dinâmicas socioespaciais e raciais. A personagem consegue vislumbrar naquele contexto a possibilidade de uma nova vida junto com a família no meio urbano. No entanto, assinalo que a presença dela no trabalho doméstico não a afasta da condição vivenciada no campo, mas a expõe a outros modos de dominação. Isto ocorre em um lugar social que é determinado como “próprio” para a mulher negra e impõe a subalternização a esse sujeito, uma vez que não é considerado, pelo discurso colonial, que a mulher negra seja capaz de ocupar outros espaços (GONZALEZ, 1984).

Além do emprego doméstico, ela consegue adquirir um imóvel para viver junto com a família, mas se trata de uma casa localizada na periferia da cidade. Para Arruda (2007), esse local em que a personagem passa a viver configura na sua desterritorialização, distanciando-a das espacialidades em que tivera seus referenciais construídos. Ao chegar à cidade e ao conseguir um trabalho, Ponciá acredita estar trilhando um caminho de transformações em sua vida, porém a personagem aos poucos vai se deparando com outras formas de subordinação. Diante da percepção dos limites raciais e espaciais de mudança, ela questiona se a migração lhe proporcionou a ruptura com o lugar social que ocupava anteriormente na Vila Vicêncio.

E agora, ali deitada de olhos arregalados, penetrados no nada, perguntava-se se valera a pena ter deixado a sua terra. O que acontecera com os sonhos tão certos de uma vida melhor? Não eram somente sonhos, eram certezas! Certezas que haviam sido esvaziadas no momento em que perdera o contato com os seus. E agora feito morta-viva, vivia. (EVARISTO, 2003, p. 33/34).

Na cidade, Ponciá reencontrou a dominação na prática do trabalho doméstico e na relação estabelecida com sua patroa. Ela devia ali se manter para não romper com a ordem imposta pelos discursos que a inferiorizam e a desqualificam. As certezas dela em relação a uma “vida melhor” se tornam distantes.

Além de Ponciá, outras personagens no romance também experimentam uma cidade permeada pelos discursos racistas e sexistas. Esse é o caso de Bilisa, a mulher pela qual o irmão de Ponciá se apaixona. Ela também migra do campo para a cidade e se insere no trabalho doméstico e se vê marcada pelos discursos que ainda colocam a mulher negra como “mucama”.

Ninguém entrava em seu quarto a não ser, de vez em quando, o filho da patroa. Sim, ele era o único que entrava lá, às vezes, quando dormia com ela. Só podia ter sido ele a tirar o dinheiro por brincadeira, para assustá-la talvez. A patroa não gostou da suspeita que caiu sobre o seu filho. Quanto o dormir com a empregada, tudo bem. Ela mesma havia pedido ao marido que estimulasse a brincadeira, que incentivasse o filho à investida. O moço namorava firme uma colega de infância, ia casar em breve e a empregada Bilisa era tão limpa e parecia tão ardente. (EVARISTO, 2003, p. 98)

O discurso da patroa em torno de Bilisa reproduz a imagem estereotipada da mulher negra como objeto sexual. Bilisa é percebida pela patroa a partir da imagem que considera esse sujeito de maneira hipersexualizada, uma vez que há o incentivo para que o filho utilize aquele corpo, mas a personagem não será a mulher com quem ele irá se casar. A moça, ao abandonar o trabalho doméstico, uma vez que todo o dinheiro que estava juntando para trazer sua família para cidade foi roubado, decide encontrar uma maneira mais rápida de recuperá-lo. Em meio a esse processo, ela começa a trabalhar como prostituta.

Bilisa estava cansada. Tinha de começar tudo de novo. Não, não começaria mesmo! A cozinha, a arrumação da casa, o tanque, o ferro de passar roupa... Haveria de ganhar dinheiro mais rapidamente. (EVARISTO, 2003, p. 99)

A história de Bilisa é a mesma de Maria Pia, outra personagem lembrada por Ponciá que foi para a cidade, mas continuou na condição de subordinação em que vivia no campo.

Viviam contando o acontecido com Maria Pia. A moça havia se contaminado com uma doença do filho do patrão. O rapaz estava mau e falou de amor com ela. Ele queria, ela queria. Não precisava de ninguém saber, principalmente os pais deles. Podia ser ali mesmo, no quarto dela, nos fundos da cozinha. (EVARISTO, 2003, p. 37)

Maria Pia, Ponciá e Bilisa são marcadas pelo discurso que impõe à mulher negra um lugar social que a desqualifica e a inferioriza enquanto sujeito. São mulheres que têm seus corpos entendidos como objetos, uma vez que não se rompe com o imaginário da “mucama” que deve ser utilizada para o cuidado com a casa da patroa branca e transformada em objeto sexual pelo patrão e pelos seus filhos. A situação vivenciada pelas personagens remete à manutenção de um sistema ainda pautado na marginalização da mulher negra, pois dificulta o processo de ruptura com uma organização social e espacial excludente.

Apesar das histórias narradas em torno da mulher negra serem permeadas por processos de subordinação, entendo que o romance, no que diz respeito à intersecção entre gênero, raça e espaço, é uma leitura que nos faz questionar os padrões, os estereótipos e os discursos que

desqualificam esse sujeito. Compreendo que a obra ao trazer narrativas de mulheres negras que buscaram no processo de migração campo-cidade outro lugar social me levou a refletir sobre quais são os locais que esses sujeitos ocupam. Que imagens e discursos são produzidos em torno de seu corpo? Esse questionamento me permite colocar em xeque as formações discursivas racistas e sexistas, requalificando a corporeidade, as espacialidades e o que é ser mulher negra. É o que possibilita também o romance *Becos da memória*, analisado no próximo subcapítulo.

5.3 Entre becos e memórias: a história do romance *Becos da memória*

Como esse boato já corria... esse boato não, essa notícia já vinha correndo há anos, então eles iam por áreas, passava eu acho que assistência social antes, avisa que daqui um mês, que poderia ser daqui um mês ou poderia ser daqui 5 meses, entende? Mas volta e meia passava pessoas pessoalmente avisando, entende? Preciso até perguntar minha mãe, porque como é que era feito essa escolha, se você queria a tábuia ou dinheiro. Eu tenho impressão que passava... assistentes sociais passavam no local né? Ou pseudos assistentes sociais ou alguém, alguém... eu continuo achando que era a prefeitura. Então eles avisavam. (Conceição Evaristo, entrevista, Belo Horizonte, fevereiro/2016).

A narrativa de *Becos da memória* se dá em torno do desfavelamento que está para ocorrer e que assusta moradores/as da favela, pois esse processo representava uma perda espacial e de uma parte da trajetória desses sujeitos. A história, portanto, se passa em uma favela da cidade de Belo Horizonte²⁵, que não é identificada na narrativa, mas há referências que se trata de onde Conceição Evaristo morou antes de migrar para o Rio de Janeiro. As narrativas de *Becos da memória* são construídas pelas suas lembranças recriadas do cotidiano na favela e das dificuldades enfrentadas pela população diante da possibilidade do desfavelamento que permeia toda a narrativa.

O romance narra a história de várias personagens com trajetórias distintas, mas que convergem nas vivências na favela. Maria-Nova é quem, de certa maneira, vai nos guiando pelas narrativas, pois as histórias de cada personagem são apresentadas a ela e, a partir do seu olhar, que é estabelecida a nossa leitura (VASCONCELOS, 2014). Ela é uma jovem curiosa e questionadora dos processos em que todos/as os/as moradores/as da favela estão envolvidos.

²⁵ A favela narrada em *Becos da memória* ainda possui algumas áreas remanescentes. De acordo com Melo (2012), ela hoje encontra-se dividida em três vilas: Santa Isabel, Fumec e Pindura Saia. Segundo a autora a pequena porção que sobrou é um indicativo das grandes remoções que ocorreram na cidade de Belo Horizonte. As atuais vilas não são áreas contínuas e a própria Avenida Afonso Pena divide as áreas restantes da antiga favela. Elas se encontram em lados opostos dessa importante via de circulação de Belo Horizonte com um número bem reduzido de moradores.

Ela é quem circula por todos os lugares e através de sua história, da sua relação com Mãe Joana, Maria-Velha, Bondade, Negro Alírio, Vó Rita, a Outra, Ditinha, Cidinha-Cidoca entre outras personagens somos apresentados/as às demais situações e como o desfavelamento foi aos poucos afetando as dinâmicas socioespaciais e culturais daquele local.

Os caminhões chegavam de manhã e até tarde da noite levavam as famílias. Todos já estavam mesmo querendo partir. A vida se tornara insuportável. Áreas da favela estavam desertas. Ir de um local a outro havia se tornado um perigo. As pessoas estavam temerosas de si e dos outros. Até o amigo podia ser um inimigo em potencial. Havia o perigo real e o perigo imaginário. As mulheres e crianças, para buscarem água à noite, só andavam em grupo, e esta tarefa tomava até altas horas da madrugada. O medo invisível se apoderou de nós. Não tínhamos certeza de mais nada. Começaram a surgir, então, as assombrações vistas e vindas do fundo do nosso outro medo. Pessoas nossas queridas que haviam falecido há tanto tempo, ou mais recentemente, serviam para extravasar nossos temores. Era um medo que talvez viesse de situações mais concretas, como a mudança de um local que, de certa forma, amávamos e criamos como nosso. Medo por começar outra nova-mesma vida. Medo de que o amanhã fosse pior, muito pior do que hoje. Medo, consciência da nossa fraqueza, de nosso desamparo, de nossa desvalia. (EVARISTO, 2006, p. 151/152).

As narrativas em *Becos da memória* revelam um cotidiano marcado pela desigualdade social, racial e espacial. Essas desigualdades são agravadas pelo desfavelamento e, aos poucos, a favela vai se tornando outro espaço irreconhecível para muitos que viveram ali por vários anos. Além disso, é permeado pelas mortes de personagens como Cidinha-Cidoca, Filó Gazogênia, Jorge Balalaika, a mãe de Fuizinha e a de Tio Totó. Essas tornam o lugar ainda mais triste, além do processo de remoção. É como se cada uma delas representasse um pouco daquele local que estava sendo perdido e se transformando em outro.

Em *Becos da memória* são apresentadas as formas como cada um e cada uma foi lidando com a remoção. Maria-Nova e sua família foram os últimos a saírem da favela, mas Tio Totó que não desejava ter de se deslocar mais uma vez, já que havia migrado do campo para a cidade e se mudado outras vezes, morre um pouco antes.

Tio Totó tinha o corpo trêmulo e o olhar vazio. A menina aproximou-se dele, levantou-se com cuidado e, ao sustê-lo, teve então a nítida impressão de não estar segurando um corpo, e sim de estar segurando nada. Buscou aflita as feições do velho e viu. Ela viu de perto no rosto, nos olhos, no jeito dele. Ela viu, ela sentiu a despedida. Maria-Nova sufocou o grito que vinha dela, que vinha dele. Era a morte, era a vida. Era Tio Totó sendo levado de roldão. Desta vez era Totó que ficara do lado de lá, era ele que não conseguira fazer a travessia, que não conseguira alcançar a outra banda do rio. (EVARISTO, 2006, p. 160).

Ao final do romance, a favela parece não mais existir e seus antigos/as moradores/as se separam e vão estabelecer novas dinâmicas socioespaciais em outros lugares da cidade. No entanto, as desigualdades que marcam suas trajetórias não são aterradas pelos tratores que reconfiguram o local. Mas para Maria-Nova, a escrita surge como a possibilidade de construção de outra história.

Negro Alírio falou com Maria-Velha e com Mãe Joana que gostava muito de todos. Apertou a mão de Maria-Nova. A menina encarou o homem nos olhos e a fundo. Depois olhou o corpo de Tio Totó estendido na mesa. Olhou todos em volta. Olhou novamente Negro Alírio. Quis falar com ele sobre o que já havia decidido. Calou, sabendo, entretanto, que iria adiante como ele. Sim, ela iria adiante. Um dia, e agora ela já sabia qual seria a sua ferramenta, a escrita. Um dia, ela haveria de narrar, de fazer soar, de soltar as vozes, os murmúrios, os silêncios, o grito abafado que existia, que era de cada um e de todos. Maria-Nova, um dia, escreveria a fala de seu povo. (EVARISTO, 2006, p. 161).

Para Nascimento (2008, p. 78), o interesse dela pela escrita é apresentado já no início do romance, uma vez que ela possui o desejo de registrar os processos vivenciados pelos moradores/as da favela para que esses não sejam esquecidos pela História. A personagem acredita, assim, que um dia ainda teria oportunidade de contar a história daquela favela, que é narrada no romance a partir das memórias tanto de suas personagens quanto de Conceição Evaristo. Abordo no próximo subcapítulo, portanto, a relação entre espaço e memória.

5.3.1 Espaço e memória em *Becos da memória*: a perspectiva da *escrevivência* de Conceição Evaristo

Em *Becos da memória* espaço e memória são aspectos estruturantes da construção de sua narrativa. Denise Aparecida Nascimento (2014) também aponta que há uma relação entre o memorial e o espacial no romance e que essa se refaz continuamente. Dessa maneira, compreendo que a memória e o espaço são a base e elementos estruturante das histórias narradas e, nesse sentido, a *escrevivência* é marcante em *Becos da memória*. A partir das recordações de suas vivências na favela apresentadas no romance, Conceição Evaristo construiu os alicerces dessa narrativa.

Através das lembranças, a escritora foi criando cada personagem e suas histórias e evidenciando a importância do espaço na constituição das trajetórias de todos/as os/as moradores/as da favela. *Becos da memória* é, portanto, um romance de ficção que se ancora nas

memórias e vivências de sua autora. Assim, segundo Nascimento (2014), essa obra pode ser interpretada como fruto da realidade da escritora. Segundo a autora, a vida de Conceição Evaristo se desdobra na sua produção ficcional.

A dimensão espacial se mostra importante na obra devido à intensa relação dos/as moradores/as com a favela, onde muitos viviam há vários anos. Foi ali que as personagens construíram suas trajetórias e constituíram suas corporeidades. Para muitos estar naquele lugar possibilitava a proximidade com o trabalho, principalmente para as mulheres que lavavam roupas para as famílias ricas do bairro nobre que se encontrava no seu entorno. Sair daquele local representava a perda de seus referenciais espaciais e de suas memórias, por isso o desfavelamento se tornou um processo que afetou significativamente a vida de cada um/a.

Todos sabiam que a favela não era o paraíso, mas ninguém queria sair. Ali perto estava o trabalho, a sobrevivência de todos. O que faríamos em lugares tão distantes para onde estávamos sendo obrigados a ir? Havia famílias que moravam ali há anos, meio século até, ou mais. (EVARISTO, 2006, p. 68/69)

No romance também há histórias que fazem referência à migração campo/cidade, assim como em *Ponciá Vicêncio*. Compreendo que a presença desse processo em *Becos da memória* demarca não somente um deslocamento espacial, mas ainda as condições sociais a que essa população migrante foi submetida no urbano. A migração vivenciada pelas personagens no romance é entendida por elas como a possibilidade de uma vida com condições distintas daquela experienciada no campo, que é marcada pela hierarquia e pela exclusão de negras/os, no entanto, a cidade também é um lugar que marginaliza a população negra. Os trechos a seguir relatam a história de Tio Totó, homem negro, que migra do campo para a cidade, indicam as perdas espaciais que foram se acumulando ao longo de sua trajetória e, portanto, para ele o desfavelamento representava mais uma perda de um espaço com o qual se identificava.

Tio Totó e Nega Tuína vieram caminhando para a capital. Não tinham pressa de chegar. Em uma fazenda, demoraram tanto que nega Tuína até pensou que plantariam moradia ali. Totó trabalhava no campo, na roça, ora na plantação, ora na colheita. Nega Tuína na cozinha, mas fazenda houve em que trabalharam lado a lado no campo. Alguns fazendeiros, sabedores que se tratavam de marido e mulher, arrumavam um quartinho ou uma casinha para os dois. (EVARISTO, 2006, p. 83).

— Maria-Velha, dizem uns que a vida é um perde e ganha. Eu digo, que a vida é uma perdedeira só, tamanho é o perder. Perdi Miquilina e Catita. Perdi pai e mãe que nunca tive direito, dado o trabalho de escravo nos campos. Perdi um lugar, uma terra, que pais de meus pais diziam que era um lugar grande, de mato, bichos. De gente livre e sol forte... E hoje, agora, a gente perde um lugar

de que eu já pensava dono. Perder a favela! Bom que meu corpo já está pedindo terra. Não vou mesmo muito além. Se eu tivesse mais moço, começava em qualquer lugar novamente. (EVARISTO, 2006, p. 32).

A migração não distanciou Tio Totó dos processos de segregação socioespacial e racial que vivenciou no campo, pois na cidade ele também teve sua trajetória marcada por tais processos. Em *Becos da memória*, a segregação é outro aspecto da dimensão espacial presente no romance. A favela de um lado e o bairro nobre do outro. Mulheres e homens da favela trabalhavam para as famílias ricas do seu entorno. O trecho a seguir, que relata a organização de uma festa pelo Cabo Armindo, apresenta como era construída a relação entre estes dois espaços tão distintos.

Ele bancava toda a festa. Serviam-se canjica, doces, biscoitos, fogueira, batata-doce, quentão, tudo à vontade. Ninguém pagava nada. Diziam alguns que ele apenas organizava a festa e cedia o local, mas quem bancava tudo eram os ricos que moravam no bairro nobre bem ao lado da favela. Bancavam para que os favelados não os importunassem. Havia outros bairros perto de favelas em que casas eram constantemente arrombadas. Parece que havia mesmo um acordo tácito entre os favelados e seus vizinhos ricos. Vocês banquem a nossa festa junina, dêem-nos água, quando faltar aqui na favela. Respeitem nosso local, nunca venham com plano de desfavelamento, que nós também não arrombaremos a casa de vocês. Assim, a vida seguia aparentemente tranqüila. E dois grupos tão diversos teciam, desta forma, uma política de boa vizinhança. (EVARISTO, 2006, p. 47/48)

Assim era estabelecida a relação entre a favela e o bairro nobre. No entanto, o desfavelamento não foi evitado e se tornou um aspecto marcante no cotidiano daqueles que moravam ali. Compreendo que a remoção dos moradores/as pode ser entendida como um processo de reconfiguração de um lugar que é marcado pela desigualdade racial e social. Nesse sentido, considero que o desfavelamento narrado constitui uma prática higienista conjugada com a eugenia, na qual se pretende afastar de determinados locais e sujeitos, a pobreza e também a negritude. De acordo com Campos (2006) o higienismo pode ser entendido como uma reconfiguração do espaço urbano e a eugenia procura estabelecer uma pureza racial. A conjugação de ambos tenta a reestruturação da cidade de maneira a torná-la um ambiente “limpo” e “puro”, no qual os sujeitos, como negros e pobres, que não se enquadram nesse padrão e seus lugares são transformados e/ou removidos.

A retirada da favela representava a constituição de outra espacialidade em que não havia marcas da pobreza e da negritude. Assim, onde havia a favela se transformou em outro espaço que, ainda durante o desfavelamento, já se torna irreconhecível para seus moradores.

Os últimos barracos na favela pareciam estar ali de teimosos. Eram poucos, pouquíssimos. Lembrou-se dos que já haviam sido derrubados. Lembrou-se também do que contara sempre Tio Totó e Maria-Velha, de como era ali na época em que chegaram. Muitos becos já haviam desaparecido. Agora, sobre aquela planura, era impossível reconstituir plenamente e fielmente onde ficava o barracão do Geraldão, do Zé, da Maria da Luz e dos outros. Um terreno, que antes era reconhecível até de olhos fechados, de um momento para outro perdera todas as suas características. Perdera todo o tortuoso relevo. Os becos de onde saltavam tantas vidas desapareceram como se nunca houvessem existido. (EVARISTO, 2006, p. 162/163)

A remoção de favelas, portanto, é um mecanismo que tem como intenção a “limpeza” racial e social da cidade, pois compreendo que esse lugar é considerado pelo poder público e pelo seu entorno como um espaço “impuro”, devido ao predomínio de uma população negra e pobre. Sobre os processos de desfavelamento em Belo Horizonte, Melo (2012) relata que, na segunda metade do século XX, foi intensa a remoção de moradores/as desses locais. A justificativa dada pelo poder público que estava à frente dessas retiradas era a necessidade de melhoria nas condições de vida da população ali residente e na aquisição de um imóvel próprio. Além disso, havia o interesse em reconfigurar a área através da ampliação da Avenida Afonso Pena. Segundo a autora, apesar dos motivos alegados pelos órgãos da prefeitura responsáveis pela remoção, não se pode negligenciar “[...] a visão estética e higienista que impulsionava as remoções na zona urbana da cidade nos primórdios de sua existência.” (MELO, 2012, p. 40).

A favela entendida como um lugar “desqualificado”, “perigoso” e “impuro” precisa ser destruído para afastar os sujeitos que o tornam “impróprio”. Esse processo de remoção intensifica ainda mais a segregação socioespacial e racial que marca a cidade. Uma vez que a população removida é encaminhada para as áreas mais distantes do centro, onde o acesso a serviços e infraestrutura adequados se torna ainda mais limitado no cotidiano desses sujeitos. Os excertos a seguir apontam como o desfavelamento foi um processo lento, o que tornou a situação mais difícil para os/as moradores/as da favela. A perda daquela área afetou a todas/os.

Os tratores da firma construtora estavam cavando, arando a ponta norte da favela. Ali, a poeira se tornava maior e as angústias também. Algumas famílias já estavam com ordem de saída e isto precipitava a dor de todos nós. Cada família que saía era a confirmação de que chegaria a nossa vez. (EVARISTO, 2006, p. 68).

O plano de desfavelamento também aborrecia e confundia a todos. Havia um ano que a coisa estava acontecendo. A favela era grande e haveria de durar muito mais. Dava a impressão de que nem eles sabiam direito por que estavam erradicando a favela. Diziam que era para construir um hospital ou uma

companhia de gás, um grande clube, talvez. As famílias estavam mudando há um ano, mas tempo antes, já havia a ameaça de tudo que iria acontecer. De tempos em tempos, apareciam por lá engenheiros para medir a área. Não se sabia se os pretensos donos seriam de uma companhia particular ou se gente do Governo. Vinha o medo. E quando o plano de desfavelamento aconteceu na prática é que fomos descobrir que os pretensos donos éramos nós. Eles, sim, é que eram os donos verdadeiros ou se portavam como tais. Nós, cada qual ajuntava seus trapos e, mesmo estando com o coração cheio de dor, mesmo estando com o coração cheio de rancor, partiríamos. (EVARISTO, 2006, p. 108).

Ameaçados, ou melhor, confrontados diante do desfavelamento, um desânimo amolecia a vontade de todos. Um sentimento de impotência convertia-se em falta de esperança, fazendo com que as pessoas tivessem apenas uma certeza: a de que nada se podia e adiantaria fazer. O terreno não era deles, moravam ali há anos, e se agora queriam fazer o bota-fora dos favelados, seja lá quem fosse, tinham o direito de fazer. Emoções confusas tomavam conta de Maria-Nova e a menina procurava se equilibrar em meio a tantos acontecimentos. (EVARISTO, 2006, p. 126).

Considero que a história de *Becos da memória* apresenta uma intensa relação entre a corporeidade e a espacialidade, pois a favela se trata de um lugar constituído predominantemente por corpos negros, que são considerados abjetos. A presença desses torna o espaço por eles ocupado também abjeto. Em entrevista, Conceição Evaristo deixa a entender que a maioria das famílias que viviam na área eram negras. A escritora aponta que: “Assim, na nossa, se você fosse considerar quarteirão, nosso quarteirão era a única família branca que tinha por ali. Porque as outras famílias brancas elas já estavam numa área que não era considerada favela. Elas tinham a favela no entorno, mas inclusive a rua até certo ponto, a rua era, não asfaltada, mas tinha aquelas pedras, eu esqueci como que chama...” (Conceição Evaristo, entrevista, Belo Horizonte, fevereiro/2016). Dessa maneira, o local é marcado pelos discursos que desqualificam não somente o negro, mas também os lugares que ele ocupa. No entanto, os corpos e os espaços por eles constituídos tornam-se importantes ao serem autoapresentados por Conceição Evaristo, que narra as espacialidades de sujeitos marginalizados pela sociedade, mas com significativas histórias e uma intensa relação com o lugar em que viviam.

A favela aos poucos foi desaparecendo e onde predominava a pobreza se tornou um local dominado por uma população de maior poder aquisitivo, uma vez que a área narrada no romance se tornou uma das partes da cidade de Belo Horizonte com predomínio da classe média alta. No entanto, essa outra configuração que emergiu diante do desfavelamento ainda ativa a memória de Conceição Evaristo que identifica cada parte naquela nova configuração espacial. Dessa maneira, aquela porção da cidade se tornou um lugar de memória para a escritora. Com o processo de desfavelamento era a memória o que permitiria que os/as moradores/as da favela

pudessem se reestabelecer em outros locais. Conceição Evaristo reconstrói essa espacialidade através de sua memória criando as personagens e as narrativas de *Becos da memória*. Desse modo, o desejo de Maria-Nova se concretiza por meio da escrita da autora que narra a história da favela. O excerto aponta esse desejo da personagem em escrever o que via e ouvia.

Maria-Nova olhou novamente a professora e a turma. Era uma História muito grande! Uma história viva que nascia das pessoas, do hoje, do agora. Era diferente de ler aquele texto. Assentou-se e, pela primeira vez, veio-lhe um pensamento: quem sabe escreveria esta história um dia? Quem sabe passaria para o papel o que estava escrito, cravado e gravado no seu corpo, na sua alma, na sua mente. (EVARISTO, 2006, p. 138).

O espaço no romance é evidenciado através da favela e sua configuração espacial, da migração campo-cidade e no processo de desfavelamento. Essas diferentes formas em que observo a espacialidade em *Becos da memória* foram estabelecidas por meio das memórias de um determinado lugar que foi fundamental para a constituição das trajetórias de diversos sujeitos que são as personagens apresentadas no romance. Além da relação apresentada neste subcapítulo, o romance em questão apresenta algumas formações, memórias e rupturas discursivas que apresento a seguir.

5.3.2 As formações, memórias e rupturas discursivas em *Becos da memória*

Os discursos presentes em *Becos da memória* podem ser analisados a partir da perspectiva das formações discursivas, uma vez que, nesse romance, é possível encontrar um conjunto de discursos que se tornaram regularidades e estabeleceram regras discursivas. Considero, ainda, a análise a partir da memória discursiva que é o que possibilita a regularização dos sentidos através da repetibilidade. No romance, assinalo também que certos discursos são pontos de rupturas e deslizamentos em relação a um conjunto de práticas discursivas que desqualificam o que é ser negra e negro.

Observo a coexistência e contradição de duas formações discursivas na obra — quando analisados sob a perspectiva das questões étnico-raciais — uma relacionada ao racismo e outra ao antirracismo. A primeira é apontada em muitos momentos, possibilitando que se evidencie a segunda, uma vez que para a produção de um sentido de deslocamento é preciso que uma dada repetição — no caso, aqueles discursos que inferiorizam o negro — esteja, de algum modo, ali presente. Os excertos a seguir contribuem para a melhor apreensão de como se dá esta relação entre diferentes formações discursivas e, ainda, com a memória discursiva.

Na semana anterior, a matéria estudada em História fora a ‘Libertação dos Escravos’. [...] A mestra perguntou-lhe qual era o motivo de tamanho alheamento naquele dia. Maria-Nova levantou-se dizendo que, sobre escravos e libertação, ela teria para contar muitas vidas. Que tomaria a aula toda e não sabia se era bem isso que a professora queria. Tinha para contar sobre uma senzala que, hoje, seus moradores não estavam libertos, pois não tinham nenhuma condição de vida. A professora pediu que ela explicasse melhor, que contasse em mais detalhes. Maria-Nova fitou a professora, fitou seus colegas, havia tantos, aliás, alguns eram até amigos. Fitou a única colega negra da sala e lá estava Maria Esmeralda entregue à apatia. Tentou falar. Eram muitas as histórias, nascidas de uma outra História que trazia vários fatos encadeados, consequentes, apesar de muitas vezes distantes no tempo e no espaço (EVARISTO, 2006, p. 137/138)

A personagem Maria-Nova, ao dizer que havia muitas histórias para contar sobre uma senzala que, ainda hoje, mantêm seus moradores presos, faz referência a uma memória coletiva sobre o sistema escravista. Ao trazer essa lembrança também está mencionando a formação discursiva do racismo, que inferioriza o negro numa tentativa de mantê-lo sob controle e dominação. No entanto, ao relacionar um momento histórico — a abolição da escravidão — com a atual condição em que vive na favela, que a personagem associa à senzala, compreendo que esse trecho também é marcado por uma formação antirracista. Ao associar sua atual condição a uma senzala, a personagem coloca em evidência os reflexos que as práticas racistas implicam no cotidiano de negras e negros, constrói uma espécie de denúncia. Dessa maneira, estas formações discursivas aparecem simultaneamente em *Becos da Memória* e se contradizem, apontando outros sentidos para o discurso produzido.

Os trechos a seguir também associam a favela à senzala e, ainda, expõem as relações estabelecidas entre as personagens em decorrência da remoção a que estavam vivenciando. Assim como no primeiro excerto, observo a presença de uma formação discursiva racista, na medida em que se estabelece esta associação e também correlacionam a casa grande e o bairro nobre.

Percebia a estreita relação de sentido entre a favela e a senzala, mas mais entristecia ao perceber que nos últimos tempos ali se vivia pouco de amor e muito de ódio. Um ódio que passara a existir entre pessoas que até então se gostavam tanto e que era um sentimento dirigido à pessoa errada. O homem que espancava a mulher que exigia mais dinheiro para as compras. Afinal, ele trabalhava tanto, não teria direito a uns goles de cachaça no final da semana? (EVARISTO, 2006, p. 126).

Duas ideias, duas realidades, imagens coladas machucavam-lhe o peito. Senzala-favela. Nesta época, ela iniciava seus estudos de ginásio. Lera e aprendera também o que era casa-grande. Sentiu vontade de falar à professora. Queria citar como exemplo de casa-grande, o bairro nobre vizinho e como

senzala, a favela onde morava. Ia abrir a boca, olhou a turma, e a professora. Procurou mais alguém que pudesse sustentar a ideia, viu a única colega negra que tinha na classe. Olhou a menina, porém ela escutava a lição tão alheia como se o tema da escravidão nada tivesse a ver com ela. Sentiu um certo mal-estar. Numa turma de quarenta e cinco alunos, duas alunas negras e, mesmo assim, tão distantes uma da outra. Fechou a boca novamente, mas o pensamento continuava. Senzala-favela, senzala-favela! (EVARISTO, 2006, p. 70).

O discurso de Maria-Nova estabelece também um ponto de ruptura em relação a formação discursiva racista. Ao olhar para a sala e observar que havia apenas duas alunas negras em uma turma de quarenta e cinco alunas/os e se sentir incomodada, a personagem questiona qual é o lugar da/o negra/o na sociedade. Os trechos citados mencionam a memória discursiva da escravidão, mas a personagem procura estabelecer outras relações, à medida que observa que há uma situação de exclusão de negras/os. Diante de seu incômodo, Maria-Nova expõe que, para essa população, certos lugares não são possíveis de serem ocupados e, por isso, entende que a favela pode ser encarada como a senzala.

Além das formações discursivas apontadas anteriormente, considero que é possível encontrar outras que façam referência às questões de gênero. A partir das análises do romance, observo a presença de uma FD sexista e outra que a contradiz, estabelecendo novos sentidos para as relações de gênero. Os trechos a seguir evidenciam como estas formações se estabelecem.

A menina havia descoberto que seu namoradinho andava visitando Cidinha-Cidoca. Falou com ele. O franguinho, em véspera de galo, não gostou. Discutiu, argumentou que era homem. E homem tinha de ir lá! Homem não era igual à mulher! Homem vai ou endoida! Sobe pra cabeça! (EVARISTO, 2006, p. 26).

A menina não gostou. – Moça virgem, porém boba, não!
Endoida que nada! Conversa de homem para dominar mulher! Pensa que mulher também não gosta, também não quer? Mulher vive abafando a vontade, os desejos, principalmente se moça virgem como eu! – ela retrucou. O ‘frango em véspera de galo’ não gostou. Achou a virgem saliente, achou a virgem não tão virgem assim! (EVARISTO, 2006, p. 26/7).

Nos excertos percebo a presença de uma formação discursiva sexista e outra antissexista. A personagem ao descobrir a relação do namorado com Cidinha-Cidoca o questiona, mas ele acredita que sua postura é somente o reflexo do fato dele ser homem. O discurso do “franguinho em véspera de galo” é marcado por uma FD sexista, a qual ele utiliza para justificar seu comportamento. Já na passagem seguinte, a Moça expõe uma formação que

diverge da anterior e expõe uma perspectiva feminista, a partir da qual ela contrapõe o discurso de seu namorado e tenta, ainda, construir um deslocamento ao dizer que se trata de um discurso para dominar as mulheres.

Ao longo da narrativa de *Becos da memória*, é possível encontrar outras FDs de caráter feminista e que contradizem os discursos sexistas. As histórias das mulheres no romance são significativas e as relações de gênero evidenciam ou nos permitem vislumbrar certo empoderamento desses sujeitos. O domínio sobre o próprio corpo de Dora, a presença marcante de Cidinha-Cidoca no espaço público, a inquietação de Maria-Nova com a condição dos/as moradores/as da favela e Vó Rita seriam alguns exemplos de como os discursos e as práticas dessas personagens possibilitam que se construam outros sentidos para o que é ser mulher negra. Dessa maneira, compreendo que não é possível em uma única narrativa explicitar a presença da formação discursiva que questiona as desigualdades de gênero e raça, uma vez que essa se estabelece perpassando cada uma das histórias sobre as mulheres que vivem na favela. Os trechos a seguir podem dimensionar de alguma maneira como é constituída a formação discursiva que contradiz os discursos sexistas no romance.

Na quadrilha de Cabo Armino duas mulheres se sobressaíam sempre: Mãe Joana e Cidinha-Cidoca. Mãe Joana, todo ano estava linda e séria. Cidinha-Cidoca, em seu vestido de caipira sempre branco cheio de renda. Mãe Joana, linda e séria; Cidinha-Cidoca, bonita e risonha, bonita e faceira, bonita e insinuante. (EVARISTO, 2006, p. 48).

Realmente ela fora par de muitos homens pela vida e muitos homens haviam sido seu par. Tudo muito bom. Já nova, quando os seios eram apenas duas manchas mais escuras sobre a pele do peito, antes mesmo de eles crescerem embelezando-lhe o corpo, Dora já se permitia com os moleques de sua idade. Aprendeu cedo a deixar a passividade da mulher que só recebe a mão do homem sobre si e começou a vasculhar o corpo dos homens. (EVARISTO, 2006, p. 87).

Becos da memória é um romance que se estabelece a partir da *escrivivência* de sua autora, uma mulher negra que tem a preocupação em construir narrativas que deem visibilidade para as mulheres negras e às questões que marcam o cotidiano desses sujeitos, como o racismo, o sexismo e a desconstrução de discursos que as desvalorizam. Nesse sentido, a interseccionalidade de gênero, raça e espaço, que é abordada no próximo subcapítulo, permite entender qual é o lugar social da mulher negra na sociedade e com quais discursos e dinâmicas ela se encontra envolvida.

5.3.3 A interseccionalidade de gênero, raça e espaço no romance *Becos da memória*

Em *Becos da memória*, a interseccionalidade está presente através da relação entre gênero, raça e espaço que marca a trajetória das personagens femininas do romance. A presença dessa intersecção pode ser interpretada como originada na ideia de *escrivência*, pois Conceição Evaristo, enquanto mulher negra, estabelece as narrativas do romance a partir de sua vivência e de sua trajetória socioespacial. Dessa maneira, a escritora não poderia excluir das histórias do romance as questões que perpassam a vida desse sujeito e suas espacialidades.

A interseccionalidade na narrativa em análise se dá através das diferenças e desigualdades das espacialidades da mulher negra e das mulheres do bairro nobre, da presença da mulher negra no trabalho e no espaço doméstico, na relação entre as mulheres da favela e as mulheres do bairro nobre e na presença da mulher negra no âmbito do público na favela. São, portanto, essas intersecções que analisei, utilizando-me das histórias das personagens.

A interseccionalidade encontra-se diluída nas histórias de cada personagem que, por meio de determinados aspectos e elementos, possibilitaram-me identificar os pontos de intersecção entre corpo e espaço. No quadro 4 a seguir, são apresentados alguns termos e expressões que identifiquei como fundamentais para definir quais eram as intersecções entre gênero, raça e espaço. A construção das análises das interseccionalidades foi estabelecida a partir destes elementos.

Quadro 4 - Intersecção corpo e espaço em *Becos da memória*

Interseccionalidades em <i>Becos da memória</i>	
Corpo (gênero e raça)	Espaço
Mulheres negras, homens negros, mulheres do bairro nobre, mulheres ricas, doméstica, mulata, alunas negras, corpo melodioso, loira, “olhos da cor daquela pedra da joia”.	Favela, campo, “torneira de cima”, “torneira de baixo”, bairro rico, bairro nobre, casa-grande, senzala, barraco, mansão da patroa.

Fonte: Da autora.

A partir do quadro acima, é possível dimensionar como é estabelecida a intersecção entre corpo e espaço e construir as análises apresentadas sobre essa relação. A partir dos aspectos e elementos apontados, identifiquei como a segregação cruza o cotidiano das mulheres negras.

Na história, as mulheres negras se veem obrigadas a conviver com o contraste entre suas espacialidades e a de suas patroas que são as mulheres ricas do bairro no entorno da favela. Para

as mulheres da favela, há a necessidade de cotidianamente se deparar com a moradia confortável da patroa, a qual elas têm a responsabilidade de manter limpa e organizada, e a sua própria habitação que se encontra em condições precárias e que devido ao trabalho, muitas vezes, não é possível mantê-la limpa e organizada. Esse dilema é vivido pela personagem Ditinha, como relatado nos trechos a seguir.

Não era grande a distância entre a mansão da patroa e o barraco de Ditinha. O bairro nobre e a favela eram vizinhos. Ditinha, em poucos minutos, estaria em casa e isto a contrariou um pouco. Resolveu dar uma volta pelo quarteirão antes de tomar o rumo da favela. E assim fez. Adiou um pouco seu encontro com a miséria. No barraco de Ditinha, moravam ela, seus três filhos, sua irmã e o pai paralítico. Dois cômodos, a cozinha e o quarto-sala onde dormiam todos. (EVARISTO, 2006, p. 94).

Ditinha estava cansada, humilhada. Olhou seu barraco, uma sujeira. As roupas amontoadas pelos cantos. Olhou as paredes, teias de aranha e picumãs. Um cheiro forte vinha da fossa. [...] Tirou o pai da cadeira de rodas e o colocou na cama. O pai fedia a sujeira e a cachaça. Lembrou-se da patroa tão limpa e tão linda como as joias. Pensou que o dia de amanhã seria duro. A casa estaria de pernas pro ar depois da festa. Seriam tantas louças! Na certa sobrariam doces e bolos. A patroa haveria de dividir com ela, com a cozinheira e com a babá. Traria para casa e seria a vez de os olhos dos filhos brilharem mais que qualquer joia. Ela seria um pouquinho feliz. (EVARISTO, 2006, p. 96/97).

Ditinha se via obrigada a conviver com contrastes todos os dias. Além daquele entre a favela e o bairro nobre, ela e sua patroa também se contrastavam em relação aos seus corpos e a forma como este era encarado pela referida personagem. Ela se sentia feia e desconfortável diante de sua patroa. Olhar para D. Laura era motivo de constrangimentos, como explicitado no trecho abaixo.

Ditinha olhou para a patroa e sentiu o ar de aprovação no rosto dela. Como D. Laura era bonita! Muito alta, loira, com os olhos da cor daquela pedra das joias. Ditinha gostava muito de D. Laura e D. Laura gostava muito do trabalho de Ditinha. Olhando e admirando a beleza de D. Laura, Ditinha se sentiu mais feia ainda. Baixou os olhos envergonhada de si mesma. (EVARISTO, 2006, p. 94)

Duas mulheres vivendo na mesma cidade, no entanto, marcadas pelas diferenças de suas corporeidades. Essas também estão presentes nas histórias de outras personagens que se encontram em condições semelhantes à de Ditinha, morando na favela e trabalhando como empregada doméstica para as mulheres do bairro nobre próximo de onde viviam, como é caso relatado no seguinte trecho “Maria-Velha e Joana encontraram no fogão, no tanque e nas casas

das patroas modos de sobrevivência. Aos poucos foram se acostumando com as coisas da cidade.” (EVARISTO, 2006, p. 131).

A forte presença dessas mulheres no trabalho doméstico é uma reedição dos discursos que estabeleceram o espaço doméstico como “próprio” para as mulheres negras, como discutido anteriormente sobre essa relação, Lélia Gonzalez (1984) aponta que há uma reprodução da condição das mulheres negras enquanto “mucamas” do período escravista. Elas são vistas, portanto, como um ser-objeto a ser utilizado pela patroa branca para manutenção da organização e limpeza de suas casas. Na história de Ditinha, essa situação é bem explícita quando é relatado que D. Laura gostava do trabalho de Ditinha enquanto esta gostava de D. Laura. Para a patroa a admiração não se estabelecia em relação à personagem Ditinha, mas sim ao seu trabalho.

Outras mulheres da favela trabalhavam para as famílias ricas do bairro nobre, indicando as diferenças e desigualdades entre as mulheres e suas espacialidades. Algumas apenas lavavam as roupas e realizavam o trabalho na própria favela, utilizavam-se do espaço público que eram a “torneira de cima” e a “torneira de baixo”, como é narrado nos excertos.

Em frente da casa em que ela morava com Vó Rita, ficava uma torneira pública. A “torneira de cima”, pois no outro extremo da favela havia a ‘torneira de baixo’. Tinha, ainda, o ‘torneirão’ e outras torneiras em pontos diversos. A ‘torneira de cima’, em relação à ‘torneira de baixo’, era melhor. Fornecia mais água e podíamos buscar ou lavar roupa quase o dia todo. Era possível se fazer ali o serviço mais rápido. (EVARISTO, 2006, p. 19/20).

A torneira, a água, as lavadeiras, os barracões de zinco, papelões, madeiras e lixo. Roupas das patroas que quaravam ao sol. Molambos nossos lavados com o sabão restante. Eu tinha nojo de lavar o sangue alheio. E nem entendia e nem sabia que sangue era aquele. Pensei, por longo tempo, que as patroas, as mulheres ricas, mijassem sangue de vez em quando. (EVARISTO, 2006, p. 20).

O armazém de Sô Ladislau ficava perto da torneira de cima. Era uma área da favela para a qual a Prefeitura soltava água em abundância. Sô Ladislau mandou instalar uma torneira do lado de fora da casa, ali perto dos quatinhos de chuveiro. Quem quisesse pegar água ou lavar roupa ali, pagava para ele uma certa quantia.

A família de Maria-Nova não fazia uso daquela água. Tio Totó achava que seria um gasto a mais. Maria-velha sempre lavava roupa e buscava água em torneiras públicas e Mãe Joana, apesar de tantas freguesas de roupa, faltava-lhe dinheiro, tinha tantos filhos... (EVARISTO, 2006, p. 43).

Ali estava a Torneira de Cima vazia. Havia sido desativada no dia anterior. Com o coração já cheio de saudades tentou lembrar qual foi a primeira vez que buscou água ou lavou roupa naquele local. Não recordou, bem novinha, neném ainda, era hábito de Mãe Joana e das outras lavadeiras levarem os filhos para a labuta diária. Improvisavam um lugar para eles se deitarem e, da tina de lavagem de roupa, podiam observar o filho correr a lhes dar o peito na hora

do choro-fome. Antes, ali borbulhava a vida, agora tudo silêncio. (EVARISTO, 2006, p. 163).

Apesar de estarem utilizando o espaço público, considero que para as mulheres da favela é, sobretudo, o doméstico que orienta suas dinâmicas socioespaciais, mesmo não realizando o trabalho diretamente nas casas das famílias do entorno da favela a lavagem da roupa é mais um demarcador das diferenças e desigualdades entre as mulheres na cidade. Para as mulheres negras e pobres, há a necessidade de uma dupla jornada, visto que, além de realizarem o trabalho nas casas de suas patroas, ainda necessitam cuidar de seus próprios filhos e de suas moradias.

Ao mesmo tempo em que encontramos essas mulheres marcadas por discursos que as desqualificam e objetivam a dominação, também podemos observar em *Becos da memória* a presença de personagens que, de algum modo, procuram romper com os lugares pré-estabelecidos para elas. Maria-Nova é uma menina que circula pela favela observando o cotidiano e as dinâmicas socioespaciais daquele espaço. A personagem se mostra questionadora da condição em que ela e os/as demais moradores/as se encontram. Compreendo que o seu olhar questionador sobre a vida naquele local indica que existem outros lugares os quais as mulheres negras podem ocupar. Os questionamentos da personagem nos permitem observar que os discursos impostos para esse sujeito não são aceitos de forma passiva.

Maria-Nova também destaca as dificuldades de se ocupar determinados espaços, como a escola, por exemplo. A percepção da personagem de que na sua sala de aula havia somente duas alunas negras traz a possibilidade de questionamentos sobre qual é o lugar da mulher negra na sociedade. Seus questionamentos possibilitam dar voz e visibilidade às mulheres negras, permitindo se pensar que existem outras perspectivas para esses sujeitos. As narrativas em torno de Maria-Nova expõem a necessidade de uma ressignificação do corpo e das espacialidades da mulher negra.

As histórias das mulheres apresentadas em *Becos da memória* trazem duas possibilidades de discursos sobre as mulheres negras. Em determinados pontos das narrativas esses sujeitos aparecem expondo as diferenças que se encontram em seus cotidianos na cidade, como apresentado na história sobre Ditinha. No entanto, em outros momentos, emergem situações que procuram questionar os discursos sobre as mulheres negras, como aparece nas falas e pensamentos de Maria-Nova ao questionar a presença de apenas duas alunas negras na sala de aula e relacionar a senzala com a favela. Considero, portanto, que a interseccionalidade de gênero, raça e espaço apresentada se estabelece tanto a partir dos discursos que inferiorizam

e desqualificam a mulher negra e suas espacialidades quanto por discursos que questionam os lugares ocupados por elas e desconstroem o imaginário a elas imposto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ponciá Vicêncio e Becos da memória são romances marcados por uma dimensão espacial que está entrelaçada com os corpos das personagens. Essa constitui um elemento significativo das narrativas analisadas e, dessa maneira, possibilita-nos compreender como pode ser estabelecida a intersecção entre gênero, raça e espaço. Sandra Regina Goulart Almeida (2015) aponta que a dimensão espacial tem sido muito presente na literatura produzida por mulheres. A autora propõe que o lugar nas narrativas literárias femininas pode ser considerado para além de seu caráter de cenário para o desenvolvimento das histórias. Para ela a espacialidade é um aspecto essencial para construir as narrativas, já que o espaço passa a ser entendido como uma dimensão fundamental da vida.

Almeida (2015) considera, ainda, a partir das proposições de Doreen Massey (2005), que o espaço abordado nos textos literários produzidos por mulheres é móvel, múltiplo e em contínuo processo de formação. Os romances de Conceição Evaristo podem ser interpretados como parte dessas escritas femininas negras que consideram a espacialidade como uma dimensão balizadora da construção das histórias de suas personagens, entendendo-o como em contínua transformação. Além do espaço, as narrativas da escritora são, ainda, estabelecidas a partir do corpo, principalmente, o da mulher negra. Conceição Evaristo define, assim, a possibilidade de construção de uma análise interseccional. A leitura de *Ponciá Vicêncio e Becos da memória* me permitiu, assim, desenvolver um diálogo entre geografia e literatura negra capaz de pensar sobre as diferenças. Outras temáticas, sujeitos e focos poderiam ter sido tratados que estenderiam em demasia o texto e poderiam, em alguma medida, distanciar-me das proposições iniciais da pesquisa, no entanto ressalto que elas também são importantes e não abordá-las possibilita uma abertura para novas investigações.²⁶

A escritora traz em seus romances aspectos marcados pela diferença de corporeidades e de espacialidades. Em *Ponciá Vicêncio e Becos da memória*, observei que a diferença é construída por meio da interseccionalidade de gênero e raça, na qual a mulher negra e seus lugares são os pilares das histórias narradas. Essa intersecção está presente na escrita de Conceição Evaristo, uma vez que seus romances têm suas narrativas baseadas na relação entre corpo e espaço, como observei na história de Ponciá. Uma mulher negra que tem na sua espacialidade as bases de sua corporeidade. Também foi possível encontrar a

²⁶ Como ficou notório ao longo do trabalho, o foco escolhido foram as mulheres negras. No campo do gênero, a masculinidade negra poderia ter sido abordada, inclusive do ponto de vista das personagens femininas.

interseccionalidade nas diversas histórias de *Becos da memória*. Narrativas de mulheres negras que trazem a apropriação de seus lugares balizados por seus corpos.

Conceição Evaristo, através de *Ponciá Vicêncio e Becos da memória*, estabelece um imaginário que possibilita que sejam construídos outros sentidos para as espacialidades e para os corpos negros que dele fazem parte. A corporeidade negra entrelaçada à dimensão espacial torna a narrativa dos romances interseccional e entender como se processa essa interseccionalidade foi um dos objetivos dessa pesquisa. Ressalto, ainda, que considero essencial que o conhecimento geográfico possa dar maior ênfase às análises como estas. Pontuo que somente a entrada de temas como gênero e raça na ciência geográfica não é mais suficiente para conseguir compreender a diferença e sua relação com a produção espacial. Diante de tal observação, compreendo que a construção de uma forma alternativa de pensar o espaço, como proposto por Massey (2008), pode ser estabelecida a partir de perspectivas que valorizem a interseccionalidade, em aproximação com outras autoras e autores. Se pesquisamos sobre gênero, considero ser importante destacar que há significativas diferenças e desigualdades entre mulheres negras e brancas, por exemplo.

Construir uma análise interseccional muitas vezes traz algumas implicações, pois a interseccionalidade pode ser estabelecida a partir de diversas categorias. Assim, muitas críticas à essa perspectiva passam por essa dificuldade em se definir de que modo ela pode ser constituída. Há um predomínio de análises interseccionais sobre mulheres negras devido, sobretudo, ao feminismo negro ter sido o principal questionador da universalidade, que marcou a luta feminista e excluiu de suas pautas a mulher negra. Além das diferenças, como gênero, raça e sexualidade²⁷, a dimensão espacial também deve ser considerada para a construção de uma análise interseccional, uma vez que o espaço é também um aspecto definidor da diferença. A interseccionalidade das diferenças interfere no processo de produção espacial e, portanto, compreendo que os lugares não são os mesmos para os diferentes grupos. Mulheres constituem suas espacialidades, mas negras, brancas e indígenas, por exemplo, produzem-nas de maneiras diferenciadas de acordo com as singularidades das dinâmicas sociais, culturais e econômicas de cada uma.

Diante disso, considero relevante a inserção da dimensão espacial para a construção de análises interseccionais. Os sujeitos e as suas diferenças constituem espacialidades que se relacionam às particularidades das suas práticas. Do mesmo modo, os espaços também

²⁷ A sexualidade e o sexo pouco foram abordados na tese. Atentei-me às imagens de alguns estereótipos e nas possibilidades de rupturas, de outros discursos. Também não tratei de outros aspectos como a violência contra mulheres.

interferem de maneiras distintas no cotidiano de homens negros e brancos, mulheres negras e brancas, entre outros grupos. Ocupar ou circular por determinados locais, em grande medida, depende da diferença marcada no corpo. E alguns lugares, em muitas situações, podem se tornar impróprios para certos grupos. Como discuti em vários momentos nesta tese, existem lugares que são considerados pela sociedade “próprios” à mulher negra e, portanto, suas dinâmicas socioespaciais são estabelecidas a partir desse espaço que ela deve ocupar. Conceição Evaristo é uma mulher negra que rompe com essa geografia imaginativa, pois ocupa espacialidades que muitas outras mulheres de sua família não puderam ocupar.

Dessa maneira, a escritora constitui seus lugares a partir da ruptura com esse imaginário sobre a mulher negra e estabelece aspectos que a permite forjar outra geografia imaginativa, através de seus atos de insurgências, que a possibilita reconhecer ou ocupar espaços muitas vezes considerados impróprios para ela. As mulheres negras possuem, em sua maioria, seus cotidianos estabelecidos a partir da relação entre a corporeidade e os lugares, pois é por meio desta que seus diversos limites e suas possibilidades são constituídos. Conceição Evaristo teve em parte da sua trajetória o trabalho doméstico como um dos elementos constituintes de sua espacialidade e de seus aspectos corporais. Para suas patroas, essa deveria ser a relação corpo e espaço que a doméstica que almejava estudar deveria manter, assim como outras mulheres de sua família. No entanto, desconstruiu, em grande parte, essa relação definida pelas pessoas para quem trabalhou e no processo de migração — através do seu deslocamento para a cidade do Rio de Janeiro — então, estabeleceu novos sentidos para essa intersecção.

A escritora tem, portanto, em sua trajetória socioespacial, as marcas dessa interseccionalidade e ancorando-se nela constrói a escrevivência que pontuo ser um dos aspectos definidores da sua escrita. A identificação e compreensão da intersecção de gênero, raça e espaço presentes nesses romances são, em alguma medida, perpassadas pela trajetória e escrevivência de Conceição Evaristo. Ressalto que as análises construídas sobre as narrativas estudadas foram balizadas por esses aspectos que marcam a escrita da autora. A sua trajetória socioespacial é de ruptura e de construção de novos sentidos para a espacialidade e o corpo da mulher negra. Não apenas para ela, mas para toda uma coletividade que vivencia processos semelhantes de subalternização

Além da dimensão espacial e corporal, considero que a memória é outro aspecto que predomina nos romances analisados. A escrevivência pode ser entendida como constituída também a partir da memória. A escritora ancora-se nas suas recordações de espaço para desenvolver parte significativa das histórias de suas personagens. Esse processo é muito marcante na produção de *Becos da memória*, sobretudo, pois ele nasce de um momento de

relembrar e recontar histórias junto com sua mãe. A referida obra tem sua origem nas recordações da favela onde a escritora viveu e, por isso, considero que se trata de uma narrativa construída através das lembranças de espaço constituída por Conceição Evaristo.

Mas a memória está, ainda, relacionada com os romances de outras formas, pois as personagens mantêm uma reiterada associação com as próprias recordações construídas em suas trajetórias. Esse é o caso de Ponciá, que estabeleceu seu cotidiano, em determinado momento, a partir de suas memórias da Vila Vicêncio. Para a personagem, os elementos memoriais possibilitaram a sobrevivência na cidade e motivaram o seu retorno para o campo, onde ela reconstituiu sua espacialidade e corporeidade. Em *Becos da memória*, esse aspecto entrelaça a vida de algumas personagens, como Tio Totó que tem também as recordações de seu cotidiano no campo e Maria-Nova, que durante o desfavelamento que reconfigurou a área, mantém a lembrança daquele local como um modo de não o perder. A memória atravessa a escrita de Conceição Evaristo e a sua trajetória socioespacial. As narrativas criadas se estabelecem partindo das muitas lembranças da escritora de suas vivências e experiências socioespaciais.

A construção das discussões e das análises apresentadas nesta tese me permitiram observar que há certa ausência por parte do diálogo da geografia com a literatura em relação à produção literária negra. Esta pode ser entendida, em parte, através das dificuldades que a literatura negra possui em adentrar o campo da própria literatura brasileira, do cânone e do mercado. Muitos são os limites impostos ao/à escritor/a negro/a como aqueles relacionados a publicação de suas obras. A permanência da produção literária negra e o processo de sua consolidação, apesar dos impasses, constitui um ato de resistência e busca da existência pela palavra como propõe Ratts (2015). A escrita pode ser interpretada, ainda, como um modo de sobrevivência como ressalta Anzaldúa (2000) ao se referir à produção literária de mulheres negras.

A inserção da literatura negra na aproximação da geografia com a literatura traz significativas contribuições para o conhecimento geográfico, uma vez que possibilita a construção de uma geografia imaginativa sobre negras e negros e acerca de toda a sociedade de outros pontos de vista. Esse processo deve se pautar por discursos que qualifiquem e ressignifiquem os corpos e espacialidades negras para que a ciência geográfica não reproduza as práticas discursivas que se ancoram em um imaginário que desqualifica a população negra e seus lugares. Dessa maneira, entendo que o diálogo entre a geografia e a literatura negra pode permitir que sejam construídas outras formas de análise do espaço, de maneira a distanciá-lo de concepções que desconsideram a multiplicidade de subjetividades, narrativas e memórias

coexistentes na sociedade. Trata-se de um encontro entre saberes distintos que se estabelece através da diferença, como apontando anteriormente.

Busquei no desenvolvimento dessa tese trazer uma geografia imaginativa a partir de *Ponciá Vicêncio* e *Becos da memória*, estabelecendo um diálogo entre a geografia e a literatura negra. Ao longo da pesquisa, procurei construir uma análise que permitisse entender como esses romances são permeados pela intersecção entre corpo e espaço. Nesse sentido, as discussões apresentadas foram balizadas pela hipótese de que essa relação é constituinte das narrativas das referidas obras. Desse modo, considero a análise interseccional uma perspectiva a ser inserida no encontro entre a geografia e a literatura, em especial, a produção literária negra. Pelo tema e pelos sujeitos, este trabalho se aproxima, ainda, de abordagens da geografia urbana, da migração e cultural. Ressalto que a trajetória da escritora e seus romances podem ser interpretados como uma abordagem que permite a desconstrução de imaginários que desqualificam o que é ser mulher negra. A produção literária de Conceição Evaristo configura também uma *geo-grafia* insurgente, na medida em que o seu ato de escrever rompe com uma série de discursos e narrativas que buscam excluir e inferiorizar negras e negros.

A proposta de construir esta tese baseou-se nessa ideia de *geo-grafia* insurgente. Mais do que falar sobre o escrever como um ato insurgente para mulheres negras, pretendi desenvolver um encontro entre a geografia e a literatura que se encaminhasse para o reconhecimento de uma *geo-grafia* insurgente. Assim, busquei estabelecer discussões que contribuíssem para a desconstrução de um determinado modo de construir o diálogo entre esses saberes, que é essencialmente constituído a partir de cânones da literatura brasileira. Considero que a insurgência dessa *geo-grafia* se dá no fato de que existem produções literárias marcadas pela intersecção entre corpo e espaço, por gênero e raça, e que podem fazer parte do conhecimento geográfico. E ainda, no estabelecimento de um encontro que busca entender as espacialidades da mulher negra, as dinâmicas e os processos envolvidos na constituição das corporeidades desse sujeito.

Outras escritoras negras das classes populares, também migrantes, podem e fazem outras narrativas. Conceição Evaristo, em *Ponciá Vicêncio* e *Becos da Memória*, traz os conhecidos processos de escravização (memória e discurso, respectivamente no primeiro e no segundo), de hipersexualização (em trechos restritos de ambos os romances) e de subalternização (situação da maior parte de personagens negras e negros das duas obras), por meio de trabalhos ou atividades que se distinguem das opções restritas, mas que buscam condições de ruptura pela memória individual e coletiva, pelo reencontro familiar e com a terra como em *Ponciá Vicêncio* ou pelo estudo e pela escrita, caso de Maria-Nova em *Becos da*

Memória. São inscrições corpóreas e espaciais, *geo-grafias*, que apontam os limites e vislumbram e anunciam as possibilidades de insurgência, particularmente de mulheres negras.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. Mobilidades culturais, geografias afetivas: espaço urbano e gênero na literatura contemporânea. In: DALCASTAGNÈ, Regina; LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos (Org.). *Espaço e gênero na literatura brasileira contemporânea*. Porto Alegre: Zouk, 2015. p. 15-39.
- AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. Literatura de explorações e aventuras: "as viagens extraordinárias" de Júlio Verne. In: MARANDOLA JÚNIOR, Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista (Org.). *Geografia e literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação*. Londrina: EdUEL, 2010. p. 79-97.
- ANZALDÚA, Glória. Falando em línguas: uma carta as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Estudos feministas*, Florianópolis, ano 8, p. 229-236, jan./jun. 2000.
- ARAÚJO, Flávia Santos de. *Uma escrita em dupla face: a mulher em Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo*. 2007. 115f. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.
- ARRUDA, Aline Alves. *Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo: um Bildungsroman feminino e negro*. 2007. 106f. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Letras: estudos literários, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
- AZERÊDO, Sandra. Teorizando sobre gênero e relações raciais. *Estudos Feministas*, Florianópolis, n. e, p. 202-216, jul/dez. 1994.
- AZEVEDO, Ana Francisca. A desgeografização do corpo: uma política de lugar. In: _____; PIMENTA, José Ramiro; SARMENTO, João (Org.). *Geografias do corpo: ensaios de geografia cultural*. Porto: Figueirinhas, 2009a, p. 31-80.
- AZEVEDO, Ana Francisca; PIMENTA, José Ramiro; SARMENTO, João. As geografias culturais do corpo. In: _____. (Org.). *Geografias do corpo: ensaios de geografia cultural*. Porto: Figueirinhas, 2009. p. 11-30.
- BAIROS, Luiza. Nossos feminismos revisitados. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 458-463, 1995.
- BARBOSA, Jorge Luiz. A arte de representar como reconhecimento do mundo: o espaço geográfico, o cinema e o imaginário social. *Geographia*, ano II, n. 3, p. 69-88, 2000.
- BARCELOS, Frederico Roza. Espaço, lugar e literatura: o olhar geográfico machadiano sobre a cidade do Rio de Janeiro. *Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, n. 25, p. 41-52, jan/jun. 2009.
- BERNARDO, Teresinha. *Memória em branco e preto: olhares sobre São Paulo*. São Paulo: EDUC; Editora UNESP, 1998.
- BONNEMAISON, Joël. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny (Org.). *Geografia cultural: um século (III)*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. p. 83-131.
- BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES. Disponível em: <<http://bdtd.ibict.br/vufind/>>. Acesso em: 09 abr. 2014.

- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta M. (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006. p. 183-191.
- BRANDÃO, Luis Alberto. *Teorias do espaço literário*. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- BROSSEAU, Marc. Geografia e literatura. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Org.). *Literatura, música e espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007. p. 17-77.
- _____. O romance: outro sujeito para a geografia. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Org.). *Literatura, música e espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007a. p. 79-121.
- BROWN, Michael. Gender and sexuality I: intersectional anxieties. *Progress in human geography*, v. 36, n. 4, p. 541-550, 2012.
- BUTLER, Judith. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 155-167, jan./2002.
- _____. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do ‘sexo’. In: LOURO, Guacira. *O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 151-172.
- CALDWELL, Kia Lilly. Fronteiras da diferença: raça e mulher no Brasil. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 91-108, 2000.
- CAMPOS, Andreino de Oliveira. *O planejamento urbano e a “invisibilidade” dos afrodescendentes: discriminação étnico-racial, intervenção estatal e segregação sócio-espacial na cidade do Rio de Janeiro*. 2006. 392f. Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- _____. Questões étnico-raciais no contexto da segregação socioespacial na produção do espaço urbano brasileiro. In: SANTOS, Renato Emerson dos (Org.). *Questões urbanas e racismo*. Petrópolis: DP et Alli; Brasília: ABPN, 2012. p. 68-103.
- CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. *Estudos avançados*, v. 17, n. 49, p. 117-132, 2003.
- CASTILHO, Suely Dulce de. A representação do negro na literatura brasileira: novas perspectivas. *Olhar de professor*, Ponta Grossa, v. 7, n. 1, p. 103-113, 2004.
- CIRQUEIRA, Diogo M. *Entre o corpo e a teoria: a questão étnico-racial na obra e trajetória socioespacial de Milton Santos*. 2010. 159f. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.
- CHAVEIRO, Eguimar F. A dança da natureza e a ruína da alma: geografia e literatura — uma leitura possível. *Ateliê Geográfico*, Goiânia, v. 1, n. 2, p. 174-186, dez. 2007.
- COLLINS, Patrícia Hill. Rasgos distintos del pensamiento feminista negro. In: VELASCO, Mercedes Jabardo. (Org.). *Feminismos negros: uma antologia*. Madri: Traficantes de sueños/Mapas, 2012, p. 100-134.
- CONNERTON, Paul. *Como as sociedades recordam*. Oeiras: Celta, 1999. p. 83-119.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Org.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 92-122.

CRENSHAW, Kimberle. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativas ao gênero. *Estudos feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 01, p. 171-188, 2002.

_____. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color. In: FINEMAN, Martha Albertson; MYKITIUK, Rixanne (Org.). *The Public Nature of Private Violence*. New York: Routledge, 1994, p. 93-118.

CUNHA, Carlos Manuel Ferreira da. *A(s) geografia(s) da literatura: do nacional ao global*. Guimarães: Opera Omnia, 2011.

CUTI. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo negro, 2010.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 26, p. 13-71, jul./dez. de 2005.

_____. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 31, p.87-111, jan./jun. de 2008.

_____. Imagens da mulher na narrativa brasileira. *O eixo e a roda*, Belo Horizonte, v. 15, p. 127-135, 2007.

_____. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Horizonte, 2012.

D'ALÉSSIO, Márcia Mansor. Intervenções da memória na historiografia: identidades, subjetividades, fragmentos, poderes. *Projeto História*, São Paulo, v. 17, p. 269-280, 1998.

DAVI, Kathy. Intersectionality as buzzword: a sociology of Science perspective on what makes a feminist theory successful. *Feminist theory*, v. 9, n. 01, p. 67-87, 2008.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História Oral e narrativa: tempo, memória e identidades. *História Oral*, v. 6, p. 9-25, 2003.

DUARTE, Eduardo de Assis. O bildungsroman afro-brasileiro de Conceição Evaristo. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 14, n.1, p. 305-308, jan/abr. 2006.

_____. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, Brasília, n.31, p. 11-23, jan/jun. 2008.

EAGLETON, Terry. Introdução: o que é literatura. In: _____. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2013, p. 1-22.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Belo Horizonte: Mazza, 2006.

_____. *Conceição Evaristo por Conceição Evaristo*. In: I COLÓQUIO DAS ESCRITORAS MINEIRAS. Belo Horizonte, 2009.

_____. Da representação à auto-apresentação da mulher negra na literatura brasileira. *Revista Palmares: cultura afro-brasileira*, ano I, n. 1, p. 52-57, ago. 2005.

_____. Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio. (Org.). *Representações Performáticas Brasileiras: teóricas, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza, 2007. p. 16-21.

_____. Entrevista concedida à Ana Maria Martins Queiroz. Belo Horizonte/MG. Fevereiro de 2016. Inédita.

_____. Eu não sei cantar. In: *Revista Raça*, São Paulo, n. 96, mar. 2006. Entrevista concedida à Carol Frederico. Disponível em: <<http://racabrasil.uol.com.br/Edicoes/96/artigo15620-1.asp/>>. Acesso em: 03 jul. 2016.

_____. *Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira*. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/aladaa/evaris.rtf>>. Acesso em: 05/01/2013.

_____. Mineiridade. *Cadernos negros 13*. São Paulo, 1990.

_____. Nossa escrivência. Disponível em: <<http://nossaescrevencia.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 02 jul. 2016.

_____. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza, 2003.

_____. Olhos d'água. Rio de Janeiro: Pallas; Fundação Biblioteca Nacional, 2014.

_____. Vozes mulheres. *Cadernos negros*. São Paulo, v. 13, 1990.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Brasil: 500 de luta pela terra. *Revista de cultura vozes*, mar. de 2001.

FERNANDES, Felipe Moura. Geografia e literatura (ciência e arte): proposições para um diálogo. *Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, n.33, p. 167-176, jan./jun. 2013.

FERREIRA, Amanda Crispim. *Escrivências, as lembranças afrofemininas como um lugar da memória afro-brasileira*: Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e Geni Guimarães. 2013. 115f. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

FERREIRA, Jonatas; HAMLIN, Cynthia. Mulheres, negros e outros monstros: um ensaio sobre corpos não civilizados. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 18, n.3, p. 811-836, set./dez. 2010.

FILEMON, Orley Olavo. *Trajetórias socioespaciais da juventude metropolitana e a construção da corporeidade: o exemplo do Colégio Estadual Professor Genesco Ferreira Bretas, na região Noroeste de Goiânia*. 2011. 122f. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.

FOLHA DE SÃO PAULO. Negra em Salão do Livro causa furor, diz autora brasileira. 23/03/2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/03/1606652-negra-em-salao-do-livro-causa-furor-diz-autora-brasileira.shtml>>. Acesso em: 03 jul. 2016.

FONSECA, Dagoberto. Corpos afro-brasileiros: territórios do estigma. In: BUENO, Maria Lúcia; CASTRO, Ana Lúcia. (Org.). *Corpo, território da cultura*. São Paulo: Annablume, 2005. p. 67-76.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Vozes em discordância na literatura afro-brasileira contemporânea. In: FIGUEREIDO, Maria do Carmo Lanna; FONSECA, Maria Nazareth Soares. *Poéticas afro-brasileiras*. Belo Horizonte: Mazza; Puc/MG, 2002. p. 191-220.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

_____. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2012.

_____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. *História da sexualidade 3: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985a

GALVÃO, Josias de Castro. Aspectos metodológicos na análise dos discursos dos senadores cearenses e paraibanos sobre água e irrigação no semiárido. *Mercator*, Fortaleza, v. 4, n. 8, p. 27-46, jul./dez. 2005.

GEIGER, Pedro P. Ciência, arte e a geografia no cinema de David Lynch. *Geosp*, São Paulo, n. 15, p. 11-18, 2004.

GERMANI, Guiomar Inez. Condições históricas e sociais que regulam o acesso à terra no espaço agrário brasileiro. *GeoTextos*, Salvador, v. 2, n. 2, p. 115-147, 2006.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências sociais hoje*, ANPOCS, p. 223-244, 1984.

_____. Cultura, etnicidade e trabalho: efeitos linguísticos e políticos da exploração da mulher. 8º ENCONTRO DA LATIN AMERICAN STUDIES ASSOCIATION, Pittsburgh, 5 a 7 de abril de 1979. Disponível em: https://coletivomariasbaderna.files.wordpress.com/2012/09/cultura_etnicidade_e_trabalho.pdf . Acesso em: 07 jul 2016.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. *Educação anti-racista: caminhos abertos pela lei federal nº 10.639/2003*. Brasília, 2005. p. 39-62.

GUARINELLO, Noberto Luiz. Memória Coletiva e história Científica. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 14, n. 28, p. 180-193, 1994.

GUATTARI, Félix. Espaço e corporeidade. In: _____. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34, 1992. p. 153-165.

GUIMARÃES, Geny Ferreira. As urbanidades e olhares geográficos percebidos na literatura afro-descendente. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE LÍNGUAS, LITERATURAS E CULTURAS AFRICANAS E AFRO-AMERICANAS. II XIRÊ DAS LETRAS: Giros de Resistência. Xique-Xique, 2011.

_____. Geoesias: as geografias africanas da poesia. *Cadernos Cespuc*. Belo Horizonte, n. 19, p. 141-154, 2010.

_____; SILVA, Maria Auxiliadora. O ensino de geografia e as geograficidades encontradas na literatura negra brasileira. In: IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL

ACOLHENDO LÍNGUAS AFRICANAS (SIALA). 2012, Salvador. Seminário Internacional Acolhendo Línguas Africanas, 2012.

GUIMARÃES, Nadya Araújo. Os desafios da equidade: reestruturação e desigualdade de gênero e raça no Brasil. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 17/18, p. 237-266, 2002.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2003.

HARAWAY, Donna. O humano numa paisagem pós-humanista. *Estudos Feministas*, Florianópolis, vol. 1, n. 2, p. 277-292, 1993.

HEILBORN, Maria Luiza; SORJ, Bila. Estudos de gênero no Brasil: 1975-1995. In: MICELI, Sérgio. (Org.). *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)*. São Paulo: Editora Sumaré, 1999.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. *A mobilidade das fronteiras: inserções da geografia na crise da modernidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

_____. *Entrenotas: compreensões de pesquisa*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

_____; GERARDI, Lúcia Helena de Oliveira. Imagens da geografia contemporânea: modernidade, caos e integração dos saberes. In: GERARDI, L. H de O.; MENDES, Iandara Alves (Org.). *Teoria, técnica, espaços e atividades: temas de geografia contemporânea*. Rio Claro: PPGeo/UNESP; AGETEO, 2001. p. 7-21.

hooks, bell. Intelectuais negras. *Estudos Feministas*, Florianópolis, n. 2, p. 464-478, 1995.

_____. Linguagem: ensinar novas paisagens/novas linguagens. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 16, n. 03, p. 857-864, set./nov. 2008.

INDURSKY, Freda. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, F.; MITTMANN, S.; FERREIRA, M. C. (Org.). *Memória e história na/da análise do discurso*. Campinas: Mercado das Letras, 2011. p. 67-89.

INOCÊNCIO, Nelson Odé. Representação visual do corpo afrodescendente. In: PANTOJA, Selma (Org.). *Entre Áfricas e Brasis*. Brasília: Paralelo 15, São Paulo: Marco zero, 2001. p. 191-208.

JOB, Sandra Maria. *Em texto e no contexto social: mulher e literatura afro-brasileiras*. 2011. 146f. Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

KARSTEN, Lia; MEERTENS, Donny. La geografia del género: sobre visibilidad, identidad e relaciones de poder. *Documents d'analisi geogràfica*, n. 19, p. 181-193, 1991.

KOFES, Suely. *Uma trajetória, em narrativas*. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

LARA, Fernão Lopes Ginez de. *Modernização e desenvolvimentismo: formação das primeiras favelas de São Paulo e a favela do Vergueiro*. 2012. 373f. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

LEFEBVRE, Henri. Prefácio: a produção do espaço. *Estudos avançados*. São Paulo, v. 27, n. 79, p. 123-132, 2013.

LIMA, Márcia; RIOS, Flávia; FRANÇA, Danilo. Articulando gênero e raça: a participação das mulheres negras no mercado de trabalho. In: MARCONDES, Mariana Mazzini *et al.* (Org.). *Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil*. Brasília: IPEA. 2013. p. 53-80.

LIMA, Omar da Silva. *O Comprometimento etnográfico afro-descendente das escritoras negras Conceição Evaristo & Geni Guimarães*. 2009.172f. Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade de Brasília, Brasília, 2009

LIMA, Solange Terezinha. Geografia e literatura: alguns pontos sobre a percepção da paisagem. *Geosul*, Florianópolis, v. 15, n.30, p. 7-33, jul./dez. 2000.

LITTLE, Paul E. Espaço, memória e migração: por uma teoria da territorialização. *Textos de história*, Brasília, v. 2, n. 4, p. 5-25, 1994.

LITEAFRO. Conceição Evaristo. Disponível em: <<http://150.164.100.248/literaafro/>>. Acesso em: 18 jan. 2017.

LONGHURST, Robyn. The body. In: ATKINSON, David; JACKSON, Peter; SIBLEY, David; WASHBOURNE, Neil. (Org.). *Cultural geography: a critical dictionary of key concepts*. Londres/New York: I.B Tauris, 2005, p. 91-96.

LOPES, Renata Batista. *De casa para outras casas: trajetórias socioespaciais de trabalhadoras domésticas residentes em Aparecida de Goiânia e trabalhadoras em Goiânia*. 2008. 211f. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

LORDE, Audre. La poesía no es un lujo. In: _____. *La hermana, la extranjera*. Madri: Horas y horas, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. Marcas do corpo, marcas de poder. In: _____. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 75-90.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. *Projeto História*, São Paulo, v. 17, p. 63-201, 1998.

MACHADO, Bárbara Araújo. “Escre(vivência)”: a trajetória de Conceição Evaristo. *História Oral*, v. 17, n. 1, p. 243-265, jan./jun. 2014.

MACHADO, Talita Cabral. *Relações raciais e espaço urbano: trajetórias socioespaciais de militantes do movimento negro na região metropolitana de Goiânia*. 2011. 139f. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.

MACHADO, Talita Cabral; RATTS, Alecsandro J. P. Trajetórias socioespaciais dos militantes do movimento negro na região metropolitana de Goiânia. *Ateliê Geográfico*, Goiânia, v.6, n.2, p. 202-221, ago. 2012.

MAINGUENEAU, Dominique. Analisando discursos constituintes. Tradução de Nelson Barros da Costa. *Revista do GELNE*, Teresina, n.2, p. 1-12, 2000.

_____. Análise do discurso e literatura: problemas epistemológicos e institucionais. *Linguasagem*. Disponível em:

<http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao13/art_01.php>. Acesso em: 28 mar. 2015.

MARINGOLO, Cátia Cristina Bocaiuva. *Ponciá Vicêncio e Becos da memória de Conceição Evaristo: construindo histórias por meio de retalhos de memória*. 2014. 132f. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2014.

MARQUES, Maria Cristina Maciel. *Vidas à margem: relações de gênero, etnia, espaço na narrativa afro-brasileira contemporânea*. 2016. 106f. Dissertação (Mestrado). — Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

MARTINS, Leda. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. *Letras*, Santa Maria, n. 1, p. 63-81, jan./jun. 2003.

MASSEY, Doreen. Filosofia e política da espacialidade: algumas considerações. *GEOgraphia*. Niterói, v. 6, n. 12, p. 7-23, 2004.

_____. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

_____. Pensamentos itinerantes. *Terra Livre*. São Paulo, v. 2, n. 27, p. 85-100, 2006.

_____. Um sentido global de lugar. In: ARANTES, Antônio (Org.). *O espaço da diferença*. Campinas: Papirus Editora. 2002. p.176-185.

MARANDOLA JÚNIOR, Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista. Geograficidade, poética e imaginação. In: _____. (Org.). *Geografia e literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação*. Londrina: EdUEL, 2010, p. 7-15.

MATOS, Ralfo. Migração e urbanização no Brasil. *Geografias*. Belo Horizonte, v. 08, n. 01, p. 7-23, jan./jun. 2012.

MAUSS, Marcel. Noção de técnica do corpo. In: _____. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac e Naify, 2003. p. 399-422.

McCALL, Leslie. The complexity of intersectionality. *Journal of women in culture and society*, v. 30, n. 3, p. 1771-1800, 2005.

McDOWELL, Linda. Dentro y fuera de lugar: cuerpo y corporeidad. In: _____. *Género, identidade y lugar: um estudio de las geografias feministas*. Madri: Ediciones Cátedra, 2000. p. 59-109.

MELO, Tatiana Soledad Delfanti. *A vila Santa Isabel na Avenida Afonso Pena: a experiência positiva da moradia popular em região central de Belo Horizonte*. 2012. 232f. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A história cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das ciências sociais. *Revista do Instituto de Estudos brasileiros*, São Paulo, v. 34, p. 9-24, 1992.

MONK, Janice. Não excluam metade da humanidade da geografia humana: entrevista com Janice Monk. *Revista Latino-americana de geografia e gênero*. Ponta Grossa, 2010. Entrevista concedida à Joseli Maria Silva.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. *O mapa e a trama: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas*. Florianópolis: Ed. UFSC, 2003.

MORAES, Maristela Maria de; CALLAI, Helena Copetti. As possibilidades entre literatura e geografia. XIV Seminário Internacional de Educação no Mercosul, XI Seminário Interinstitucional, II CURSO DE PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS INTERDISCIPLINARES E I ENCONTRO ESTADUAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES: CONHECIMENTO E INTERDISCIPLINARIDADE, 2012, Cruz Alta. *Anais do XIV Seminário Internacional de Educação no Mercosul*. Cruz alta: Unicruz, 2012, v. 14, p. 1-14.

MORRISON, Toni. *O Olho mais azul*. São Paulo: Companhia das letras. 2003.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. *Cadernos PENESB*. Niterói, n.5, 2004, p. 15-34.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. *Psicologia em estudo*, Maringá, v. 11, n. 3, p. 647-654, set./dez. 2006.

NASCIMENTO, Beatriz. Negro e racismo. In: RATTTS, Alex. *Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Instituto Kuanza, 2007.

NASCIMENTO, Denise Aparecida do. *Espaços e heteretopias nas obras de Conceição Evaristo e Geni Guimarães*. 2014. 214f. Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em estudos literários, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

NASCIMENTO, Heloisa do. *Com quantos retalhos se faz um quilt? Costurando a narrativa de três escritoras negras contemporâneas*. 2008. 158f. Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

NASCIMENTO SILVA, Maria das Graças; SILVA, Joseli Maria. Introduzindo as interseccionalidades como um desafio para a análise espacial no Brasil: em direção às pluriversalidades do saber geográfico. In: _____. (Org.). *Interseccionalidades, gênero e sexualidades na análise espacial*. Ponta Grossa: Toda palavra, 2014, p. 17-35.

NASH, Jennifer C. Re-thinking intersectionality. *Feminist Review*, n. 89, p. 1-15, 2008.

NETA VILANOVA, Maria Amélia. Representações literárias da metrópole: uma contribuição ao estudo urbano em geografia cultural. *Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, n. 25, p. 85-96, jan/jun. 2009.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

NUNES, Camila Xavier. *Geografias do corpo: por uma geografia da diferença*. 2014. 245f. Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

OLANDA, Diva Aparecida M.; ALMEIDA, Maria Geralda de. A geografia e a literatura: uma reflexão. *Geosul*, Florianópolis, v. 23, n. 46, p. 7-32, jul/dez. 2008.

OLIVEIRA, Reinaldo José. *Segregação urbana e racial na cidade de São Paulo: as periferias de Brasilândia, Cidade Tiradentes e Jardim Ângela*. 2008. 330f. Tese (Doutorado) —

Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2001, p. 25-55.

_____. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2008, p. 99-108.

ORNAT, Márcio J. Sobre espaço e gênero, sexualidade e geografia feminista. *Terra Plural*. Ponta Grossa, v. 2, p. 309-322, jul/dez. 2008.

PÊCHEUX, Michel. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Ed. Unicamp, 1993, p. 163-179.

_____. Sobre os contextos epistemológicos da análise de discurso. Tradução de Ana Maria Dischinger Marshall e Heloísa Monteiro Rosário. *Caderno de tradução*, Porto Alegre, n.1, p. 47-55, jan. 1998.

PEDRO, Maria Joana. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História*, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 77-98, 2005.

PERROT, Michele. O corpo. In: _____. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2013, p. 41-81.

PHILLIPS, Richard. Literaturas de viagem e cartografias de sexualidade: a "Sotadic Zone" de Richard Burton. In: PIMENTA, João Ramiro; SARMENTO, João; AZEVEDO, Ana Francisca. (Org.). *Geografias pós-coloniais: ensaios de geografia cultural*. Porto: Figueirinhas, 2007. p. 71-110.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

_____. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PORTO GONÇALVES, Carlos Walter. Da geografia às geo-grafias: um mundo em busca de novas territorialidades. In: CECENA, Ana Esther; SADER, Emir. (Org.). *La guerra infinita: hegemonía y terror mundial*. Buenos Aires: Clacso, 2002. p. 217-256.

PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 161-193, abr. 2004.

QUEIROZ, Ana Maria Martins. *Um quilombo no terreiro: território e identidade em Manzo Ngunzo Kaiango – Belo Horizonte/Minas Gerais*. 2012. 201f. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

RATTS, Alecsandro J. P. A escrita das irmãs/hermanas/sisters: notas preliminares acerca da obra não ficcional de autoras negras. SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 10: DESAFIOS ATUAIS DOS FEMINISMOS. Florianópolis, 2013.

_____. Entre corpos humanos e celestes: onde ela se sente bem? In: _____; GOMES, Bethânia. (Org.). *Todas [as] distâncias: poemas, aforismos e ensaios de Beatriz Nascimento*. Salvador: Ogum's Toque Negros, 2015, p. 119-134.

_____. *Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Instituto Kuanza, 2007.

_____. Gênero, raça e espaço: uma abordagem da trajetória de mulheres negras. In: NASCIMENTO SILVA, Maria das Graças; SILVA, Joseli Maria. (Org.). *Interseccionalidades, gênero e sexualidades na análise espacial*. Ponta Grossa: Toda palavra, 2014, p. 333-354.

_____. Gênero, raça e espaço. In: XXVII ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS. 2003, Caxambu/MG. *Anais do XXVII Encontro Anual da ANPOCS*. Disponível em: <http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=449%3Anais-do-encontro-gt&catid=1044%3A27o-encontro&Itemid=316>. Acesso em: 10 out. 2013.

_____. Geografia, relações étnico-raciais e educação: a dimensão espacial das políticas de ação afirmativa no ensino. *Terra Livre*. São Paulo, v. 1, n. 34, p. 125-140, jan./jun. de 2010.

_____. Os lugares da gente negra: raça, gênero e espaço no pensamento de Beatriz Nascimento e Lélia Gonzalez. *XI CONGRESSO LUSO AFRO- BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS: DIVERSIDADES E (DES)IGUALDADE*. Salvador, 2011.

_____. (Re)conhecer quilombos no território brasileiro: estudos e mobilizações. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares. (Org.). *Brasil afro-brasileiro*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 307-326.

RIOS, Flávia. A trajetória de Thereza Santos: comunismo, raça e gênero durante o regime militar. *Plural*, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 73-96, 2014.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

SANTANA, Patrícia Maria dos Santos. O não lugar do negro retratado no romance Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo. *Padê: Estudos em Filosofia, Raça, Gênero e Direitos Humanos*, Brasília, v. 1, n. 2, p. 1-20, jul./dez. 2010.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Horizontes do corpo. In: BUENO, Maria Lúcia; CASTRO, Ana Lúcia. (Org.). *Corpo, território da cultura*. São Paulo: Annablume, 2005. p. 119-134.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: EdUSP, 2006.

_____. *Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica*. São Paulo: EdUSP, 2008.

SARMENTO, João. As inescapáveis geografias do corpo: mobilidade, escala e lugar. In: AZEVEDO, Ana Francisca; *et al.* (Org.). *Geografias do corpo: ensaios de geografia cultural*. Porto: Figueirinhas, 2009. p. 261-282.

SCAVONE, Lucila. A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 16, p. 137-150, 2001.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-19, jul/dez. 1990.

SEEMANN, Jörn. O espaço da memória e a memória do espaço: algumas reflexões sobre a visão espacial nas pesquisas sociais e históricas. *Revista da Casa de Geografia de Sobral*, Sobral, v. 4, n. 5, p. 43-53, 2002/2003.

SEGISMUNDO, Fernando. Literatura e geografia. *Boletim geográfico*, ano VII, n.76, p. 327-332, jul./dez. 1949.

SILVA, Andressa Marques. *Por uma promessa de vida mais viva: relações afetivas de mulheres negras no rap e no romance brasileiro contemporâneo*. 2013. 129f. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

SILVA, Fernanda Felisberto. *Escrevivência na diáspora: escritoras negras, produção editorial e suas escolhas afetivas, uma leitura de Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Maya Angelou e Zora Neale Hurston*. 2011. 154f. Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

SILVA, Jeane Medeiros. *A constituição de sentidos políticos em livros didáticos de geografia na ótica da análise do discurso*. 2006. 275f. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, 2006.

SILVA, Joseli Maria. Ausências e silêncios do discurso geográfico brasileiro: uma crítica feminista a geografia eurocêntrica. In: _____. *Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidade*. Ponta Grossa: Toda palavra, 2009. p. 55-90.

_____. Geografias feministas, sexualidades e corporalidades: desafios às práticas investigativas da ciência geográfica. In: _____. (Org.). *Geografias subversivas: discurso sobre gênero, espaço e sexualidade*. Ponta Grossa: Toda palavra, 2009a. p. 93-113.

_____. Um ensaio sobre as potencialidades do uso do conceito de gênero na análise geográfica. *Revista de história regional*, Ponta Grossa, v. 8, n. 1, p. 31-45, 2003.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. *A descoberta do insólito: literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2000)*. 2011. 448f. Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

SILVA, Petronilha Beatriz. “Chegou a hora de darmos a luz a nós mesmas”: situando-nos enquanto mulheres negras. *Cadernos CEDES*. Campinas, v. 19, n. 45, p. 7-23. Jul./1998.

SILVA, Valéria Cristina Pereira da. O circuit de Belle Dormant e a paisagem da ficção: o espaço e o tempo a partir do conto de Perrault. *Caderno de Literatura Comparada*. Cidade do Porto, n. 33, p. 279-301, dez./2015.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento. *Augusto Guzzo Revista Acadêmica*, São Paulo, n. 6, p. 14-18, 2003.

SOARES, Maria Lúcia de Amorim. O que é uma geografia de lugar nenhum. In: MARANDOLA JÚNIOR, Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista (Org.). *Geografia e literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação*. Londrina: EdUEL, 2010. p. 191-206.

SOUSA, Patrício Pereira Alves de. *Corpos em drama, lugares em trama: gênero, negritude e ficção política nos congados de São Benedito (Minas Novas) e São José do Triunfo (Viçosa) - MG*. 2011. 300f. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

_____. Ensaando a corporeidade: corpo e espaço como fundamentos da identidade. *Geografares*, Vitória, n. 7, p. 35-50, 2009.

SOUZA, Adriana Soares de. *Costurando um tempo no outro: vozes femininas tecendo memórias no romance de Conceição Evaristo*. 2011. 173f. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

SOUZA, Emilene Corrêa. *A questão da memória identitária afro-brasileira na poesia de Ana Cruz e Conceição Evaristo*. 2014. 105f. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

SOUZA, Lorena Francisco. *Corpos negros femininos em movimento: trajetórias socioespaciais de professoras negras em escolas públicas*. 2007. 126f. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Espaço geográfico uno e múltiplo. *Scripta Nova*, Barcelona, v. 93, n. 79, jul./2001.

SUZUKI, Júlio César. O poeta, a cidade e o esfacelamento do indivíduo na modernidade: uma leitura de a Rosa do povo. In: MARANDOLA JÚNIOR, Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista (Org.). *Geografia e literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação*. Londrina: EdUEL, 2010. p. 243-256.

TOLEDO, Christiane Vieira Soares. Carolina Maria de Jesus: a escrita de si. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 247-257, jul./2010.

VALENTE, Marcela Iochem. *A tradução e a construção de imagens culturais: Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo e sua tradução para o Inglês*. 2013. 163f. Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

VALENTINE, Gill. Theorizing and research intersectionality: a challenge for feminist geography. *The professional geographer*, v. 9, n. 01, p. 10-21, 2007.

VASCONCELOS, Vânia Maria Ferreira. *No colo das iabás: raça e gênero em escritoras afro-brasileiras contemporâneas*. 2014. 228f. Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

VELASCO, Mercedes Jabardo. Construyendo puentes: em diálogo desde/com el feminismo negro. In: _____. (Org.). *Feminismos negros: uma antologia*. Madri: Traficantes de sueños/Mapas, 2012. p. 28-56.

VILLAÇA, Flávio. São Paulo: segregação urbana e desigualdade. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 25, n. 71, p. 37-58, 2011.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira. *O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 35-81.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 7-72.

ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi; WIELEWICKI, Vera Helena Gomes. Afinal, o que é literatura? In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Org.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: EdUEM, 2009. p. 19-30.

ZARATE, Maria Rodó de. Interseccionalidad y malestares por opresión a través de los mapas de relieves de la experiência. In: NASCIMENTO SILVA, Maria das Graças; SILVA, Joseli Maria. (Org.). *Interseccionalidades, gênero e sexualidades na análise espacial*. Ponta Grossa: Toda palavra, 2014. p. 39-56.

APÊNDICES

Apêndice A — Levantamento de teses e dissertações sobre Conceição Evaristo

LEVANTAMENTO DE TESES E DISSERTAÇÕES SOBRE CONCEIÇÃO EVARISTO				
Título	Autor	Programa	Ano	Tipo
O Comprometimento etnográfico afro-descendente das escritoras negras Conceição Evaristo & Geni Guimarães	Omar da Silva Lima	Programa de Pós-Graduação em Literatura - UnB	2009	Tese
Subjetividades femininas: mulheres negras sob o olhar de Carolina Maria de Jesus, Maria Conceição Evaristo e Paulina Chiziane	Renata Jesus da Costa	Programa de Pós-Graduação em História Social - Puc/SP	2007	Dissertação
Escrevivências, as lembranças afrofemininas como um lugar da memória afro-brasileira: Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e Geni Guimarães	Amanda Crispim Ferreira	Programa de Pós-Graduação em Literatura - UFMG	2013	Dissertação
A Escrevivência de Conceição Evaristo em Ponciá Vicêncio: encontros e desencontros culturais entre as versões do romance em português e em inglês	Rosângela de Oliveira Silva Araújo	Programa de Pós-Graduação em Letras - UFPB	2012	Tese
Com quantos retalhos se faz um quilt? costurando a narrativa de três escritoras negras contemporâneas	Heloísa do Nascimento	Programa de Pós-Graduação em Letras - UERJ	2008	Tese
Escrevivências na Diáspora: escritoras negras, produção editorial e suas escolhas afetivas, uma leitura de Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Maya Angelou e Zora Neale Hurston	Fernanda Felisberto da Silva	Programa de Pós-Graduação em Letras - UERJ	2011	Tese
Literatura afro em construção : a perspectiva da ancestralidade bantu em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo	Dejair Dionísio	Programa de Pós-Graduação em Letras - UEL	2010	Dissertação
Ventos do Apocalipse, de Paulina Chiziane, e Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo: laços africanos em vivências femininas	Irineia Lina Cesario	Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados em Literatura de Língua Portuguesa - USP	2013	Tese
Similaridades e diferenças: o negro nos Estados Unidos da América e no Brasil segundo Alice Walker e Conceição Evaristo	Rosa Maria Laquímia de Souza	Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos e Literários em Inglês - USP	2008	Tese
Africanidade: morte e ancestralidade em Ponciá Vicêncio e Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra	Adriana de Cássia Moreira	Pós-Graduação em Estudos Comparados em Literatura de Língua Portuguesa - USP	2010	Dissertação

Continuação...

LEVANTAMENTO DE TESES E DISSERTAÇÕES SOBRE CONCEIÇÃO EVARISTO				
Título	Autor	Programa	Ano	Tipo
Mensageiros do sagrado e do profano: diálogos culturais nas obras de Jorge Amado, Gabriel García Márquez, Mayra Montero e Conceição Evaristo	Ana Margarita Barandela García	Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística - UFAL	2011	Tese
Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo: um Bildungsroman feminino e negro	Aline Alves Arruda	Programa de Pós-Graduação em Literatura – UFMG	2007	Dissertação
A mulher negra nos Cadernos Negros :: autoria e representações	Fernanda Rodrigues de Figueiredo	Programa de Pós-Graduação em Literatura – UFMG	2009	Dissertação
Afro-descendência: fios do passado que tecem o presente	Sônia Maria Ferreira Fazenda	Programa de Pós-Graduação em Letras – UNIGRANRIO	2010	Dissertação
Uma escrita em dupla face: a mulher em Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo	Flávia Santos de Araújo	Programa de Pós-Graduação em Letras – UFPB	2007	Dissertação
A tradução e a construção de imagens culturais: Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo e sua tradução para o Inglês	Marcela Iochem Valente	Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – Puc/RJ	2013	Tese
A escrita feminina afrodescendente na obra de Conceição Evaristo	Rosânia Alves Magalhães	Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos em Teoria Literária do Instituto de Letras e Linguística–UFU	2014	Dissertação
A infância nos romances afro-brasileiros de Conceição Evaristo	Maria Aparecida Cruz de Oliveira	Programa de Pós-Graduação em Literatura – UnB	2015	Dissertação
Espaços e heterotopias nas obras de Conceição Evaristo e Geni Guimarães	Denise Aparecida do Nascimento	Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos literários – UFJF	2014	Tese
A questão da memória identitária afro-brasileira na poesia de Ana Cruz e Conceição Evaristo	Emilene Corrêa Souza	Programa de Pós-Graduação em Letras – UFRGS	2014	Dissertação
Narrar e narrar-se, criar e criar-se: a escrevivência de Conceição Evaristo como emancipação do corpo negro	Henrique Furtado de Melo	Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos literários – UEL	2016	Dissertação
Ponciá Vicêncio e Becos da memória de Conceição Evaristo: construindo histórias por meio de retalhos de memória	Cátia Cristina Bocaiuva Maringolo	Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – UNESP/Araraquara	2014	Dissertação
Crescer nas margens: diáspora, migração e movimento nas obras de Conceição Evaristo e Edwidge Danticat e Jamaica Kincaid	Lorena Sales dos Santos	Programa de Pós-Graduação em Literatura – UnB	2015	Tese

Identidade, memória e resistência em A cor da ternura e Ponciá Vicêncio	Michele Pinto da Silva	Programa de Pós-Graduação em Literatura e interculturalidade – UEPB	2014	Dissertação
---	------------------------	---	------	-------------

Continuação...

LEVANTAMENTO DE TESES E DISSERTAÇÕES SOBRE CONCEIÇÃO EVARISTO				
Título	Autor	Programa	Ano	Tipo
Vidas à margem: relações de gênero, etnia, espaço na narrativa afro-brasileira contemporânea	Maria Cristina Maciel Marques	Programa de Pós-Graduação em Literatura – UnB	2016	Dissertação
Costurando um tempo no outro: vozes femininas tecendo memórias no romance de Conceição Evaristo	Adriana Soares de Souza	Programa de Pós-Graduação em Literatura – UFSC	2011	Dissertação
Em texto e no contexto social: mulher e literatura afro-brasileiras	Sandra Maria Job	Programa de Pós-Graduação em Literatura – UFSC	2011	Tese
Por uma promessa de vida mais viva: relações afetivas de mulheres negras no rap e no romance brasileiro contemporâneo	Andressa Marques da Silva	Programa de Pós-Graduação em Literatura – UnB	2013	Dissertação
Trajetoórias de afirmação da identidade feminina em Moçambique e no Brasil, a partir dos romances Niketche, uma história de poligamia e Ponciá Vicêncio	Vera Tatiana dos Reis Monteiro Gomes	Programa de Pós-graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidad e – Puc/RJ	2014	Dissertação
No colo das iabás: raça e gênero em escritoras afro-brasileiras contemporâneas	Vânia Maria Ferreira Vasconcelos	Programa de Pós-Graduação em Literatura – UnB	2014	Tese
Encontros meridionais, histórias transnacionais: quando a voz feminina (re)nasce na poesia	Cláudia Maria Fernandes Corrêa	Programa de pós-Graduação em Estudos linguísticos e literários em inglês – USP	2014	Tese
A educação para as relações étnico-raciais e o ensino de literatura no Ensino Médio: diálogos e silêncios	Maria Aparecida Rita Moreira	Programa de Pós-Graduação em Literatura – UFSC	2014	Tese
Literatura: o espaço da criação e transformação identitária na sala de aula	Jaécia Bezerra de Brito	Mestrado profissional em Letras – UFRN	2015	Dissertação

Fonte: BDTD, 2014.

Apêndice B – Roteiro utilizado na entrevista com Conceição Evaristo em Belo Horizonte em fevereiro de 2016.

1. Em suas palestras ou entrevistas você aponta que seus romances e poesias estão relacionados com sua trajetória. Me relate um pouco de sua trajetória apontando como ela se relaciona com seu trabalho.
2. Qual(is) impacto(s)/mudança(s) ocorreu/ram em sua trajetória com sua ida para o Rio De Janeiro?
3. Por que você se mudou para o Rio de Janeiro?
4. Após sair de Belo Horizonte, você, em algum momento, retornou ao local onde viveu até se mudar para o Rio de Janeiro? Como foi o reencontro com este espaço? Como está este espaço hoje?
5. Como foi para você voltar para Belo Horizonte, durante um determinado momento, como professora na Universidade Federal de Minas Gerais?
6. Qual a origem de seus romances Ponciá Vicêncio e Becos da memória?
7. No romance Becos da memória, você relata o processo de remoção de uma favela. Já em Ponciá Vicêncio, você inicia a história trazendo a vida no campo. Por que trazer o espaço rural para esse romance? Em algum momento, esse espaço fez parte de sua trajetória?
8. Por que a escolha da mudança da personagem Ponciá para a cidade? Qual a relação deste espaço com sua trajetória e com suas narrativas?

Apêndice C – Procedimento para identificação das Formações Discursivas (FDs) nos romances *Ponciá Vicêncio* e *Becos da memória* de Conceição Evaristo.

Para identificar as Formações Discursivas realizei um levantamento de termos e expressões relacionados a uma determinada FD e a partir da identificação estabeleci uma leitura analítica para identificar o sentido apresentado pelos termos em suas inserções ao longo dos romances. A tabela a seguir indica o processo realizado na localização das FDs racistas e antirracistas em *Becos da memória*. O mesmo foi utilizado como base para as demais formações no próprio romance e em *Ponciá Vicêncio*.

PROCEDIMENTO PARA IDENTIFICAÇÃO DAS FORMAÇÕES DISCURSIVAS		
Termos/expressões	FD a que está originalmente vinculado	Deslizamento construído e constituição de outra FD
Libertação dos escravos	A expressão faz referência a um período marcado pelo racismo, portanto a identifiquei como relacionada a uma Formação discursiva racista.	A interpretação da personagem Maria-Nova sobre esse momento da história possibilita a construção de outro sentido e, por conseguinte, de uma FD antirracista. Maria-Nova questiona a liberdade da população negra.
Senzala	O termo está relacionado ao período da escravidão e indica a espacialização das práticas racistas na sociedade brasileira desse período. Identifiquei que ele, desta maneira, está atrelado a uma FD racista.	Esse termo ao ser relacionado com a favela conduz ao estabelecimento de outro sentido, pois expõe as marcas do racismo e, deste modo, produz uma nova formação discursiva.
Senzala-favela	A expressão aproxima espaços e tempos distintos e evidencia os processos de marginalização e exclusão da população negra.	A aproximação destes termos, senzala e favela, constrói outro sentido, pois evidencia como a população negra ainda é marginalizada e excluída. Ao evidenciar esse processo, aproximando as expressões, é estabelecida outra FD, de caráter antirracista.
Casa-grande	O termo refere-se à separação espacial entre negros e brancos no período escravista e demarca os efeitos dos discursos e práticas racistas da sociedade da época.	A relação entre a casa-grande e o bairro nobre estabelece outro sentido para essa expressão e, portanto, constitui uma FD antirracista.

Fonte: Da autora.

ANEXOS

Anexo I - Relação da produção literária e acadêmica de Conceição Evaristo

Quadro 1 – Antologias e obra ficcional de Conceição Evaristo

Produção literária	Editora	Ano de publicação
Cadernos negros 13	Quilombhoje	1990
Cadernos negros 14	Quilombhoje	1991
Vozes mulheres	Edição coletiva	1991
Cadernos negros 15	Quilombhoje	1992
Cadernos negros 16	Quilombhoje	1993
Gergewart	Edition Diá	1993
Cadernos negros 18	Quilombhoje	1995
Moving beyond boundaries	Pluto-Press	1995
Finaly Us	Three Continent	1995
Revista Callaloo	The Johns Hopkins	1995
Cadernos negros 19	Quilombhoje	1996
Cadernos negros 21	Quilombhoje	1998
Cadernos negros melhores poemas	Quilombhoje	1998
Cadernos negros melhores contos	Quilombhoje	1998
Cadernos negros 22	Quilombhoje	1999
Cadernos negros 25	Quilombhoje	2002
Fourteen female voices from Brasil	Host publications	2002
Cadernos negros 26	Quilombhoje	2003
Abdias Nascimento, 90 anos de memória viva	Arquivo Nacional	2004
Women righting: afro-brasilian women's short fiction	London	2005
Cadernos negros 28	Quilombhoje	2005

Brasil e África – como se o mar fosse mentira	Unesp/Caxinde	2006
---	---------------	------

Continuação...

Produção literária	Editora	Ano de publicação
A section from Ponciá Vicêncio	Host Publication	2006
Cadernos negros 30	Quilombhoje	2007
Revista Callaloo	The Johns Hopkins	2007
Textos poéticos africanos de língua portuguesa e afro-brasileiros	Ideia	2007
Cadernos negros três décadas	Quilombhoje	2008
Cadernos negros 34	Quilombhoje	2011
PonciáVicêncio (romance)	Mazza	2003
Olhos d'água (conto)	Quilombhoje	2005
Becos da memória (romance – 1ª edição)	Mazza	2006
Poemas da recordação e outros movimentos (coletânea de poesia)	Nandyala	2008
Cadernos negros/Black notebooks	Word Press	2008
Poemas da recordação e outros movimentos (coletânea de poesia)	Nandyala	2008
Questão de pele	Língua Geral	2009
Contos do mar sem fim	Pallas/Ku Si Mon/Chá de Caxinde	2010
Insubmissas lágrimas de mulheres (coletânea de contos)	Nandyala	2011
Becos da memória - 2ª edição	Mulheres	2013
Olhos d'água (coletânea de contos)	Pallas	2014
História de leves enganos e parencas (coletânea de contos e novela)	Malês	2016

Fonte: LITEAFRO, 2017.

Quadro 2 – Produção acadêmica de Conceição Evaristo

Produção acadêmica	Ano	Tipo
Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade	1996	Dissertação de mestrado
Da afasia ao discurso insano em Nós matamos o cão-tinroso	2000	Artigo/Capítulo de livro
Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face	2005	Artigo/Capítulo de livro
Da representação à auto apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira	2005	Artigo
Dos risos, dos silêncios e das falas	2006	Artigo/Capítulo de livro
Vozes Quilombolas: Literatura Afro-brasileira	2006	Artigo/Capítulo de livro
Da grafia-desenho de Minha Mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita	2007	Artigo/Capítulo de livro
Escrevivências da Afro-brasilidade: história e memória	2008	Artigo
Questão de pele para além da pele	2009	Artigo/Capítulo de livro
Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade	2009	Artigo
Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira	2010	Artigo/Capítulo de livro
Poemas malungos - cânticos irmãos	2011	Tese de doutorado
Mãe Beata de Yemonjá	-	Artigo/Capítulo de livro
Nei Lopes	-	Artigo/Capítulo de livro

Fonte: LITEAFRO, 2017.

Anexo II – Imagens dos romances *Ponciá Vicêncio* e *Becos da memória* e da escritora Conceição Evaristo



Figura 1 – Conceição Evaristo

Fonte: EVARISTO, Blog nossa escrevivência, 2016.

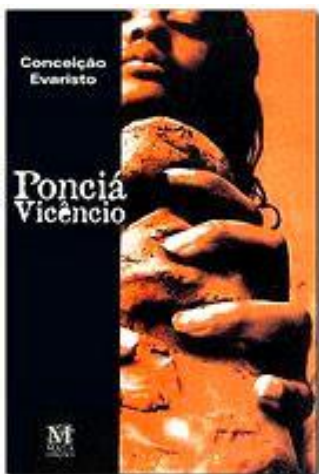


Figura 2 – Capa do romance Ponciá Vicêncio

Fonte: EVARISTO, Blog nossa escrevivência, 2016.



Figura 3 – Capa da 1ª edição do romance Becos da memória publicada pela editora Mazza.

Fonte: EVARISTO, Blog nossa escrevivência, 2016.

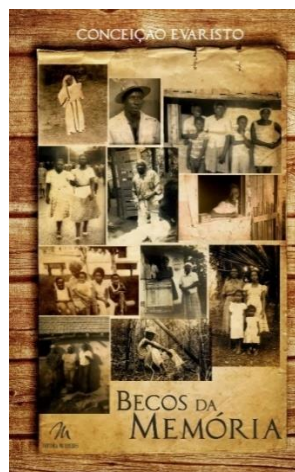


Figura 4 – Capa de 2ª edição do romance Becos da memória publicada pela editora Mulheres.

Fonte: EVARISTO, Blog Nossa escrevivência, 2016.